

O Terror

Arthur Machen

Arthur Machen

O TERROR

seguido de

ORNAMENTOS EM JADE

O GRANDE DEUS PÃ

CHANCELA NEGRA

TRADUÇÃO E POSFÁCIO

José Antonio Arantes – O Terror, Ornamentos em Jade

José Manuel Lopes – O Grande Deus Pã

ÍNDICE

PREFÁCIO
O TERROR
ORNAMENTOS EM JADE
O GRANDE DEUS PÃ
A NOVELA DA CHANCELA NEGRA
A DEMANDA DO MISTÉRIO
FONTES CONSULTADAS

PREFÁCIO

1. Algumas notas biográficas

Arthur Machen, cujo nome de batismo era Arthur Llewelyn Jones (1863-1947), sendo Machen o apelido de solteira de sua mãe, é um escritor galês que atingiu o auge da sua carreira no mundo anglófono, na última década do século XIX, com a publicação de uma série de contos que poderíamos inserir no Fantástico Vitoriano. Nestes contos ou novelas, que se apresentam na maior parte das vezes como romances condensados, vários elementos se cruzam, capazes de revelarem o seu interesse pelas tradições celtas, pela colonização romana da Inglaterra e do País de Gales, bem como por uma complexa tradição de contos orais, em especial da sua região, mas de matriz profundamente europeia. De facto, a sua estréia literária data de 1881, com a publicação de *Eleusinia*, um longo poema sobre os Mistérios de Eleusis.

Já residente em Londres, Machen torna-se um conhecido tradutor para inglês de certos marcos da literatura francesa, como o *Heptameron* de Margarida de Navarra, e as famosas *Mémoires* de Casanova, a ponto de essas mesmas traduções virem a adquirir, durante largos anos, um estatuto de «traduções consagradas» não muito diferente das traduções de Baudelaire, para francês, dos contos de Edgar Allan Poe.

Todavia, foi na década de 1890, com a publicação de «O Grande Deus Pã» numa reconhecida editora londrina, que ele se tornou mais conhecido como um «escritor decadentista» e uma voz bem emblemática da sua época. Esta novela, de chocante conteúdo mórbido e sexual, em breve conheceu uma segunda edição e obteve uma grande popularidade. Efectivamente, é nesta mesma década que ele publica os outros contos/novelas que incluímos no presente volume: «A Luz mais Interior» em 1894, «A Novela da Chancela Negra» em 1885, bem como uma primeira versão do famoso «O Povo Branco», cuja presente tradução se

baseia no texto revisto pelo autor, em 1904.

O alvor do século XX é-lhe marcado pela morte da sua primeira mulher, que morre de cancro em 1899, após um longo período de sofrimento. Um ano mais tarde, Machen ingressa na já lendária Ordem Hermética da Aurora Dourada, continuando a publicar outros contos que poderíamos inserir no mesmo gênero. O ponto de viragem dá-se talvez já durante a Primeira Guerra Mundial, em que Machen, como jornalista a tempo inteiro, adopta uma atitude mais realista, ainda que o seu conto «O Terror», publicado em 1917, tenha elementos fantásticos. Curiosamente, trata-se do conto por detrás do filme *Os Pássaros* de Alfred Hitchcock, a ser publicado como parte de um segundo volume nesta mesma coleção.

Se bem que nos anos 20 ele tenha publicado alguns romances e uma primeira autobiografia, *Far Off Things* (1922), os gostos literários já tinham claramente mudado e o Fantástico Vitoriano já não usufruía de um mesmo público, especialmente quando a ficção inglesa começava a atingir o mais alto ponto do seu Modernismo e Virginia Woolf se tornara um modelo de escrita. Assim, por volta do final da década, as reedições das suas obras começam a rarear e Machen entra numa crise financeira da qual apenas conseguiu sair em 1943, aquando do seu octogésimo aniversário, em que um grupo de escritores amigos, entre eles T. S. Eliot, se juntou para o homenagear e proceder a uma campanha de angariação de fundos que lhe veio a permitir um final de vida confortável.

2. Traduzir Machen

Nos textos deste autor, por estranho que nos possa parecer, lemos, quase em simultâneo, não apenas uma única narrativa mas várias. É como se diante de nós se revelasse uma série de planos, nunca inteiramente transparentes mas translúcidos. Ficamos de facto presos, como leitores, a uma sucessão de ecos e cenários, regozijando-nos com todos os momentos de positivo «ruído» que todas essas interferências nos possam causar.

Lemos, em primeiro lugar, apenas um enredo, tal como este nos surge à superfície de contos específicos — verdadeiras novelas ou romances habilmente condensados —, para depois nos começarmos a aperceber de todo um historial de obsessões e fantasmas reprimidos da Época Vitoriana, em que a sexualidade

engendra monstros e as experiências científicas se tornam assustadoras. Bem para lá deste segundo plano, no entanto, encontram-se as práticas «alquímicas» ainda bem presentes nestes textos dos finais do século XIX — escritos por um membro da Aurora Dourada —, formando uma terceira instância na qual, ainda que um certo significado hermético nos possa escapar enquanto leitores contemporâneos, o sentimos todavia a ressoar num outro lado de nós, não tão facilmente captável ou definível.

De facto, não é nada fácil traduzir Machen, tentando transpor o que na forte condensação dos seus textos nos surge, não tanto a um nível explícito, mas sobretudo nas suas sucessivas reverberâncias, apelando, no que diz respeito ao sentido, para uma expansão mais participante do que aí está escrito, através da qual o leitor se torna, simultaneamente, co-narrador e cúmplice. Sem dúvida, o tradutor, também inserido neste jogo de planos e de espelhos, ir-se-á debater não apenas com a significação de palavras específicas, que a princípio lhe poderão surgir na sua óbvia materialidade, mas com frases e inúmeros segmentos que, neste caso, formam extensíssimos parágrafos, semelhantes a intrincadas «caixas misteriosas».

Com efeito, se como tradutores os tentamos visualizar, quase fantasmaticamente, existe algo que terá que ser transposto, não tanto ao nível da «letra», mas de um sentido que nunca para de nos escapar logo que o tentamos tornar fixo. Regressamos deste modo, ou assim pensamos, à objectividade ilusória de uma dada página, numa tentativa de recuperarmos o fôlego que nela teríamos perdido, através de todos os seus múltiplos patamares. Relemos então o texto no original e na versão traduzida, que já imaginávamos revista e acabada, para verificarmos que esse mesmo texto — agora já mais nosso — é ainda e quase sempre «uma outra coisa», quer no que diz respeito ao original aparentemente imutável mas sempre múltiplo — dado que o activamos a cada leitura —, quer no que se prende com a sua tradução; isto é, com essa escrita a que já «demos uma outra voz», mas que se poderá sem dúvida melhorar a cada revisão, sem que nenhuma (tal como o produto final que por vezes nos arrancam das mãos para as tipografias) seja definitiva. Nunca o será de facto, pois tal como na Crítica Literária poderemos sempre acrescentar novas expansões, se não uma revisitada e reformulada interpretação inicial, no caso da tradução literária, as revisões sucessivas poder-nos-iam levar a tais extremos, que acabaríamos, através de um excesso de rigor, por nos depararmos com um texto traduzido que, paradoxalmente, pouco teria já que ver com o original, mas onde o mesmo continuasse a ser apaixonadamente alucinado.

Ora, o meu desejo de uma tradução objectiva, que se tenta, não obstante, afirmar como uma tentativa eufórica e utópica de fazer coincidir «as vozes» do autor com as do tradutor, pressupõe sempre, ou quase sempre, um inevitável sentido de perda, algo que nós nos vemos sempre condenados a ter que admitir.

Nenhuma tradução, porém, poderá pretender que o resultado do seu trabalho possa vir a ser recepcionado tal como na época em que o original foi escrito. Tal atitude pressuporia um agudizar de certas tendências histéricas que já se encontram inerentes a qualquer voz tradutiva. Não lemos, nem poderemos pretender ler, como se lia na Inglaterra de finais do século XIX. Iremos tentar, é certo, recorrer, sempre que tal se justifique, a certas expressões passadas, a registos de fala que, na maioria dos casos, acabam por ecoar o nosso conhecimento acerca de textos da mesma época que, tanto quanto possível, possamos inserir num contexto semelhante ou paralelo. Assim, este Machen em português, o mesmo que eu aqui «transponho», insere-se inevitavelmente na sua época, mas também, dado que passou pelas mudanças necessariamente impostas por uma tradução recente, na nossa pós-modernidade, no espaço em que se esgarçam teorias, discursos e sobretudo as tentativas (quase sempre autoritárias) de um único texto definitivo, que apenas nos traz de volta todas as já ultrapassadas certezas do Positivismo e da ciência velha. Assim, a tradução que vos coloco nas mãos, caros leitores, ainda que enfermando de todos os defeitos inerentes a uma «filtragem» de natureza interlinguística — mas beneficiando também de uma série de informadas opções pessoais inerentes a uma certa distância temporal —, será «esse outro texto» a que a nossa especulação nunca cessará de se prender: *esse em que tudo se transformasse, sem que nada, no entanto, se perdesse.*

José Manuel Lopes

O TERROR

1- O ADVENTO DO TERROR

Depois de dois anos, voltamo-nos mais uma vez para as notícias matutinas com uma sensação de apetite e alegre expectativa. Houve emoções no início da guerra; a emoção do horror e de um destino que parecia ao mesmo tempo inacreditável e certo. Isso se deu quando Namur sucumbiu e as hostes alemãs invadiram como cheia os campos franceses e se acercaram muito perto dos muros de Paris. Depois sentimos a emoção do júbilo quando chegou a boa notícia de que a medonha maré havia recuado, que Paris e o mundo estavam salvos, ao menos por algum tempo.

Assim, durante dias, aguardamos outras notícias tão boas como essa, ou melhores. Foi o general von Kluck cercado? Hoje não, talvez amanhã sim. No entanto, os dias se tornaram em semanas, as semanas se prolongaram em meses; a batalha do Ocidente parecia paralisada. De vez em quando, faziam-se coisas que pareciam esperançosas, com a promessa de acontecimentos ainda melhores. Mas Neuve Chapelle e Loos se reduziram a desapontamentos à medida que se contavam histórias a seu respeito; as formações em linha no Ocidente permaneceram, para todos os propósitos práticos de vitória, imobilizadas. Nada parecia acontecer, nada havia para ler, exceto o registro das operações, que eram claramente fúteis e insignificantes. As pessoas se perguntavam qual era o motivo dessa inação. Os esperançosos diziam que Joseph Joffre tinha um plano, que ele estava "cauteloso"; outros declaravam que estávamos sem munição; outros, mais uma vez, que os novos recrutas ainda não estavam prontos para a batalha. De modo que os meses passaram, e quase dois anos de guerra se haviam completado

quando a inerte linha de frente inglesa começou a se mexer e estremecer como se despertasse de um longo sono, e começou a avançar, esmagando o inimigo.

***

O segredo da longa inação do exército britânico foi bem mantido. De um lado, foi rigorosamente protegido pela censura, que severa, e às vezes severa a ponto da absurdidade — "o capitão e os [...] partem", por exemplo —, tornou-se, em especial nesse aspecto, feroz. Assim que as autoridades se deram conta do significado real do que estava ocorrendo, ou começava a ocorrer, uma circular crivada de realces foi enviada aos donos de jornais da Grã-Bretanha e da Irlanda. Advertia cada um deles que poderiam compartilhar o conteúdo da circular com apenas uma única outra pessoa, sendo essa pessoa o editor responsável do jornal, o qual deveria guardar segredo acerca do comunicado, sob pena das multas mais severas. A circular vetava qualquer menção a acontecimentos que tivessem ocorrido, ou que pudessem ocorrer; vetava qualquer tipo de alusão a esses acontecimentos ou qualquer indicação de sua existência, ou da possibilidade de sua existência, não só na imprensa como também em qualquer outra forma. O assunto não podia ser mencionado em conversas; dele não se podia fazer qualquer insinuação, por mais obscura que fosse, em cartas. A própria existência da circular, à parte seu objeto, tinha de ser um segredo absoluto.

Essas medidas foram bem-sucedidas. Um abastado proprietário de jornal do norte, um tanto excitado ao final da Festa dos Tecelões (que, ressalte-se, se realizou como de costume), arriscou-se a dizer para um homem ao lado: "Seria terrível, não seria, ser...". Suas palavras foram repetidas, como prova, lamentavelmente, de que chegara a hora de o "velho Arnold" se recompor; e ele foi multado em mil libras esterlinas. Depois houve o caso de um obscuro semanário publicado na cidade administrativa de um distrito agrícola do País de Gales. O Meiros Observer (como o chamaremos) era publicado nos fundos das instalações de um proprietário de papelaria, e enchia as quatro páginas com relatos de exposições de flores do lugar, feiras de artigos de fantasia em vicariatos, relatos de conselhos paroquiais e raras mortes por acidente em balneários.

Esse órgão informativo imprimiu um tópico, o qual ninguém notou, que se assemelhava muitíssimo aos tópicos que jornalecos do interior havia muito costumavam publicar, que dificilmente poderia dar uma pista a alguém — a alguém, quer dizer, não de todo informado do segredo. Na verdade, essa notícia foi parar no jornal porque o proprietário, que também era o editor, incautamente

deixou os últimos procedimentos desse assunto em particular para o assistente, que era o pau-para-toda-obra-mor do estabelecimento: e o assistente acrescentou uma pitada de boato que ele ouvira na feira e a qual preenchera dois centímetros da última página. Mas o resultado foi que o Meiros Observer parou de ser publicado, devido a "circunstâncias desfavoráveis", como explicou o proprietário, que nada mais disse. Nada mais, quer dizer, em termos explanatórios, mas um bocado mais em termos da execração de "malditos abelhudos".

Agora, uma censura que seja suficientemente minuciosa e totalmente impiedosa pode fazer milagres no que diz respeito a ocultar [...] o que se deseja ocultar. Antes da guerra, teria sido possível pensar o contrário; teria sido possível dizer que, com ou sem censura, decerto tomar-se-ia conhecimento da ocorrência do homicídio em X ou da ocorrência do assalto ao banco em Y; se não por meio da imprensa, ao menos por meio do boato ou da notícia passada boca a boca. E isso seria aplicável à Inglaterra de há trezentos anos e às primitivas áreas tribais de hoje. Recentemente, porém, habituamo-nos a uma tal reverência à palavra impressa e a uma tal confiança nela que a velha capacidade de divulgar notícias oralmente ficou atrofiada. Proíba-se a imprensa de mencionar o fato de que João foi assassinado e é incrível como algumas pessoas saberão disso, e das que souberem quão poucas acreditarão no que ouviram. Conhecemos um homem no trem que afirma que lhe contaram algo acerca de um homicídio em Southwark. É enorme a diferença entre a impressão com que ficamos de uma comunicação casual como essa e a proporcionada por meia dúzia de linhas impressas com nome, rua, data e todos os fatos do caso. Gente que viaja de trem reconta todo tipo de histórias, muitas delas falsas. Jornais não publicam relatos de assassínios que não foram cometidos.

Ademais, há outro motivo que levou ao segredo. Devo ter dado a entender que o antigo ofício do boato não existe mais. A mim me farão lembrar da estranha lenda dos "russos" e da mitologia dos "anjos de Mons". Mas gostaria de observar, em primeiro lugar, que a ampla divulgação desses dois disparates dependeu dos jornais. Se não existissem jornais ou revistas, russos e anjos teriam feito apenas uma breve e vaga aparição das mais obscuras — alguns poucos teriam sabido deles, nem tantos desses poucos teriam acreditado neles, deles se teriam falado por uma ou duas semanas e, desse modo, teriam desaparecido.

E depois, mais uma vez, o próprio fato de que por um tempo se acreditou nesses boatos fúteis e nessas histórias fantásticas foi fatal para a credibilidade de

qualquer rumor que tivesse se espalhado pelo país. As pessoas botaram fé duas vezes; viram indivíduos sérios, homens de boa reputação, pregar e preconizar os notáveis procedimentos que haviam salvado o exército britânico em Mons, ou testemunharam trens, repletos de russos de casacos cinzas, atravessarem o país a altas horas da noite: e agora havia um sinal de algo mais espantoso do que qualquer uma das lendas desacreditadas. Mas dessa vez não havia uma palavra sequer de confirmação nos jornais diários ou semanários, ou nas revistas paroquiais, de modo que os poucos que souberam riram-se ou, sendo sérios, foram para casa e fizeram algumas anotações para ensaios sobre "A psicologia do tempo de guerra: delírios coletivos".

***

Não segui nenhuma dessas direções. Pois antes de a circular secreta ter sido emitida, minha curiosidade havia, de algum modo, sido despertada por um determinado parágrafo relativo a um "Acidente fatal com conhecido piloto-aviador". A hélice do avião havia sido despedaçada, aparentemente numa colisão com um bando de pombos. As pás haviam sido quebradas e o motor caíra como chumbo na terra. E, logo após ter lido essa notícia, tomei conhecimento de algumas circunstâncias bastante estranhas relacionadas a uma explosão numa grande fábrica de munições num condado do centro da Inglaterra. Pensei na possibilidade de haver uma conexão entre os dois diferentes acontecimentos.

Amigos que se prestaram a ler esse relato me chamaram a atenção para o fato de que determinadas frases que empreguei pudessem dar a impressão de que atribuo todos os obstáculos da guerra na frente ocidental às circunstâncias extraordinárias que motivaram a emissão da circular secreta. Claro que não é este o caso, pois havia inúmeros motivos para a imobilidade de nossas fileiras de outubro de 1914 a julho de 1916. Essas causas eram bastante óbvias e haviam sido abertamente debatidas e lamentadas. Mas, detrás delas, havia algo de importância infinitamente maior. Faltavam-nos homens, mas homens estavam sendo admitidos em abundância no novo exército. Estávamos mal providos de projéteis, mas, quando se anunciou publicamente a escassez, o país tratou de corrigir o problema com muita eficácia. Poderíamos assegurar o reparo das deficiências de nosso exército — no que respeitava a homens e munição — se o novo e inacreditável perigo pudesse ser superado. Foi superado. Sem dúvida, talvez, deixou de existir. E agora o segredo pode ser revelado.

Eu disse que minha atenção foi atraída pela notícia da morte de um conhecido piloto-aviador. Não tenho o hábito de guardar recortes de jornais,

lamento dizer, de maneira que não posso precisar a data desse acontecimento. Tanto quanto sei, ocorreu por volta do final de maio ou do começo de junho de 1915.0 parágrafo do jornal que anunciava a morte do capitão-aviador Western-Reynolds era bastante sumário. Acidentes, e acidentes fatais, com os homens que estão tomando o ar de assalto por nós não são, lamentavelmente, tão raros a ponto de requererem uma nota elaborada. Mas o modo pelo qual Western-Reynolds foi de encontro à morte me pareceu extraordinário, porquanto revelava um novo perigo no elemento que tínhamos recentemente conquistado. Ele foi derrubado, como eu disse, por um bando de aves; de pombos, como pareceu pelo que se encontrou nas pás ensanguentadas e despedaçadas da hélice. Uma testemunha ocular do acidente, um colega oficial, contou que Western-Reynolds partira do aeródromo numa tarde clara, praticamente sem vento. Estava indo para a França. Tinha feito o trajeto de um lado para outro uma dezena de vezes ou mais, e se sentia perfeitamente seguro e à vontade.

— O "Wester" atingiu logo uma grande altura, e a gente mal conseguia ver o aparelho. Eu estava me virando para ir embora quando um dos colegas gritou: "Nossa! O que é aquilo?". Apontou para o alto, e a gente viu o que parecia ser uma nuvem negra que vinha do sul a uma velocidade espantosa. Logo percebi que não era uma nuvem. Vinha num remoinho e num ímpeto bem diferente de qualquer nuvem que já vi. Mas por um segundo não consegui distinguir exatamente o que era. A forma se alterou e se transformou numa enorme meia-lua, e girava e mudava de direção como se procurasse alguma coisa. O homem que gritou tinha pegado os binóculos e observava com o máximo esforço. Depois gritou que se tratava de um enorme bando de aves, "milhares delas". Elas continuaram girando e buscando a grande altura no ar, e nós as observávamos, achando-as interessante mas não achando que fariam qualquer diferença para o Wester, que estava quase fora de visão. O aparelho dele não passava de um ponto. Então os dois braços da meia-lua se uniram tão velozes quanto um raio e aquelas milhares de aves dispararam como uma massa sólida pelo céu lá no alto, e se afastaram para algum lugar nor-noroeste. Então Henley, o homem com os binóculos, gritou: "Ele caiu!", e começou a correr e eu o segui. Pegamos um carro e no caminho Henley me disse que tinha visto o avião se estatelar, como se tivesse caído daquela nuvem de aves. Na hora ele pensou que as aves tinham travado as hélices, ou coisa assim. E foi esse o caso, como se soube. Encontramos as pás das hélices todas quebradas e cobertas de sangue, e penas e ossos de pombos estavam introduzidos entre as pás, aferrados a elas.

Essa foi a história que o jovem piloto-aviador contou certa noite para um pequeno grupo de pessoas. Não falou "em sigilo", portanto não hesito em reproduzir o que ele disse. Naturalmente não tomei nota textual da conversa, mas tenho uma certa habilidade para me lembrar de conversas que me interessam, e creio que a reprodução está bastante próxima da história que ouvi. E é preciso observar que o aviador contou a história sem nenhum sentimento ou qualquer indicação de sentimento de que o inacreditável, ou quase o inacreditável, acontecera. Tanto quanto sabia, disse ele, era o primeiro acidente do tipo. Pilotos-aviadores na França tiveram dificuldade umas poucas vezes com aves — ele achava que se tratava de águias — que voaram malevolamente na direção deles, mas o

coitado do velho Wester fora o primeiro homem a se defrontar com um bando de milhares de pombos.

— E quem sabe não serei o próximo? — acrescentou. Mas por que procurar encrenca? De qualquer forma, vou estar dizendo adeus amanhã à tarde.

Bem, ouvi a história como quem ouve todos os tipos de prodígios e terrores do ar; como o que ouvi há alguns anos sobre "bolsões de ar", estranhos abismos ou vácuos na atmosfera nos quais pilotos caíam, expondo-se a grande risco. Ou como o que ouvi da experiência do piloto que voou sobre as montanhas do condado de Cumberland, no início do verão de 1911, e, no que navegava bem acima dos pontos culminantes, foi repentina e impetuosamente lançado para o alto, o ar quente dos rochedos colidindo com o avião como se fosse uma explosão da chaminé de uma fornalha. Tínhamos acabado de começar a navegar uma estranha região; devíamos esperar encontrar aventuras estranhas, perigos estranhos. E aqui um novo capítulo nas narrativas desses perigos e dessas aventuras se abrira com a morte de Western- Reynolds. E, sem dúvida, engenhosidade e perspicácia logo encontrariam um modo de oferecer oposição ao novo perigo.

Foi, creio, cerca de uma semana ou dez dias após a morte do piloto aviador que minha ocupação me levou a uma cidade do norte, cujo nome talvez seja melhor que permaneça desconhecido. Minha missão era investigar algumas acusações de extravagância feitas contra os operários, ou seja, contra o pessoal encarregado do material bélico dessa cidade em particular. Dizia-se que os homens que costumavam ganhar duas libras esterlinas e dez xelins por semana estavam agora recebendo de sete a oito libras, que a "um punhado de moças" estava sendo pago duas libras em vez de sete ou oito xelins, e que, por

consequência, havia uma orgia de descabida extravagância. As moças, contaram-me, comiam chocolates ao preço de quatro, cinco e seis xelins de libra, as mulheres estavam encomendando pianos de trinta libras esterlinas que elas não eram capazes de tocar, e os homens compravam correntes de ouro por dez e vinte guinéus cada uma.

Escarafunchei na cidade em questão e descobri, como de hábito, que havia uma mistura de verdade e exagero nas histórias que ouvira. Gramofones, por exemplo: não se pode considerá-los estritamente indispensáveis, mas estes estavam, sem dúvida, sendo vendidos com regularidade, mesmo as marcas mais caras. E achei que havia um número muito grande de carrinhos de bebê à vista nas calçadas; carrinhos da moda, pintados com discretos tons de cores e dispendiosamente equipados.

— E como é que o senhor pode ficar surpreso com o fato das pessoas querer se aventurar um pouco? — perguntou-me um operário. — A gente tá vendo dinheiro pela primeira vez na vida, e é dinheiro vivo. E a gente trabalhou duro pra isso, e arriscou a vida pra ganhar ele. Ouviu falar da explosão aqui perto?

Mencionou uma fábrica nos arredores da cidade. Evidentemente, nem o nome da fábrica nem o da cidade foram divulgados. Houve uma breve notícia da "Explosão na fábrica de material bélico no Distrito do Norte: várias vítimas". O operário me contou a respeito disso, acrescentando alguns detalhes terríveis:

— Não deixaram os parentes ver os corpos. Botaram eles nos caixão como encontraram eles tal e qual. O gás se encarregou de tudo.

— O senhor quer dizer que pretejou o rosto deles?

— Não. Tavam todos como se partidos em pedaços.

Tratava-se de um estranho gás.

Fiz ao homem da cidade do norte todo tipo de perguntas sobre a extraordinária explosão da qual me falara. Mas não tinha muito mais para contar. Como já observei, os segredos que não podem ser impressos são em geral profundamente guardados. No verão passado, havia pouquíssimas pessoas fora dos altos círculos oficiais que sabiam alguma coisa acerca dos "tanques", dos quais todos falamos mais tarde, embora esses estranhos instrumentos de guerra estivessem sendo exercitados e testados num parque não longe de Londres. Portanto, o homem que me contou sobre a fábrica de material bélico era, muito provavelmente, típico de sua profissão, por não saber nada mais acerca do

desastre. Descobri que era um fornalheiro empregado numa siderurgia no outro lado da cidade, longe da fábrica destruída. Nem sequer sabia o que se fabricava lá; algum tipo perigoso de explosivos, supôs. A informação que ele me deu na verdade não passava de um mexerico horripilante, que ele provavelmente ouvira de terceira, quarta ou quinta mão. O detalhe horrível dos rostos, "como se partidos em pedaços", tivera uma violenta impressão nele, só isso.

Desisti dele e peguei um bonde elétrico até o local do desastre, uma espécie de subúrbio industrial, a uns sete quilômetros da cidade. Quando perguntei onde ficava a fábrica, disseram-me que não era uma boa idéia ir até lá, uma vez que lá não havia ninguém. Mas localizei-a; um barracão tosco e medonho no centro de um pátio cercado, e um portão fechado. Procurei sinais de destruição mas nada encontrei. O telhado estava praticamente intato. E de novo me ocorreu que se tratava de um estranho acidente. Houve uma explosão de uma violência suficiente para matar os operários dentro do prédio, mas no prédio em si mesmo não havia vestígios de danos.

Um homem saiu pelo portão e o trancou. Comecei fazendo- lhe uma espécie de pergunta, ou, antes, comecei a "preparar" uma pergunta: "Dizem que aqui aconteceu uma coisa terrível", ou uma frase convencional assim. Não fui além disso. O homem me perguntou se eu tinha visto um policial descendo a rua. Respondi que sim, e tive a oportunidade de imediatamente prosseguir no meu intento ou de sem demora ser acusado de espionagem. "E melhor a gente andar logo com esse treco", foi, creio, o conselho dele, e o acatei.

Bem, eu me achava, literalmente, encostado contra uma parede de tijolos. Refletindo sobre o problema, só consegui supor que o fornalheiro, ou seu informante, tinha torcido as palavras que contavam a história. O fornalheiro dissera que os rostos dos mortos tinham sido "partidos em pedaços". Isso poderia ser uma perversão inconsciente de "corroídos". Essa palavra poderia descrever muito bem o efeito de ácidos fortes e, tanto quanto sei a respeito dos processos de fabricação de munição, esses ácidos podem ser usados e explodir, com resultados terríveis, em algum estágio delicado de mistura.

Foi um ou dois dias depois que me lembrei do acidente com o piloto aviador, Western-Reynolds. Num desses instantes, que são mais breves do que qualquer medida do tempo, ocorreu-me a possibilidade de uma ligação entre os dois desastres. Mas havia

uma desarrazoada impossibilidade, e a pus de lado. E, no entanto, creio que o

pensamento, por mais tolo que parecesse, continuou a me ocorrer. Foi a luz secreta que por fim me guiou através de um sombrio emaranhado de enigmas.

Por volta dessa época, na medida em que a data pode ser determinada, todo um distrito, pode-se dizer todo um condado, foi assolado por uma série de calamidades extraordinárias e terríveis, que se tornaram ainda mais terríveis porquanto continuaram por algum tempo mistérios inescrutáveis. Não se sabe ao certo, na verdade, se esses acontecimentos medonhos não permanecem ainda mistérios para muitos dos que neles estiveram envolvidos. Porque, antes de os habitantes dessa região do país terem tido tempo de relacionar um indício a outro, a circular foi emitida e, dali por diante, ninguém soube distinguir o fato inconteste da conjetura precipitada e extravagante.

O distrito em questão se situa no extremo oeste do País de Gales. Vou chamá-lo, por conveniência, Meirion. Há lá uma cidade praieira de alguma reputação entre turistas, por cinco ou seis semanas no verão, e, espalhados no condado, há uns três ou quatro vilarejos antigos que parecem estar em lenta decadência, apáticos e pardacentos com os efeitos dos anos e da negligência. Lembram- me do que li acerca de cidadezinhas no oeste da Irlanda. A grama cresce entre as pedras irregulares das calçadas, as placas no alto das vitrinas das lojas pendem, metade das letras dessas placas falta, aqui e ali uma casa foi demolida, ou caiu em ruínas, uma vegetação silvestre brota entre as pedras tombadas e o silêncio reina em todas as ruas. E, é preciso mencionar, no passado esses lugares não foram magníficos. Os celtas jamais foram hábeis na arquitetura e, segundo me consta, essas cidades, tais como Towy, Merthyr Tegveth e Meiros, devem ter sido antes muito parecidas com o que são agora, aglomerados de casas humildes, pobremente construídas, mal- conservadas e descambadas.

E esse punhado de cidades se situa, esparsamente, numa região silvestre onde o norte é dividido a partir do sul por uma cadeia de montanhas ainda mais silvestres. Uma dessas cidades fica a cerca de vinte e cinco quilômetros de qualquer estação. As outras são,

sem dúvida, remotamente ligadas por ferrovias de via única, servidas por escassos trens que se detêm e titubeiam e hesitam na lenta viagem pelos desfiladeiros das montanhas, ou param por meia hora ou mais em solitários barracos chamados estações, situados no meio de pântanos solitários. Há alguns anos viajei com um irlandês numa dessas linhas esquisitas, e ele olhou para a direita e viu o pântano com os capinzais amarelos e azuis e as águas estagnadas, e olhou para a esquerda e viu uma encosta acidentada, com taludes de pedra

cinzenta. "Não posso acreditar", disse, "que ainda estou nos sertões da Irlanda."

Aqui, portanto, vê-se uma região selvagem, dividida e esparsa, uma terra de colinas estranhas e vales secretos e ocultos. Sei da existência de fazendas nesta costa que devem estar separadas por duas horas de uma caminhada árdua e difícil de qualquer outra habitação e que não são visíveis de qualquer outra casa. E no interior, mais uma vez, as fazendas são com frequência cercadas por densos bosques de freixos, plantados por homens num passado longínquo para proteger as cumeeiras dos ventos inclementes que sopram das montanhas e dos ventos tempestuosos que sopram do mar; de modo que também esses lugares estão ocultos, adivinhados apenas pela fumaça da queima de lenha que se eleva por entre as folhagens verdes circundantes. E preciso que um londrino os veja para crer neles; e mesmo assim mal pode acreditar no isolamento absoluto.

Assim é, fundamentalmente, Meirion, e esta terra, no início do verão do ano passado, o terror invadiu — um terror amorfo, do tipo que homem algum jamais conheceu.

Começou com a história de uma menina que perambulou pelas azinhagas para colher flores numa tarde ensolarada e jamais retornou ao chalé na colina.

2- MORTE NO VILAREJO

A menina que se perdeu tinha saído de um solitário chalé que se situa no declive de um morro alcantilado conhecido como Allt,

nome que significa altitude. O terreno circundante é agreste e acidentado. Aqui crescem tojos e samambaias; ali há o vale pantanoso de canas e juncos, assinalando o curso do arroio que brota de uma nascente oculta; acolá a concentração de macegas densas e emaranhadas, os postos fronteiriços da floresta. Nesse terreno áspero e irregular, uma vereda conduz à azinhaga no fundo do vale; além dela o terreno torna a subir e se eleva até os paredões de rocha que sobranceiam o mar, a cerca de uns quatrocentos metros de distância. A menininha, Gertmde Morgan, perguntou à mãe se poderia ir à azinhaga colher flores púrpuras — tratava-se de orquídeas -— que lá cresciam, e a mãe lhe dera autorização, desde que voltasse à hora do chá, porque faria uma torta de maçã para o chá.

Ela jamais voltou. Supôs-se que tivesse atravessado a estrada e ido até a beira do penhasco, possivelmente para colher cravinas, que na época estavam em plena floração. Devia ter escorregado, diziam, e caído no mar, seiscentos metros abaixo. E, diga-se, havia, sem dúvida, alguma verdade nessa conjetura, embora bastante longe de toda a verdade. O corpo da menina deve ter sido levado pela maré, porque nunca foi encontrado.

A conjetura de um passo em falso ou de um escorregão fatal na relva escorregadiça que se estende pelo declive abaixo até as rochas foi aceita como a única explicação possível. As pessoas acharam o acidente estranho, porque, em geral, as crianças que vivem perto de rochedos e do mar se tornam precavidas muito cedo, e Gertrude Morgan estava para completar dez anos de idade. Entretanto, os vizinhos diziam: "E isso que deve ter acontecido, e é uma grande pena, não resta dúvida". Mas essa explicação não se sustentaria quando, uma semana mais tarde, um jovem e robusto lavrador não voltou para casa depois do trabalho. Seu corpo foi encontrado nas rochas a uns treze quilômetros do penhasco de onde a menina teria caído. Estava voltando para casa por um caminho que costumava percorrer toda noite de sua vida, por oito ou nove anos, perfeitamente seguro nas noites escuras, conhecendo cada palmo dele. A polícia perguntou se ele bebia, mas era abstêmio; se sofria de ataques, mas não sofria. E não fora assassinado por causa de riqueza, uma vez que lavradores não são ricos. Só era possível, mais uma vez, pensar-se na relva escorregadiça e num passo em falso. Mas as pessoas começaram a sentir medo. Em seguida, uma mulher foi encontrada com o pescoço quebrado no fundo de uma pedreira em desuso perto de Llanfihangel, no centro do condado. Nesse caso a teoria do "passo em falso" foi eliminada, uma vez que a pedreira era guardada por uma cerca natural de tojos. Seria preciso um grande esforço e relutar por entre os espinhos aguçados para se chegar à destruição num local como esse; e de fato os tojos haviam sido partidos, como se alguém tivesse passado entre eles em furiosa velocidade, logo acima do lugar em que o corpo da mulher fora encontrado. E isto era estranho: havia uma ovelha morta ao lado dela no fosso, como se a mulher e a ovelha juntas tivessem sido perseguidas na borda da pedreira. Mas perseguidas por quem? Ou pelo quê? E então houve uma nova forma de terror.

Ocorreu nas regiões pantanosas, no sopé da montanha. Um homem e o filho, um rapaz de catorze ou quinze anos, saíram cedo certa manhã para trabalhar e jamais chegaram à fazenda a que se dirigiam. O caminho que tomavam contornava o pântano, mas era largo, firme e bem encascalhado, e se elevava

cerca de meio metro acima do pântano. Quando se fez a busca na noite do mesmo dia, porém, Phillips e o filho foram encontrados mortos no pântano, cobertos de lodo preto e ervas aquáticas. E estavam a cerca de dez metros do caminho, o qual, parecia, deviam ter deixado intencionalmente. Era inútil, claro, procurar pegadas no lodaçal preto, pois se nele se atirasse uma enorme pedra em poucos segundos não haveria qualquer sinal de perturbação da superfície. Os homens que encontraram os dois corpos vasculharam as margens e os arredores do pântano, na esperança de encontrar algum vestígio dos assassinos; percorreram de um lado a outro o terreno elevado onde as reses pretas pastavam, inspecionaram os amieiros junto do córrego. Mas nada descobriram.

O mais horrível de todos esses horrores foi, talvez, o caso da Estrada Mestra, uma estrada vicinal solitária e infrequentada que serpenteia quilômetros e quilômetros ao longo de um terreno elevado e solitário. Ali, a um quilômetro e meio de qualquer habitação, fica um chalé na orla de um bosque sombrio. Era habitado por um lavrador chamado Williams, pela mulher e pelos três filhos. Numa noite quente de verão, um homem que trabalhara o dia inteiro

no jardim de um vicariato, a uns seis ou sete quilômetros do local, passou pelo chalé e parou por alguns minutos para conversar com Williams, o lavrador, que estava trabalhando no jardim, enquanto os filhos brincavam no caminho junto da porta. Os dois conversaram sobre os vizinhos e as batatas, até que a sra. Williams saiu à porta para avisar que o jantar estava pronto, e Williams se virou para entrar na casa. Era por volta das oito horas e, como de costume, a família jantava e se recolhia às nove horas, ou, no mais tardar, às nove e meia. Às dez horas daquela noite, o médico do lugar estava se dirigindo a sua casa ao longo da estrada vicinal. Seu cavalo refugou com violência e depois estancou bem em frente do portão do chalé. O médico apeou, assustado com o que viu. Ali na estrada jaziam Williams, a mulher e os três filhos, mortos, todos eles. O crânio de cada um deles havia sido esmagado, como se por um instrumento de ferro pesado. Os rostos haviam sido macerados.

3- A TEORIA DO MÉDICO

Não é fácil compor um quadro do horror que reside calado no coração dos

habitantes de Meirion. Não é mais possível acreditar, ou fingir acreditar, que esses homens, mulheres e crianças morreram em consequência de estranhos acidentes. A menina e o jovem lavrador podem ter escorregado e caído do penhasco, mas a mulher morta junto com a ovelha no fundo da pedreira, os dois homens que foram atraídos para dentro do lodaçal no pântano, os membros da família encontrados mortos na Estrada Mestra na frente da porta do chalé em que moravam, nesses casos não havia lugar para a hipótese do acidente. Era como se fosse impossível elaborar uma conjetura, ou esboçar uma conjetura, que explicasse esses crimes hediondos e, parecia, inteiramente despropositados. Durante algum tempo, as pessoas disseram que devia haver um louco à solta, um tipo de variante campestre de Jack, o Estripador, algum abominável degenerado possuído pela paixão da morte, que rondava sorrateiramente aquelas terras ermas, escondendo-se em bosques e lugares silvestres, sempre a observar e buscar as vítimas de seu desejo.

Com efeito, o dr. Lewis, que descobriu o pobre Williams, a mulher e os filhos tristemente trucidados na Estrada Mestra, estava, em princípio, convencido de que a presença de um louco escondido no campo oferecia o único esclarecimento possível do mistério.

— Eu estava certo — disse-me ele mais tarde — de que os Williams tinham sido assassinados por um maníaco homicida. Foi a natureza dos ferimentos daquelas pobres criaturas que me convenceu de que era este o caso. Há alguns anos — na verdade, há trinta e sete ou trinta e oito anos —, estive de algum modo envolvido num caso que, a um exame superficial, assemelha-se muitíssimo ao assassínio da Estrada Mestra. Naquela época, eu tinha uma clínica em Usk, em Monmouthshire. Uma família inteira que morava num chalé à beira de uma estrada foi assassinada numa noite. Foi chamado, creio, de o "crime de Llangibby". O chalé ficava perto do vilarejo com o mesmo nome. O assassino foi pego em Newport. Tratava-se de um marinheiro espanhol, chamado Garcia, que, ao que parece, tinha matado o pai, a mãe e os três filhos por causa de um velho relógio de latão holandês, encontrado com ele quando o prenderam. Garcia tinha cumprido um mês de prisão na cadeia de Usk por um furto sem importância e, ao ser libertado, caminhou até Newport, a uns vinte quilômetros de distância, sem dúvida para pegar um outro navio. Passou pelo chalé e viu o homem jardinando. Garcia o esfaqueou com a faca de marinheiro. A mulher acorreu. Ele a esfaqueou. Em seguida entrou no chalé e esfaqueou as três crianças, tentou atear fogo ao chalé e depois fugiu com o relógio. Isso parecia

proeza de um maníaco, mas Garcia não era louco — enforcaram-no, aliás —, era apenas um homem muito pouco evoluído, um degenerado que não tinha o menor respeito pela vida humana. Não tenho certeza disso, mas creio que era oriundo de uma das ilhas espanholas onde, dizem, as pessoas são degeneradas, muito provavelmente em consequência da mestiçagem. Mas o que importa é que Garcia esfaqueou para matar, e matou, com um golpe em cada caso. Não houve cortes ou talhos tresloucados. Agora, a cabeça de cada uma dessas pobres criaturas da Estrada Mestra foi macerada pelo que parece ter sido uma desvairada sucessão de golpes. Cada um dos golpes teria sido fatal, mas o assassino deve ter continuado a desferir golpes com martelo de ferro contra pessoas que já estavam mortas. E esse tipo de coisa é obra de um louco, de ninguém mais a não ser um louco. Foi assim que interpretei o caso logo após a ocorrência. Eu estava completamente errado, absurdamente errado. Mas quem poderia suspeitar da verdade?

Assim falou o dr. Lewis, e eu o transcrevo, ou a substância do que falou, como um representante da opinião mais abalizada do distrito nos princípios do terror. As pessoas se aferraram a essa teoria porque, em grande parte, oferecia ao menos o consolo de uma explicação, e qualquer explicação, mesmo a mais insatisfatória, é melhor do que um mistério insuportável e terrível. Além disso, a teoria do dr. Lewis era plausível. Explicava a falta de propósito que parecia caracterizar os assassínios. Contudo, havia complicações mesmo desde o começo. Era quase impossível que um demente conseguisse permanecer escondido numa região em que qualquer estranho é logo notado e observado. Cedo ou tarde seria visto andando a esmo pelas veredas ou atravessando as terras silvestres. De fato, um vagabundo bêbado, folgazão e totalmente inofensivo foi preso por um fazendeiro e seu capataz no momento mesmo em que aliviava a cerveja que bebera debaixo de uma cerca viva; mas o vagabundo pôde apresentar um álibi completo e incontestável, e logo lhe permitiram continuar a correr o mundo.

Então surgiu uma outra teoria, ou melhor, uma variante da teoria do dr. Lewis. Esta no sentido de que a pessoa responsável pelas atrocidades era, com efeito, um louco; mas um louco apenas de tempos em tempos. Foi um dos membros do Porth Club, um certo sr. Remnant, quem teria originado essa explicação mais sutil. O sr. Remnant era um homem de meia-idade que, não tendo nada especial para fazer, lia uma grande quantidade de livros para passar as horas. Dava palestras para o clube — composto de médicos, coronéis aposentados, párocos,

advogados — sobre "personalidade", citava diversos livros didáticos de psicologia para sustentar a questão de que a personalidade é por vezes fluida e instável, reportava-se a Dr. Jekyl e Mr. Hyde, como boa prova de sua proposição, e destacava a especulação do dr. Jekyl de que a alma humana, muito longe de ser una e indivisível, pode cabivelmente se revelar uma mera sociedade organizada, um estado no qual habitam inúmeros cidadãos estranhos e incompatíveis, cujo caráter é não apenas desconhecido como inteiramente insuspeitado por essa forma de consciência que tão temerariamente supõe ser não apenas o presidente da república como também seu único cidadão.

— Em resumo — concluiu o sr. Remnant —, qualquer um de nós pode ser o assassino, embora sem ter a menor idéia do fato. Consideremos o Llewelyn.

O sr. Payne Llewelyn era um advogado idoso, um Tulkinghorn rural. Era o advogado-procurador da herança dos Morgan, de Pentwyn. Isso não soa espantoso em absoluto para os saxões de Londres. Mas o estilo é bem mais do que nobre para os celtas do País de Gales no oeste. E imemorial. Teilo Sant era um dos descendentes do primeiro chefe conhecido da raça. E o sr. Payne Llewelyn deu o melhor de si para parecer o conselheiro legal dessa antiga casa. Era sério, era prudente, era judicioso, era seguro. Eu o comparei ao sr. Tulkinghorn, de Lincoln's Inn Fields, mas o sr. Llewelyn, com toda a certeza, jamais sonhou em passar as horas vagas examinando os armários onde os segredos mais vergonhosos da família estavam trancados. Supondo-se que esses armários existiam, o sr. Payne Llewelyn se arriscaria a tirar dinheiro do próprio bolso para provê-los de inquebrantáveis cadeados duplos e triplos. Era um homem de época recente, um *advena*, com certeza, pois pertencia, em parte, à conquista da Inglaterra, sendo descendente de um ramo de sir Payne Turberville, mas preferia permanecer no tronco antigo da família.

— Consideremos agora o Llewelyn -— disse o sr. Remnant. — Escute, Llewelyn, você pode apresentar alguma prova de onde esteve na noite em que essas pessoas foram assassinadas na Estrada Mestra? Penso que não.

O sr. Llewelyn, um ancião, como eu disse, vacilou antes de falar.

— Penso que não — prosseguiu o sr. Remnant. — Pois digo que é perfeitamente possível que o Llewelyn esteja disseminando a morte por Meirion, embora, nesta sua atual personalidade, ele não suspeite nem um pouco de que haja um outro Llewelyn dentro dele, um Llewelyn que pratique o assassínio como uma arte elevada.

O sr. Payne Llewelyn de modo algum apreciou a insinuação do sr. Remnant de que ele bem poderia ser um assassino secreto, com uma sede voraz de sangue, sem remorso, como um animal selvagem. Achou que a frase sobre sua prática do assassínio como uma arte elevada era tanto absurda quanto de extremo mau gosto, e não mudou de opinião quando Remnant salientou que ela fora usada por De Quincey no título de um de seus ensaios mais famosos.

— Se você tivesse me deixado falar — disse ele com uma certa indiferença —, eu lhe teria dito que, na terça-feira passada, na noite em que essas pessoas infelizes foram assassinadas na Estrada Mestra, eu estava hospedado no Angel Hotel, em Cardiff. Eu tinha negócios a tratar em Cardiff, e lá fiquei até a tarde da quarta-feira.

Depois de apresentar este álibi satisfatório, o sr. Payne Llewelyn deixou o clube, e não tornou a visitá-lo pelo resto da semana.

Remnant explicou para os que ficaram no salão de fumar que, obviamente, ele tinha usado o sr. Llewelyn como um exemplo concreto de sua teoria, a qual, ele insistiu, tinha o sustento de um significativo conjunto de indícios.

— Há vários casos de personalidade dupla registrados — declarou. — E repito que é bem possível que esses assassínios tenham sido cometidos por um de nós, agindo conforme sua segunda personalidade. Ora, eu posso ser o assassino no meu estado Remnant B, embora o Remnant A nada saiba a respeito disso e esteja perfeitamente convencido de que seria incapaz de matar uma mosca, quanto menos uma família inteira. Não é assim, Lewis?

O dr. Lewis respondeu que assim era, em teoria, mas achava que não de fato.

— A maioria dos casos de personalidade dupla ou múltipla que foram investigados — disse ele — estava associada aos experimentos bastante duvidosos do hipnotismo, ou aos experimentos ainda mais duvidosos do espiritismo. Todo esse tipo de coisa, a meu ver, é como o conserto da engrenagem de um relógio, o conserto amador, quero dizer. Experimenta-se mexer nas rodas, nos dentes das rodas e nas peças do mecanismo sobre os quais nada se sabe de verdade; e depois se descobre que o ponteiro do relógio está indo para trás ou marcando 24h na hora do chá. E creio que o mesmo ocorre com esses experimentos de pesquisa dos fenômenos psíquicos. A personalidade secundária é, muito provavelmente, o resultado das tentativas ineptas de lidar com um mecanismo sobre o qual nada conhecemos. Notem bem, não posso dizer que seja impossível um de nós ser o assassino da Estrada Mestra nesse estado B,

como o disse Remnant. Mas creio que é extremamente improvável. Talvez este seja o guia da vida. Como você sabe, Remnant? disse o dr. Lewis, sorrindo para o cavalheiro, como se sugerisse que ele também tinha feito leituras numa determinada época da vida. Conclui- se, portanto, que a improbabilidade também é o guia da vida. Quero dizer, quando se obtém um grau bastante alto de probabilidade, justifica-se tomá-la como certeza; e, de outro lado, se uma suposição for altamente improvável, justifica-se tratá-la como impossível. Ou seja, em novecentos e noventa e nove de mil casos.

— E quanto ao milésimo caso? — perguntou Remnant. — Supondo-se que esses crimes extraordinários constituem o milésimo caso?

O médico sorriu, encolhendo os ombros, cansado que estava do assunto. Mas, por um tempo bastante breve, membros altamente respeitáveis da sociedade de Porth se entreolharam com suspeita, perguntando-se, afinal de contas, se não havia "algo de verdadeiro nisso". Contudo, tanto a teoria um pouco maluca do sr. Remnant quanto a teoria plausível do dr. Lewis se tornaram insustentáveis quando mais duas vítimas de uma morte horrível e misteriosa foram oferecidas num sacrifício, pois um homem foi encontrado morto na pedreira de Llanfihangel, onde a mulher fora descoberta. E no mesmo dia uma adolescente de quinze anos foi encontrada despedaçada nas pedras recortadas sob os rochedos perto de Porth. Agora, ao que parecia, essas duas mortes deviam ter ocorrido mais ou menos ao mesmo tempo, com o intervalo de uma hora entre uma e outra, com certeza, e a distância entre a pedreira e os rochedos próximos a Black Rock é, sem dúvida, de trinta quilômetros.

— Um automóvel pode ser o responsável?— perguntou um homem.

Observou-se, porém, que não havia uma estrada principal entre os dois lugares. De fato, podia-se afirmar que não havia estrada alguma. Havia uma rede de veredas profundas, estreitas e tortuosas que desembocavam aleatoriamente umas nas outras de uma forma estranha por, digamos, quase vinte e oito quilômetros. Isso no centro, por assim dizer, entre Black Rock e a pedreira de Llanfihangel. Mas, para se chegar ao planalto dos rochedos, seria preciso tomar um caminho que atravessava três quilômetros de campos; e a pedreira se situa a um quilômetro e meio da estrada vicinal mais próxima, no meio de um terreno irregular forrado de tojos e samambaias. E, finalmente, não havia marcas de automóvel ou motocicleta nas veredas que teriam de ser tomadas para se ir de um local a outro.

— E por que não um avião? — perguntou o homem da teoria do automóvel. Bom, havia de fato um aeródromo não longe de um dos lugares das mortes. Mas, de certa maneira, ninguém acreditou que o corpo de aviação abrigasse um maníaco homicida. Parecia claro, portanto, que devia haver mais de uma pessoa envolvida no terror de Meirion. E o próprio dr. Lewis abandonou sua teoria.

— Como eu disse para o Remnant no clube — observou ele —, a improbabilidade é o guia da vida. Não posso crer que haja um bando de loucos, ou mesmo dois loucos, à solta no campo. Desisto.

E então uma nova circunstância, ou um novo conjunto de circunstâncias, tornou-se evidente para confundir qualquer opinião e dar origem a novas e disparatadas conjeturas. Pois por essa época as pessoas se deram conta de que nenhuma dessas terríveis ocorrências à volta delas era mencionada na imprensa. Falei antes do destino do Meiros Observer. Esse jornal foi proibido pelas autoridades porque incluíra um breve parágrafo sobre uma pessoa "encontrada morta em circunstâncias misteriosas". Creio que o parágrafo se referia à primeira morte na pedreira de Llanfihangel. A partir daí, um horror se seguiu a outro, mas palavra alguma foi impressa em qualquer jornal local. Os curiosos visitavam os escritórios do jornal — havia dois deles no condado — mas nada encontravam, a não ser uma firme recusa a se discutir o assunto. E os jornais de Cardiff eram recolhidos e encontrados em branco. A imprensa de Londres parecia ignorar o fato de que crimes sem

paralelo aterrorizavam toda uma região rural. Todos se perguntavam o que teria acontecido, o que estava acontecendo. E então correu o rumor de que o magistrado não permitiria qualquer investigação dessas mortes sinistras.

— Em consequência das instruções recebidas do Ministério da Justiça — um magistrado teria dito —, devo dizer ao júri que sua tarefa será ouvir os indícios médicos e apresentar um veredicto imediatamente, em conformidade com esses indícios. Rejeitarei quaisquer investigações.

Um júri contestou. O primeiro jurado se recusou a apresentar qualquer veredicto.

— Muito bem—disse o magistrado. — Peço-lhe então licença para informá-los, senhor primeiro jurado, e os membros do júri, de que, segundo a Lei I da Defesa do Reino, tenho autoridade para substituir suas funções e para considerar um veredicto em conformidade com os indícios apresentados diante do tribunal como se fosse um veredicto do júri.

O primeiro jurado e o júri cederam e aceitaram o que não podiam evitar. Mas os rumores que correram a partir de tudo isso, em acréscimo ao conhecido fato de que o terror fora ignorado pela imprensa, sem dúvida por ordem oficial, aumentaram o pânico que agora se intensificava, e determinaram uma nova direção. Sem dúvida, as pessoas pensavam, as restrições e as proibições do governo só podiam se referir à guerra, a um grande perigo relacionado à guerra. E, sendo assim, resultava que as atrocidades, que deveriam permanecer em segredo, eram obra do inimigo, ou seja, de agentes alemães disfarçados.

4- A DIFUSÃO DO TERROR

Este é o momento, creio, de eu esclarecer um aspecto. Comecei esta história com algumas referências a um extraordinário acidente com um aviador cujo aparelho caiu ao solo após colidir com um enorme bando de pombos; e em seguida a uma explosão numa fábrica de munição no norte, uma explosão, como observei, de um tipo bastante singular. Depois abandonei as cercanias de Londres e do distrito do norte, e me detive numa misteriosa e terrível série de eventos ocorridos no verão de 1915 num condado galés, ao qual chamei, por conveniência, Meirion.

Bem, entenda-se de vez que todos esses detalhes que forneci acerca das ocorrências no condado de Meirion não indicam que o condado, situado no extremo oeste, fosse o único ou especialmente afligido pelo terror que se abatera sobre o país. Fui informado de que, nos vilarejos em redor de Dartmoor, os corajosos ânimos de Devonshire sucumbiram tal como os ânimos dos homens costumavam sucumbir em tempos de epidemia e pestilência. Havia também horror em redor de Norfolk Broads, e mais acima, perto de Perth, ninguém se aventurava no caminho que leva por Scone aos cumes cobertos de florestas de Tay. E, nos distritos industriais, um dia encontrei por acaso um homem, numa esquina de Londres, que falou com horror sobre o que um amigo lhe contara.

— Não me pergunte nada, Ned — disse-me ele —, mas te conto que noutro dia eu tava em Bairnigan e encontrei um sujeito que tinha visto três caixões saindo de uma fábrica não muito longe de lá.

E depois o navio que flutuava a uma certa distância da foz do Tâmisa com

todas as velas içadas bordejou de um lado para outro ao sabor do vento e jamais respondeu a qualquer chamado nem exibiu qualquer luz! As fortalezas se chocaram contra ele e derrubaram um dos mastros, mas de súbito ele girou à força de uma mudança de vento, à mercê do qual uma vela ainda estava, em seguida virou em roda pelo canal e por fim se dirigiu para os bancos de areia e os pinheirais de Arcachon, sem um só homem vivo a bordo, apenas montes de ossos que se sacudiam ruidosamente! A última viagem do Semiramis era uma história horrível que merecia ser contada, mas a ouvi apenas por acaso, como uma espécie de lorota, e só acreditei nela porque se ajustava a outras coisas das quais eu tinha certeza.

Esta, pois, é a questão. Escrevi sobre o terror tal como ele se abateu sobre Meirion apenas porque tive a oportunidade de chegar perto do que de fato aconteceu. Quanto aos outros locais, obtive informações de terceira, quarta ou quinta mão. Nos arredores de Porth e Merthyr Tegveth, porém, conversei com pessoas que viram as pegadas do terror com seus próprios olhos.

Bem, eu disse que as pessoas desse distante condado ocidental se deram conta não só de que a morte se espalhava por todas as suas tranquilas veredas e sobre suas colinas serenas mas também de que, por algum motivo, tinha de ser mantida em segredo. Os jornais não publicavam qualquer notícia a respeito, os próprios jurados encarregados de investigá-la não estavam autorizados a realizar qualquer investigação. Desse modo, concluiu-se que este véu de segredo devia estar, de algum modo, relacionado à guerra; e, a partir dessa posição, não se estava muito longe de fazer mais uma inferência: a de que os assassinos de homens e mulheres inocentes eram alemães ou agentes da Alemanha. Era típico dos alemães, todos concordavam, cogitar tal plano diabólico; e eles sempre cogitaram planos com antecipação. Esperavam tomar Paris em poucas semanas, mas, quando foram derrotados no Marne, já estavam preparados para abrir trincheiras no Aisne: tudo havia sido pensado anos antes da guerra. E portanto, sem dúvida, conceberam esse terrível plano contra a Inglaterra, para o caso de não conseguirem derrotar os ingleses em combates abertos: havia pessoas preparadas, muito provavelmente em todo o país, dispostas a matar e destruir em toda parte assim que recebessem a notícia. Dessa maneira os alemães tinham a intenção de semear o terror em todo o território inglês e encher nossos corações de pânico e desalento, na esperança de assim enfraquecer o inimigo no próprio país para que perdesse toda a disposição de lutar na guerra no exterior. Era a idéia do Zepelim, sob outra forma; cometiam essas atrocidades horríveis e

misteriosas pensando em nos apavorar até chegarmos à loucura completa.

Tudo parecia bastante plausível. A Alemanha havia, nessa época, perpetrado tantos horrores e havia se sobressaído de tal maneira em engenhosidades diabólicas que nenhuma abominação parecia demasiado abominável para ser provável, ou demasiado perversa para estar além da desonesta malignidade dos alemães. Mas, então, surgiram as questões de quem seriam os agentes desse terrível plano, de onde teriam vindo, de como conseguiriam se movimentar despercebidos de um campo para outro, de uma vereda para outra.

Fizeram-se tentativas de todos os tipos para esclarecer essas questões, mas pressentia-se que permaneciam não esclarecidas. Alguns sugeriram que os assassinos chegaram de submarino, ou voaram de esconderijos na costa oeste da Irlanda, chegando e partindo à noite. Havia, porém, impossibilidades flagrantes nessas duas sugestões. Todos concordavam que os atos malignos eram, sem dúvida, obra da Alemanha, mas ninguém era capaz de ter uma idéia de como foram perpetrados. Alguém no clube perguntou a Remnant qual era sua teoria.

— A minha teoria — disse essa pessoa sincera — é que o progresso humano é apenas uma longa marcha de uma coisa inconcebível a outra. Veja, por exemplo, aquele nosso avião que sobrevoou Porth ontem: dez anos atrás, esta seria uma visão inconcebível. Tome, como exemplo, a máquina a vapor, a impressão, a teoria da gravidade: eram todas inconcebíveis até que alguém pensou nelas. De modo que é, sem dúvida, dessa trapaçaria infernal que estamos falando: os alemães a encontraram, e nós não; aí é que está. Não conseguimos conceber como as pobres dessas pessoas foram assassinadas, porque para nós o método é inconcebível.

O clube ouviu este elevado argumento com uma certa estupefação. Depois que Remnant se retirou, um membro disse:

— Eis um homem extraordinário.

— Sim — retrucou o dr. Lewis. — Perguntaram-lhe se ele sabia de alguma coisa. E a resposta dele de fato se resumiu a: — Não, não sei. Mas nunca ouvi isso ser tão bem colocado.

Foi, creio, por volta dessa época, quando as pessoas quebravam a cabeça para divisar os métodos secretos usados pelos alemães, ou por seus agentes, para cometer seus crimes, que uma circunstância bastante singular se tornou conhecida de algumas pessoas de Porth. Relacionava-se ao assassínio da família

Williams na Estrada Mestra, em frente da porta do chalé. Não sei se deixei claro que a estradinha velha, estreita e tortuosa chamada Estrada Mestra, segue o curso de uma longa colina íngreme que se estende reta para oeste até o ponto em que se inclina e desce na direção do mar. Nos dois lados da estrada, o terreno declina, ali adentro de um bosque denso e sombrio, acolá adentro de pastagens elevadas, de quando em quando adentro de um trigal, mas, na maioria das vezes, adentro de um terreno selvagem e irregular característico de Arfon. Os campos são extensos e estreitos, subindo a costa da colina íngreme; despencam repentinamente em depressões e cavidades, uma nascente se situa no centro de um deles e densos freixos e abrolhos a resguardam, sombreando-a; e embaixo deles o solo é forrado de canas e juncos. E em seguida podem surgir, nos dois lados desse campo, terrenos que reluzem com densos grupos de samambaias, desiguais com tojos e irregulares com matas de abranheiros, líquens verdes pendendo estranhamente dos ramos. São assim as terras nos dois lados da Estrada Mestra.

Agora, nos declives inferiores da Estrada Mestra, abaixo do chalé da família Williams, uns três ou quatro campos abaixo da colina, há um acampamento militar. O lugar tem sido usado como acampamento há muitos anos e, recentemente, expandiram-se as instalações e erigiram-se cabanas. Mas um grande número de homens se abrigava em barracas no verão de 1915.

Na noite do assassínio da Estrada Mestra, esse acampamento, como pareceu mais tarde, foi cenário do extraordinário pânico de cavalos.

Um bom número de homens no acampamento dormia nas barracas logo depois das 9h30, quando soou o último toque de recolher. Acordaram em pânico. Houve um som ribombante na encosta da colina acima deles, e na direção das barracas se precipitava uma meia dúzia de cavalos, tomados de pavor, atropelando as barracas, atropelando os homens, ferindo inúmeros deles e matando dois.

Tudo mergulhou numa confusão desenfreada, homens gemendo e gritando na escuridão, debatendo-se com a lona das barracas e as cordas torcidas, berrando alguns deles, homens bastante duros, que os alemães haviam desembarcado, outros limpando o sangue dos olhos, alguns, despertados de repente do sono, esmurrando uns aos outros, oficiais acorrendo e vociferando ordens para os sargentos, um grupo de soldados que acabavam de voltar ao acampamento, vindos do vilarejo, apavorados com o que mal conseguiam ver ou distinguir, com a impetuosidade da gritaria, do praguejamento e dos gemidos que não eram

capazes de compreender, tornando a fugir do acampamento e correndo de volta para o vilarejo para salvar suas vidas: tudo na mais louca confusão de uma desordem desvairada.

Alguns dos homens viram os cavalos galopando colina abaixo como se o próprio terror os conduzisse. Dispersaram-se nas trevas e de um modo ou de outro encontraram o caminho de volta na noite ao pasto acima do acampamento. Lá estavam pastando serenamente de manhã, e o único sinal do pânico da noite anterior era a lama que lhes cobrira o corpo ao correrem por um terreno encharcado. O lavrador disse que eles formavam um bando tão tranquilo quanto qualquer outro em Meirion. Não era capaz de compreender o ocorrido.

— Pra falar a verdade — disse —, acho que devem ter visto o diabo em pessoa, pra se assustarem desse jeito: salve-se quem puder!

Agora, tudo isso foi mantido em segredo na época em que aconteceu. Chegou ao conhecimento dos homens do Porth Club nos dias em que estavam discutindo a difícil questão das atrocidades alemãs, como passaram a chamar os assassínios. E essa debandada dos cavalos da fazenda foi vista por alguns como o indício do extraordinário e inaudito caráter da temível agência que estava atuando. Um dos membros do clube soubera, através de um oficial que estava no acampamento na hora do pânico, que os cavalos que se lançaram na fuga desordenada se achavam numa perfeita fúria de pavor, que ele jamais vira cavalos em tal estado, e, portanto, havia uma interminável especulação quanto à natureza da visão ou do som que levara meia dúzia de animais tranquilos a uma loucura desenfreada.

Então, enquanto prosseguiam essas discussões, dois ou três outros incidentes, também estranhos e incompreensíveis, tornaram- se conhecidos, aventados em casuais boatos que chegavam aos vilarejos originados de fazendas em terras distantes, ou que foram espalhados por moradores do campo que perambulavam em Porth no dia de feira com uma ou duas galinhas e ovos e plantas; fragmentos de conversa ouvidos por empregados de gente do campo e repetidos para as patroas. E isso se tornou público de tal maneira que no norte, em Pias Newydd, houve um caso espantoso em torno de um enxame de abelhas. Elas se tornaram tão enfurecidas quanto vespas, e mais ferozes ainda. Investiram feito nuvem contra pessoas que enfrentaram o enxame. Pousaram no rosto de um homem de tal modo que não se distinguia entre a carne e as abelhas que se aglomeravam sobre ele, e o ferroaram tão gravemente que o médico não sabia ao certo se ele ficaria curado; e perseguiram uma garota que aparecera para ver o enxame, e

nela pousaram e a ferroaram até matá-la. Depois debandaram para um matagal abaixo da fazenda e lá se alojaram numa árvore oca, e não era seguro chegar perto, porque saíam e atacavam quem o fizesse, dia e noite.

A mesmíssima coisa aconteceu, ao que parece, em outras três ou quatro fazendas e chalés onde se criavam abelhas. E houve histórias, de modo algum tão óbvias ou tão verossímeis, de cães pastores, animais afáveis e fiéis, que se tornaram tão ferozes quanto lobos e feriram os rapazes da fazenda de uma maneira horrenda — num caso, conta-se, com consequências fatais. Era, sem dúvida, verdadeiro que o velho e predileto galo brahma-dorking da sra. Owen havia enlouquecido. Ela chegou ao Porth Club, um sábado de manhã, com o rosto e o pescoço enfaixados e emplastrados. Tinha ido ao terreiro alimentar as aves domésticas na noite anterior e o galo voou sobre ela e a atacou ferozmente, infligindo graves ferimentos antes que ela conseguisse fugir.

— Eu tinha uma vara a mão, pra minha sorte — explicou —, e bati e bati nele até ele parar de respirar. Mas o que é que tá acontecendo com este mundo?

Agora, Remnant, o homem das teorias, era também um homem de ociosidade extrema. Julgava-se que ele tivera êxito em acumular grandes recursos quando ainda bastante jovem, e, depois de experimentar os sabores da lei, por assim dizer, por uma meia dúzia de períodos na diretoria do Middle Temple, ele concluiu que seria insensato se ocupar com a aprovação de exames para uma profissão que ele não tinha a menor intenção de praticar. De modo que se fez de surdo para o chamado de "Manjar" que ecoava no Tribunal de Temple e se pôs a vaguear agradavelmente pelo mundo. Tinha percorrido toda a Europa, tinha dado uma olhada na África e tinha até mesmo espiado pela porta do Oriente, numa viagem que incluíra as ilhas da Grécia e Constantinopla. Agora que estava chegando ao meado da casa dos cinquenta anos, estabeleceu-se em Porth, a bem, como ele disse, da corrente do Golfo e das sebes de fúcsia, e passava o tempo com os livros, as teorias e os mexericos do local. Não era mais bruto do que o público em geral, que se deleita com detalhes de crimes misteriosos. Mas devo dizer que o terror, embora tétrico, para ele era uma dádiva. Ele examinava, investigava e bisbilhotava com a satisfação de um homem a cuja vida um novo gosto fora acrescentado. Escutava com atenção as estranhas histórias de abelhas, cães e aves domésticas que chegavam do campo a Porth junto com as cestas de manteiga, coelhos e ervilhas. E por fim elaborou uma extraordinária teoria.

Tomado por essa descoberta, como a considerava, foi uma noite visitar o dr.

Lewis para apresentar seu ponto de vista sobre o assunto.

— Gostaria de conversar com você — disse Remnant para o médico — sobre o que chamei, provisoriamente, raio Z.

5- O INCIDENTE DA ÁRVORE DESCONHECIDA

O dr. Lewis, sorrindo com indulgência, e bem preparado para uma prodigiosa teorização, conduziu Remnant até uma sala que dava vista para o jardim construído em terraços e para o mar.

A casa do médico, embora a apenas uma caminhada de dez minutos do centro da cidade, parecia ficar afastada de todas as outras habitações. O caminho que levava até ela, a partir da estrada, subia por entre um profundo arvoredo e um denso matagal, árvores se erguiam nos dois lados da casa, mesclando-se com os bosquetes adjacentes; abaixo, o jardim descia, terraço após terraço verdejante, até uma vegetação silvestre, uma vereda tortuosa entre rochas avermelhadas e, por fim, até a areia amarelada de uma pequena angra. A sala, à qual o médico levara Remnant, dava para esses terraços, para o mar e, além, para os limites indistintos da baía. Havia janelas de batente, que estavam escancaradas, e os dois homens se sentaram à luz suave do lampião — era antes dos severos regulamentos de iluminação no extremo oeste — e se deleitaram com os doces odores e a doce vista do anoitecer de verão. Depois Remnant começou:

— Suponho, Lewis, que ouviu essas histórias extraordinárias de abelhas e cães e coisas que têm ocorrido por aí recentemente.

— Claro que as ouvi. Fui chamado a Pias Newydd, para tratar do Thomas Trevor, que, aliás, já está fora perigo. Fiz o atestado da pobre menina, Mary Trevor. Ela estava agonizando quando cheguei ao local. Não há dúvida de que foi ferroada mortalmente por abelhas, e acredito que houve outros casos bastante semelhantes em Llantarnam e Morwen. Nenhum fatal, creio. O que é que há acerca dessas histórias?

— Bom, há também as histórias de velhos cães pastores de bom gênio que se tornam maus e "atacam ferozmente" crianças, não é?

— Sim. Não testemunhei nenhum desses casos profissionalmente, mas acredito que as histórias são bastante precisas.

— E a velha que foi atacada pelo galo?

— Absolutamente verdadeiro. A filha dela tratou o rosto e o pescoço com medicamento caseiro e depois me procurou. Os ferimentos pareciam estar se curando, daí que eu lhe disse que continuasse com o tratamento, fosse lá o que fosse.

— Muito bem — disse o sr. Remnant. Falava agora com uma ênfase impressionante. — Não percebe a ligação entre tudo isso e as coisas horríveis que têm acontecido por aqui neste último mês?

Lewis olhou para Remnant com espanto. Ergueu as sobrancelhas ruivas e as abaixou numa espécie de carranca. Sua fala revelava vestígios do sotaque nativo.

— Magnífico! — exclamou. — Mas onde é que você quer chegar agora? Isso é maluquice. Está querendo me dizer que acha que há alguma ligação entre um ou dois enxames de abelhas c]ue foram graves, um cão raivoso e um velho galo de fazenda malvado e aqueles pobres coitados que foram atirados penhasco abaixo e golpeados até a morte na estrada? Isso não faz sentido, como você sabe.

— Estou propenso a acreditar que isso faz muito sentido —retrucou Remnant, com extraordinária serenidade. — Olhe aqui, Lewis, vi você dando um sorriso bem largo outro dia no clube quando eu estava dizendo para os colegas que, na minha opinião, todas essas atrocidades tinham sido cometidas, com certeza, pelos alemães, mas com um método do qual não temos idéia. Mas o que eu quis dizer, quando falei acerca das coisas inconcebíveis, foi exatamente o seguinte: que a família Williams e os demais foram assassinados de uma forma que não é, de modo algum, uma suposição, não na nossa suposição, seja como for, uma forma que não consideramos, não pensamos nem sequer por um instante. Percebe onde quero chegar?

— Bom, de certa maneira. Você quer dizer que há uma originalidade absoluta no método? Creio que seja isso. Mas, e daí?

Remnant pareceu titubear, em parte devido a uma sensação da natureza pressagiosa do que tinha a dizer, em parte devido a uma espécie de relutância em revelar um segredo tão profundo.

— Bem — disse —, você haverá de reconhecer que dois conjuntos de fenômenos de um tipo muito especial ocorreram ao mesmo tempo. Não acha que é sensato ligar os dois conjuntos um com o outro?

— Então o filósofo do campanário de Tenterden e o de Goodwin Sands pensaram: com certeza? Lewis respondeu. — Mas qual é a ligação? Os coitados da Estrada Mestra não foram picados por abelhas ou atormentados por um cão. E cavalos não atiram pessoas de cima de um penhasco nem as afogam em pântanos.

— Não. Eu jamais quis sugerir nada assim tão absurdo. Para mim está claro que, em todos esses casos de animais que de repente se tornaram selvagens, a causa foi o terror, o pânico, o medo. Os cavalos que desembestaram pelo acampamento adentro estavam apavorados de medo, sabemos disso. E eu digo que, nos outros exemplos sobre os quais conversamos, a causa foi a mesma. As criaturas estiveram expostas a um contágio de medo, e um animal apavorado, ou uma ave ou um inseto, usa as armas de que dispõe, sejam elas quais forem. Se, por exemplo, tivesse tido alguém com aqueles cavalos no momento em que entraram em pânico, eles o teriam escoiceado.

— Sim, acho provável que assim seria. E daí?

— Bom, na minha opinião, os alemães fizeram uma descoberta extraordinária. Eu a chamo raio Z. Você sabe que o éter é simplesmente uma hipótese. Temos de supor que ele existe para explicar a passagem da corrente de Marconi de um local para outro. Agora, suponha que exista um éter psíquico, além de um éter material, suponha que seja possível conduzir impulsos irresistíveis através desse meio, suponha que esses impulsos estejam voltados para o homicídio ou o suicídio. Então creio que você terá uma explicação para a terrível série de incidentes que têm ocorrido nas últimas semanas. E a meu ver está bastante claro que os cavalos e as outras criaturas estiveram expostos a esse raio Z, e que este produziu neles o efeito do terror, sendo a ferocidade o resultado do terror. Então, o que me diz quanto a isso? A telepatia, como você sabe, está bem estabelecida. A sugestão hipnótica também. Basta consultar a Enciclopédia Britânica para constatar isso, e a sugestão é tão forte em alguns casos a ponto de ser um imperativo irresistível. Agora, não acha que, pondo a telepatia e a sugestão hipnótica juntas, por assim dizer, a gente obtém mais do que os elementos do que eu chamo raio Z? Acredito, cá comigo, que tenho mais a aprender para elaborar a minha hipótese do que o inventor da máquina a vapor teve para elaborar a hipótese dele quando viu a tampa da chaleira subir e descer.

O que é que me diz?

O dr. Lewis não respondeu. Estava observando o crescimento de uma nova e desconhecida árvore no jardim.

O médico não respondeu à pergunta de Remnant. Em primeiro lugar, Remnant esbanjara eloquência — condensara rigorosamente a história — e Lewis se cansara do som de sua voz. Em segundo lugar, julgou a teoria do raio Z um tanto extravagante demais para ser tolerável, desarrazoada o bastante para esgotar a paciência. E depois, à medida que a argumentação prosseguia, Lewis se deu conta de que havia algo estranho naquela noite.

Era uma escura noite de verão. A Lua estava velha e débil sobre o Dragon's Head do outro lado da baía, e o ar estava parado. Estava tão parado que Lewis percebeu que nem uma folha sequer tremulava na extremidade de uma árvore alta que se erguia contra o céu. E, no entanto, estava consciente de que ouvia um som que não era capaz de precisar ou definir. Não era o vento nas folhas, não era o suave embate das águas do mar contra as pedras. Esse som ele era capaz de distinguir perfeitamente. Mas havia algo mais. Quase que não era um som. Era como se o próprio ar vibrasse e flutuasse, assim como vibra o ar numa igreja quando se abrem os enormes tubos do órgão de pedal.

O médico escutou com atenção. Não era uma ilusão, o som não saía de sua própria cabeça, como por um momento suspeitara. Mas não conseguia perceber de onde vinha ou o que era. Fitou noite adentro acima dos terraços do jardim, agora doce com o perfume das flores da noite. Tentou enxergar por sobre a copa das árvores o mar distante na direção de Dragon's Head. Ocorreu-lhe de súbito que essa estranha vibração adejante do ar poderia ser o barulho de um avião ou dirigível distante. Não havia o zumbido habitual, porém esse som poderia ser causado por um novo tipo de motor. Um novo tipo de motor? Provavelmente era um avião inimigo. O raio de ação das aeronaves inimigas, dizia-se, estava se ampliando. E Lewis estava para chamar a atenção de Remnant para o som, para a possível causa, e para o possível perigo que estaria pairando sobre eles, quando avistou algo que lhe tirou o fôlego e lhe fez o coração palpitar com um impetuoso assombro e um toque de terror.

Estava olhando para o alto, céu adentro, e, a ponto de falar com Remnant, baixou o olhar por um instante. Olhou para baixo na direção das árvores no jardim e viu, num total espanto, que a forma de uma delas havia se alterado nas poucas horas que se passaram desde o pôr-do-sol. Havia um denso azinhal no

limite do último terraço e, acima dele, elevava-se um alto pinheiro, espalhando a copa de galhos esparsos e escuros, negros contra o céu.

Quando olhou para os terraços embaixo, Lewis notou que o elevado pinheiro não estava mais lá. No lugar dele, erguia-se acima dos azinheiros o que devia ter sido um azinheiro ainda maior; havia a negrura de uma densa folhagem se erguendo acima das árvores menores como uma vasta e expansiva nuvem arredondada.

Ali estava, pois, uma visão inteiramente inacreditável, impossível. Não se sabe ao certo se o processo da mente humana, num caso como esse, foi alguma vez analisado e registrado.

Não se sabe ao certo se alguma vez poderá ser registrado. Nem será justo envolver nisso o matemático, uma vez que ele lida com a verdade absoluta (na medida em que o mortal pode conceber a verdade absoluta). Mas como se sentiria um matemático se de repente se visse confrontado com um triângulo de dois lados? Creio que ficaria imediatamente enfurecido. E Lewis, fitando com um olhar cada vez mais desvairado a treva e uma árvore em expansão que sua própria experiência lhe dizia que não estava lá, sentiu por um instante o choque que nos afrontaria quando nos déssemos conta ila antinomia entre Aquiles e a Tartaruga. O bom senso nos diz que Aquiles ultrapassará a Tartaruga quase que com a velocidade do relâmpago. A inflexível verdade dos matemáticos nos garante que, até que a Terra ferva e os Céus deixem de ser firmes, a Tartaruga deve ainda estar à frente. E, portanto, devemos, por uma generosidade em comum, enlouquecer. Não enlouquecemos, porque, por uma graça especial, certificamo-nos de que, no decisivo tribunal de apelação, toda ciência é uma mentira, mesmo a mais elevada de todas as ciências. De modo que simplesmente rimos de Aquiles e da Tartaruga, assim como rimos de Darwin, zombamos de Huxley e caçoamos de Herbert Spencer.

O dr. Lewis não riu. Lançou um olhar penetrante na obscuridade da noite, na enorme árvore que se expandia e que, ele sabia, não poderia estar lá. E, enquanto olhava atentamente, viu que o que antes parecia uma densa negrura de folhagem estava ornada com admiráveis luzes e cores em forma de estrelas.

Posteriormente ele me disse:

— Eu me lembro de ter pensado comigo mesmo: Olhe aqui, não estou delirando. A minha temperatura está perfeitamente normal. Não estou embriagado. Tomei apenas uma caneca de cerveja Graves durante o jantar, faz

três horas. Não comi nenhum cogumelo venenoso. Não tomei nenhum *Anhelonium Lewinii* experimentalmente. Então, o que é que há? O que está acontecendo?

O céu noturno estava carregado. Nuvens ocultavam a Lua pálida e as estrelas indistintas. Lewis se levantou, com uma espécie de gesto de alerta e restrição para Remnant, que, ele estava ciente disso, olhava-o com espanto. Caminhou até a janela de batente, avançou um passo até o caminho lá fora e olhou, com muita atenção, para a escura forma da árvore, para os terraços do jardim embaixo, para as ondas que quebravam nas pedras além. Obliterou a luz do lampião atrás de si pondo as mãos em cada lado dos olhos.

O vulto da árvore — a árvore que não poderia estar lá—erguia- se contra o céu, mas não claramente, agora que as nuvens tinham se acumulado. Suas bordas, os limites da folhagem, não eram tão precisas. Lewis pensou que podia detectar nela uma certa tremulação, embora o ar estivesse parado. Era uma noite em que se podia erguer um fósforo aceso e vê-lo queimar sem que houvesse qualquer tremor ou inclinação da chama.

— Você sabe — disse Lewis — que um pedaço de papel queimado às vezes se detém sobre os carvões antes de subir pela chaminé, e que pequenos vermes de fogo se projetam no ar. Foi assim, de uma certa distância. Só fragmentos e fiapos de luz amarela que eu vi, e partículas e centelhas de fogo, e depois um bruxuleio da cor de um rubi não maior do que uma ponta de alfinete, e um verde vagueando no negror, como se uma esmeralda estivesse engatinhando, e depois pequenas veias de um azul carregado. Puxa vida!, exclamei para mim em galés, o que são essas cores todas e essa queimação? E então, naquele mesmo instante, soou uma batida estrondosa na porta da sala e por ela entrou meu assistente, dizendo que precisavam de mim com urgência em Garth, porque o velho sr. Trevor Williams estava passando muito mal. Eu sabia que o coração dele estava bastante fraco, de modo que tive de partir sem demora e deixar Remnant encontrar sozinho uma solução para o que ocorria.

6- O RAIO Z DO SR. REMNANT

O dr. Lewis se deteve em Garth por um tempo relativamente longo. Passava da meia-noite quando voltou para casa. Dirigiu-se logo para a sala que sobranceava o jardim e o mar, escancarou a janela de batente e espiou na escuridão. Lá, bastante obscurecido contra o obscurecido céu, mas inequívoco, estava o alto pinheiro de galhos esparsos, elevando-se bem acima das densas copas dos azinheiros. Os estranhos ramos que lhe causaram assombro haviam desaparecido. Não havia agora qualquer manifestação de cores ou chamas.

Levou a cadeira até a janela aberta e se sentou, fitando e inspecionando a distância da noite, até que a claridade surgiu no mar e no céu e as formas das árvores no jardim foram se tornando nítidas e visíveis. Ele, por fim, se deitou na cama tomado de uma enorme perplexidade, ainda se fazendo perguntas para as quais não havia respostas.

O médico não contou para Remnant acerca da estranha árvore. Quando tornaram a se encontrar, Lewis disse que pensara que havia um homem escondido entre os arbustos — isso para explicar o gesto de alerta que fizera e o fato de ter saído para o jardim e fitado dentro da noite. Ocultou a verdade porque temia ouvir a doutrina de Remnant, que sem dúvida seria apresentada. Com efeito, esperava jamais tornar a ouvir a teoria do raio Z. Mas Remnant retomou com firmeza o assunto.

— Fomos interrompidos justamente na hora em que eu estava expondo meu argumento para você — disse. — E, para resumi-lo, é o seguinte: os alemães "deram um dos grandes saltos da ciência, listão enviando sugestões" (que equivalem a ordens irresistíveis) a esta região, e as pessoas atingidas são tomadas por uma mania suicida ou homicida. As pessoas que morreram ao caírem dos rochedos ou da pedreira provavelmente cometeram suicídio. O mesmo ocorreu com o homem e o rapaz que foram encontrados no pântano. Quanto ao caso da Estrada Mestra, você se lembra de que Thomas Evans disse que ele parou e conversou com o Williams na noite do assassínio. Na minha opinião, Evans foi o assassino. Ele se viu sob a influência do raio, transformou-se num maníaco homicida num instante, arrancou a pá da mão do Williams e o matou e os demais.

— Quem encontrou os corpos na estrada fui eu.

— É possível que o primeiro impacto do raio produza uma violenta excitação nervosa, que se manifestaria externamente. O Williams pode ter chamado a mulher para sair e ver o que estava acontecendo com o Evans. Os

filhos teriam naturalmente seguido a

mãe. Para mim me parece simples. E quanto aos animais, os cavalos, os cães e assim por diante, eles, como eu disse, estavam sem dúvida tomados de pânico por causa do raio, e, portanto, foram levados ao frenesi.

— Por que o Evans mataria o Williams em vez de o Williams matar o Evans? Por que o impacto do raio se faria sentir sobre um e não sobre o outro?

— Por que um homem reage violentamente a uma determinada droga, ao passo que ela não exerce qualquer efeito sobre um outro homem? Por que Fulano é capaz de beber uma garrafa de uísque e permanecer sóbrio, enquanto Beltrano se transforma numa espécie de louco depois de tomar três copos?

— E uma questão de idiossincrasia — o médico retrucou.

— E "idiossincrasia" o equivalente grego para "não sei"? — perguntou Remnant.

— De modo algum — respondeu Lewis, sorrindo afavelmente. — Quero dizer que, em alguma diátese, o uísque, já que você mencionou uísque, parece não ser patogênico, ou, de qualquer modo, não imediatamente patogênico. Em outros casos, como você observou com razão, parece haver uma acentuada caquexia associada à exposição da bebida alcoólica em questão, mesmo em doses relativamente pequenas.

Sob essa nuvem de verborragia profissional, Lewis escapou do clube e de Remnant. Não queria ouvir nada mais a respeito do terrível raio, porque estava certo de que o raio era puro contra- senso. Mas, perguntando-se porque se julgava tão convencido quanto ao assunto, teve de confessar que não sabia. Um avião, ponderou ele, era puro contra-senso antes de ter sido inventado; e ele se lembrava de, no início da década de 90, ter conversado com um amigo sobre os recém-descobertos raios X. O amigo riu de incredulidade, decerto não acreditou em nenhuma palavra, até que Lewis lhe disse que havia um artigo sobre o assunto no último número da Saturday Review. Ao que o incrédulo retrucou: "Ah, é mesmo? Ah, realmente. Entendo", e na mesma hora se converteu à fé do raio X. Lewis, recordando-se dessa conversa, admirou-se dos estranhos processos da mente humana, seu ilógico e contudo arrebatador ergos, e se perguntou se ele mesmo não estaria aguardando um artigo sobre o raio Z na Saturday Review para se tornar num devoto crente da doutrina de Remnant.

Mas perguntou a si mesmo com um fervor ainda maior quanto à

extraordinária coisa que vira em seu próprio jardim com seus próprios olhos. A árvore, cuja forma mudara por uma ou duas horas íi noite, o crescimento de estranhos ramos, a aparição de fogos secretos entre eles, o fulgor de luzes de esmeralda e rubi: como não sentir temor com grande assombro diante do pensamento de uni tal mistério?

Os pensamentos do dr. Lewis foram desviados da inacreditável aventura pela visita da irmã e do marido desta. O sr. e a sra. Merritt moravam numa conhecida cidade industrial do centro da Inglaterra, que era agora, claro, um centro de fabricação de munições. No dia em que chegaram a Porth, a sra. Merritt, cansada da longa viagem num clima quente, recolheu-se cedo, e Merritt e Lewis foram para a sala pegada ao jardim para conversar e fumar. Falaram do ano que se passara desde que se encontraram pela última vez, da guerra que se arrastava exaustivamente, dos amigos que morreram em consequência dela, da desesperança de que todo esse sofrimento logo terminasse. Lewis nada disse acerca do terror que assolava a região. Não se deve receber com uma história de horror um homem cansado, que chega a um lugar tranquilo e ensolarado para se aliviar da fumaça negra, do trabalho e da preocupação. De fato, o médico notou que o cunhado não parecia bem de modo algum. Parecia "nervoso". Havia na boca um ocasional espasmo do qual Lewis não gostou nem um pouco.

— Bem — disse o médico, depois de um intervalo de silêncio e vinho do Porto. — Estou contente de vê-lo aqui de novo. Porth sempre é bom para você. Não acho que esteja com a melhor das aparências. Mas três semanas do ar de Meirion lhe farão maravilhas.

— Bom, espero que sim — respondeu o outro. — Eu não estou lá muito bem. As coisas não estão correndo bem em Midlingham.

— O negócio vai bem, não?

— Sim. O negócio vai bem. Mas há outras coisas que só dão citadas. Estamos vivendo sob um reino de terror. Chega a este ponto.

— Mas o que é que você quer dizer com isso?

— Bom, acho que para você eu posso contar, sei disso. Não é muita coisa. Achei que era melhor nem escrever. Mas você sabe que em toda fábrica de munições, em Midlingham, e nas cercanias de todas elas, há uma guarda de soldados com baionetas e rifles carregados dia e noite? Homens com bombas também. E metralhadoras nas fábricas maiores.

— Espiões alemães?

— Lewis, ninguém usa armas para lutar contra espiões. Nem bombas. Nem um pelotão de homens. Acordei ontem de noite. Era a metralhadora na fábrica de veículos militares de Benington. Disparando como fúria. E depois bangue! Bangue! Eram as granadas.

— Mas contra o quê?

— Ninguém sabe.

— Ninguém sabe o que está acontecendo — Merritt repetiu, e prosseguiu descrevendo a perplexidade e o terror que pairavam como nuvens sobre a grande cidade industrial no centro da Inglaterra, de que modo o sentimento de encobrimento, de algum intolerável perigo secreto que não deveria ser nomeado, era o que havia de pior. — Um sujeito jovem que conheço — disse ele — tinha recebido uma breve dispensa da frente de combate e passou o período de licença com os familiares em Belmont, que fica a uns seis quilômetros de Midlingham, como você sabe. Ele me disse: "Graças a Deus que estou voltando amanhã. É tolice dizer que as linhas de entrincheiramento de Wipers são agradáveis, porque não são. Mas é uma vista melhor do que esta aqui. Na frente de batalha pelo menos você sabe contra o quê está lutando". Em Midlingham todo o mundo tem a sensação de que está contra uma coisa horrível mas não sabe o que é. E isso que faz as pessoas se disporem ao boato. Há terror no ar.

Merritt traçou uma espécie de retrato da grande cidade se encolhendo de medo de um perigo desconhecido.

—As pessoas têm medo de sair sozinhas à noite nos arredores. Reúnem-se em grupos nas estações para ir para casa juntas, se já está escuro ou se há trechos desolados no caminho.

— Mas por quê? Não entendo. Do que é que têm medo?

— Bom, eu lhe contei que acordei uma noite com os disparos das metralhadoras na fábrica de veículos militares, e com as bombas

explodindo e fazendo um barulho terrível. Esse tipo de coisa assusta a gente, você sabe. E uma coisa natural.

— De fato, deve ser assustador. Você quer dizer então que há uma atmosfera de nervosismo geral, uma vaga espécie de apreensão que leva as pessoas a se juntarem?

— Tem isso, e tem mais. Tem gente que partiu e nunca mais voltou. No trem para Holme havia dois homens, discutindo qual era a maneira mais rápida de chegarem a Northend, um lugar afastado de Holme onde os dois moravam. Discutiram o trajeto todo desde que saíram de Midlingham, um afirmando que a estrada principal era o caminho mais rápido, apesar de ser o mais longo, Ele falou: "É o mais rápido de ir porque é o mais desimpedido". O outro sujeito era a favor de um atalho pelos campos, junto do canal. "É a metade da distância", explicou. "Sim, se não se perder", o outro retrucou. Bom, parece que deixaram a questão como estava, e cada um ia tentar seguir seu próprio caminho quando descessem ilo trem. Combinaram de se encontrar no Waggon, em Northend. "Vou chegar no Waggon primeiro", disse o homem que era a favor do atalho, e com essa decisão saltou a cerca e seguiu pelo campo adentro. Não era muito tarde para estar escuro, e muita gente achou que ele iria ganhar a aposta. Mas ele jamais apareceu no Waggon, ou em qualquer outra parte.

— O que aconteceu com ele?

— Foi encontrado estirado no meio de um campo, a pouca distância do caminho. Estava morto. Os médicos disseram que foi asfixiado. Ninguém sabe como. Depois houve outros casos. Correm boatos sobre eles em Midlingham, mas temos medo de falar abertamente.

Lewis estava ruminando tudo isso profundamente. Terror em Meirion e terror longe dali, no coração da Inglaterra. Mas em Midlingham, tanto quanto entendia dessas histórias de soldados de guarda, de disparos de metralhadoras, era um caso de ataque organizado contra o municionamento do exército. Sentiu que não linha conhecimento suficiente para justificar a conclusão de que o terror de Meirion e o de Stratfordshire eram o mesmo.

Então Merritt prosseguiu:

— Corre uma história bizarra, quer dizer, quando as portas estão fechadas e as cortinas estão cerradas, que se refere a um lugar remoto do campo, do outro lado de Midlingham, no lado oposto a Dunwich. Foi lá que construíram uma nova fábrica, uma enorme cidade de barracos de tijolos vermelhos, segundo me disseram, com uma chaminé gigantesca. Foi concluída há não mais do que um mês ou seis semanas. Assentaram-na bem no meio dos campos, ao lado da ferrovia, e estão construindo cabanas para os operários o mais depressa que podem, mas até o presente os homens estão alojados em toda parte, acima e abaixo da ferrovia. A cerca de uns duzentos metros desse lugar, há uma velha

trilha, que leva da estação e da estrada principal até um pequeno povoado na encosta da colina. Parte dessa trilha segue através de um bosque um tanto extenso, a maior parte dele coberta de uma vegetação rasteira densa. Acho que deve haver vinte acres de bosque, mais ou menos. Acontece que usei esse atalho uma vez há muito tempo, e posso dizer que de noite é escuro como breu. Um homem precisou tomar essa trilha uma noite. Seguiu sem problemas até chegar ao bosque. E então ele contou que o coração lhe saltou pela boca. Era horrível ouvir os ruídos desse bosque. Milhares de homens estavam lá, isso ele jura. Estava repleto de farfalhos, de pisadas de pés que tentavam prosseguir mansamente, de galhos secos no chão que estalavam quando alguém pisava neles, silvos na relva e uma espécie de tagarelice contínua, que soava, assim ele contou, como se os mortos estivessem sentados sobre os próprios ossos e conversassem! Ele correu dali o mais depressa possível, de qualquer modo, através dos campos, saltando sebes, atravessando riachos. Deve ter corrido, segundo o que ele contou, uns quinze quilômetros fora do caminho dele antes de chegar à casa de encontro à mulher, e bateu à porta, entrou disparado, fechou a porta atrás de si e a trancou.

— Há algo bastante assustador em qualquer bosque à noite — disse o dr. Lewis.

Merritt encolheu os ombros.

— Dizem que os alemães desembarcaram, e que estão se escondendo em lugares subterrâneos em todo o país.

7- O CASO DOS ALEMÃES ESCONDIDOS

Lewis ofegou por um momento, meditando em silêncio sobre a grandiosidade do rumor. Os alemães já desembarcaram, escondendo- se em subterrâneos, atacando à noite, secretamente, terrivelmente, o poder da Inglaterra! Ali estava uma concepção que tornava o mito dos "russos" uma fábula insignificante, diante da qual a "lenda de Mons" era algo ineficaz.

Era monstruoso. E no entanto...

Olhou fixamente para Merritt. Um homem sólido, de cabeça angulosa, cabelo preto. Mostrava sintomas nervosos no momento, sem dúvida, mas isso não era de estranhar, se as histórias que contou eram verdadeiras, ou se simplesmente acreditava que fossem verdadeiras. Lewis conhecia o cunhado havia vinte anos ou mais, e sempre o considerara um homem seguro em seu próprio pequeno mundo. "Mas depois", disse o médico para si mesmo, "esse tipo de homem, se alguma vez sai do círculo deste pequeno mundo, acaba por se perder. Este é o lipo de homem que acredita na Madame Blavatsky."

— Bom — disse ele —, o que é que você pessoalmente pensa? ()s alemães desembarcaram e estão escondidos em algum lugar do país: há uma certa extravagância nessa idéia, não?

— Não sei o que pensar. Não há como entender os fatos. Há os soldados com os rifles e as armas deles nas fábricas por todo o Stratfordshire, e essas armas são disparadas. Eu contei para você que as ouvi. Então quem os soldados estão alvejando? E isso o que todos nós de Midlingham nos perguntamos.

— De acordo. Entendo perfeitamente. É uma situação extraordinária.

— É mais do que extraordinária. E uma situação medonha. E o terror nas trevas, e não há nada pior do que isso. Como disse aquele sujeito jovem de quem lhe falei: "Na frente de batalha pelo menos você sabe contra o quê está lutando".

— E as pessoas realmente acreditam que um grande número de alemães de algum modo chegou à Inglaterra e se escondeu em subterrâneos?

— As pessoas dizem que eles possuem um novo tipo de gás tóxico. Algumas acham que eles cavaram lugares subterrâneos e lá fabricam o gás, que conduzem por canos secretos para o interior dos armazéns. Outras dizem que eles lançam bombas de gás contra as fábricas. Deve ser algo pior do que qualquer coisa que usaram na França, a julgar pelo que as autoridades falam.

— As autoridades? Então elas admitem que os alemães estão se escondendo em Midlingham?

— Não. Elas chamam isso "explosões". Mas nós sabemos que não se trata de explosões. Em Midlingham, sabemos como explosões soam e como se parecem. E sabemos que as pessoas mortas nessas "explosões" são colocadas em caixões nas fábricas. Nem mesmo os familiares têm permissão para vê-las.

— Então você acredita na teoria dos alemães?

— Se acredito é porque a gente tem de acreditar em alguma coisa. Alguns dizem ter visto o gás. Soube de um homem que mora em Dunwich que o viu uma noite como uma nuvem negra com centelhas de fogo, flutuando acima das copas das árvores do parque de Dunwich.

A luz de um pasmo inefável brilhou nos olhos de Lewis. A noite da visita de Remnant, a vibração trêmula do ar, a árvore escura que crescera no jardim depois do crepúsculo, a estranha folhagem que ardera com estrelas, com fogos de esmeralda e rubi, e tudo esvaneceu quando ele retornou da visita a Garth. E essa folhagem reaparecera como uma nuvem ardente no coração da Inglaterra: que insuportável mistério, que tremendo destino se expressavam por essa manifestação? Uma coisa, porém, era certa e clara: o terror de Meirion era também o terror dos condados centrais da Inglaterra.

Lewis decidiu com bastante firmeza que, se possível, tudo isso não seria revelado ao cunhado. Merritt viera para Porth vendo na cidade um refúgio dos horrores de Midlingham. Se Lewis conseguisse, deveria ser poupado do conhecimento de que a nuvem de terror desaparecera diante dele e pairara negra sobre as terras ocidentais. Lewis passou o vinho do Porto e disse com uma voz serena:

— Muito estranho mesmo. Uma nuvem negra com centelhas de fogo?

— Não posso responder por isso, entenda. E apenas um boato.

— É como você diz. E você pensa, ou tende a pensar, que isso c todo o resto que lhe contaram deve ser atribuído aos alemães escondidos?

— Como eu disse, porque a gente tem de pensar em alguma coisa.

— Entendo perfeitamente seu ponto de vista. Sem dúvida, se for verdade, é o golpe mais terrível jamais desferido contra qualquer país em toda a história da humanidade. O inimigo estabelecido em nossos órgãos vitais! Mas será possível, no final das contas? Como isso terá sido planejado?

Merritt contou para Lewis como isso foi planejado, ou melhor, como as pessoas diziam que tinha sido planejado. A idéia, disse ele, era que aquela era uma parte, e a parte mais importante, da grande trama alemã para destruir a Inglaterra e o Império Britânico.

O plano fora preparado havia anos, alguns achavam que logo após a Guerra Franco-Prussiana. Moltke percebera que a invasão da Inglaterra (no sentido comum do termo invasão) apresentava grandes obstáculos. O assunto fora objeto

de constantes debates nos altos círculos militares e políticos mais secretos, e a tendência geral das opiniões nessas esferas era que, na melhor das hipóteses, a invasão da Inglaterra envolveria a Alemanha nas mais graves dificuldades, e deixaria a França na posição do *tertius gaudeans*. Essa era a situação quando um alto representante prussiano foi procurado pelo professor sueco, Huvelius.

Esse o relato de Merritt, e aqui acrescento, entre parênteses, que Huvelius era, segundo todos dizem, um homem extraordinário. Considerado pessoalmente, e à parte seus escritos, parece ter sido um indivíduo bastante afável. Era mais fecundo do que a maioria dos suecos, decerto mais fecundo do que o professor universitário médio na Suécia. Mas sua sobrecasaca verde e surrada, seu chapéu de pele amassado eram famosos na cidade universitária onde ele morava. Ninguém o ridicularizava, porque era sabido que o professor Huvelius gastara cada centavo de seus recursos pessoais, e uma grande parcela de seu salário, em obras beneficentes e de caridade. Desenvolveu sua capacidade intelectual numa mansarda, disse alguém, para que outros tivessem condições de evoluir no primeiro andar. Comentava-se que ele se restringiu a uma dieta de pão seco e café durante um mês, a fim de que uma pobre mulher da rua, morrendo de tuberculose, pudesse desfrutar de luxo no hospital.

E esse era o homem que escreveu o tratado *De facinore humano*, para provar a infinita corrupção da raça humana.

Estranhamente, o professor Huvelius escreveu o livro mais cínico do mundo — Hobbes professa um sentimentalismo cor-de-rosa em comparação — com os motivos mais elevados. Sustentava que uma grande parte do sofrimento, da desventura e da tristeza da humanidade se devia à falsa convenção de que o coração do homem é natural e essencialmente bem-intencionado e bondoso, se não exatamente justo. "Assassinos, ladrões, homicidas, violadores e toda a hoste dos abomináveis", afirma ele num trecho, "são criados pela falsa presunção e pela tola crença da virtude humana. Um leão numa jaula é um animal feroz, de fato; mas o que será ele se o declararmos um cordeiro e abrirmos as portas de seu covil? Quem será o culpado das mortes dos homens, das mulheres e crianças que ele sem dúvida devorará, a não ser aqueles que abriram a jaula?". E ele prossegue demonstrando que os reis e os governantes dos povos poderiam reduzir a soma do sofrimento humano em grande parte ao agirem segundo a doutrina da perversidade humana. "A guerra", afirma ele, "que é um dos piores males, continuará sempre a existir. Mas um rei sábio preferirá uma guerra breve a uma longa, um mal breve a um longo. E isso não devido à bondade de seu

coração para com os inimigos, pois vimos que o coração humano é naturalmente maligno, mas porque ele deseja conquistar, e conquistar facilmente, sem um grande desperdício de homens ou do tesouro, ciente de que, se conseguir realizar essa proeza, seu povo o amará e sua coroa estará assegurada. De modo que empreenderá breves guerras vitoriosas, e poupará não só sua própria nação como também a nação do inimigo, uma vez que numa guerra breve as perdas são menores em ambos os lados do que numa guerra longa. E assim do mal virá o bem."

E como, pergunta Huvelius, tais guerras serão empreendidas? Um príncipe sábio, responde ele, começará pressupondo que o inimigo é infinitamente corruptível e infinitamente estúpido, uma vez que a estupidez e a corrupção são as principais características do homem. Assim, o príncipe fará ele mesmo amigos nos próprios conselhos do inimigo, e também no populacho, subornando os ricos ao lhes oferecer a oportunidade de uma riqueza ainda maior, e persuadindo os pobres ao usar palavras infladas. "Pois, ao contrário da opinião comum, os ricos é que cobiçam a riqueza; enquanto o populacho será conquistado ao se falar com ele acerca da liberdade, de seu deus desconhecido. E tanto ele se encanta com as palavras liberdade, independência, e outras semelhantes, que o sábio pode ir até os pobres, roubar-lhes o pouco que possuem, rejeitá-los com um vigoroso pontapé e conquistar para sempre seus corações e seus votos, desde que lhes assegure de que o tratamento que receberam se chama liberdade."

Guiado por esses princípios, diz Huvelius, o príncipe sábio irá se entrincheirar no país que desejar conquistar; "mais ainda, com apenas um pequeno número de obstáculos, poderá de fato e literalmente lançar suas guarnições no coração do país inimigo antes de a guerra começar."

Este é um longo e tedioso parênteses. Mas é necessário como explanação da longa história que Merritt contou para o cunhado, lendo-a ele ouvido de um magnata dos condados centrais da Inglaterra que viajara pela Alemanha. E provável que a história lenha sido sugerida em primeiro lugar pela passagem de Huvelius que acabei de citar.

Merritt nada sabia do Huvelius real, que era tudo menos santo. Julgava o professor sueco um monstro de iniquidade, "pior", como ele disse, "do que Niich", referindo-se, sem dúvida, a Nietzsche.

Então ele contou a história de como Huvelius vendeu seu plano para os alemães.

Um plano para encher a Inglaterra de soldados alemães. Terras deveriam ser adquiridas em determinados lugares adequados e bem estudados. Ingleses deveriam ser comprados para se passarem por proprietários dessas terras. Escavações secretas deveriam ser feitas, até que o país estivesse literalmente solapado. Uma Alemanha subterrânea, de fato, deveria ser cavada debaixo de distritos selecionados da Inglaterra. Deveria haver enormes cavernas, cidades subterrâneas, bem drenadas, bem ventiladas, supridas com água, e nesses lugares vastos armazenamentos, tanto de alimentos quanto de munições, deveriam ser acumulados, ano após ano, até que chegasse "o dia". E então, alertada a tempo, a guarnição secreta deixaria as lojas, os hotéis, os escritórios, as vilas, e desapareceria nos subterrâneos, pronta para começar o trabalho de sangrar o coração da Inglaterra.

— Isso foi o que Henson me contou — disse Merritt, no fim da longa história. — Henson, diretor do Buckley Iron and Steel Sindicate. Ele esteve muitas vezes na Alemanha.

— Bem — disse Lewis —, claro, pode ser que seja assim. Se for, não há palavras que expressem o quanto isso é terrível.

De fato, ele encontrou algo horrivelmente plausível na história. Sem dúvida, tratava-se de um plano extraordinário; de uma trama inaudita; mas não parecia impossível. Era o Cavalo de Troia numa escala gigantesca. Com efeito, ele refletiu, a história do cavalo, em cujo interior se escondiam os soldados, que foi arrastado até o coração de Troia pelos próprios iludidos troianos, poderia ser tomado como uma profética parábola do que acontecera com a Inglaterra — se a teoria de Henson estivesse bem fundada. E essa teoria decerto estava em conformidade com o que se soubera das preparações dos alemães na Bélgica e na França: plataformas para armas prontas para o invasor, fábricas alemãs que eram na verdade fortalezas alemãs em solo belga, as cavernas no Aisne prontas para os canhões. Com efeito, Lewis achava que se lembrava de algo acerca de suspeitas quadras de tênis de concreto em elevações sobranceiras a Londres. Mas um exército alemão escondido sob o solo inglês! Era um pensamento de gelar a espinha.

E parecia, por aquele prodígio da árvore ardente, que o inimigo misteriosa e terrivelmente presente em Midlingham estava também presente em Meirion. Lewis, pensando no campo tal como o conhecia, nas encostas silvestres e desoladas, nos bosques profundos, nos ermos e nos lugares solitários, não podia senão reconhecer que não haveria região mais adequada para o fatal

empreendimento de homens secretos. Contudo, tornou a pensar, poucos danos poderiam ser feitos em Meirion aos exércitos da Inglaterra ou a suas provisões. Estariam trabalhando para produzir o terror e o pânico? Possivelmente sim. Mas, e o acampamento abaixo da Estrada Mestra? Aquele deveria ser seu primeiro alvo, e lá nenhum dano fora causado.

Lewis não sabia que, desde o pânico dos cavalos, homens tinham tido uma morte terrível no acampamento; que agora era um lugar fortificado, com uma profunda e ampla trincheira, cercado de um espesso emaranhado de selvagem arame farpado, e com uma metralhadora instalada em cada canto.

8- O QUE O SR. MERRITT DESCOBRIU

O sr. Merritt começou a recobrar bem a saúde e o ânimo. Nas duas primeiras manhãs da estada com o médico, contentou-se com uma espreguiçadeira muito confortável perto da casa, na qual se sentava à sombra de uma velha amoreira ao lado da mulher e observava a luminosa luz do sol nos gramados verdes, nas cristas cremosas das ondas, nos promontórios daquele litoral magnífico, purpúreo até mesmo à distância, com o majestoso fulgor do urzal, nas casas de fazenda brancas luzindo ao sol, sobranceando o mar, longe de qualquer agitação, de qualquer perturbação humana.

O sol estava quente, mas durante o tempo todo o vento soprava do leste suavemente, incessantemente, e Merritt, que viera a esta localidade tranquila não só por causa da aflição mas também por causa da atmosfera carregada e oleaginosa da cidade enfumaçada da região central da Inglaterra, disse que o vento do leste, puro, limpo e como água de poço da pedra, era para ele uma vida nova. I eve um excelente jantar no fim do primeiro dia em Porth e formou opiniões favoráveis. Quanto ao que tinham conversado na noite anterior, disse para Lewis, sem dúvida devia haver algum tipo de problema, e talvez problema sério. Entretanto, Kitchener logo resolveria tudo.

Desse modo, as coisas correram muito bem. Merritt começou a perambular pelo jardim, que era repleto de agradáveis espaços, bosquetes e surpresas inerentes

apenas a jardins do interior. À direita de um dos terraços, ele descobriu uma pérgula, ou uma casinha de veraneio, forrada de rosas brancas, e se sentiu tão satisfeito quanto se estivesse descoberto o pólo. Passou um dia inteiro lá, fumando, vagueando e lendo uma história sensacionalista sem valor literário, e declarou que as rosas de Devonshire haviam restaurado vários anos de sua vida. Depois, no outro lado do jardim, havia um aveleiral que ele não explorara em nenhuma das visitas anteriores. E, de novo, houve uma descoberta. Bem no fundo das sombras das aveleiras havia uma fonte borbulhante, brotando das pedras, e todos os tipos de folhagens, samambaias orvalhadas crescendo em torno e acima dela, e uma angélica nascendo ao lado. Merritt se ajoelhou, juntou as mãos em copa e bebeu da água da fonte. Disse (tomando o vinho do Porto) naquela noite que, se toda água fosse como a água da fonte do aveleiral, o mundo inteiro seria abstêmio. Só mesmo um citadino para apreciar os numerosos e delicados deleites do campo.

Apenas quando começou a se aventurar para lugares mais distantes, Merritt descobriu que faltava alguma coisa da velha e valiosa paz que reinava em Meirion. Tinha predileção por um passeio que nunca negligenciara, ano após ano. Esse passeio levava ao longo dos rochedos na direção de Meiros e de lá era possível fazer a volta para o interior e retornar a Porth por caminhos profundos e tortuosos que se estendiam sobre o Allt. De modo que Merritt partiu cedo numa manhã e caminhou até uma guarita de sentinela no sopé do caminho que conduzia ao rochedo. Havia uma sentinela andando de um lado para outro na frente da guarita que pediu a Merritt que mostrasse a autorização, ou então que voltasse para a estrada principal. Merritt ficou um tanto desconcertado, e perguntou para o médico acerca deste guarda em particular. O médico ficou surpreso.

— Eu não sabia que tinham posto uma barreira por lá — disse. — Suponho que seja prudente. Sem dúvida estamos aqui no extremo oeste. Mesmo assim, os alemães poderiam aparecer e nos atacar de surpresa e causar um grande prejuízo, só porque Meirion é o último lugar que esperamos que eles ataquem.

— Mas com certeza deve haver fortificações no rochedo, não?

— Ah, não. Nunca ouvi falar nada do tipo aqui.

— Bom, então qual é o sentido de proibir o público de ir até o rochedo? Entendo perfeitamente isso de colocarem uma sentinela no topo, para ficar de olho no inimigo. O que não entendo é uma sentinela embaixo que não pode ficar

de olho em nada, já que de lá não enxerga o mar. E por que manter o público longe do rochedo?

Eu não poderia auxiliar o desembarque dos alemães ficando no Pengareg, nem mesmo se o quisesse.

— É curioso — concordou o médico. —Algum motivo militar, suponho.

Deixou o assunto morrer, talvez porque o assunto não lhe dissesse respeito. As pessoas que vivem no interior o ano inteiro, com certeza os médicos do interior, entregam-se pouco a passeios superficiais em busca do pitoresco.

Lewis não tinha dúvida alguma de que sentinelas, cujo objetivo era igualmente obscuro, estavam espalhadas em todo o país. Havia uma sentinela, por exemplo, junto da pedreira de Llanfihangel, onde a mulher e a ovelha mortas tinham sido encontradas algumas semanas antes. O caminho junto da pedreira era bastante frequentado e seu fechamento representava um grande inconveniente para as pessoas da vizinhança. Mas a guarita fora colocada ao lado do caminho e a sentinela recebera ordens para manter as pessoas estritamente no caminho, como se a pedreira fosse um forte secreto.

Só se soube havia um ou dois meses que uma dessas sentinelas linha sido ela mesma vítima do terror. Os homens em serviço nesse lugar tinham recebido ordens bastante precisas, as quais, devido à natureza do caso, devem ter soado irracionais. Para soldados antigos, ordens são ordens; mas havia um jovem escriturário de banco, que mal fora treinado por dois meses, que não tinha ainda começado a avaliar a necessidade de uma obediência rígida e literal de uma ordem que lhe parecia sem sentido. Viu-se numa encosta remota e solitária, sem a menor noção de que cada um de seus movimentos estava sendo observado, e desobedeceu uma determinada instrução que recebera. O posto foi encontrado deserto pelo substituto. O corpo da sentinela morta foi encontrado no fundo da pedreira.

Isso a propósito. Mas o sr. Merritt descobriu, repetidas vezes, que incidentes impediam seus passeios e suas perambulações. A uns quatro ou cinco quilômetros de Porth, há um grande pântano formado pelo rio Afon antes de desaguar no mar, e ali Merritt costumara estudar um pouco as plantas. Aprendera com boa precisão a percorrer os caminhos elevados de chão sólido que atravessavam as águas de pântano e lamaçal e o solo mole e cediço, e partiu numa tarde quente decidido a fazer uma exploração meticulosa do pântano, desta vez para encontrar o raro trevo-aquático que, estava seguro, crescia em alguma

parte daquela vasta extensão.

Tomou o atalho que circunda o pântano até o portão que sempre usara como entrada.

Havia o cenário que sempre conhecera, a abundância de juncos, gladíolos e canas, as mansas reses pretas pascendo nas "ilhas" de turfa firme, o perfumado renque das ulmárias, a magnificência real das salgueirinhas, as flâmulas flamejantes, carmesim e douradas, dos labaçóis gigantes.

Mas carregavam o corpo de um homem morto através do portão.

Um lavrador mantinha aberto o portão que dava acesso ao pântano. Merritt, horrorizado, falou com ele, perguntando-lhe quem era e como tinha acontecido.

— Dizem que era um visitante de Porth. De algum jeito se afogou no pântano, sabe-se lá.

— Mas é perfeitamente seguro. Eu mesmo andei por ele todo um monte de vezes.

— Bom, de fato é assim que a gente sempre pensa. Se, vamos dizer, você escorrega por acidente, e cai dentro d'água, não é tão profunda. E fácil sair dela de novo. E esse cavalheiro é bastante moço, olha só, coitado. E veio pra Meirion por prazer e de férias e encontrou a morte!

— Ele fez de propósito? Foi suicídio?

— Dizem que num tinha motivo nenhum pra isso.

Nesse momento o sargento de polícia encarregado da equipe interrompeu a conversa, conforme as ordens que ele mesmo não compreendia.

— Uma coisa terrível, senhor, sem dúvida, e uma grande pena. Mas tenho certeza que não foi pra ver esse tipo de vista que o senhor veio pra Meirion, nesse verão bonito. O senhor não acha que por isso seria mais agradável se o senhor deixasse a gente fazer esse nosso trabalho doloroso? Ouvi muitos cavalheiros que estão em Porth dizer que não tem melhor vista do que a de cima da colina lá adiante, não em todo o País de Gales.

Todo o mundo era educado em Meirion, mas de algum modo Merritt entendeu que, em linguagem clara, esse discurso significava: "vá andando".

Merritt voltou para Porth — não estava com disposição para qualquer passeio agradável depois de um encontro tão medonho com ,i morte. Na cidade,

fez algumas indagações sobre o homem morto, mas ninguém parecia saber qualquer coisa a respeito dele. Dizia-se que ele estava em lua-de-mel, que estava hospedado no Porth Castle Hotel. Mas os empregados do hotel afirmaram que nunca tinham ouvido falar de tal pessoa. Merritt comprou o jornal local no fim de semana. Não havia uma só palavra sobre qualquer acidente fatal no pântano. Encontrou o sargento de polícia na rua. O oficial tocou o capacete com a máxima cortesia e com um "espero que o senhor esteja se divertindo; aliás, já está com um aspecto bem melhor". Mas, quanto ao pobre homem que fora encontrado afogado ou asfixiado no pântano, nada sabia.

No dia seguinte, Merritt decidiu ir ao pântano para ver se conseguiria descobrir alguma coisa que explicasse uma morte tão estranha. O que encontrou foi um homem de braçadeira postado ao lado do portão. Na braçadeira estavam inscritas as letras "G.C.", abreviatura de Guarda Costeira. O guarda informou que tinha recebido instruções estritas para impedir a entrada de pessoas no pântano. Por quê? Não sabia, mas diziam que o curso do rio estava mudando desde que se construíra o novo aterro da ferrovia e que o pântano se tornara perigoso para as pessoas que não o conheciam bem.

— De fato, senhor — acrescentou —, faz parte das ordens que recebi que nem eu mesmo posso pisar no outro lado do portão, nem por uma fração de segundo.

Merritt olhou por cima do portão com incredulidade. O pântano apresentava o aspecto de sempre. Havia uma variedade de sons, chão sólido por onde andar. Ele via a trilha que costumava seguir tão firme como sempre fora. Não acreditou na história da mudança do curso do rio, e Lewis disse que nunca ouvira nada a respeito. Mas Merritt levantara a questão no meio de uma conversa genérica. Não chegara a ela a partir de qualquer discussão acerca da morte no pântano, de modo que o médico fora pego de surpresa. Se estivesse a par da ligação, na mente de Merritt, entre a suposta mudança do curso do Afon e o trágico acontecimento no pântano, decerto teria confirmado a explicação oficial. Estava, sobretudo, ansioso para impedir que a irmã e o cunhado descobrissem que a mão invisível do terror que subjugava em Midlingham estava também subjugando em Meirion.

O próprio Lewis tinha poucas dúvidas de que o homem afogado no pântano fora atacado pela agência secreta, onde quer que esta estivesse, que já havia praticado tantos atos malignos. Mas era parte essencial do terror que ninguém soubesse ao certo que este ou aquele acontecimento em particular deveria ser

atribuído a ele. De fato, pessoas caem ocasionalmente de penhascos por imprudência, e, como mostrava o caso de Garcia, o marinheiro espanhol, moradores de chalés, pais, mães e filhos, de vez em quando são vítimas de uma violência selvagem e despropositada. Lewis nunca perambulara pelo pântano, mas Remnant, que andara por ele e pelas cercanias, afirmou que o homem que lá morrera — nunca se soube o nome dele, ao menos em Porth — devia ter cometido suicídio ao se deitar deliberadamente no lamaçal e se afogar, ou então devia ter sido sujeitado a isso, sem conseguir se levantar. Não havia detalhes disponíveis, de modo que estava claro que as autoridades classificaram esta morte em conformidade com as demais. Entretanto, o homem devia ter cometido suicídio ou sofrido um ataque súbito e caído de bruços nas águas lamacentas. E assim por diante: era possível acreditar que o caso A ou B ou C estava na categoria dos acidentes comuns, ou dos crimes comuns. Mas não era possível acreditar que A e B e C estavam todos nessa categoria. Assim seria até o fim, e assim é agora. Sabemos que o terror reinava, e de que maneira reinava, mas havia tantos acontecimentos medonhos atribuídos a seu domínio que sempre haveria lugar para a dúvida.

Por exemplo, havia o caso do Mary Ann, o barco a remos que sofreu reveses de um modo demasiado estranho, quase que sob os olhos de Merritt. Na minha opinião, ele cometeu um grande equívoco ao associar o lamentável destino do barco e de seus ocupantes ao sistema de sinalização por holofote que ele detectou, ou pensou ler detectado, na tarde em que o MaryAnn naufragou. Acho que sua teoria da sinalização é um contra-senso total, apesar da governanta alemã naturalizada que morava com os empregadores na casa suspeita. Mas, por outro lado, não há dúvida, cá comigo, de que o barco virou e os ocupantes se afogaram por obra do terror.

9- A LUZ NA ÁGUA

É preciso notar que, até o momento, Merritt não tinha a menor suspeita de que o terror de Midlingham se abatera rapidamente sobre Meirion. Lewis o observava e o protegia com cautela. Não deixara escapar qualquer indício do que acontecera em Meirion e, antes de levar o cunhado para o clube, deu a entender isso para os membros. Não falou a verdade a respeito de Midlingham — e aqui,

mais uma vez, há um ponto de interesse, o de que, à medida que o terror se aprofundava, as pessoas em geral cooperavam voluntária e, por assim dizer, quase subconscientemente com as autoridades no esconderem umas das outras o que sabiam — mas tornou público uma conveniente porção da verdade: a de que seu cunhado era "excitável", não, de modo algum, em excesso, e que portanto era desejável que lhe poupassem o conhecimento dos insuportáveis e Mágicos mistérios que ocorriam à volta deles.

— Ele sabe a respeito do pobre sujeito que foi encontrado no pântano — disse Lewis — e tem uma vaga suspeita de que o caso está cercado de algo fora do comum. Mas nada mais do que isso.

— Um caso claro de suicídio induzido, ou melhor, mandado - comentou Remnant. — Eu o considero uma forte confirmação

da minha teoria.

— Talvez seja — o médico retrucou, receando ter de ouvir de novo acerca do raio Z. — Mas, por favor, não deixem escapar nada. Quero que ele se recupere completamente antes de voltar para Midlingham.

Depois, por outro lado, Merritt se calara de vez quanto às ocorrências nos condados centrais da Inglaterra. Detestava pensar nelas, quanto mais falar delas. E assim, como digo, ele e os homens do Porth Club, ocultaram seus segredos uns dos outros; e assim, do início ao fim do terror, os elos não foram completados. Em muitos casos, sem dúvida, Fulano se encontrava com Beltrano todos os dias e conversavam com familiaridade, ou confidencialmente, sobre os mais variados assuntos, cada um estando de posse de meia-verdade, que ocultava do outro. Desse modo, as duas metades nunca eram ligadas para formar um todo.

Merritt, como supunha o médico, tinha uma espécie de mal pressentimento — não chegava a ser uma suspeita — quanto à ocorrência no pântano; sobretudo porque pensava que o argumento oficial, relacionando o aterro da ferrovia à mudança do curso do rio, beirava o disparate. Mas, ao constatar que nada mais acontecera, pôs o incidente de lado e se dispôs a gozar as férias.

Descobriu, para sua alegria, que não havia mais sentinelas ou guardas para impedi-lo de se aproximar de Larnac Bay, uma aprazível enseada, um lugar onde os freixos, o vale verdejante e as samambaias reluzentes desciam com suavidade até as rochas vermelhas e a firme areia amarela. Merritt se lembrou de uma pedra que formava um assento confortável. Nela se instalou numa tarde dourada,

contemplou o azul do mar, os bastiões carmesim e as baías da costa no ponto em que esta se curvava para dentro, na direção de Sarnau, e de novo recuava para o sul, na direção do promontório de estranha forma, chamado Dragon's Head. Merritt continuou a contemplar, entretido com as cambalhotas dos botos que davam saltos acrobáticos, mergulhavam espadanando água e faziam piruetas no mar um pouco afastados da praia, encantado com o ar puro e radiante que era tão diferente da fumaça gordurosa que com frequência substituía o céu de Midlingham, e encantado também com as casas de fazenda brancas que surgiam aqui e ali nos cumes da costa ondulada.

Notou então um pequeno barco a remos a cerca de uns duzentos metros da praia. Havia duas ou três pessoas a bordo, não conseguia distinguir quantas, que pareciam estar fazendo alguma coisa com uma linha. Estavam, sem dúvida, pescando, e Merritt (que não gostava de peixe) perguntou a si mesmo como as pessoas podiam estragar uma tarde como aquela, um mar como aquele, um ar translúcido e radiante como aquele ao tentarem pegar criaturas brancas, flácidas, repugnantes e malcheirosas que seriam excessivamente desagradáveis quando cozidas. Refletiu sobre esse problema e o afastou para retornar à contemplação dos promontórios carmesim. Foi então, diz ele, que notou a sinalização do holofote. Luzes de um brilho intenso piscavam, afirma ele, vindas de uma daquelas fazendas nos cumes da costa. Era como se de lá jorrasse uni fogo branco. Merritt tinha certeza, uma vez que a luz aparecia e desaparecia, de que alguma mensagem estava sendo enviada, e lamentou nada saber de heliografia. Três sinais luminosos breves, um sinal longo e bastante brilhante, depois dois sinais breves. Merritt remexeu no bolso à procura de lápis e papel para anotar esses sinais e, baixando o olhar para o nível do mar, deu-se conta, com espanto e horror, de que o barco havia desaparecido. Tudo o que conseguia ver era um objeto vago e escuro na distância, a oeste, afastando-se com a maré.

Agora sabe-se ao certo, lamentavelmente, que o Mary Ann naufragou e que dois escolares e o marinheiro encarregado se afogaram. A carcaça do barco foi encontrada longe, entre as pedras ao longo da costa, e os três corpos também foram dar na praia. O marinheiro não sabia nadar, os meninos o sabiam apenas um pouco, e só um nadador com excepcional habilidade seria capaz de resistir à sucção da maré enquanto esta corre passando por Pengareg Point.

Mas não creio de modo algum na teoria de Merritt. Ele afirmou (e, que eu saiba, ainda afirma) que os sinais luminosos que viu partirem de Penyrhaul, a casa de fazenda no cume, tinham alguma ligação com o desastre do Mary Ann.

Quando se apurou que uma família estava passando o verão na fazenda, e que a governanta era uma alemã, embora uma alemã havia muito naturalizada, Merritt entendeu que nada mais havia para se discutir, apesar de que havia inúmeros detalhes para se descobrir. Na minha opinião, porém, tudo isso era uma simples descoberta ilusória. Os sinais de luz brilhante foram causados, sem dúvida, pelo sol, iluminando uma janela da casa de fazenda após outra.

Merritt, contudo, estava convencido disso desde o princípio, mesmo antes de vir à tona a condenatória circunstância da governante.

Na noite do desastre, sentado com Lewis após o jantar, esforçou-se para apresentar ao médico o que chamou de bom senso da questão.

— Quando você ouve um disparo — disse Merritt — e vê um homem cair, você sabe muito bem o que o matou.

Soou um adejo de asas agitadas no cômodo. Uma enorme mariposa se batia de um lado para outro, chocava-se exasperadamente contra o teto, as paredes e o vidro da estante de livros. Seguiu-se um som de crepitação, um instantâneo obscurecer do lampião. A mariposa teve êxito em sua misteriosa busca.

— Diga-me — disse Lewis, como se estivesse respondendo para Merritt —, por que as mariposas se precipitam na chama?

Lewis colocou intencionalmente para Merritt essa questão relacionada aos estranhos hábitos da mariposa, com o propósito de encerrar o debate em torno da morte por heliografia. A pergunta foi sugerida, claro, pelo incidente da mariposa no lampião, e Lewis pensou que ele retrucaria "Ora, pare com isso!" de um modo bastante elegante. E, de fato, Merritt pareceu ficar sério, silenciou e se serviu do vinho do Porto.

Esse foi o fim que o médico desejara. Ele mesmo não tinha qualquer dúvida de que o caso do Mary Ann era apenas mais um numa longa série de horrores que se ampliava a cada dia; e não estava com disposição para escutar teorias fúteis e insensatas de como o desastre ocorrera. Ali estava uma prova de que o terror que se abatia sobre eles era poderoso não só na terra como também no mar; pois Lewis não conseguia entender como o barco pôde ter sido atacado por quaisquer outros meios comuns de destruição. A julgar pela história de Merritt, devia ter acontecido em águas rasas. A praia de Larnac Bay se declinava muito gradualmente, e os mapas do almirantado mostram que a profundeza das águas na extensão de duzentos metros é de apenas duas braçadas. O que seria raso

demais para um submarino. E não era possível que tivesse sido bombardeado, que tivesse sido torpedeado. Não houve explosão. O desastre devia ter ocorrido por imprudência. Garotos, refletiu ele, bancam os bobos em qualquer lugar, mesmo num barco. Mas não acreditava nisso. O marinheiro os teria impedido. E, deve-se mencionar, os dois garotos eram, na verdade, extremamente ajuizados, sensatos, e não era de modo algum provável que fizessem qualquer tipo de brincadeira.

Lewis estava imerso nessas reflexões, tendo com sucesso silenciado o cunhado. Em vão tentava encontrar uma chave para o terrível enigma. A teoria de Midlingham de uma força alemã oculta, escondendo-se em lugares debaixo da terra, era demasiado extravagante, e contudo parecia a única solução que se aproximava da plausibilidade. Porém, mais uma vez, mesmo uma hoste alemã subterrânea dificilmente poderia ser responsável pelo naufrágio de um barco que flutuava num mar calmo. E, depois, o que dizer quanto ,i árvore ardente que apareceu ali naquele jardim havia poucas semanas e quanto à nuvem ardente que surgiu acima das árvores ilo vilarejo do condado central da Inglaterra?

Penso ter já escrito algo acerca das emoções do matemático que de súbito se defronta com um indubitável triângulo de dois lados. Afirmei, se bem me lembro, que ele seria forçado, por decência, a enlouquecer. Creio que Lewis estava muito perto disso. Sentia-se defrontado com um insuportável problema que exigia uma solução imediata, e, no entanto, ao mesmo tempo, por assim dizer, negava a possibilidade de haver qualquer solução. Pessoas estavam sendo mortas de uma forma inescrutável por algum meio inescrutável, dia após dia, e perguntava-se "por quê" e "como"; e parecia não haver resposta. Nos condados centrais da Inglaterra, onde todos os tipos de munição eram fabricados, a explicação da agencia alemã era plausível. E mesmo que a idéia dos subterrâneos tivesse de ser rejeitada, por ter demais o sabor dos ingredientes dos contos de fadas, ou, antes, do romance sensacionalista, ainda assim era possível que a espinha dorsal da teoria fosse verdadeira. Os alemães poderiam ter instalado os agentes de uma forma ou de outra no centro de nossas fábricas. Mas ali, em Meirion, que efeitos graves seriam produzidos pela matança casual e indiscriminada de dois escolares num barco, de um inofensivo turista num pântano? A criação de uma atmosfera de terror e desalento? Era possível, claro, mas dificilmente parecia razoável, não obstante as monstruosidades de Louvain e do *Lusitania*.

Essas reflexões, assim como o ainda circunspecto silêncio de Merritt, foram

interrompidas pelo assistente de Lewis, que bateu à porta. Soaram aquelas palavras que interrompem o sossego do médico do campo quando ele procura sossegar: "Precisam do senhor na clínica, por favor, senhor". Lewis saiu apressado e não voltou naquela noite.

O médico fora chamado a um pequeno povoado nos arredores de Porth, separado dele por pouco mais de um quilômetro ou três quartos de estrada. Honra-se, de fato, esse assentamento sem nome ao chamá-lo povoado. Consiste numa simples fileira de quatro chalés, construídos há cerca de cem anos para a acomodação dos operários de uma pedreira há muito tempo abandonada. Num desses chalés, o médico encontrou um pai e uma mãe a chorar e a berrar "o doutor chegou, o doutor chegou", duas crianças assustadas e o corpo de um pequenino, inerte e inanimado. Era o mais novo dos três, o pequeno Johnnie, e estava morto.

O dr. Lewis constatou que o menino tinha sido asfixiado. Tocou a roupa; estava seca. Não era um caso de afogamento. Examinou o pescoço; não havia sinais de estrangulamento. Perguntou ao pai de que modo acontecera, e o pai e a mãe, chorando queixosamente, afirmaram que não sabiam como o filho tinha sido morto: "A não ser que os duendes fizeram isso". Os duendes celtas continuam malignos. Lewis perguntou o que acontecera naquela noite; onde o menino estivera.

-— Ele estava com o irmão e a irmã? Eles não sabem nada a respeito?

Reduzida a uma espécie de arranjo da confusão original que dava pena, esta é a história que o médico obteve.

As três crianças passaram bem e felizes o dia inteiro. Tinham ido com a mãe, a sra. Roberts, a Porth, numa visita à feira à tarde. Voltaram para o chalé, tomaram chá e depois brincaram na estrada na frente da casa. John Roberts chegara do trabalho um pouco tarde e já estava escuro quando a família se sentou à mesa para jantar. Terminado o jantar, as três crianças saíram de novo para brincar com as outras crianças do chalé vizinho, tendo a sra. Roberts lhes dito que podiam brincar por meia hora antes de irem para a cama.

As duas mães saíram ao portão do chalé no mesmo momento e chamaram os filhos para entrar o mais depressa possível. As crianças das duas famílias tinham brincado no trecho de relva do outro lado Ma estrada, bem ao lado dos degraus da cerca que levavam para o campo. As crianças atravessaram a estrada correndo. Todas menos Johnnie Roberts. O irmão Willie contou que, justamente

na hora que a mãe os chamou, ele ouviu Johnnie gritar:

— Nossa, o que é essa coisa brilhante e bonita no degrau?

10- O MENINO E A MARIPOSA

Os filhos dos Roberts atravessaram a estrada, subiram pelo caminho e entraram no cômodo iluminado. Logo notaram que lohnnie não os seguiu. A sra. Roberts se ocupava com algo na cozinha, nos fundos, e o sr. Roberts tinha ido ao barracão no quintal buscar lenha para acender o fogo da lareira na manhã seguinte. A sra. Roberts ouviu as crianças entrarem correndo mas continuou a se ocupar. As crianças sussurravam entre si que Johnnie o "pegaria" quando a mãe voltou da cozinha e constatou que o menino não estava; mas esperavam que ele entrasse pela porta aberta a qualquer momento. Mas seis ou sete, talvez dez minutos se passaram, e nada do Johnnie. Então o pai e a mãe entraram juntos na cozinha e viram que o menino lá não estava.

Pensaram que se tratava de uma travessura — que as duas outras crianças tinham escondido o menino em algum lugar no cômodo: no enorme guarda-louça, talvez.

— Então, o que é que vocês fizeram com ele? — perguntou a ia. Roberts. — Sai já daí, seu maroto.

Lá não havia maroto algum para sair, e Margaret Roberts, a menina, disse que Johnnie não os tinha seguido quando atravessaram a estrada: devia estar ainda brincando sozinho perto da cerca viva.

— Por que deixaram ele sozinho desse jeito? — perguntou a sra. Roberts. — Será que não posso confiar em vocês nem um minutinho sequer? Santo Deus, vocês não prestam pra nada mesmo.

Dirigiu-se à porta aberta.

— Johnnie! Volta já pra casa, senão vai se arrepender. Johnnie!

A pobre mulher continuou a chamar à porta. Saiu até o portão e de lá o chamou:

— Venha, Johnnie. Venha, *bachgen,* meu menino bonzinho. Tou vendo você

escondido aí.

Achou que estava escondido na sombra da cerca viva, que viria correndo e rindo — "sempre foi um menininho muito feliz"—pela estrada para seus braços. Mas nenhum menininho saiu do lugar sombrio na noite quieta e escura. Tudo era silêncio.

Foi então, quando o coração da mãe começou a gelar, embora ela continuasse a chamar pelo menino desaparecido, que o filho mais velho contou que Johnnie tinha dito que havia alguma coisa bonita perto dos degraus da cerca viva: "E vai ver ele subiu os degraus e agora deve estar correndo no vale e não sabe como voltar".

O pai pegou então a lanterna e a família inteira andou gritando e chamando pelo vale, prometendo bolos, doces e um belo brinquedo ao pobre Johnnie, se viesse ao encontro deles.

Descobriram o corpo do pequenino sob os freixos, no meio do campo. Estava imóvel, morto, tão imóvel que uma grande mariposa havia pousado em sua testa, batendo vôo quando o ergueram.

O dr. Lewis ouviu essa história. Nada havia a fazer; pouco havia a dizer para aquelas pessoas tão infelizes.

— Cuidem dos dois filhos que lhes restam — disse o médico ao partir. — Se puderem, não os percam de vista. Estamos vivendo uma época horrível.

E curioso registrar que, durante toda essa época horrível, a simples "temporada" transcorreu como normalmente em Porth. A guerra e suas consequências haviam reduzido um bocado o número de visitantes no verão. Contudo, um grande contingente deles ocupava hotéis, pensões e hospedarias, banhava-se nas máquinas fora de moda numa praia, ou nas barracas da última moda numa outra, passeava ao sol ou se deitava na sombra das árvores que cresciam terreno abaixo quase que até a borda da água. Porth jamais tolerara etíopes ou espetáculos de qualquer espécie em suas areias, mas "Os Foguetes" fizeram sucesso durante esse verão com seu entretenimento de jardim, apresentado no terreno do castelo, e dizem que as companhias mambembes que se apresentaram no Salão de Festas entretiveram uma mulher e um homem.

Porth depende, em grande parte, de uma freguesia do centro e do norte da Inglaterra, uma freguesia próspera e bem estabelecida. As pessoas que acham que Llandudno é superpovoada e que Colwyn Bay é demasiado selvagem,

vermelha e nova, vêm, ano após ano, à plácida cidade velha no sudoeste e apreciam sua tranquilidade. E, como digo, ali se divertiram da mesma forma no verão de 1915. De vez em quando, davam-se conta, assim como o sr. Merritt se deu conta, de que não podiam perambular tal como no passado costumavam fazê-lo. Mas aceitavam as sentinelas, os guardas costeiros, as pessoas que educadamente salientavam as vantagens de ver uma vista deste e não daquele lugar, como consequências necessárias da horrenda guerra em curso. Mais ainda, como disse um homem de Manchester, depois de ter sido impedido de realizar seu passeio preferido até Castell Coch, era confortador pensar que fossem tão bem protegidos.

— Tanto quanto percebo — acrescentou —, não há nada que impeça a presença de um submarino perto de Ynys Sant e o desembarque de meia dúzia de homens num barco desmontável em qualquer uma dessas pequenas enseadas. E faríamos papel de bobos, não é mesmo, ao cair com a garganta cortada em cima da areia; ou ao ser transportados para a Alemanha no submarino? — Deu ao guarda costeiro meia coroa. — Está certo, camarada — disse —, você nos dá o palpite.

Agora, eis algo estranho. O homem do norte da Inglaterra pensava em submarinos e incursores alemães ardilosos; o guarda costeiro tinha simplesmente recebido instruções para manter as pessoas longe dos campos de Castell Coch, sem um motivo alegado. E não há dúvida de que as próprias autoridades, embora tivessem demarcado os campos como uma "zona de terror", deram as ordens no escuro e elas mesmas se achavam profundamente no escuro quanto à forma da matança lá ocorrida. Pois, se tivessem compreendido o que acontecera, teriam compreendido também que as restrições eram inúteis.

O homem de Manchester fora informado de que não podia prosseguir com o passeio cerca de dez dias depois da morte de Johnnie Koberts. O guarda fora colocado no posto porque, na noite anterior, um jovem fazendeiro fora encontrado pela mulher jazendo na relva perto do castelo, sem qualquer arranhão, sem qualquer sinal de violência, mas morto.

A mulher do morto, que se chamava Joseph Cradock, ao encontrar o marido inerte na turfa orvalhada, levou um choque, subiu correndo o caminho que levava ao vilarejo e avisou dois homens, que transportaram o corpo para a fazenda. Lewis foi chamado e, assim que viu o cadáver, soube que o homem fora morto da mesma forma que o pequeno Roberts — fosse a horrível forma que fosse. Cradock fora asfixiado; e nesse caso, mais uma vez, não havia marcas de

pressão na garganta. Devia ter sido um ato de violência cujo objetivo era não deixar vestígios, o médico ponderou. Um emplastro de breu teria sido aplicado vigorosamente sobre a boca e as narinas do homem e ali mantido.

Então ocorreu-lhe um pensamento. O cunhado falara de um novo tipo de gás tóxico que, dizia-se, fora usado contra os operários da fábrica de munição no condado central da Inglaterra: seria possível que as mortes do homem e do menino tivessem sido causadas por um instrumento desse tipo? Fez os exames, mas não encontrou vestígio de gás que teria sido empregado. Gás carbônico? Um homem não morreria com ele a céu aberto; para ser letal, seria necessário um espaço fechado, como o fundo de um enorme tanque ou de um poço.

Ele não sabia de que modo Cradock fora morto, teve de admitir para si mesmo. Fora asfixiado. Era tudo o que podia afirmar.

Aparentemente o homem saíra por volta das nove e meia para cuidar de alguns animais. O campo no qual estes estavam ficava a cinco minutos da casa a pé. Ele disse para a mulher que voltaria em quinze ou vinte minutos. Não voltou, e, depois de uns quarenta e cinco minutos de sua partida, a sra. Cradock foi procurá-lo. Dirigiu- se ao campo onde estavam os animais e tudo parecia bem, mas não havia sinal de Cradock. Chamou. Não houve resposta.

Agora, o campo no qual as reses pastavam é um terreno elevado. Uma cerca viva o separa dos campos que declinam suavemente na direção do castelo e do mar. A sra. Cradock, sem saber muito bem por quê, não tendo encontrado o marido entre os animais resolveu tomar o caminho que levava a Castell Coch. Ela disse, de início, que pensou que um dos bois havia atravessado a cerca viva e se desgarrado,

c que Cradock talvez tivesse ido à procura dele. Depois, retificando- se, disse:

— Tinha isso, mas depois tinha uma outra coisa que não entendi de jeito nenhum. Tive a impressão de que a cerca viva parecia diferente do costumeiro. Pra falar a verdade, de noite as coisas pareRecem diferentes, e tinha um pouco de nevoeiro do mar em volta, mas mesmo assim achei estranho, e disse para mim mesma: "Será que me perdi"?

Declarou que a forma das árvores da cerca viva parecia alterada. Além disso, tinha o aspecto de estar "iluminada, de algum modo". Então ela avançou na direção dos degraus da cerca viva para verificar o que era aquilo e, quando se aproximou, tudo estava como de costume. Olhou por sobre os degraus da cerca

viva e chamou, e esperou para ver o marido vir em sua direção ou ouvi-lo responder. Mas não houve resposta. Ao olhar para o caminho abaixo, ela viu, ou pensou ter visto, uma espécie de clarão no solo, "uma espécie de luz fraca, como um bando de vaga-lumes incandescentes num declive da cerca viva."

— E então subi os degraus da cerca viva, segui pelo caminho e a luz pareceu que ia sumindo. E lá estava o pobre do meu marido deitado de costas, sem me dizer nenhuma palavra quando falei com ele e toquei nele.

Desse modo, para Lewis, o terror se obscureceu e se tornou insuportável, e os outros, ele notou, sentiam o mesmo. Não sabia, nunca perguntou se os homens do clube tinham ouvido falar das mortes da criança e do jovem fazendeiro; mas ninguém as mencionava. De fato, a mudança era evidente. No início do terror, os homens não falavam de outra coisa. Agora se tornara pavoroso demais para uma conversa franca ou teorias elaboradas e grotescas. Lewis recebeu uma carta do cunhado, em Midlingham, que continha a frase: "Acho que a saúde de Fanny não se beneficiou de verdade da visita a Porth; ainda há sintomas que não me agradam de modo algum". E isso lhe revelou, numa fraseologia que o médico e Merritt tinham convencionado, que o terror continuava intenso na cidade do condado central da Inglaterra.

Foi logo após a morte de Cradock que as pessoas começaram a contar estranhas histórias de um som que se ouvia à noite nas colinas e nos vales a noroeste de Porth. Um homem que perdera o último trem de Meiros, e se vira forçado a caminhar os quinze quilômetros entre Meiros e Porth, parece ter sido o primeiro a ouvi-lo. Disse que subira ao alto da colina por Tredonoc, entre dez e meia e onze horas, quando notou pela primeira vez um som esquisito que não conseguiu identificar. Era como um grito, um longo, arrastado e melancólico lamento, vindo de muito longe dali, débil na distância. Parou para escutar, pensando, em princípio, que poderia ser uma coruja piando nos bosques. Mas era diferente, disse, da coruja: era um grito prolongado; depois houve o silêncio e depois recomeçou. Não conseguiu compreender e, sentindo-se assustado, sem saber exatamente com o quê, andou depressa e se alegrou de ver as luzes da estação de Porth.

Contou para a mulher acerca do som sinistro naquela noite, ela contou para os vizinhos e muitos deles acharam que era "pura imaginação" — ou bebida ou, afinal, corujas. Na noite seguinte, porém, duas ou três pessoas, que tinham se reunido para uma festa num chalé perto da estrada de Meiros, também ouviram o som quando voltavam para casa, logo depois das dez horas. Elas também o

descreveram como um longo grito de lamento, indescritivelmente melancólico na calma da noite de outono; "como a voz de um fantasma", disse uma delas; "como se subisse do fundo da terra", disse uma outra.

11- NA FAZENDA DE TREFF LOYNE

Recordemos, mais uma vez, que, durante todo o período em que reinou o terror, não houve um registro em comum de informações sobre as coisas medonhas perpetradas. A imprensa não dissera uma palavra sequer a respeito, não havia critério com o qual uma multidão de pessoas pudesse separar o fato do mero boato vago, nenhuma verificação pela qual o infortúnio ou o desastre corriqueiros pudessem ser diferençados dos feitos da aterradora força secreta em atividade.

E o mesmo se aplicava a cada acontecimento de cada dia. Um inocente caixeiro-viajante podia aparecer para levar a cabo suas negociações na dilapidada rua principal de Meiros e se surpreender com olhares de medo e suspeita, como um possível assassino, embora fosse bastante provável que os autênticos agentes do terror passassem despercebidos. E uma vez que se desconhecia a verdadeira natureza de todo esse mistério, resultava, facilmente, que os sinais, os alertas e os prognósticos dele eram mais ainda desconhecidos. Aqui o horror; ali o horror; mas não havia ligações pura relacionar um ao outro; nenhuma base em comum de conhecimento a partir da qual a conexão entre este horror e aquele pudesse ser inferida.

Assim, ninguém suspeitava, de modo algum, que o som melancólico e abafado que agora se ouvia à noite na região norte de Porth tivesse qualquer relação com o caso da menina que saíra uma tarde para colher flores púrpuras e jamais voltara, com o caso do homem cujo corpo fora retirado do lodo turfoso do pântano, ou com o caso de Cradock, morto no campo, com uma estranha luz bruxuleante no corpo, segundo o relato da mulher. E resta saber até que ponto o boato deste melancólico chamado noturno se espalhou pela região. Lewis o ouviu, uma vez que um médico do interior ouve muitas coisas ao percorrer as estradas, mas o ouviu sem muito interesse, sem qualquer noção de que, de algum modo, relacionava- se ao terror. Remnant tomara conhecimento da história da

abafada e ecoante voz das trevas de uma forma distorcida e pitoresca. Ele empregara um homem de Tredonoc para cuidar de seu jardim uma vez por semana. O jardineiro não ouvira pessoalmente o chamado, mas conhecia um homem que o ouvira.

— O Thomas Jenkins, de Pentoppin, botou a cara fora de casa tarde uma noite dessas pra ver como tava o tempo, porque ia ceifar um campo de trigo no dia seguinte, e me contou que, quando tava com os metodistas de Cardigan, nunca tinha ouvido nenhuma eloquência de canto na capela que fosse igual. Falou que era como

um lamento do Dia do Juízo Final.

Remnant refletiu sobre o assunto e se viu inclinado a pensar

que o som deveria ser causado por uma entrada subterrânea do mar. Haveria, ele supôs, um respiradouro imperfeito, ou semiaberto, ou tortuoso, nos bosques de Tredonoc, e o ruído da maré, ao se avolumar embaixo, poderia muito bem produzir esse efeito de lamento abafado, distante. Mas nem ele nem ninguém mais deu muita atenção ao assunto, exceto os poucos que ouviram o chamado em noite alta, ao ecoar pavorosamente pelas colinas negras.

O som havia sido ouvido por três ou quatro noites, quando as pessoas que saíram da igreja de Tredonoc, depois de terminada a missa de domingo, notaram a presença de um enorme cão pastor amarelo no adro. O cão, parecia, estivera esperando pelo grupo, porque imediatamente se juntou a eles, primeiro ao grupo todo e depois a uma meia dúzia de pessoas que tomavam uma rua à direita. Duas delas dali a pouco tomaram a direção do campo, no rumo das respectivas casas, e quatro delas caminharam a esmo com vagar, do modo corriqueiro de uma manhã de domingo no interior, e essas pessoas o cão seguiu, mantendo-se sempre atrás. Os homens conversavam sobre feno, trigo e feiras sem prestar atenção ao animal, e dessa forma caminharam pela estrada outonal até chegarem a um portão na cerca viva, de onde uma acidentada trilha atravessava o campo e desaparecia bosque adentro, na direção da fazenda Treff Loyne.

Nisso o cão se transformou numa criatura possessa. Latiu furiosamente. Correu para cima de um dos homens e o olhou, "como se lhe pedisse a vida", como declarou o homem, e depois correu até o portão e parou ao lado dele, abanando a cauda e latindo a intervalos. Os homens olharam para ele e riram.

— De quem será este cachorro? — perguntou um deles.

— Deve ser do Thomas Griffíth, da Treff Loyne — respondeu o outro.

— Bom, então por que é que ele não vai pra casa? Vai pra casa, então! — Fez um gesto de pegar uma pedra da estrada e atirá- la contra o cão. — Vai pra casa, então! Taí o portão.

Mas o cão não se moveu. Latiu e ganiu e correu até os homens e retornou ao portão. Por fim se aproximou de um deles, rastejou, abaixou-se no chão e em seguida abocanhou o casaco do homem e tentou puxá-lo na direção do portão. O fazendeiro se safou do cão e os quatro prosseguiram. O cão ficou na estrada a observá-los, depois levantou a cabeça e emitiu um longo e melancólico uivo que era um desespero.

Os quatro fazendeiros não deram importância ao incidente. Cães pastores no campo são cães que tomam conta de ovelhas, e seus caprichos e extravagâncias não são estudados. Mas o cão amarelo — uma espécie de collie abastardado — frequentou as estradas de Tredonoc a partir desse dia. Chegou à porta de um chalé uma noite e a raspou, e, quando a abriram, deitou-se e depois, a latir, correu para o portão do jardim e aguardou, ao que parecia suplicando ao morador do chalé que o seguisse. Espantaram-no e de novo ele emitiu aquele longo uivo de angústia. Era quase tão penoso, disseram, quanto o barulho que tinham ouvido algumas noites antes. E então ocorreu a alguém, que eu perceba sem uma referência em particular ao estranho comportamento do cão pastor da Treff Loyne, que Thomas Griffith não tinha sido visto havia algum tempo. Não comparecera ao dia da feira de Porth, não fora visto na igreja de Tredonoc, que ele frequentava regularmente aos domingos. Depois, quando as pessoas se consultaram, parecia que ninguém vira qualquer membro da família Griffith por vários dias.

Agora, numa cidade, mesmo numa cidade pequena, esse processo de consulta mútua é algo bastante rápido. No interior, principalmente numa região de campos silvestres, fazendas e chalés dispersos e solitários, o caso leva tempo. As colheitas estavam em andamento, todos estavam ocupados com seus próprios campos, e depois de um longo dia de trabalho exaustivo nem o fazendeiro nem seus empregados tinham disposição para andar a esmo atrás de notícias ou mexericos. Ao cabo do dia, um ceifeiro está pronto para o jantar, dormir e nada mais.

De modo que foi no final da semana que se descobriu que Thomas Griffith e os familiares tinham desaparecido deste mundo.

Fui muitas vezes censurado devido a minha curiosidade por questões aparentemente de pouca importância, ou sem qualquer importância. Gosto de investigar, por exemplo, a questão da visibilidade de uma vela acesa a distância. Imagine, quero dizer, uma vela acesa numa calma noite escura no campo. Qual é a maior distância na qual se pode ver uma luz? E, depois, quanto à voz humana. Qual é a distância na qual pode ser transportada, em boas condições, como um simples som, à parte a questão de se produzirem palavras pronunciáveis?

Essas são perguntas triviais, sem dúvida, mas sempre me despertaram o interesse, e a última delas se aplica ao estranho caso da Treff Loyne. O abafado e melancólico som, aquele chamado lamentoso que apavorou o coração dos que o ouviram, era, na verdade, uma voz humana, produzida de uma forma excepcional. E parece ter sido ouvida em lugares que variavam de dois a três quilômetros da fazenda. Não sei se há algo de extraordinário nisso; não sei se o método peculiar de produção foi calculado para aumentar ou para diminuir a potência do transporte do som.

Mais de uma vez enfatizei, nesta história do terror, o estranho isolamento de várias fazendas e chalés de Meirion. E o fiz na tentativa de convencer o citadino de algo que ele jamais conheceu. Para o londrino, uma casa a quinhentos metros do lampião do subúrbio afastado, sem nenhuma outra habitação no raio de duzentos metros, é uma casa solitária, um lugar propício para ser povoado de fantasmas, mistérios e terrores. Como pode ele entender então o verdadeiro isolamento das casas de fazenda brancas de Meirion, pontuando aqui e ali, a maioria delas nem mesmo perto de estradas estreitas e caminhos retirados profundos e sinuosos, mas assentada no coração dos campos, ou sozinha nos imensos promontórios com bastiões de frente para o mar, e, se na elevada borda do mar ou no cimo das colinas ou nas depressões do interior, oculta da vista dos homens, longe do som de qualquer chamado comum? Há Penyrhaul, por exemplo, a fazenda da qual o tolo Merritt pensou ter visto sinais de holofote: do lado do mar ela é, claro, amplamente visível; mas do lado da terra, devido, em parte, à configuração curva e recortada da baía, duvido que uma outra habitação seja visível a uma distância mais próxima do que cinco quilômetros.

E, de todos esses lugares escondidos e remotos, duvido que algum esteja tão profundamente oculto quanto Treff Loyne. Sei um pouco, ou quase nada, de galés, lamento dizer, mas suponho que o nome seja uma corruptela de Trellwyn, ou Tref-y-llwyn, "o lugar no bosquete", e, de fato, está assentada bem no coração de bosques escuros e ameaçadores. Um vale profundo e estreito se prolonga das

terras elevadas do Allt, através desses bosques, através de encostas íngremes forradas de samambaias e tojos, até o grande pântano, onde Merritt viu o morto sendo carregado. O vale se situa longe de qualquer estrada, mesmo daquele caminho retirado, um pouco melhor do que uma trilha, onde os quatro fazendeiros que voltavam da igreja se viram perplexos diante dos estranhos esgares do cão pastor. Não se pode dizer que dê para avistar o vale do alto, mesmo à distancia, pois é tão estreito que os freixais que o bordeiam dos dois lados parecem se encontrar e encerrá-lo. Eu, em todo o caso, jamais encontrei um lugar elevado de onde Treff Loyne seja visível; embora, olhando para baixo de cima do Allt, tenha visto fumaça azul de lenha queimada saindo de suas chaminés escondidas.

Foi para este lugar, portanto, que numa tarde de setembro um grupo se dirigiu para descobrir o que havia acontecido com Griffith e sua família. Havia cerca de meia dúzia de fazendeiros, dois policiais e quatro soldados que portavam armas; estes foram cedidos pelo oficial que comandava no acampamento. Lewis também integrava o grupo. Ele por acaso tomara conhecimento de que ninguém sabia do destino dos Griffith e estava preocupado com um sujeito jovem, um pintor que ele conhecia e que tinha se hospedado na Treff Loyne durante todo aquele verão.

Encontraram-se junto do portão do adro da igreja de Tredonoc e caminharam solenemente ao longo da estrada estreita. Todos cies, creio, com um vago mal-estar interior, com um certo temor sombrio, como homens que não sabem direito o que poderão encontrar. Lewis escutou o cabo e os três soldados conversando sobre as ordens recebidas.

— O capitão me disse — murmurou o cabo — "Não hesite em atirar, se houver problema". "Atirar em quê, senhor?", eu perguntei. "No problema", ele respondeu, e foi só isso que deu pra eu arrancar dele.

Os homens resmungaram em resposta. Lewis pensou ter ouvido uma obscura referência a veneno para rato, e ficou curioso para saber sobre o que falavam.

Chegaram ao portão na cerca viva, de onde a trilha levava para Treff Loyne. Seguiram por essa trilha bastante precária, com ervas crescendo entre as pedras frouxamente assentadas, descendo da cerca viva através do campo até o bosque, até que por fim deram com as repentinas barreiras do vale e os resguardados freixais. Ali a trilha contornava a encosta íngreme e dobrava para o sul, seguindo dali por diante a oculta depressão do vale, na sombra das árvores.

Ali estava o recinto da fazenda; os muros externos do pátio, os celeiros, os barracos e os anexos. Um dos fazendeiros escancarou a porteira, entrou no terreiro e sem demora começou a chamar em altos brados:

— Thomas Griffith! Thomas Grifitth! Onde você tá, Thomas Griffith?

Os demais o seguiram. O cabo deu rispidamente uma ordem por cima do ombro e o ruído metálico tilintou quando os homens encaixaram as baionetas e num instante se transformaram em assustadores concessionários da morte, em lugar dos inofensivos sujeitos que apreciavam uma cerveja.

— Thomas Griffith! — berrou de novo o fazendeiro.

Não houve resposta a seus chamados. Mas encontraram o pobre Griffith deitado de bruços à beira do tanque no meio do terreiro. Havia um ferimento horrível no flanco, como se uma estaca afiada lhe tivesse traspassado o corpo.

12- A CARTA DA IRA

Era uma tarde calma de setembro. Vento algum soprava nos bosques alcantilados que, escuros, envolviam a velha casa de Treff Loyne. O único som no ar opaco era o mugido baixo das reses. Parecia que tinham vindo dos campos para perto da porteira do terreiro da fazenda e ali ficaram melancolicamente, como se lamentassem a morte do dono. E os cavalos; quatro animais grandes, pesados e com aspecto de pacientes, que também ali estavam, e, na parte baixa do campo, as ovelhas estavam imobilizadas, como se esperassem ser alimentadas.

— Dá impressão que eles todos sabiam que alguma coisa tava errada — um dos soldados murmurou para o outro. Um sol pálido Ungiu por um momento e reluziu nas baionetas. Estavam de pé ao lado do corpo do pobre Griffith, com um certo horror se esboçando no rosto e nele se solidificando. De repente o cabo lhes disse algo mais uma vez. Estavam preparados. Lewis se ajoelhou ao lado do morto e examinou detidamente a enorme ferida aberta no flanco.

— Faz muito tempo que morreu — disse. — Uma semana, duas semanas, talvez. Foi morto por uma arma pontiaguda. E os familiares? Quantos eram? Eu nunca cheguei a tratar deles.

— Tinha o Griffith, a mulher, o filho Thomas e a filha Mary Griffith. E acho que tinha um hóspede, um senhor, com eles neste verão.

Essa informação foi dada por um dos fazendeiros. Todos se entreolharam, aquele grupo de resgate que nada sabia acerca do perigo que se abatera sobre aquele lar de pessoas moderadas, nada acerca do risco que os levara até aquele terreiro de fazenda em cujo centro jazia um homem morto, e cujos animais haviam parado pacientemente perto dele, como se esperassem o fazendeiro se levantar para lhes dar a ração. Em seguida o grupo se voltou na direção da casa. Era uma construção antiga, do século XVI, com a singular chaminé arredondada "flamenga" que é característica de Meirion. As paredes eram caiadas muito alvas, as janelas profundas

e guarnecidas de fasquias de pedra, e uma sólida varanda com piso de pedra protegia a entrada dos ventos que penetravam a depressão daquele vale oculto. As janelas estavam bem fechadas. Não havia no lugar qualquer sinal de vida ou de movimento. Os homens que formavam o grupo se entreolharam e o ecônomo entre os fazendeiros, o sargento de polícia, Lewis e o cabo se reuniram.

— O que há de alvissareiro, doutor? — perguntou o ecônomo.

— Nada tenho para lhes dizer, a não ser que o coração deste pobre homem foi perfurado — respondeu Lewis.

— O senhor acha que eles tão lá dentro e vão atirar na gente? perguntou outro fazendeiro. Não tinha idéia do que quis dizer com "eles" e nenhum deles também o sabia. Não sabiam qual era a natureza do perigo, ou se poderiam ser vitimados, ou se vinha de fora ou de dentro. Fitaram o homem assassinado e se entreolharam sombriamente.

— Ora! — disse Lewis — temos de fazer alguma coisa. Temos de entrar na casa e ver o que há de errado.

— Sim, mas acho que vão estar de olho na gente quando a gente entrar — retrucou o sargento. — Onde devemos ficar, dr. Lewis?

O cabo colocou um de seus homens ao lado da porteira na parte superior do terreiro da fazenda, outro ao lado da porteira na parte inferior, e ordenou que fossem firmes e disparassem. O médico e os demais abriram o pequeno portão do jardim da frente e subiram até a varanda e se puseram a escutar junto da porta. O silêncio era absoluto. Lewis pegou uma vara de freixo de um dos fazendeiros e bateu com força três vezes na antiga porta preta de carvalho

ornamentada com tachões.

Deu três golpes estrondosos e depois todos aguardaram. Resposta alguma veio de dentro. Tomou a bater, e o mesmo silêncio. Chamou as pessoas no interior da casa, mas não houve resposta. Voltaram-se e olharam-se, aquele grupo de busca e resgate que não sabia o que estava procurando, que inimigo encontraria. Havia uma argola de ferro na porta. Lewis a girou, mas a porta permaneceu fechada. Estava, evidentemente, fechada com tranca ou aferrolhada. O sargento de polícia gritou para dentro que a abrissem, mas de novo não houve resposta.

Consultaram-se. Não havia outra alternativa exceto arrombar a porta, e um deles disse em altos brados que quem quer que estivesse no interior da casa se afastasse da porta, do contrário morreria. Neste exato momento o cão pastor amarelo atravessou saltitante o terreiro, saído do bosque, e lhes lambeu a mão e mostrou afeição e latiu com alegria.

— De fato — disse um dos fazendeiros —, ele sabia que tinha alguma coisa errada. Mas que pena, Thomas Williams, que a gente não seguiu ele quando ele pediu pra gente domingo passado.

O cabo fez um gesto para que todos recuassem, e todos se detiveram com uma expressão de pavor diante da entrada da varanda. O cabo retirou a baioneta e disparou no buraco da fechadura, alertando mais uma vez antes de fazer fogo. Disparou mais duas vezes, tão pesada e firme era a velha porta, tão fortes os ferrolhos e as cavilhas. Por fim teve de disparar nos enormes gonzos e, em seguida, todos pressionaram juntos e a porta se desprendeu numa guinada e tombou para a frente. O cabo ergueu a mão esquerda e recuou alguns passos. Gritou para os dois homens postados acima e abaixo do terreiro. Tudo corria bem com eles, disseram. E então o grupo pisou na porta caída e com dificuldade entrou no corredor que levava à cozinha da casa.

O pequeno Griffith jazia morto em frente da lareira, em frente de um fogo morto de cinzas brancas. Prosseguiram na direção da sala e na entrada do cômodo estava o corpo do artista, Secretan, como se tivesse caído ao tentar chegar à cozinha. No andar de cima, as duas mulheres, a sra. Griffith e a filha, uma moça de dezoito anos de idade, jaziam juntas na cama no enorme quarto, agarradas uma à outra.

Examinaram os outros cômodos da casa, vasculharam as despensas, a cozinha dos fundos e os porões. Ali não havia vida.

— Olhem! — disse o dr. Lewis, quando retornaram à cozinha principal. — Olhem! É como se tivessem sido sitiados. Estão vendo aquele pedaço de toucinho defumado, mastigado pela metade?

Em seguida encontraram pedaços de toucinho, cortados dos flancos do toucinho pendurado na parede da cozinha, em outras partes da casa. Não havia pão, não havia leite, não havia água.

— E—disse um dos fazendeiros — aqui tem a água de melhor qualidade de todo o Meirion. A fonte fica lá embaixo no bosque. Uma água bastante famosa. Os velhos costumavam chamar ela de Ffynnon Teilo. Diziam que era a Fonte do São Teilo.

— Devem ter morrido de sede — disse Lewis. — Estão mortos há muitos, muitos dias.

Os homens do grupo permaneceram de pé na enorme cozinha, entreolhando-se, uma terrível perplexidade nos olhos. Os mortos estavam à volta deles, dentro e fora da casa, e era inútil perguntar por que haviam morrido daquela maneira. O velho fora morto com o golpe perfurante de alguma arma pontiaguda; os demais morreram, parecia provável, de sede. Mas que possível inimigo era aquele, que sitiou a fazenda e trancou os moradores dentro da casa? Não havia resposta.

O sargento de polícia falou que ia buscar uma carroça e transportar os corpos para Porth, e o dr. Lewis foi para o cômodo que Secretan usara como sala de estar, com o intuito de recolher qualquer objeto pessoal do artista morto que lá encontrasse. Meia dúzia de pastas para papéis estavam empilhadas num canto, havia alguns livros sobre uma mesinha, uma vara de pescar e uma cesta atrás da porta — isso parecia tudo. Sem dúvida haveria roupas e coisas assim no andar de cima, e Lewis estava prestes a se reunir com os demais na cozinha quando baixou o olhar e bateu os olhos em alguns papéis espalhados ao lado dos livros na mesinha. Numa das folhas, leu com espanto estas palavras: "Dr. James Lewis, Porth". Tinham sido escritas com garranchos vacilantes e, ao examinar as outras folhas, ele constatou que estavam cobertas de escrita.

A mesa ficava num canto escuro do cômodo, de modo que Lewis recolheu as folhas de papel e as levou consigo até o poial da janela e começou a ler, pasmo com algumas frases sobre as quais seu olhar caía. Mas o manuscrito estava em desordem; como se o homem que o escrevera não tivesse sido capaz de colocar as folhas numa seqüência apropriada. Levou algum tempo para Lewis colocar cada página no devido lugar. Este foi o relato que ele leu, com um espanto cada

vez maior, enquanto no terreiro dois fazendeiros atrelavam um dos cavalos à carroça e os outros começavam a levar para baixo as mulheres mortas.

Não creio que vou sobreviver muito mais tempo. Faz muito tempo que compartilhamos as últimas gotas de água. Não sei quantos dias atrás. Adormecemos e sonhamos e andamos pela casa nos nossos sonhos, e com freqüência não tenho certeza se estou acordado ou ainda dormindo, de modo que os dias e as noites se confundem na minha mente. Acordei não faz muito tempo, pelo menos suponho que acordei, e constatei que estava deitado no corredor. Estava com uma confusa sensação de que tinha tido um sonho medonho que parecia terrivelmente real, e por um momento pensei que era um grande alívio saber que não era verdadeiro, o que quer que fosse. Resolvi fazer um bom e longo passeio para espairecer, e então olhei em volta e constatei que estive deitado nas pedras do chão do corredor; e de novo me lembrei de tudo. Não tinha feito o passeio.

Faz algum tempo que não vejo a sra. Griffith ou a filha dela.

EIas disseram que iam subir para o quarto para descansar. No começo eu as ouvi se movimentarem no quarto, agora não ouço nada. O pequeno Griffith está deitado na cozinha, em frente da lareira. Estava falando consigo mesmo sobre a colheita e sobre o Tempo quando fui para a cozinha pela última vez. Tive a impressão de que ele não sabia que eu estava lá, uma vez que continuou a engrolar muito depressa em voz baixa, e depois começou a chamar o cão, Tigre.

Parece não haver esperança para nós. Estamos num sonho de morte...

Nesse ponto o manuscrito se tornou ininteligível por meia dúzia de linhas. Secretan escrevera repetidamente as palavras "sonho de morte" três ou quatro vezes. Começara uma palavra nova e a riscara e então seguiram-se estranhos caracteres sem sentido, o alfabeto, pensou Lewis, de um idioma terrível. E depois a escrita se tornou clara, mais clara do que estava no início do manuscrito, e as frases fluíram com mais facilidade, como se a nuvem na mente de Secretan se tivesse dissipado por um breve período. Houve um novo começo, por assim dizer, e o missivista recomeçou com letra comum:

Prezado dr. Lewis,

Espero que o senhor me desculpe por toda essa confusão e divagação. A minha intenção era começar a escrever-lhe uma carta adequada, e agora

descubro esse conteúdo que o senhor acabou de ler — se é que esta carta chegará às suas mãos. Não tenho energia nem mesmo para rasgá-la. Se vier a lê-la, o senhor saberá em que triste situação me encontrei quando a escrevi. Parece um delírio ou um sonho ruim, e mesmo agora, embora pareça que a minha mente desanuviou um pouco, tenho de fazer um tremendo esforço para me certificar de que as experiências dos últimos dias neste lugar medonho são verdadeiras, coisas reais, não um longo pesadelo do qual deverei despertar em breve e dar comigo na minha casa em Chelsea.

Acerca desta carta, eu disse "se é que chegará às suas mãos ", e não tenho a menor certeza de que isso ocorrerá. Se o que está acontecendo aqui estiver acontecendo em algum outro lugar, então, creio, o fim do mundo se aproxima. Não consigo compreendê-lo, mesmo agora mal consigo acreditar nisso. Sei que sonho sonhos tão desvairados e mergulho em ilusões tão alucinadas que tenho de olhar para fora e ao redor para me certificar de que ainda não estou sonhando.

Lembra-se da conversa que tivemos há uns dois meses quando jantamos juntos? Passamos, de um modo ou de outro, para o espaço e o tempo, e creio que concordamos que, logo que tentamos raciocinar sobre o espaço e o tempo, desembocamos num labirinto de contradições. O senhor disse algo no sentido de que isso era bastante curioso mas que era mais como um sonho. "Um homem às vezes acorda de um sonho louco ", o senhor disse, "ao se dar conta de que está pensando disparates." E nós dois nos perguntamos se essas contradições que não se consegue evitar, quando se começa a pensar no tempo e no espaço, não podem de fato ser provas de que a vida como um todo é um sonho, e a lua e as estrelas, fragmentos de um pesadelo. Tenho pensado nisso com freqüência ultimamente. Chuto as paredes, como o Dr. Johnson chutou as pedras, para me certificar de que as coisas à minha volta estão lá. E então me ocorre aquele outro problema — está o mundo realmente chegando ao fim, o mundo tal como sempre o conhecemos? Mas como será o novo mundo? Não sou capaz de imaginá-lo; é uma história como a Arca de Noé e o Dilúvio. As pessoas costumavam falar do fim do mundo e do fogo, porém ninguém nunca pensou em algo assim.

Mas há uma outra coisa que me preocupa. De vez em quando me pergunto se não enlouquecemos todos completamente nesta casa. Apesar do que vejo e sei, ou, talvez, deveria dizer, porque o que vejo e sei é tão impossível, pergunto-me se não estamos todos sofrendo de um delírio. Talvez sejamos os nossos próprios

carcereiros, e sejamos realmente livres para sair e viver. Talvez o que pensamos ver não exista de modo algum. Creio ter ouvido falar de famílias inteiras que enlouqueceram juntas, e é possível que eu tenha cedido à influência desta casa, tendo nela morado nos últimos quatro meses. Sei de pessoas que foram mantidas vivas por enfermeiros que as alimentaram à força, porque têm certeza de que a garganta dessas pessoas estão fechadas, de modo que elas sentem que não têm condição de engolir um naco sequer. Pergunto-me, de vez em quando, se não estamos na mesma situação aqui em Treff Loyne. No entanto, no íntimo, tenho certeza de que não é este o caso.

Contudo, não quero deixar uma carta escrita por um louco, por isso não vou lhe relatar a história integral do que vi, ou acredito ter visto. Se sou um homem de espírito são, o senhor mesmo será capaz de preencher os vazios com base no seu próprio conhecimento. Se sou louco, queime a carta e nada diga a respeito dela. Ou, talvez — e, na verdade, não estou muito certo —, eu acorde e ouça Mary Griffith chamando meu nome com aquela voz alegre e monocórdia e dizendo que o café da manhã estará pronto "daqui a um minutinho ", e irei me deliciar com ele e irei até Porth para lhe contar o sonho mais bizarro e horrível que um homem jamais teve, e lhe perguntar qual o remédio mais eficaz que eu deveria tomar.

Acho que foi na terça-feira que percebemos pela primeira vez que havia alguma coisa estranha, porém na oportunidade não sabíamos que havia algo realmente estranho naquilo que percebemos. Eu tinha passado o dia fora desde as nove horas da manhã, tentando pintar o pântano, e senti uma grande dificuldade em fazê-lo. Voltei para casa umas cinco ou seis horas da noite e encontrei a família na Treff Loyne rindo do velho Tigre, o cão pastor. Ele estava dando corridinhas entre o terreiro e a porta da casa, latindo, emitindo ganidos breves e rápidos. A sra. Griffith e a srta. Griffith estavam de pé junto do alpendre, e o cão corria até elas, olhava bem para o rosto delas e depois atravessava correndo o terreiro até a porteira, e aí olhava para trás emitindo esse latido ansioso, como se esperasse que as mulheres o seguissem. Depois, repetidas vezes, corria até elas e lhes puxava a barra da saia, como se para arrastá-las à força para longe da casa.

Mais tarde, quando os homens voltaram do trabalho no campo, o cão repetiu essa ação. Corria de um lado para outro no terreiro, entrava e saía do celeiro e dos anexos, latindo; e sempre se dirigia à pessoa com ansiedade e logo se afastava, olhava para trás como se para verse o estavam seguindo. Quando a

porta da casa se fechou, e todos estavam sentados à mesa para jantar, ele não lhes deu sossego, até que por fim o puseram para fora. E então ele se sentou na varanda e raspou a porta com as patas, latindo o tempo todo. Quando a filha do casal me trouxe a refeição, ela disse: "A gente não sabe o que tá acontecendo com o velho Tigre, ele que sempre foi um cão muito bom ".

O cão latiu e ganiu e uivou e raspou a porta a noite inteira. Deixaram-no entrar uma vez, mas parece que ele ficou desvairado demais. Corria de um membro da família para outro; os olhos estavam congestionados, a boca espumava, e ele arranhava as roupas com as unhas até que foi posto de novo para fora na escuridão. Depois irrompeu num longo e melancólico uivo de angústia, e dele não soubemos mais.

13 – AS ÚLTIMAS PALAVRAS DO SR. SECRETAN

Dormi mal naquela noite. Acordei várias vezes de sonhos agitados e, durante o sono, pareceu que eu ouvia estranhos chamados, ruídos, o som de murmúrios e batidas à porta. Havia também vozes profundas e abafadas que ecoavam no meu sono, e, quando acordei, ouvi o vento outonal, fúnebre, nas colinas acima da casa. Sobressaltei-me uma vez com um grito medonho nos meus ouvidos. Mas a casa toda estava tranqüila e de novo mergulhei num sono agitado.

Foi logo depois de amanhecer que por fim despertei. As pessoas na casa conversavam alto, discutindo alguma coisa que eu não conseguia entender.

— São aqueles malditos ciganos, escute o que eu te digo — disse o velho Griffith.

— Mas por que é que iam fazer uma coisa dessa? — perguntou a sra. Griffith. — Se agora foi roubo...

— É mais provável que o John Jenkins fez isso por despeito — disse o filho. — Ele falou que não ia se esquecer do senhor quando a gente flagrou ele pescando na propriedade da gente.

Pareciam intrigados e com raiva, tanto quanto pude perceber, mas de modo

algum amedrontados. Levantei-me e comecei a me vestir. Acho que não olhei para fora pela janela. O espelho na minha penteadeira é alto e comprido, e a janela é pequena. Seria preciso enfiar a cabeça pela lateral do espelho para enxergar alguma coisa.

As vozes continuavam a discutir no andar térreo. Ouvi o velho dizer:

— Bom, de qualquer maneira, isto é pra começar — e a porta se fechou com uma batida.

Um minuto depois o velho chamou, acho, o filho. Depois houve um barulho tremendo que não vou descrever com detalhes, um grito e um choro medonhos dentro da casa, e um som de passos apressados. Todos gritaram um pelo outro de imediato. Ouvi a filha gritando: "é inútil, mãe, ele tá morto; na verdade o mataram", e a sra. Griffith gritava para a filha que a soltasse. Então um deles saiu correndo da cozinha e pôs as enormes trancas de carvalho na porta, justo no momento em que algo bateu contra ela com um ruído estrondoso.

Corri para o térreo. Encontrei-as numa desvairada confusão, numa agonia de dor, horror e espanto. Era como se tivessem visto algo tão medonho que enlouqueceram.

Fui à janela e olhei para o terreiro. Não vou lhe contar tudo o que vi. Mas vi o pobre velho Griffith caído ao lado do tanque, o sangue jorrando do flanco.

Quis sair e trazê-lo para dentro. Porém elas me disseram que ele estava definitivamente morto, e também que era bastante claro que quem quer que saísse da casa não viveria mais do que um instante. Não podíamos acreditar no que víamos, mesmo enquanto olhávamos para o corpo do morto. Mas estava lá. Eu costumava me perguntar às vezes o que uma pessoa sentiria se visse uma maçã cair da árvore e se alçar no ar e desaparecer. Agora acho que sei o que ela sentiria.

Mesmo então não acreditávamos que fosse durar. Não estávamos seriamente apreensivos por nós mesmos. Falamos de deixar a casa dali a uma ou duas horas, antes do jantar, de qualquer modo. Não poderia durar, porque era impossível. De fato, ao meio- dia, o pequeno Griffith disse que iria até o poço pelo caminho de trás para buscar mais um balde de água. Fui até a porta e fiquei a postos. Ele mal tinha andado uns doze metros quando o atacaram.

Ele correu imediatamente para dentro e fizemos o possível para trancar a porta a tempo. E então comecei a sentir medo.

Ainda assim, não podíamos acreditar. Alguém apareceria nos chamando dali a umas duas horas e tudo se dissolveria e desapareceria. Não poderia haver qualquer perigo real. Havia uma grande quantidade de toucinho defumado na casa, metade da fornada semanal de pães, um pouco de cerveja no porão, mais ou menos meio quilo de chá e um jarro inteiro de água que fora tirada do poço na noite anterior. Passaríamos sem problema o resto do dia e na manhã seguinte tudo estaria terminado.

Mas dois dias se passaram e ainda estavam lá. Eu sabia que Treff Loyne é um lugar solitário — por isso vim para cá, para ter um longo descanso de toda a confusão, todo o burburinho e toda a agitação de Londres, que dá vida ao homem mas também o mata. Vim para Treff Loyne porque está fincada no vale estreito à sombra dos freixos, distante de qualquer caminho. Não há mais do que uma trilha nas proximidades; nunca ninguém veio por lá. O pequeno Griffith me falou que a casa mais próxima fica a uns três quilômetros daqui, e a idéia da paz e do retiro silenciosos da fazenda era uma satisfação para mim.

E agora essa idéia me ocorreu de novo sem qualquer satisfação, com terror. Griffith pensou que um grito poderia ser ouvido numa noite calma no topo do Allt, "se um homem estiver atento para isso", acrescentou, hesitante. A minha voz era mais audível do que a dele e, na segunda noite, eu disse que ia subir para o meu quarto e gritar por socorro pela janela aberta. Esperei até que tudo estivesse escuro e calmo e olhei pela janela antes de abri-la. E então vi, acima da aresta do longo celeiro, do outro lado do terreiro, o que parecia ser uma árvore, embora eu soubesse que lá não havia árvore. Era um vulto negro contra o céu, com galhos bastante estirados, uma árvore de folhagens espessas e densas. Perguntei-me o que poderia ser e escancarei a janela, não só porque gritaria por socorro mas também porque eu queria enxergar mais claramente o que era de fato a vegetação escura acima do celeiro.

Vi na profundeza daquela escuridão pontos de fogo, e luzes coloridas, tudo reluzindo e se movendo, e o ar tremulava. Olhei fixamente dentro da noite e a árvore negra se ergueu acima do telhado do celeiro e se elevou no ar e flutuou na minha direção. Não me mexi até que, no último instante, ela estava próxima da casa, e então vi o que era e fechei a janela com uma batida antes que fosse tarde demais. Tive de pelejar, e vi a árvore, como uma nuvem em chamas, erguer-se na noite e tornar a baixar e se assentar acima do celeiro.

Contei isso para elas no andar térreo. Empalideceram, e a sra. Griffith falou que os demônios antigos estavam à solta e saíram das árvores e das velhas

colinas por causa da maldade que reinava na Terra. Começou a murmurar algo para si mesma, algo que, para mim, soava como latim imperfeito.

Tornei a subir para meu quarto uma hora depois, mas a árvore negra se avolumava acima do celeiro. Outro dia se passou e, ao anoitecer, olhei para fora, mas os olhos de fogo me observavam. Não me atrevi a abrir a janela.

E então pensei num outro plano. Há a enorme e antiga lareira, cuja chaminé redonda flamenga se eleva bem acima da casa. Se ficasse sob ela e gritasse, achei que o som talvez se propagasse melhor do que se chamasse pela janela. Pelo que sei, a chaminé redonda poderia funcionar como uma espécie de megafone. Noite após noite, portanto, fiquei sob a chaminé, a pedir socorro das nove às onze horas. Pensei neste lugar solitário, encravado no fundo do vale de freixos, das solitárias colinas e terras em volta. Pensei nos pequenos chalés remotos e esperei que a minha voz chegasse aos moradores dentro deles. Pensei na trilha sinuosa no cimo do Allt e nos poucos homens que subiam até lá durante a noite. Porém tinha esperança de que a minha voz fosse ouvida por um deles.

Mas tomamos toda a cerveja e só podíamos beber água em pequenos goles, e, na quarta noite, a minha garganta estava seca, e comecei a me sentir estranho e fraco. Sabia que a voz que tinha nos pulmões dificilmente chegaria ao campo junto da fazenda.

Foi então que começamos a sonhar com poços e fontes, a água vertendo muito fria, em pequenas gotas, de lugares rochosos no meio de uma floresta fria. Desistimos de todas as refeições. De vez em quando um de nós cortava um pedaço do lado do toucinho defumado na parede da cozinha e mastigávamos pedacinhos, mas a salinidade era como fogo.

Uma noite, caiu um aguaceiro. A moça disse que poderíamos abrir a janela e estender tigelas e bacias e pegar água de chuva. Mencionei a nuvem com olhos em chamas. Ela retrucou: "Vamos até a janela da leiteria nos fundos e um de nós pode conseguir um pouco de água de qualquer jeito". Ela ficou de pé com a bacia na laje de pedra da leiteria e espiou lá fora e ouviu a chuva chapinhar, caindo muito depressa. E ela destrancou o trinco da janela e apenas a entreabriu com uma mão, mais ou menos a largura de dois dedos, segurando a bacia na outra mão. "E então", ela contou, "tinha alguma coisa que começou a tremer e estremecer e se agitar como aconteceu quando a gente foi ao Festival do Coral, na festa de São Teilo, e o órgão tocou, e bem na minha frente estava a nuvem em chamas."

E então começamos a sonhar, como eu disse. Acordei na minha sala de estar uma tarde quente quando o sol brilhava, e no meu sonho eu procurava e vasculhava a casa inteira, e desci até o velho porão que não era usado, o porão com os pilares e o salão arcado, com um pique de ferro na mão. Alguma coisa me dizia que lá havia água e, no meu sonho, aproximei-me de uma pedra pesada ao lado do pilar do centro e a levantei, e lá, embaixo dela, estava um poço borbulhante de água fria e cristalina, e, no que fechei a mão para bebê-la, acordei. Fui até a cozinha e contei para o pequeno Griffith. Falei que tinha certeza de que lá havia água. Ele meneou a cabeça negativamente mas pegou o enorme atiçador de fogo da cozinha e descemos para o velho porão. Mostrei-lhe a pedra ao lado do pilar e ele a ergueu. Mas não havia poço.

Sabe que isso me fez lembrar de muitas pessoas que conheci na vida? Não me deixei convencer. Afinal de contas, tinha certeza de que lá havia um poço. Eles tinham um cutelo de açougueiro na cozinha e eu o levei para o velho porão e com ele golpeei o chão. Os outros não se opuseram a isso. Estávamos superando esse tipo de coisa. Mal conversávamos uns com os outros. Cada um andava a esmo pela casa, no andar de cima e no térreo, cada um de nós, creio, compenetrado no seu próprio plano absurdo e desígnio desvairado, mas mal conversávamos. Anos atrás, trabalhei um período como ator e me lembro como era nas primeiras noites. Os atores andando silenciosamente de um lado para outro nos bastidores, junto da entrada, os lábios movendo-se e murmurando as lulas dos papéis, mas sem trocarem palavra. Era assim entre nós. Unia noite encontrei o pequeno Griffith tentando obviamente abrir uma passagem subterrânea sob uma das paredes da casa. Eu sabia que ele tinha enlouquecido, assim como ele sabia que eu tinha enlouquecido quando me viu cavando um poço no porão. Mas nada dissemos um ao outro.

Agora já superamos tudo isso. Estamos fracos demais. Sonhamos enquanto estamos acordados e quando sonhamos pensamos que acordamos. Noite e dia vêm e vão, e tomamos um pelo outro. Ouço Griffith falando baixinho consigo mesmo sobre as estrelas quando o sol está a pino ao meio-dia, e à meia-noite dei comigo pensando que caminhei por campinas ensolaradas ao lado de frios regatos céleres que fluíam de rochedos elevados.

Depois, no raiar do dia, figuras de mantos negros, segurando efrios acesos nas mãos, passam lentamente por aqui e por ali. E escuto a intensa música do órgão que soa como se algum tremendo ritual estivesse prestes a começar, e vozes clamando num antigo canto agudo saído das profundezas da terra.

Ainda agora há pouco ouvi uma voz que soou como se estivesse nos meus próprios ouvidos, mas vibrou e ecoou e ressoou como se estivesse a rolar e reverberou das abóbadas de alguma catedral, entoando em terríveis modulações. Ouvi as palavras muito claramente.

Incipit liber irce Domini Dei nostri. (Aqui principia O Livro da Ira do Nosso Senhor.)

E então a voz entoou a palavra *Aleph*, alongando-a, parecia que eternamente, e uma luz se extinguiu quando ela iniciou o capítulo:

Neste dia, disse o Senhor, haverá uma nuvem sobre a terra, e na nuvem uma combustão e uma forma de fogo, e da nuvem manarão meus mensageiros; prosseguirão todos juntos, não haverão de extraviar-se; este será um dia de excessiva amargura, sem salvação. E sobre cada colina elevada, diz Jeová, postarei minhas sentinelas e meus exércitos acamparão no lugar de cada vale; na casa que está entre juncos executarei meu julgamento, e em vão buscarão refúgio nas munições das pedras. Nos arvoredos dos bosques, nos lugares em que as folhagens são como uma tenda sobre eles, haverão de encontrar o sabre do assassino; e aqueles que depositarem a confiança em cidades muradas serão amaldiçoados. Desgraça ao homem armado, desgraça àquele que tem prazer na potência de sua artilharia, pois algo ínfimo a ele infligirá derrota, e por aquele que é desprovido de força no solo será derrubado. Aquilo que é baixo será elevado à altura; farei do cordeiro e da jovem ovelha o leão das ondas do Jordão; não haverão de ceder, diz o Senhor, e as pombas serão como as águias na colina Engedi; ninguém que subsista ao assalto de sua batalha será encontrado.

Mesmo agora posso ouvir a voz rolando na distância, como se viesse do altar de uma enorme igreja e eu estivesse à porta. Há luzes muito distantes na cavidade de uma vasta escuridão, e uma por uma elas se apagam. Ouço uma cantando de novo com aquela modulação interminável que ascende e aspira às estrelas, e lá brilha, e se precipita para as profundezas escuras da Terra, para de novo ascender. A palavra é *Zain*.

E nesse ponto o manuscrito passou outra vez, e finalmente, para uma completa e lamentável confusão. Havia titubeantes linhas rabiscadas na página na qual Secretan pareceu ter tentado anotar a música espectral que se avolumava nos ouvidos agonizantes. Como mostravam os rabiscos e as rasuras de tinta, ele se esforçara sobremaneira para iniciar uma nova frase. Por fim a caneta caiu de sua mão sobre o papel, deixando nele uma nódoa e um borrão.

Lewis escutou o arrastar de pés ao longo do corredor. Estavam carregando os mortos para a carroça.

14 – O FIM DO TERROR

O dr. Lewis afirmou que jamais começaríamos a entender o verdadeiro significado da vida antes de começarmos a estudar precisamente os aspectos dela que agora rejeitamos e ignoramos por serem inteiramente inexplicáveis e, portanto, sem importância.

Estavámos conversando, há alguns meses, sobre a medonha sombra do terror que por fim se dissipara no país. Eu tinha formado minha opinião, em parte com base na observação, em parte com base em determinados fatos que me foram comunicados, e, depois de trocados os santo-e-senhas, constatei que Lewis chegara à mesma conclusão por meios diferentes.

— E no entanto — disse ele—não é uma verdadeira conclusão, ou, antes, como todas as conclusões da investigação humana, leva- nos a um grande mistério. Temos de admitir que o que aconteceu poderia ter acontecido em qualquer época da história do mundo. Não aconteceu até um ano atrás, é verdade, e por isso concluímos que jamais aconteceria. Ou, melhor dizendo, escapou até mesmo ao alcance da imaginação. Mas nós somos assim. As pessoas, na maioria, têm certeza de que a Peste Negra — ou a peste bubônica – jamais tornará a se alastrar na Europa. Elas concluíram, complacentemente, que a peste se deveu à imundície e ao precário sistema de esgotos. Na verdade, a peste bubônica nada teve a ver com imundície ou com esgotos. E não há nada que a impeça de devastar a Inglaterra amanhã. Mas se você disser isso para as pessoas, elas não vão acreditar. Não vão acreditar em nada que não esteja presente no exato momento em que você conversa com elas. O caso do terror é

análogo ao caso da peste. Não podíamos acreditar que uma tal coisa um dia viesse a acontecer. Remnant afirmou, com razão, que, o que quer que fosse, escapava à teoria, escapava à nossa teoria. A superfície não crê no cubo ou na esfera.

Concordei com tudo isso. Acrescentei que, às vezes, o mundo é incapaz de ver o que está diante de nossos olhos, quanto menos acreditar nele.

— Basta examinar — eu disse — qualquer estampa de uma catedral gótica do século XVIII. Você irá constatar que mesmo o olho artístico treinado não conseguiu enxergar, em qualquer sentido verdadeiro, o prédio que estava diante dele. Vi uma antiga estampa da Catedral de Peterborough que parece como se o artista a tivesse desenhado a partir de um modelo tosco, construído de arame torcido e tijolos de brinquedo.

— Exatamente. Porque o gótico escapava à teoria estética (e, portanto, à visão) da época. Você não acredita naquilo que não vê; ou melhor: você não vê aquilo em que não acredita. Foi assim durante o período do terror. Tudo isso corrobora o que Coleridge afirmou acerca da necessidade de ter a idéia antes de os fatos serem úteis a alguém. Evidentemente, ele estava certo. Meros fatos, sem a idéia correlacionada, nada significam e levam a nenhuma conclusão. Tivemos fatos em abundância, mas nada pudemos entender a partir deles. Voltei para casa no fim daquela terrível procissão que saiu da Treff Loyne num estado mental muito próximo da demência. Ouvi um dos soldados dizer para o outro: "Não tem rato que fure o coração de um homem, Bill". Não sei por que, mas senti que, se ouvisse mais um pouco desse tipo de conversa, eu enlouqueceria. Tive a impressão de que as âncoras da razão estavam me abandonando. Despedi-me do grupo e tomei um atalho pelos campos até Porth. Fui ver Davies, na rua do comércio, e combinamos que ele cuidaria de todos os pacientes que me procurassem naquela tarde, e de lá fui para casa e instruí meu assistente para despachar as pessoas. Depois fiquei sozinho para raciocinar — se conseguisse. Não pressupunha que minhas experiências naquela tarde me proporcionariam a menor iluminação. Na verdade, se não tivesse visto o corpo do pobre velho Griffith trespassado e caído no terreiro de sua própria fazenda, acho que tenderia a aceitar uma das sugestões do Secretan, e acreditar que a família inteira fora vítima de um delírio ou de uma alucinação coletivos, e se trancara dentro da casa e morrera de sede devido a uma loucura absoluta. Creio que houve casos semelhantes. É a insanidade da inibição, a convicção de que não se é capaz de fazer algo que se está perfeitamente capacitado para fazer. Acontece, porém, que

vi o corpo do homem assassinado e a ferida que o matou. Mas então o manuscrito deixado por Secretan não me deu pista alguma? Bom, no meu entender, tornou confusão ainda mais confusa. Você o viu. Sabe que em determinadas passagens é, obviamente, mero delírio, devaneios de uma mente agonizante. Como poderia eu separar os fatos dos fantasmas — sem a chave de lodo o enigma? O delírio é muitas vezes uma espécie de sonho, uma espécie de sombra ampliada e distorcida de fatos, mas é uma coisa muitíssimo difícil, uma coisa quase impossível, reconstruir a casa real a partir da distorção dela, lançada nas nuvens do cérebro do paciente. Veja, Secretan, ao escrever aquele documento insólito, quase insistiu no fato de que não estava com o juízo perfeito, de que por dias estivera em parte adormecido, em parte desperto, em parte delirante. Como se pode avaliar essa declaração, separar o delírio do l ato? Numa coisa ele permaneceu coerente. Você se lembra de que ele fala de pedir socorro pela chaminé da Treff Loyne. Isso parece se enquadrar nas histórias de um grito lamentoso e abafado que se ouviu no cimo do Allt: até aqui podemos considerar que ele faz um registro de experiências reais. Inspecionei os velhos porões da fazenda e encontrei uma espécie de toca de coelho cavada freneticamente ao lado de um dos pilares. De novo, ele foi coerente. Mas o que entender da história da voz que cantava, das letras do alfabeto hebraico e do capítulo extraído de um profeta menor? Quando se possui a chave, fica bastante fácil separar os fatos, ou as sugestões de fatos, dos delírios. Mas eu não possuía a chave naquela noite de setembro. Estava me esquecendo da "árvore" com fogos. Isso, acho, impressionou-me mais do que qualquer outra coisa, com a sensação de que a história de Secretan era, fundamentalmente, uma história verdadeira. Eu mesmo vi uma aparição semelhante no meu jardim. Mas o que era aquilo? Agora, eu estava dizendo que, paradoxalmente, é apenas com as coisas inexplicáveis que a vida pode ser explicada. Tendemos a dizer, como você sabe, "uma estranha coincidência", e pomos a questão de lado, como se nada mais houvesse para dizer, ou como se com isso ela terminasse. Bom, acredito que a única senda real se dá através de becos sem saída.

— O que é que você quer dizer com isso?

— Bem, vou lhe dar um exemplo do que eu quero dizer. Eu lhe contei a respeito de Merritt, meu cunhado, e do naufrágio do barco, o *Mary Ann*. Ele viu, segundo ele, sinais de luz piscando de uma das fazendas no litoral, e estava bastante seguro de que as duas coisas se relacionavam intimamente, como causa e efeito. Achei tudo isso um contra-senso, e comecei a pensar em como fazê-lo

parar de falar sobre isso quando uma enorme mariposa entrou voando na sala por aquela janela, esvoaçou e acabou se queimando viva no lampião. Isso me deu uma idéia. Perguntei ao Merritt se ele sabia por que as mariposas mergulhavam no fogo, ou algo assim. Achei que seria uma indicação para ele de que eu estava cansado de ouvi-lo falar de sinais de luz e de suas teorias simplórias. E foi o que aconteceu. Ele pareceu ficar mal-humorado e se calou. Mas, alguns minutos mais tarde, fui chamado por um homem que tinha encontrado o filhinho morto no campo perto de seu próprio chalé uma hora antes. O menino estava tão imóvel, disseram, que uma enorme mariposa havia pousado em sua fronte e só bateu asas quando ergueram o corpo. Era totalmente ilógico. Mas foi essa "estranha coincidência" da mariposa no meu lampião e da mariposa na fronte do menino morto que pela primeira vez me colocou na pista. Não posso dizer que isso me guiou num sentido verdadeiro. Era mais como o brilho de uma pintura vermelha intensa numa parede. Chamou minha atenção, digamos assim. Foi uma espécie de choque, como uma batida num enorme tambor. Sem dúvida, o que Merritt estava falando naquela noite era uma grande tolice, com relação ao caso apresentado por ele. Os sinais de luz emitidos da fazenda nada tinham a ver com o naufrágio do navio. Esse princípio geral, porém, era judicioso. Quando se ouve o disparo de uma arma e se vê um homem cair, é inútil falar de "uma mera coincidência". Acho que se poderia escrever um livro bastante interessante a respeito disso: eu lhe daria o título de *Uma gramática da coincidência*. Mas, como você deve se lembrar, tendo lido minhas notas sobre o caso, uns dez dias depois fui chamado para ver um homem de nome Cradock, que fora encontrado morto num campo perto de sua própria fazenda. Isso também foi à noite. Quem o encontrou foi a mulher, e, na história que ela relatou, havia coisas muito estranhas. Ela disse que a cerca viva do campo parecia mudada. Começou a recear que tinha se perdido e entrado no campo errado. Depois disse que a cerca viva estava iluminada, como se nela houvesse uma porção de vaga-lumes, e, quando olhou por cima dos degraus da cerca, parecia haver uma espécie de luz bruxuleante no chão. Em seguida a luz se dissolveu e ela descobriu o corpo do marido perto de onde a luz estivera. Agora, esse homem, Cradock, fora asfixiado tal como o menino Roberts, assim como fora asfixiado o homem no condado central da Inglaterra que tomara um atalho uma noite. Lembrei-me, então, de que o pobre Johnnie Roberts tinha falado de "alguma coisa brilhante" acima dos degraus da cerca viva, um pouco antes de se desgarrar dos irmãos. Depois, de minha parte, adicionei a extraordinária visão que eu mesmo testemunhei aqui, ao olhar o jardim lá embaixo: a aparição de uma árvore que se expandia onde, eu

sabia, não havia tal árvore, de luzes cintilantes e ardentes e cores em movimento. Tal como o pobre menino e a sra. Cradock, vi algo brilhante, assim como um homem de Stratfordshire viu uma nuvem negra com pontos de fogo flutuando sobre as árvores. E a sra. Cradock achou que a forma das árvores junto da cerca viva havia mudado. Minha mente quase emitiu a palavra procurada. Mas você entende as dificuldades disso. Esse conjunto de circunstâncias não pode, tanto quanto entendo, ter qualquer relação com as outras circunstâncias do terror. Como poderia eu relacionar tudo isso com as bombas e as metralhadores dos condados centrais da Inglaterra, com os homens armados que guardavam dia e noite os armazéns de munição? Depois havia a longa lista de pessoas daqui que caíram dos penhascos e para o fundo da pedreira; havia o caso dos homens afogados no lodaçal do pântano; havia o caso da família assassinada na frente do chalé em que morava na Estrada Mestra; havia o naufrágio do *Mary Ann*. Todos me pareciam irremediavelmente desconexos. Eu não conseguia estabelecer relação alguma entre o agente que destroçou o cérebro dos integrantes da família Williams e o agente que virou o barco. Não sei, mas penso que é bastante provável que, se nada mais tivesse acontecido, eu tivesse atribuído tudo a uma enigmática série de crimes e acidentes que por acaso ocorreram em Meirion no verão de 1915. Bem, evidentemente esse leria sido um ponto de vista insustentável, considerando-se determinados incidentes na história de Merritt. No entanto, quando nos defrontamos com o insolúvel, nós por fim o deixamos passar. Se o mistério é inexplicável, pretendemos que não há mistério algum. Essa é a justificativa para o que se chama livre-pensamento. Em seguida se deu esse extraordinário caso da fazenda Treff Loyne.

Não pude pô-lo de lado. Não pude fazer de conta que nada estranho ou insólito aconteceu. Não havia como passar por cima disso ou contornar isso. Eu tinha visto com meus próprios olhos que havia um mistério, e um mistério dos mais horríveis. Esqueci-me da minha lógica, mas pode-se dizer que Treff Loyne demonstrou a existência de um mistério na figura da morte. Voltei para casa tendo tudo isso em mente, como lhe disse, e passei a noite pensando nisso. Fiquei estarrecido, não só com todo o horror mas, de novo, com a discrepância entre as condições. O velho Griffith, tanto quanto pude julgar, fora morto com o golpe de um pique ou talvez de uma estaca afiada: como relacionar isso com a árvore ardente que flutuara sobre a aresta do celeiro? E como se eu lhe dissesse: "Aqui está um homem afogado, e aqui está um homem queimado vivo; demonstre que cada uma dessas mortes foi causada pelo mesmo agente!". E no momento em que pus de lado o caso específico da Treff Lloyne, para tentar

lançar sobre ele alguma luz a partir dos outros exemplos do terror, pensei no homem do condado central da Inglaterra que ouviu os pés de milhares de homens farfalhando no bosque, as vozes deles como se de mortos que, sentados sobre os próprios ossos, conversassem. E então me perguntei: "O que dizer do barco virado no mar calmo?". Parecia não haver fim para isso, nenhuma esperança de qualquer solução. Foi, creio, um repentino salto do pensamento que me libertou do emaranhado. Bem longe da lógica. Tornei a refletir sobre aquela noite em que Merritt estava me aborrecendo com os sinais de luz, sobre a mariposa na vela e sobre a mariposa pousada na fronte do pobre Johnnie Roberts. Isso não fazia qualquer sentido, mas, de repente, conclui que o menino e Joseph Cradock, o fazendeiro, assim como aquele homem anônimo de Stratfordshire, todos encontrados à noite, todos asfixiados, tinham sido sufocados por uma enorme quantidade de mariposas. Mesmo agora não tenho a menor pretensão de que isso seja demonstrável, mas tenho certeza de que é verdadeiro. Agora, suponha que você se depare com um bando dessas criaturas na escuridão. Suponha que as menores delas voem para dentro de suas narinas. Você vai ofegar, desesperado para respirar, e abrir a boca. Depois, suponha que algumas centenas delas voem para dentro de sua boca, para dentro de sua garganta, para dentro de sua traquéia.

O que acontecerá com você? Morrerá dentro de um período muito hreve, sufocado, asfixiado.

— Mas as mariposas também morreriam. Seriam encontradas no interior do corpo.

—As mariposas? Sabe que é extremamente difícil matar uma mariposa com cianeto de potássio? Pegue uma rã, mate-a, abra-lhe o estômago. No interior dela você encontrará o jantar composto de mariposas e pequenos besouros, e o "jantar" irá se agitar e se retirar alegremente, para reiniciar uma existência inteiramente ativa. Não, isso não é difícil. Bom, então cheguei ao seguinte. Eu estava excluindo todos os outros casos. Estava me restringindo aos que se adequavam a uma fórmula específica. Cheguei à suposição, ou à conclusão, como você preferir, de que algumas pessoas tinham sido asfixiadas pela ação de mariposas. Eu tinha encontrado uma explicação para aquela extraordinária experiência das luzes ardentes e coloridas que eu mesmo vira, quando avistei o crescimento da estranha árvore no jardim. Era, claramente, a nuvem com pontos de fogo que o homem de Stratfordshire tomou por um novo e terrível tipo de gás tóxico; era a coisa brilhante que o pobrezinho do Johnnie Roberts vira acima dos

degraus da cerca viva; era a luz cintilante que conduzira a sra. Cradock ao cadáver do marido; era o conjunto de olhos terríveis que vigiavam Treff Loyne à noite. Assim que me achei na pista certa, compreendi tudo isso, pois, ao entrar neste cômodo às escuras, fiquei pasmo com o assombroso ardor e as estranhas cores flamejantes dos olhos de uma única mariposa, enquanto ela subia pela vidraça da janela, do lado de fora. Imagine o efeito de miríades de olhos semelhantes, do movimento dessas luzes e desses fogos num enorme bando de mariposas, cada inseto a se movimentar constantemente enquanto conserva seu lugar na massa deles: achei que tudo isso era claro e certo. Depois, a próxima etapa. Evidentemente, nada sabemos, de fato, acerca de mariposas. Ou melhor, nada sabemos acerca da realidade das mariposas. Não ignoro que haja centenas de livros que tratam de mariposas e nada mais além de mariposas. Mas são livros científicos, e a ciência lida apenas com a superfície. Não tem nada a ver com realidades. E irrelevante se procura ter alguma coisa a ver com realidades. Tomemos um detalhe secundário: não sabemos nem mesmo por que as mariposas desejam a chama. Mas sabemos o que as mariposas não fazem: não se reúnem em bandos com o propósito de destruir a vida humana. Mas aqui, segundo a hipótese, houve casos em que a mariposa fez exatamente isso. A raça das mariposas tramou, ao que parece, uma conspiração maligna contra a raça humana. Algo impossível, sem dúvida — quero dizer, nunca aconteceu antes —, mas não pude evitar tal conclusão. Esses insetos, portanto, se tornaram hostis ao homem, e depois se abstiveram, pois não pude vislumbra[r] a próxima etapa, embora agora me pareça óbvia. Creio que os fragmentos da conversa dos soldados, na ida a Treff Loyne e na volta, estabeleceram a ligação seguinte que faltava. Eles falaram de "veneno para rato", de rato algum ser capaz de perfurar o coração de um homem com um pique. E então, de repente, vi com clareza. Se as mariposas estavam infectadas com o ódio dos homens, e tinham o propósito e o poder de se unirem contra eles, por que não supor que esse ódio, esse propósito, esse poder, fosse partilhado com outras criaturas não-humanas?

— O segredo do terror poderia ser resumido numa frase: os animais se revoltaram contra os homens.

—Agora, o enigma se tornou bastante fácil. Bastava classificá- lo. Tome os casos das pessoas que morreram despencando do alto dos penhascos ou da beira da pedreira. Consideramos as ovelhas criaturas tímidas, que sempre fogem. Mas imagine uma ovelha que não fuja. E, afinal de contas, por que deveriam fugir? Pedreira ou não, penhasco ou não, o que aconteceria com você se uma centena

de ovelhas o perseguisse, em vez de fugir de você? Não haveria salvação. Elas o derrubariam e o pisoteariam até matá-lo ou o sufocariam. Depois, imagine um homem, uma mulher ou uma criança, na beira de um penhasco ou de uma pedreira, e uma súbita investida de ovelhas. Claro que não há salvação. Não há outra saída senão a queda. Não resta dúvida de que foi isso o que aconteceu em todos os casos. E, de novo, você conhece o campo e sabe que um bando de reses às vezes persegue as pessoas de uma maneira solene e obstinada. Comportam-se como se desejassem assediá- las. Gente da cidade às vezes fica sobressaltada e grita e foge. Você e eu não prestaríamos nem atenção, ou, no máximo, brandiríamos a vara na direção das reses, que se deteriam ou se afastariam. A mais velha e meiga vaca, lembre-se, é mais forte do que qualquer homem.

O que pode um homem, ou meia dúzia de homens, fazer contra uma centena desses animais não mais coibidos por aquela curiosa inibição que por séculos fez dos fortes os humildes escravos dos fracos? Mas, se você estivesse estudando as plantas do pântano, como aquele pobre sujeito que passava uma estada em Porth, e quarenta ou cinqüenta reses novas se reunissem pouco a pouco a sua volta, se recusasse a se mover quando você gritasse e brandisse a vara, e em vez disso se aproximasse ainda mais e o impelisse para dentro do lodaçal, então, mais uma vez, qual seria a salvação? Se não tiver uma pistola automática, deve submergir e ficar submerso, enquanto os animais continuam a observá-lo por cinco minutos. Foi uma morte mais rápida para o pobre Griffith, da Treff Loyne — um de seus próprios animais o matou com um preciso golpe do chifre que lhe atravessou o coração. E a partir daquela manhã os que se encontravam dentro da casa foram sitiados por suas próprias reses e cavalos e ovelhas; e quando aqueles desafortunados abriram a janela para pedir socorro ou para pegar algumas gotas da água de chuva para aliviar a sede abrasadora, a nuvem os esperava com sua miríade de olhos de fogo. Pode você se espantar com o relato de Secretan, que, em alguns momentos, revela mania? Você percebe a horrível si tuação das pessoas no interior da Treff Loyne. Não só viram a morte avançando contra elas como também avançando com passos inacreditáveis, como se devessem morrer não apenas no pesadelo mas também pelo pesadelo. Mas ninguém, no mais impetuoso e desvairado dos sonhos, pôde imaginar tal destino. Não me surpreende que num momento Secretan suspeitasse da prova fornecida por seus sentidos e num outro inferisse que o fim do mundo havia começado.

— Mas e quanto aos Williams, que foram mortos na Estrada Mestra aqui perto?

— Os cavalos foram os assassinos, os cavalos que posteriormente desembestaram pelo acampamento abaixo. De algum modo, que para mim permanece obscuro, eles atraíram a família para fora na estrada e lhes esmagaram a cabeça. As ferraduras dos cascos foram o instrumento de execução. E, quanto ao Mary Ann, o barco que naufragou, não tenho dúvida de que foi virado por uma repentina investida dos botos que estavam dando saltos por perto nas águas de Larnac Bay. O boto é um animal pesado, uma meia dúzia deles conseguiria facilmente tombar um barco a remos. As fábricas de munição? O inimigo delas eram ratos. Creio que se calculou que, na "grande Londres", o número de ratos é mais ou menos igual ao número de seres humanos, ou seja, há cerca de sete milhões deles. A proporção seria mais ou menos a mesma em todos os grandes centros populacionais. E o rato, além do mais, tem, de vez em quando, hábitos migratórios. Você entende agora a história do *Semiramis*, batendo-se na foz do Tâmisa e por fim soçobrando em Arcachon, tendo como tripulação pilhas de ossos secos. O rato é um hábil abordador de navios. E desse modo pode-se entender a história contada pelo homem amedrontado que tomou a trilha do bosque que partia da nova fábrica de munições. Ele achou que tinha ouvido mil homens atravessando de manso o bosque e conversando entre si num idioma horrível. O que ele ouviu foi o enfileiramento de um exército de ratos, a formação anterior à batalha. E imagine o terror de um tal ataque. Mesmo um único rato em fúria, como se diz, pode ser um confronto feio. Imagine, então, a irrupção dessas terríveis miríades congregadas, investindo contra os trabalhadores indefesos, despreparados e perplexos nas fábricas de munição.

Não há dúvida, penso eu, de que as conclusões do dr. Lewis estavam inteiramente fundamentadas. Como disse, cheguei praticamente ao mesmo resultado, por caminhos diferentes. Mas isso no que respeita à situação geral, enquanto Lewis fizera um exame particular das circunstâncias do terror que se achavam ao alcance imediato, na qualidade de médico, profissão que ele exercia no sul de Meirion. De alguns casos examinados, sem dúvida, ele não tinha qualquer conhecimento imediato ou direto. Mas julgara- os por sua similaridade com os fatos que lhe chamaram pessoalmente a atenção. Encarou os incidentes da pedreira de Llanfihangel por analogia com as pessoas encontradas mortas no pé dos penhascos perto de Porth, e decerto, ao fazê-lo, agiu com legitimidade. Contou-me que, ao reconsiderar todo o assunto, ficou menos perplexo com o terror em si do que com a estranha maneira pela qual chegara às conclusões.

— Sabe — disse ele —, aqueles indícios de má índole dos animais dos quais

tínhamos conhecimento, as abelhas que ferroaram a criança até matá-la, os fiéis cães pastores que se tornaram selvagens, e assim por diante... Bem, nada disso me forneceu qualquer luz. Nada me sugeriu o que quer que fosse, simplesmente porque eu não lijlha aquela "idéia" que Coleridge corretamente afirma ser necessária cm qualquer investigação. Fatos *qua* fatos, como dissemos, nada significam, e levam a nada. Você não crê, logo, não vê. E então, quando por fim a verdade surgiu, foi através da fantástica "coincidência", como denominamos tais sinais, da mariposa no meu lampião e da mariposa pousada na fronte do menino morto. Isso, acho eu, é extraordinário. E parece que há um animal que permaneceu fiel. O cão da Treff Loyne. Isso é estranho. Isso permanece um mistério.

Não seria prudente, mesmo agora, descrever com minúcias as terríveis cenas que se viram nas áreas de munição do norte e do centro do país durante os meses sinistros do terror. Das fábricas saíam, na escura meia-noite, os cadáveres amortalhados em caixões, e seus próprios familiares não sabiam de que modo tinham morrido. Em todas as cidades, inúmeras casas observavam luto, inúmeras casas ressoavam rumores lúgubres e terríveis. Inacreditável, como a inacreditável realidade. Houve coisas feitas e sofridas que talvez jamais venham à luz, cujas recordações e tradições secretas serão murmuradas em famílias, transmitidas de pai para filho, tornando- se mais fantásticas com a passagem dos anos, mas nunca mais fantásticas do que a verdade.

Basta dizer que a causa dos aliados esteve, por algum tempo, em perigo mortal. Os homens na frente de batalha, no extremo da adversidade, pediam armas e bombas. Ninguém lhes contou o que estava ocorrendo nos lugares em que essas munições eram fabricadas.

No princípio, a situação era simplesmente desesperadora. Homens em altos postos estavam quase propensos a gritar "misericórdia" para o inimigo. Após o pânico inicial, porém, tomaram-se medidas, como as descritas por Merritt em seu relato sobre o caso. Os operários estavam de posse de armas especiais, guardas estavam a postos, metralhadoras foram colocadas estrategicamente, bombas e líquidos inflamáveis estavam prontos para ser lançados contra as obscenas hordas inimigas, e as "nuvens ardentes" se defrontaram com um fogo mais feroz do que o delas mesmas. Muitas mortes ocorreram entre os pilotos-aviadores. Mas também eles dispunham de armas especiais, armas que disseminavam chumbo de modo a afastar os vôos sinistros que ameaçavam os aviões.

E então, no inverno de 1915-1916, o terror cessou tão subitamente quanto começou. Uma vez mais a ovelha era um animal assustado que fugia instintivamente de uma criança pequena; as reses eram de novo criaturas solenes e estúpidas, incapazes do mal. O espírito e a convenção do desígnio maligno abandonaram o coração de todos os animais. As correntes de que se libertaram por um período de novo os encadeavam.

E, por fim, o inevitável "por quê?". Por que os animais, que haviam se sujeitado humilde e pacientemente aos homens, ou que se intimidavam com sua presença, de repente se tornaram cientes de sua força, aprenderam a se aliar e declararam uma guerra cruel contra o antigo senhor?

Trata-se de uma pergunta bastante difícil e obscura. Apresento a explicação que tenho para apresentar com uma enorme desconfiança, e com uma evidente disposição para ser corrigido, se uma luz mais clara puder ser proporcionada.

Alguns amigos meus, por cujo juízo crítico tenho um grande respeito, tendem a pensar que houve um contágio de ódio. Afirmam que a fúria do mundo inteiro em guerra, a grande paixão pela morte que parece estar levando a humanidade à destruição, pelo menos infectou essas criaturas inferiores e, substituindo seu natural instinto de submissão, deu-lhes rancor, cólera e rapacidade.

Essa talvez seja a explicação. Não sustento o contrário, porque não pretendo entender o mecanismo do universo. Mas confesso que a teoria me parece extravagante. Pode bem haver um contágio de ódio, assim como há um contágio de varíola. Não sei, mas mal posso acreditar nisso.

Na minha opinião, e é apenas uma opinião, a origem da grande revolta dos animais deve ser buscada numa região mais sutil de investigação. Acredito que os súditos se revoltaram porque o rei abdicou. O homem dominou os animais ao longo dos séculos, o espiritual reinou sobre o racional por meio das peculiares qualidade e graça da espiritualidade que os homens possuem, que fazem de um homem o que ele é. E, quando ele manteve esse poder e essa graça, creio que ficou bastante claro que entre ele e os animais havia um certo tratado e uma certa aliança. Havia supremacia, de um lado, e submissão, de outro. Mas, ao mesmo tempo, havia entre os dois aquela cordialidade que existe entre senhores e súditos num estado bem organizado. Conheço um socialista que sustenta que os *Contos da Cantuária*, de Chaucer, oferecem um retrato da verdadeira democracia. Quanto a isso, não sei, mas percebo que o cavaleiro e o moleiro

estavam aptos a se darem agradavelmente bem, só porque o cavaleiro sabia que ele era um cavaleiro e o moleiro sabia que ele era um moleiro. Se o cavaleiro tivesse tido objeções escrupulosas quanto a seu grau de nobreza, enquanto o moleiro não visse por que não poderia ser um cavaleiro, tenho certeza de que a relação entre ambos teria sido difícil, desagradável e, talvez, homicida.

O mesmo se aplica ao homem. Creio na força e na verdade da tradição. Um homem instruído me disse há algumas semanas: "Quando tenho de escolher entre a prova da tradição e a prova de um documento, sempre acredito na prova da tradição. Documentos podem ser falsificados, e com freqüência são falsificados. A tradição nunca é falsificada". Isso é verdadeiro. E, portanto, penso eu, pode-se depositar confiança no vasto conjunto do folclore que afirma ter outrora existido uma valiosa e amistosa aliança entre o homem e os animais. Nossa história popular de Dick Whittington e seu Gato sem dúvida representa a adaptação de uma lenda muitíssimo antiga a uma personagem relativamente moderna, mas podemos revisitar os séculos e encontrar a tradição popular que afirma que os animais são não apenas os súditos como também os amigos do homem.

Tudo isso se devia ao singular elemento espiritual no homem que os animais racionais não possuem. "Espiritual" não significa respeitável, não tem sequer moral banal, não significa "bom" na acepção comum da palavra. Significa a prerrogativa régia do homem, diferenciando-o dos animais.

Por longas eras ele despiu esse manto real, limpou do próprio peito o bálsamo da consagração. Declarou, mais de uma vez, que não é espiritual, mas racional, ou seja, o igual dos animais sobre os quais outrora foi soberano. Jurou que não é Orfeu, mas Calibã.

Mas os animais também têm dentro de si algo que corresponde à qualidade espiritual dos homens — contentamo-nos em chamá-la instinto. Perceberam que o trono estava vago — nem mesmo a amizade era possível entre eles e o monarca que destronou a si mesmo. Se não era rei, era um blefe, um impostor, uma coisa a ser destruída.

Daí, creio, o terror. Rebelaram-se uma vez — poderão se rebelar de novo.

ORNAMENTOS EM JADE

O ROSEIRAL

E então ela caminhou lentamente e abriu a janela e olhou para fora. Atrás dela, o cômodo estava imerso na penumbra; cadeiras e mesas eram vultos indefinidos que pairavam; havia apenas o mais débil e ilusório fulgor das luas de talco na colorida cortina indiana que ela fechara sobre a porta. O drapejamento de seda amarela da cama constituía apenas uma sugestão de cor e o travesseiro e o lençol brancos cintilavam como uma nuvem branca num céu distante no crepúsculo.

Voltou as costas para o quarto penumbroso e, com suaves olhos orvalhados, fitou o lago que ficava além do jardim. Não conseguia repousar nem se deitar para dormir; embora fosse tarde, e metade da noite havia se passado, não conseguia repousar. Uma lua em forma de foice ia pouco a pouco se insinuando no alto através de algumas nuvens diáfanas que se estendiam numa longa faixa de leste a oeste, e uma luz pálida começou a fluir da água escura, como se dela um vago astro também se elevasse. Ela olhou com insaciáveis olhos de assombro; e descobriu um estranho efeito oriental nas bordas dos juncos, em suas formas semelhantes a lanças, no ébano líquido que eles sombreavam, na delicada incrustação de pérola e prata enquanto a lua luzia liberta; um luminoso símbolo na imutável calma do céu.

Havia débeis sons de movimento que se ouviam da orla dos juncos, e de quando em quando o entorpecido e intermitente grito das aves aquáticas, pois sabiam que a aurora não estava distante. No centro do lago havia um pedestal

branco esculpido em cujo topo cintilava um menino alvo, segurando a flauta dupla nos lábios.

Adiante do lago o parque principiava e descia suavemente até a orla do bosque, agora apenas uma nuvem escura sob a foice da lua. E para além, mais longe ainda, colinas desconhecidas, faixas cinzentas de nuvens, e o pálido pináculo íngreme do firmamento. Ela fitou com os olhos suaves, banhando-se, por assim dizer, no profundo repouso da noite, velando a alma com a meia-luz e a meia-sombra, estendendo as mãos delicadas na frescura do ar nevoento e argênteo, admirando-se com as mãos.

E então se afastou da janela, preparou um divã de almofadas no tapete persa e meio que se sentou, meio que se deitou, tão imóvel e tão extasiada quanto um poeta a sonhar sob as rosas, longe em Ispahan. Olhara para fora, afinal, para se assegurar de que a visão e os olhos mostravam nada além de um véu tremeluzente, uma gaze de luzes e figuras curiosas: de que nela não havia realidade ou substância. Ele sempre lhe dissera que havia apenas uma existência, uma religião, que o mundo externo não passava de uma sombra matizada que poderia ocultar ou revelar a verdade; e agora ela acreditava.

Ele lhe mostrara que o êxtase físico poderia ser o ritual e a expressão dos mistérios inefáveis do mundo que está além dos sentidos, que deve ser penetrado pelos sentidos; e agora ela acreditava. Jamais duvidara muito das palavras dele, desde o instante em que se encontraram havia um mês. Ela erguera os olhos, sentada na pérgula, e o pai ia descendo pela aléia de roseiras, trazendo-lhe o estranho, magro e moreno, com uma barba aguçada e olhos melancólicos. Ele murmurou algo consigo mesmo ao se apertarem as mãos; ela ouviu as palavras preciosas e desconhecidas que soaram como o eco de uma música distante. Depois ele lhe explicara o significado das palavras:

"Como dizes que me perdi? Vagueei entre rosas.

Pode extraviar-se quem entra no roseiral?

A Amada na casa do Bem-amado não se acha em

desamparo.

Vagueei entre rosas. Como dizes que me perdi?”

* * *

A voz dele, murmurando as estranhas palavras, persuadiu-a, e agora ela possuía o êxtase do conhecimento perfeito. Ela fitara dentro da incerta noite argêntea para que pudesse experimentar a sensação de que, para ela, essas coisas já não mais existiam. Ela não era mais uma parte do jardim, ou do lago, ou do bosque, ou da vida que vivera até então. Ocorreu-lhe outro verso que ele lhe citara:

"O reino de Eu e Nós abandonado e tua casa deixa aniquilada.”

Parecera, em princípio, quase um contra-senso — se para ele fosse possível dizer contra-senso; mas agora ela estava plena do sentido disso, e com ele emocionada. Ela mesma estava aniquilada; a convite dele, destruíra todos os antigos sentimentos e emoções, os agrados e os desagrados, todos os amores e os ódios herdados que o pai e a mãe lhe deixaram; a vida antiga fora inteiramente descartada.

Clareou e, quando ardeu a aurora, ela adormeceu, a murmurar:

"Como dizes que me perdi?”

OS TURANIANOS

A fumaça do acampamento dos latoeiros se elevava do coração tio bosque um débil e delgado azul.

Mary deixara a mãe no trabalho com as "coisas" e saíra com um rosto pálido e lânguido para dentro da tarde quente. Falara de dar um passeio pelos campos até o parque e ir conversar com a filha do médico, mas tomara o outro caminho que se insinuava na direção do vale e das escuras matas do bosque.

Afinal, sentia-se demasiado indolente para se animar, para fazer um esforço para conversar, e a luz do sol crestava a trilha que fora traçada reta de uma cerca a outra através dos campos acastanhados de agosto, e ela podia ver, mesmo à distância, as alvas nuvens de pó subindo como fumo na estrada junto do parque. Vacilou e, por fim, desceu sob os carvalhos de copas esparramadas, seguindo um caminho sinuoso coberto de ervas que esfriavam seus pés.

A mãe, que era bastante bondosa e virtuosa, às vezes costumava conversar com ela sobre os males do "exagero", sobre a necessidade de evitar a expressão impetuosa de frases, palavras de uma energia demasiado feroz. Ela se lembrava de que, poucos dias antes, correra para dentro de casa chamando a mãe para ver uma rosa no jardim que "ardia como uma chama". A mãe lhe dissera que a rosa era muito bonita e, um pouco mais tarde, aludira a suas dúvidas quanto à sabedoria de "tais expressões muito fortes".

— Eu sei, minha querida Mary — ela dissera —, que, no seu caso, não é afetação. Você realmente *sente* o que diz, não sente? Sim. Mas é bom sentir isso? Você acha, inclusive, que está *certo*?

A mãe olhou para a moça com uma curiosa melancolia, quase como se fosse dizer algo mais, e buscou as palavras adequadas, mas não conseguiu encontrá-las. E então apenas observou:

—Você não tem visto Alfred Moorhouse desde o jogo de tênis, não é mesmo? Tenho de convidá-lo para vir na próxima terça-feira. Gosta dele?

A filha não entendeu direito a relação entre seu defeito de "exagero" e o advogado jovem e encantador, mas a advertência da mãe lhe ocorreu ao percorrer a trilha ensombrada, e ela sentiu as ervas longas e escuras esfriarem e refrescarem seus pés. Não colocou tal sensação em palavras, mas pensou que era como se os tornozelos fossem gentil e docemente beijados à medida que as ervas os tocavam, e a mãe lhe teria dito que não estava certo pensar em coisas assim.

E que encanto havia nas cores ao redor! Era como se caminhasse numa nuvem verde; a forte luz do sol se filtrava pelas folhas, refletida pelas ervas, e tornava todas as coisas visíveis, os troncos das árvores, as flores e suas próprias mãos pareciam novas, transformadas numa outra aparência. Tinha caminhado inúmeras vezes pela trilha do bosque, mas hoje se enchera de mistérios e sugestões, e cada curva trazia uma surpresa.

Hoje, a simples sensação de estar sozinha sob as árvores era uma intensa

alegria secreta, e, à medida que ia avançando e o bosque escurecia à volta, soltou o cabelo castanho, e quando o sol brilhou sobre a árvore caída viu que o cabelo não era castanho, mas brônzeo e dourado, reluzindo no vestido branco e puro.

Parou junto à fonte na rocha e ousou fazer da água escura seu espelho, olhando para a direita e para a esquerda com olhares tímidos e escutando o roçar dos ramos partidos, antes de combinar o ouro com o luminoso marfim. Viu maravilhas num espelho ao se inclinar sobre a misteriosa fonte ensombrecida, e sorriu para a ninfa sorridente, cujos lábios se abriram como se fossem sussurrar segredos.

Enquanto prosseguia pelo caminho, a fumaça fina e azul se erguia de uma brecha nas árvores, e ela se lembrou do medo infantil dos "ciganos". Caminhou um pouco mais e se deteve para descansar num trecho de relva fofa, e escutou as estranhas entoações que soavam do acampamento. "Aquela gente horrível" ouvira o povo amarelo assim ser chamado, mas agora tinha encontrado um novo prazer nas vozes que cantavam, com um subir e baixar de notas e um impetuoso lamento, e a solenidade da fala desconhecida. Parecia música propícia para a floresta desconhecida, em harmonia com o pingar da fonte, as notas agudas das aves e o sussurro e a precipitação das criaturas do bosque.

Ela tomou a se levantar e prosseguiu até conseguir ver o fogo rubro entre os ramos; e as vozes fremiam numa encantação. Desejou reunir coragem e conversar com essa estranha gente da floresta, mas tinha medo de irromper no acampamento. Sentou-se então sob uma árvore e aguardou, na esperança de que um deles viesse em sua direção.

Havia seis ou sete homens, o mesmo número de mulheres e um bando de crianças fantásticas, recostando-se e acocorando-se em volta do fogo, tagarelando entre si com a salmodia de sua fala. Eram seres de aspecto curioso, baixos e atarracados, os ossos malares salientes, a pele amarela encardida e longos olhos amendoados; apenas em um ou dois dos homens mais jovens havia a sugestão de uma graça selvagem, quase semelhante à de um fauno, como de criaturas que sempre se moviam entre o fogo rubro e a folhagem verde. Embora todo o mundo os chamasse de ciganos, eram na realidade metalurgistas turanianos, degradados a latoeiros errantes; seus ancestres haviam moldado achas de bronze, e eles consertavam panelas e chaleiras. Mary aguardou sob a árvore, segura de que nada tinha a temer, e resolveu não fugir se um deles aparecesse.

O sol imergiu numa massa de nuvens e o ar foi ficando cerrado e pesado; uma névoa se elevou em volta das árvores, uma névoa azul como a fumaça de uma fogueira de acampamento. Um estranho rosto sorridente espiava por entre as folhas, e a moça sentiu o coração saltar quando um jovem caminhou em sua direção.

Os turanianos levantaram acampamento naquela noite. Havia um lampejo rubro, como fogo, no vasto ocidente ensombrecido, e depois uma pátena ardente flutuou vinda de uma colina silvestre. Uma procissão de extraordinárias figuras arqueadas atravessou o disco carmesim, uma cambaleando atrás de outra numa longa coluna única, cada uma curvando-se sob o enorme fardo amorfo, e as crianças rastejavam atrás, como gnomos, fantásticas.

A moça estava deitada no cômodo branco, alisando uma pequena pedra verde, uma coisa curiosa cortada com estranhos instrumentos, que o tempo tornara medonha. Segurava-a perto do marfim luminoso, e o ouro se entornava sobre ela.

Ela riu de alegria, e murmurou e sussurrou para si mesma, fazendo-se perguntas na perplexidade de seu deleite. Tinha medo de dizer qualquer coisa à mãe.

O IDEALISTA

— Você notou o Symonds enquanto o Beever estava contando aquela história agora há pouco? — perguntou um escriturário para o outro.

— Não. Por quê? Ele não gostou?

O segundo escriturário guardava os papéis e trancava a escrivaninha de um modo circunspecto e metódico, mas, quando a história de Beever tornou a lhe ocorrer, ele começou a se reanimar, sentindo pela segunda vez o sabor da história.

— Ele é demais, o velho Beever — observou entre pequenas palpitações de júbilo. — Mas o Symonds não gostou?

— Gostou? Ele pareceu nauseado. É o que lhe digo. Fez uma careta, alguma coisa assim — e o homem contraiu o rosto numa expressão de censura, enquanto dava o último lustre ao chapéu com a manga do casaco.

— Bom, eu vou indo — disse. — Quero chegar cedo em casa, porque tem torta para o chá — e fez uma outra careta, uma imitação da contorção preferida de seu ator preferido.

— Bom, adeus — disse o amigo. — Você é mesmo esquisito. Pior que o Beever. Até segunda. O que é o que Symonds vai dizer? — e gritou o nome dele enquanto a porta de vaivém oscilava para cá e para lá.

Charles Symonds, que não percebeu o humor da história do sr. Beever, tinha deixado o escritório alguns minutos antes e agora caminhava devagar na direção oeste, subindo Fleet Street. A observação do colega escriturário não fora muito despropositada. Symonds escutara as últimas frases da história de Beever e, inconscientemente, lançara um olhar de viés para o grupo, irritado e desgostoso com o divertimento grosseiro e estúpido. Beever e os amigos lhe pareciam culpáveis de sacrilégio; comparava-os a matutos que manuseavam e ridicularizavam um primoroso painel pintado, clamando seu desdém e sua ignorância brutais. Não conseguiu controlar a expressão; mesmo sem querer, olhou com aversão para os três indivíduos bestiais. Teria dado tudo para encontrar as palavras e lhes dizer o que pensava, porém era difícil até mesmo demonstrar desagrado. Sua timidez era um eterno entretenimento para os demais escriturários, que estavam sempre fazendo alguma coisa para irritá-lo e se divertiam com o espetáculo de Symonds se enfurecendo e fervendo por dentro como o Etna, mas irremediavelmente contido demais para dizer uma palavra sequer. Ele ficava branco como cera, rilhava os dentes ante um insulto, fingia rir partilhando da graça e aceitava tudo como se fosse brincadeira. Quando menino, a mãe se intrigava com ele, sem saber se era soturno ou insensível, ou talvez paciente.

Subia Fleet Street, ainda remoendo a irritação, em parte devido a uma genuína repulsa à vulgaridade inconveniente dos escriturários, em parte devido a um sentimento de que falavam daquele modo porque sabiam que ele detestava farsas e romances grosseiros. Era horrível viver e trabalhar com criaturas tão tolas, e lançou o olhar em fúria para a City, o lugar dos estúpidos, dos ruidosos, dos insuportáveis.

Atravessou a correria e a torrente do Strand, a maré cheia de uma tarde de

sábado, ainda refletindo sobre o ultraje e elaborando uma frase mordaz para uso futuro, acumulando palavras que fariam Beever estremecer. Estava perfeitamente ciente de que jamais pronunciaria uma dessas frases cortantes, mas a pretensão o acalmava, e começou a se recordar de outras coisas. Era final de novembro e as nuvens já se juntavam para a esplendorosa solenidade do pôr-do-sol, voando para seus postos à frente do vento. Anelavam- se em formas fantásticas, lá no alto no sorvedouro do vento, e Symonds, olhando para o céu, viu-se atraído por duas nuvens que se contorciam e se uniam a oeste, na distante perspectiva do Strand. Viu-as como se fossem duas criaturas vivas, notando cada alteração e movimento e transformação, até que os ventos agitados as converteram em uma e levaram uma vaga forma para o sul.

O curioso interesse nas formas das nuvens afastou o pensamento do escritório, da conversa desagradável que ouvira com tanta freqüência. Beever e os amigos deixaram de existir e Symonds fugiu para seu mundo oculto e privado, o qual nunca ninguém adivinhara. Morava longe, em Fulham, mas deixara os ônibus passar oscilando por ele e caminhava devagar, procurando prolongar as alegrias da expectativa. Quase que com um gesto visível, distanciou-se, e seguiu solitário, os olhos baixos, fitando não a calçada mas algumas claras figuras imaginadas.

Estugou o passo ao percorrer a calçada no lado norte de Leicester Square, apressando-se para escapar da visão dos estranhos espectros esmaltados que já começavam a caminhar e a sair de casa, brotando de suas grutas e aguardando a luz de gás. Ele franziu o cenho ao erguer o olhar e por acaso vislumbrar num tapume um ícone com faces ocre vermelho e dentes arreganhados, para o qual alguns jovens olhavam com malícia. E um relembrava a grande canção dessa criatura:

"E é assim que se faz.

Como acha que é feito?

Ah, *é assim* que se faz.

Não precisa do pão quente?”

Symonds franziu o cenho à vista da imagem dela, lembrando- se de que Beever a aprovou como "boa mercadoria", que os rapazes berravam em coro

debaixo de suas janelas nas noites de sábado. Uma vez, abrira a janela enquanto eles passavam e os xingara e praguejara, num murmúrio, para que não o ouvissem.

Olhou com curiosidade os livros na loja do Piccadilly; uma vez ou outra, quando economizava algumas libras esterlinas, fizera compras lá, mas os títulos que o livreiro negociava eram caros, e ele era obrigado a se vestir com apuro no escritório, além de ter outras despesas esotéricas. Decidira aprender persa e agora hesitava quanto a voltar atrás e ver se encontraria uma gramática em Great Russell Street a um preço razoável. Mas estava escurecendo e a névoa e as sombras que ele adorava se adensavam e o convidavam a seguir adiante até as silenciosas ruas próximas do rio.

Quando por fim se afastou da rua principal, prosseguiu por um caminho divergente e excêntrico, ziguezagueando por um intricado labirinto de ruas que para a maioria das pessoas teria sido enfadonho, lúgubre e desprovido de interesse. Para Symonds, porém, esses lugares retirados de Londres eram tão bizarros e incandescentes quanto uma vitrina de raridades japonesas; ali ele encontrava seus bronzes atenciosamente procurados, trabalhos em jade, o jorro e a chama de cores extraordinárias. Deteve-se numa esquina, observando uma sombra numa persiana iluminada, observando-a esvanecer e escurecer e esvanecer, conjeturando seus segredos, inventando o diálogo para esse drama em *Ombres chinoises*. Olhou para uma outra janela e viu um cômodo fulgurante, numa crua luz amarela de gás flamejante, e escondeu-se furtivamente ao abrigo de um velho olmo até que foi notado e as cortinas foram fechadas apressadamente. No caminho que escolhera, era seu destino passar por tantas ruas decentes bem ordenadas, por *villas* isoladas e geminadas, semi-escondidas atrás de arbustos floridos e sempre-verdes. A essa hora, num sábado de novembro, poucos saíam, e Symonds com freqüência podia, acocorando-se junto da cerca, espiar dentro de um cômodo iluminado, observar pessoas que pensavam estar inteiramente despercebidas. Quando se aproximou de sua casa, seguiu por ruas pouco usadas e parou numa esquina, observando duas crianças que brincavam, examinando-as com o minucioso escrutínio de um entomologista através do microscópio. Uma mulher que voltava das compras atravessou a rua e conduziu as crianças para casa, e Symonds prosseguiu, às pressas, mas com um longo suspiro de satisfação.

Sua respiração se acelerou, em lufadas, quando ele ergueu a lingüeta da porta. Morava numa velha casa georgiana, e subiu correndo a escada e trancou a

porta do espaçoso cômodo da água- furtada na qual vivia. Fazia uma noite úmida e fria, mas o suor lhe escorria no rosto. Acendeu um fósforo e houve uma estranha visão efêmera do vasto cômodo, quase sem móveis, um espaço oco limitado por paredes circunspectas e o branco vislumbre do teto arrematado com cornija.

Acendeu uma vela, abriu um grande baú que estava num canto e começou a trabalhar. Parecia estar juntando uma espécie de figura reclinada; uma vaga sugestão da forma humana intensificada sob suas mãos. A vela faiscava na outra extremidade do cômodo e Symonds transpirava na execução de sua tarefa numa caverna de sombra escura. Os dedos trêmulos e nervosos tenteavam aquela figura incerta, e ele então começou a extrair incongruentes coisas monstruosas. Na penumbra, uma seda branca bruxuleou, rendas e delicados rufos flutuaram no espaço por um momento, enquanto ele se atrapalhava ao atar nós, ao apertar faixas. O antigo cômodo se adensou, pesado, vaporoso com os sutis odores; as roupas que passavam por suas mãos haviam sido embebidas de fragrâncias. A paixão lhe contorceu o rosto; ele abriu um sorriu largo e rijo à luz da vela.

Quando terminou o trabalho, levou-o até a janela e acendeu três outras velas. Na excitação, nesta noite se esqueceu do efeito de *Ombres chinoises*, e aqueles que passavam, e por acaso olhavam para a persiana branca e viva no alto, deparavam com um singular objeto de especulação.

FEITIÇARIA

— Sem dúvida nos afastamos dos demais, não é mesmo, sita. Custance? — disse o capitão, olhando para o portão e o lariço atrás dele.

— Penso que sim, capitão Knight. Espero que o senhor não se importe muito, se importa?

— Me importar? É um prazer, saiba. Tem certeza de que esse ar úmido não lhe faz mal, srta. Custance?

—Ah, acha que está úmido? Eu gosto. Que me lembre, desde sempre apreciei esses dias tranqüilos de outono. Não sei de papai indo para outro lugar.

— É um lugar encantador, o Grange. Não me surpreende que goste de vir para cá.

O capitão Knight olhou de novo para trás e de repente deu um risinho.

— Vou lhe dizer uma coisa, srta. Custance — disse —, acho que todos eles se perderam no caminho. Não vejo o menor sinal deles. Não passamos por outro caminho à esquerda?

— Sim, e não se lembra de que o senhor quis sair do caminho?

— Sim, claro. Achei que parecia mais possível, sabe. Devem ter ido por lá. Para onde leva aquele caminho?

—Ah, para lugar nenhum, exatamente. Torna-se mais estreito e serpenteia um bocado, e acho que o solo é um tanto pantanoso.

— É mesmo? — O capitão zombou. — O Ferris vai ficar uma fera. Ele detesta atravessar o Piccadilly se tem um pouquinho de barro.

— Coitado do sr. Ferris! — E os dois prosseguiram, avançando com cuidado na trilha acidentada, até que depararam com um pequeno e velho chalé fincado solitário numa depressão no meio do bosque.

— Ah, o senhor precisa vir ver a sra. Wise — disse a srta. Custance. — É uma criatura adorável. Tenho certeza de que vai se apaixonar por ela. E ela jamais me perdoaria se viesse a saber que passamos assim tão perto sem entrar. Só por cinco minutos, está bem?

— Mas claro, srta. Custance. É aquela velha senhora à porta?

— E. Ela foi sempre muito boa para nós, quando éramos crianças, e sei que por meses ela vai falar da nossa visita. Não se importa, se importa?

— Ficarei encantado, sem dúvida — e mais uma vez olhou para trás para ver se havia algum sinal de Ferris e do grupo.

— Sente-se, srta. Ethel, sente-se, por favor, senhorita — disse a velha quando entraram. — E o senhor sente-se aqui, por gentileza.

Tirou o pó das cadeiras e a srta. Custance lhe perguntou acerca do reumatismo e da bronquite, e lhe prometeu enviar algo de Grange. A velha tinha os bons modos do campo e se expressava bem, e de vez em quando procurava educadamente incluir o capitão na conversa. Mas durante o tempo todo o observava com discrição.

— Sim, senhor, às vezes me sinto um pouco solitária — disse, quando as visitas se levantaram. — Sinto uma profunda saudade de Nathan. Não se lembra muito bem do meu marido, não é, srta. Ethel? Mas tenho a Bíblia, senhor, e bons amigos também.

Dois dias depois, a srta. Custance voltou sozinha ao chalé. Sua mão tremia ao bater à porta.

— Está feito? — perguntou, quando a velha apareceu.

— Entre, senhorita — disse a sra. Wise, e fechou a porta e baixou a tramela. Depois andou devagar arrastando os pés até a lareira e retirou algo de um esconderijo nas pedras.

— Veja só isto — disse, mostrando-o para a moça. — Não é perfeito?

A srta. Custance segurou o objeto nas mãos delicadas, olhou para ele e corou.

— Que horrível! — exclamou. — Por que fez isso? A senhora nunca me contou.

— E a única maneira, senhorita, de conseguir o que deseja.

— E uma coisa repugnante. Não sei como não se envergonha de si mesma.

—Acho que me envergonho tanto quanto a senhorita—retrucou a sra. Wise, e olhou de soslaio para a bela e acanhada moça. Os olhos delas se encontraram e os olhos riram-se.

— Cubra-o, por favor, sra. Wise. Não preciso olhar para ele agora, de qualquer modo. Mas a senhora tem certeza?

— Nunca houve um revés desde que a velha sra. Cradoc me ensinou, e faz mais de sessenta anos que ela morreu. Ela costumava me contar sobre o tempo da avó dela, quando havia assembléias lá adiante no bosque.

— Tem mesmo certeza?

— Faça o que eu digo. A senhorita deve levá-lo assim — e a velha sussurrou as instruções, e estava para estender a mão, para demonstrar, quando a moça a afastou.

— Já entendi, sra. Wise. Não, não faça isso. Percebo o que a senhora quer dizer. Aqui está o dinheiro.

— O que quer que a senhorita faça, não se esqueça do ungüento, como lhe expliquei — disse a sra. Wise.

— Fui ler para a pobre da velha sra. Wise — disse Ethel naquela noite para o capitão Knight. — Ela está com mais de oitenta anos e a vista dela está ficando muito ruim.

— Muito bom para a senhorita, srta. Custance, tenho certeza — comentou o capitão Knight, e se afastou para o outro canto da sala de estar e começou a conversar com uma moça de amarelo, com quem estivera trocando sorrisos a distância desde que os homens tinham voltado da sala de jantar.

Naquela noite, sozinha no quarto, Ethel seguiu as instruções da sra. Wise. Escondera o objeto numa gaveta e, quando o retirou, olhou em volta, embora as cortinas estivessem fechadas.

Não se esqueceu de nada e, quando terminou, pôs-se a escutar.

A CERIMÔNIA

Da infância, daqueles primeiros dias vagos que começaram a parecer irreais, ela rememorava a pedra cinza no bosque.

Sua forma era algo entre o pilar e a pirâmide, e sua solenidade cinza entre as folhas e a relva brilhava e brilhava de lá daqueles primeiros anos, sempre com uma sugestão de assombro. Ela se lembrava de que, quando menina, desgarrou-se um dia, uma tarde quente, da companhia da ama, e não muito fundo no bosque a pedra cinza se ergueu da relva, e ela gritou e correu de volta com um terror pânico.

— Mas que bobinha — disse a ama. — É só a... pedra. — Tinha se esquecido do nome dado pela criada, e sempre teve vergonha de perguntar à medida que foi crescendo.

Mas sempre aquele dia quente, aquela tarde ardente da infância quando pela primeira vez olhou conscientemente para a imagem cinza no bosque, permaneceu não uma lembrança mas uma sensação. O vasto bosque se

avolumando como o mar, o doce odor da relva e das flores, a batida do vento de verão nas faces, a senda sombria repousante, indistinta, esplêndida, sugestiva como uma velha tapeçaria; podia senti-la e vê-la na inteireza, e seu odor estava nas narinas. E, no meio da imagem, onde as estranhas plantas cresciam espessas na sombra, achava-se a velha forma cinza da pedra.

Mas em sua mente havia remanescentes fragmentados de uma outra impressão mais remota. Era toda incerta, a sombra de uma sombra, tão vaga que bem poderia ter sido um sonho que se misturara com os confusos devaneios de uma criança. Ela não sabia que se lembrava, que certamente se lembrava da recordação. Mas era de novo um dia de verão, e uma mulher, talvez a mesma ama, segurava-a nos braços e atravessava o bosque. A mulher carregava flores brilhantes na mão; o sonho lhe dava um fulgor de vermelho vivo e o perfume de rosas silvestres. Depois se viu sendo colocada por um momento na relva, e a cor vermelha manchou a pedra soturna, e nada mais havia — exceto que uma noite ela acordou e escutou a ama soluçar.

Ela com freqüência pensava na estranheza de uma vida nos primórdios; vinha-se, parecia, de uma nuvem escura, havia um brilho de luz, mas só por um momento, e depois a noite. Era como fitar uma cortina de veludo, pesada, misteriosa, negrura impenetrável, e então, num piscar de olhos, via-se por um buraquinho uma cidade lendária que flamejava, com chamas nas paredes e nos pináculos. E então, de novo, a treva envolvente, de modo que a visão se tornou ilusão, quase à vista. Assim era para ela essa remota e obscura visão da pedra cinza, da cor vermelha vertida sobre ela, com o episódio incongruente da ama-seca a chorar à noite.

Mais tarde, porém, a lembrança era clara; ela podia sentir, mesmo agora, o terror inconseqüente que a fez fugir a gritar, correndo para as saias da ama. Posteriormente, através dos dias da mocidade, a pedra ocupou um lugar na vasta coleção de coisas ininteligíveis que assombram a imaginação de toda criança. Era parte da vida, ser aceita e não contestada; os mais velhos falavam de muitas coisas que ela não entendia, ela abria livros e vagamente se espantava, e na Bíblia havia muitas frases que soavam estranhas. De fato, com freqüência se intrigava com a conduta dos pais, com os olhares que trocavam, com as meias-palavras que pronunciavam, e entre todos esses problemas, que ela mal identificava como problemas, estava a antiga figura cinza que se erguia da relva escura.

Algum impulso semiconsciente fê-la andar pelo bosque onde a sombra

envolvia a pedra como um relicário. Uma coisa era conspícua: ao longo de todos os meses de verão, quem passasse lá depositava flores. Ramos de flores secas estavam sempre no chão, entre as ervas, e sobre a pedra sempre surgiam novos ramos de flores. Do narciso ao áster, marcava-se o calendário dos jardins silvestres, e no inverno ela avistara ramagens de zimbros e buxos, viscos e azevinhos. Uma vez fora atraída por entre os arbustos por um fulgor rubro, como se houvesse um incêndio no bosque, e, quando chegou ao local, a pedra inteira brilhava e todo o chão em volta estava iluminado por rosas.

Aos dezoito anos, foi um dia para o bosque e levou um livro que estava lendo. Escondeu-se num recesso de uma aveleira e sua alma se encheu de poesia quando houve um farfalhar, o leve bater de ramos apartados que retornavam a seus lugares. Seu esconderijo licava apenas um pouco afastado da pedra, e ela espiou pela trama de ramos e viu uma menina se aproximar timidamente. Conhecia- a bem; era Annie Dolben, a filha de um fazendeiro, mais tarde uma promissora aluna da escola dominical. Annie era uma menina bem- educada, sempre cortês, com um admirável conhecimento dos reis judeus. Em seu rosto havia uma expressão de sussurro, que sugeria coisas estranhas; havia uma luz e um fulgor por detrás do véu da carne. E na mão ela segurava lírios.

A moça escondida entre os ramos da aveleira observava. Annie chegou perto da imagem cinza; por um momento, seu corpo inteiro palpitou com expectativa, quase que tomada pelo sentimento do que iria acontecer. Observou Annie coroar a pedra com as flores, observou a espantosa cerimônia que se seguiu.

E no entanto, apesar da vergonha que a fazia corar, ela mesma levou flores para o bosque alguns meses mais tarde. Depositou lírios brancos da estufa sobre a pedra, orquídeas de um púrpura mortiço e exóticas flores carmesim. Depois de beijar a imagem cinza com reverente paixão, executou o antigo rito imemorial.

PSICOLOGIA

O sr. Dale, que morava em cômodos tranqüilos num bairro no oeste de Londres, estava muitíssimo ocupado um dia com um lápis e pedaços de papel. Detinha-se no meio da escrita, da monótona caminhada da porta à janela,

anotava às pressas uma linha de hieróglifos e retomava o trabalho. Na hora do almoço, mantinha os instrumentos na mesa ao lado dele, e carregava consigo um pequeno caderno de notas nos passeios noturnos pelo parque. As vezes parecia sentir uma certa dificuldade no ato de escrever, como se o calor da vergonha ou mesmo uma incrédula surpresa lhe segurasse a mão, mas um por um os fragmentos de papel caíam na gaveta, e um banquete completo o aguardava no fim do dia.

Ao acender o cachimbo na penumbra, estava de pé junto da janela e olhando para a rua. Na distância, lanternas de cupês brilhavam de um lado para outro, acima e abaixo da colina, na rua principal. Do outro lado, avistou a longa fileira de discretas casas cinzentas, a maioria delas alegremente iluminada, exibindo contra a noite a sala de jantar e a refeição da noite. Numa casa, bem em frente, havia uma iluminação mais brilhante, e as janelas abertas revelavam um jantar simples em curso, e aqui e ali uma sala de visitas no primeiro andar reluzia avermelhada, uma vez que estava aceso o abajur de pé alto. Em toda parte Dale via uma serena e confortadora respeitabilidade; se não havia júbilo, não havia distúrbio, e pensou que tinha tido a sorte de morar numa rua tão razoável e apreciável.

A calçada estava quase deserta. De vez em quando uma doméstica saía apressada por uma porta lateral e a passos curtos corria na direção das lojas, retornando dali a poucos minutos com a mesma pressa. Mas pedestres eram raros, e apenas a longos

intervalos um estranho surgia da estrada e descia a esmo Abingdon Road com lenta inspeção, como se tivesse passado por sua porta mil vezes e por fim tivesse sido despertado pela curiosidade e pelo desejo de explorar o desconhecido. Todos os habitantes da região se orgulhavam da quietude e do isolamento, e muitos deles não faziam muito mais do que sonhar que, se alguém fosse longe demais dali, a rua se degeneraria e se tomaria abominável, o lar do hediondo, a entrada de uma floresta negra. De fato, contavam-se histórias, cruéis e desagradáveis, das ruas paralelas, de leste a oeste, que provavelmente se comunicavam com o escoadouro mais além, mas os que moravam na extremidade boa de Abingdon Road nada sabiam acerca dos vizinhos.

Dale se inclinou mais para fora da janela. O pálido céu de Londres se aprofundava em violeta à medida que os lampiões eram acesos, e, no crepúsculo, os pequenos jardins na frente das casas brilhavam, parecia que se tornavam mais claros. O laburno dourado apenas refletia o último véu amarelo vivo que baixara

no céu após o pôr-do-sol, o pilriteiro branco era um esplendor fulgurante, o espinheiro-alvar rubro um fogo sem flama na penumbra. Da janela aberta, Dale pôde notar a alegria cada vez maior das pessoas que jantavam na casa em frente, enquanto as xícaras moderadas eram enchidas e esvaziadas; as persianas nos andares de cima se iluminavam acima e abaixo da rua quando as amas apareciam com as crianças. Uma brisa leve que cheirava à relva e bosques e flores soprou para longe o calor do dia das pedras da calçada, farfalhou pelos ramos floridos e de novo amainou, devolvendo a calma à rua.

O cenário inteiro exalava a paz doméstica das histórias; havia vidas regulares, tarefas enfadonhas feitas, pensamentos sóbrios e comuns em toda parte. Ele sentiu que não precisava escutar à janela, pois conseguia adivinhar toda conversa, imaginar os canais plácidos e habituais nos quais fluíam as conversações. Ali não havia espasmos, nem arroubos, nem as tempestuosidades afogueadas do romance, mas um repouso seguro; casamento e nascimento e criação ali estavam tanto quanto o café da manhã e o almoço e o chá da tarde.

E então ele se afastou da plácida transparência da rua e se sentou diante da lâmpada e dos papéis nos quais diligentemente anotara. Um amigo seu, um homem "impossível" de nome Jenyns, visitara-o na noite anterior, e conversaram sobre a psicologia dos romancistas, debatendo sua intuição e a profundidade de sua sondagem.

— Está muito bem tal como é -— disse Jenyns. — Sim, é perfeitamente preciso. Guardas gostam mesmo de coristas- dançarinas, a filha do médico tem afeição pelo cura, o ajudante do merceeiro, de crença batista, tem às vezes problemas religiosos, gente "fina" sem dúvida pensa um bocado sobre acontecimentos sociais e complicações: penso que os comediantes trágicos sentiram e escreveram sobre tudo isso. Mas você acha que isso é tudo? Considera uma descrição das ferramentas dessa capa de couro um ensaio exaustivo sobre Shakespeare?

— Mas o que há mais? — perguntou Dale. — Então não acha que a natureza humana foi razoavelmente exposta? Que mais?

— Canções do lupanar frenético; delírio do manicômio. Não a perversidade extrema, mas a paixão e a idéia insensatas, ininteligíveis e lunáticas, o desejo que deve provir de alguma outra esfera que nem vagamente conseguimos imaginar. Procure a si mesmo; é fácil.

Dale olhava agora para os recortes e pedaços de papel. Neles, registrara

todos os pensamentos secretos do dia, os desejos dementes, as fúrias insensatas, os monstros torpes que o coração gerara, as fantasias maníacas que nutrira. Em cada nota encontrava uma loucura feroz, os equivalentes em pensamento do absurdo matemático, dos triângulos de dois lados, das linhas retas paralelas que se encontravam.

"E falamos de sonhos absurdos", disse para si mesmo. "E eles são mais desvairados do que as mais desvairadas das visões. E nossos pecados. Mas estes são os pecados do pesadelo."

"E todo dia", prosseguiu, "vivemos duas vidas, e a metade de nossa alma é demência, e metade do céu é iluminado por um sol negro. Digo que sou um homem, mas quem é o outro que se oculta em mim?”

TORTURA

— Não sei mesmo o que fazer com ele — disse o pai. — Parece um estúpido rematado.

— Pobre rapaz! — a mãe retrucou. —Acho que não está bem. Parece que não está com boa saúde.

— Mas qual é problema dele? Está comendo bem. Se serviu de duas porções de carne e de pudim hoje no jantar, e meia hora depois estava mastigando algo doce. Pelo menos apetite ele tem, como você vê.

— Mas está muito pálido. Me deixa preocupada.

— Me deixa preocupado também. Veja esta carta do Wells, o diretor da escola. Escute o que ele diz aqui: "E quase impossível fazê-lo praticar esporte. Teve duas ou três punições, pelo que eu soube, por se recusar a jogar críquete. E o professor de educação física entregou-me um péssimo relatório de seu desempenho durante este período letivo, de modo que receio que ele tem tido pouco proveito, se algum, na escola". E veja, Mary, não se trata mais de um menino. Ele completou quinze anos em abril passado. Está ficando sério, percebe?

— O que acha que podemos fazer?

— E o que eu gostaria de saber. Pense nele aqui. Faz só uma semana que está aqui em casa, e é de esperar que se sentisse animado, se divertisse com os filhos do dono destas terras, e vivesse uma vida ativa e alegre por aí. E você sabe como ele tem se comportado desde que voltou; perdendo o tempo na ociosidade e andando preguiçosamente da casa para o jardim e do jardim para a casa outra vez, passando metade do dia deitado na cama, e descendo do quarto aqui embaixo com os olhos entreabertos. Insisto em pôr um ponto final a isso, seja como

for. Conto com você para que ele se levante a uma hora adequada.

— Está bem, meu querido. Só acho que ele parece muito cansado.

— Mas ele não faz nada para se cansar! Eu não ligaria a mínima se o rapaz fosse dado aos estudos, mas você ouviu o que Wells diz neste relatório. Ora, não consigo nem convencê-lo a ler um romance. A expressão dele é em si mesma capaz de enfurecer alguém. Qualquer um pode ver que ele não tem interesse por nada.

— Acho que está infeliz, Robert.

— Infeliz! Um estudante infeliz! Bom, espero que você faça alguma coisa. Quanto a mim, penso que é totalmente inútil conversar com ele.

Era curioso, mas o pai tinha razão em rir da idéia de infelicidade do filho. Harry estava, do jeito quieto dele, animado. Era perfeitamente verdadeiro que detestava críquete, e, o diretor da escola poderia ter acrescentado, detestava os outros rapazes. Não tinha o menor interesse em coisas impressas de qualquer tipo, fosse factual ou ficcional, e achava *A ilha do tesouro* tão maçante quanto Cícero. Mas, ao longo do último período letivo, pensou sobre uma idéia; ele a alimentara nas manhãs no dormitório, na hora das aulas e do recreio, e ficava acordado pensando nela muito tempo depois de os rapazes adormecerem. Antes de a idéia surgir, ele julgava a vida bastante triste. Tinha um rosto cheio e doentio, cabelo ruivo, e a boca, grande e larga, era objeto de muitas caçoadas. Era malquisto porque não gostava de jogos, e porque só nadava se o atirassem na água, e sempre tinha problemas com as lições, que não era capaz de entender. Caiu em prantos uma noite enquanto se preparava e, claro, não revelou por quê. O fato era que tentara extrair o sentido de algum enfandonho contra-senso acerca de triângulos, conhecido pelo nome absurdo de Euclides, e ele julgou

absolutamente impossível aprender de cor o assunto absurdo. A impossibilidade disso, e a incorrigível nuvem em sua mente, e o terror do castigo que receberia de manhã, levou-o ao desespero; o "bobo chorão", como diziam.

Era uma época infeliz, mas naquela noite surgiu a idéia, e as férias se tornaram realmente desejáveis, dez vezes desejáveis. Todo dia e o dia inteiro ele elaborava e reelaborava a grande idéia, e, embora fosse estúpido, malquisto e improfícuo como sempre, não se sentia mais infeliz.

Quando chegou à casa dos pais, no fim do período letivo, não perdeu tempo em trabalhar na tarefa. Era verdade que de manhã se sentia sonolento e pesado, mas isso se devia ao fato de trabalhar até tarde da noite. Achava impossível conseguir rendimento durante o dia. Os pais observavam seu comportamento, e ele sabia que era lerdo demais para inventar mentiras e explicações. No dia seguinte ao retorno, o pai topou com ele se retirando furtivamente para dentro de um cantinho escuro de uma mata de arbustos com algo escondido no casaco. Ele não pôde fazer outra coisa senão se levantar com uma aparência desesperada e idiota quando uma garrafa de cerveja vazia lhe foi arrancada; não foi capaz de dizer o que estava fazendo ou queria com a garrafa de vidro verde. O pai o deixara sozinho, dizendo-lhe que não bancasse o bobo, e ele sentiu que estava sendo sempre observado. Quando pegou o cordão da cozinha nos fundos, uma das empregadas o espiou se afastar no corredor, e a mãe o flagrou tentando amarrar uma enorme acha ao tronco de uma das árvores. Quis saber o que ele estava fazendo e se não poderia encontrar um divertimento mais sensato, e ele a fitou com o pesado rosto pálido. Sabia que estava sob observação e por isso trabalhava à noite. As duas criadas que dormiam no quarto adjacente com freqüência acordavam, acreditando que tinham escutado um barulho muito estranho, um "tlintlin", como uma delas descreveu a sensação, mas não sabiam dizer o que era.

E por fim ele terminou. Estava "mandriando" uma tarde e por acaso se encontrou com Charlotte Emery, uma menina de doze anos de idade, a filha de um vizinho. Harry corou com um opaco vermelho vivo.

— Não quer passear comigo até as faias? — perguntou. — Gostaria que sim.

— Ah, não devo, Harry. Mamãe não ia gostar.

— Venha. Tenho uma brincadeira nova, bem divertida.

— É mesmo? Que tipo de brincadeira?

— Não posso te mostrar aqui. Vai andando até as faias que eu vou te seguir. Eu sabia que você ia.

Hany correu a toda velocidade até o esconderijo onde guardara o aparato. Logo alcançou Charlotte e os dois caminharam juntos na direção das faias, uma colina arborizada e solitária, a quase um quilômetro. O pai do rapaz teria ficado pasmo se o visse. Harry estava afogueado e muito quente com aquela cor vermelha opaca, mas ria enquanto caminhava ao lado de Charlotte.

Quando estavam sozinhos no bosque, Charlotte disse:

—Agora você tem que mostrar a brincadeira. Você prometeu.

— Eu sei. Mas você tem que fazer o que eu vou dizer.

— Tá bom, eu vou.

— Mesmo que doer?

— Sim. Mas você não vai me machucar, Harry. Eu gosto de você.

O rapaz a fitou, olhou-a com os olhos azuis-claros, mortiços e baços; seu rosto pálido, doentio, fulgurou diante dela quase que aterrorizado. Era uma menina morena, de pele olivácea, olhos pretos e cabelo preto, e o perfume do cabelo já o havia quase que intoxicado enquanto caminhavam juntos muito perto.

—Você gosta de mim? — perguntou ele por fim, gaguejando.

— Sim, eu gosto muito de você. Eu amo você, meu querido Harry. Não vai me dar um beijo? — E ela passou o braço em torno do pescoço dele, em torno do pescoço do estudante feio e lívido. As olheiras plúmbeas do rapaz pareceram escurecer ainda mais.

Largou o pacote que segurava debaixo de um braço. O pacote estourou, abrindo-se, e o que ele continha caiu no chão. Havia três ou quatro instrumentos fantásticos, ameaçadoras facas feitas de vidro de garrafa verde, inabilmente encaixadas em cabos de madeira. Ele roubara uma vassoura com esse propósito. E havia alguns pedaços de corda, providos com nós corredios. Era a idéia que por muito tempo ele tinha nutrido.

Mas se atirou sobre a relva, estirando-se, e caiu em prantos — o "bobo chorão".

SOLSTÍCIO DE VERÃO

A velha casa de fazenda na colina enrubesceu no arrebol da tarde e depois, à medida que a penumbra começou a subir do arroio, descorou, e no entanto se iluminou ainda mais, as paredes caiadas cintilando como se delas a luz emanasse, assim como a lua cintila quando as nuvens rubras se mudam em cinza.

O antigo pilriteiro no fundo do celeiro se tornou uma haste negra e alta, e suas folhas e ramos, uma negra massa contra o pálido e indistinto azul do céu crepuscular. Leonard olhou para o alto com um grande suspiro de alívio. Estava encarapitado no degrau da cerca viva ao lado da ponte e, quando o vento amainou, as ondulações na água se avultaram numa canção mais doce, e nenhum outro som se ouvia. O cachimbo se apagou, e, embora soubesse que os cômodos na fazenda davam vista para o rosa encarnado e o branco, ele não conseguiu se decidir a deixar a visão das paredes tremeluzentes e fantasmagóricas, e a melodia da clara água corrente.

O contraste de tudo aquilo com Londres era quase que ilimitado demais, dificilmente compreendido ou verossímel. Poucas horas antes, seus ouvidos pareciam estourar com a terrível batalha das ruas, com o clangor e o fragor dos enormes carros troantes nas pedras, com o agudo estrépito dos fiacres, o pesado estrondo dos ônibus balouçantes. E, durante a viagem, seus olhos ainda viam as multidões que se comprimiam, as confusas e furiosas torrentes de homens que avançavam para leste e para oeste, precipitando-se e acotovelando-se, cansando o cérebro com os movimentos constantes, com o incessante fluxo e refluxo de rostos pálidos. E o ar, uma fumaça quente, uma tênue e doentia respiração, como se de uma cidade acometida de febre; o céu, todo calor cinza que se abatia sobre homens

fatigados, enquanto olhavam para cima através da nuvem de poeira que seguia à frente e os perseguia.

E agora ele se acalmava no profundo silêncio e se acalmava com a água em salmodia, os olhos viam o vale se dissolver em sombras suaves e em suas narinas estava a inefável fragrância de uma noite de verão, que como um remédio minorava todos os distúrbios e as dores do corpo e da mente. Molhou as

mãos no orvalho da longa erva e banhou a fronte, como se toda a sujeira e a angústia das ruas devessem dessa forma ser completamente removidas.

Tentou analisar o perfume da noite. As folhagens verdes que obscureciam o arroio e escureciam as águas ao meio-dia desprendiam odores, e a profunda erva do vale era fragrante, uma aragem de perfume exalava do sabugueiro que iluminava a indistinta encosta, pairando sobre a fonte. Mas a rainha-dos-prados irrompia em flores a seus pés, e ah! as rosas vermelhas silvestres pendiam do país dos sonhos.

Por fim ele começou a subir a encosta na direção daquelas paredes brancas e mágicas que o haviam encantado. Seus dois cômodos ficavam na extremidade da comprida e baixa casa de fazenda, e, embora houvesse um corredor que levava à enorme cozinha, a sala de estar de Leonard se abria imediatamente para o jardim, para as roseiras carmesim. Ele podia se movimentar à vontade sem incomodar a família, ou, como o agradável fazendeiro o expressara, tinha uma casa só dele. Entrou, trancou a porta e acendeu as duas velas que estavam nos castiçais de latão reluzente em cima do consolo da lareira. O cômodo tinha pé-direito baixo e uma viga pintada de branco corria de um lado a outro no teto, as paredes eram bojudas e irregulares, adornadas com peças bordadas, com estampas desbotadas, e num canto ficava uma cristaleira, exibindo mimosas louças floridas de algum esquecido desenho local.

O cômodo estava tranqüilo, tão pleno de paz quanto o ar e a noite, e Leonard sabia que ali, na antiga escrivaninha, encontraria o tesouro que havia muito buscara em vão. Estava cansado, mas não sentia vontade de se deitar. Tornou a acender o cachimbo, começou a arrumar os papéis e se sentou preguiçosamente à escrivaninha, pensando na tarefa, ou, antes, no deleite, à frente. Uma idéia lhe ocorreu de súbito, e começou a escrever apressadamente, num êxtase, receando perder o que tivera a felicidade de encontrar.

À meia-noite, sua janela ainda estava iluminada na colina, e ele depôs a caneta com um suspiro de prazer pelo trabalho concluído. E agora não conseguia ir para a cama; sentiu que precisava perambular na noite e convocar o sonho do ar de veludo, do perfume das trevas, do sereno. Com cuidado destrancou e trancou a porta, caminhou devagar entre as roseiras persas e subiu a escada de pedra no muro do jardim. A lua se avultava em seu trono, em pleno esplendor; abaixo, a uma pequena distância, parecia haver o cenário pintado de um vilarejo, e mais acima, para além da casa de fazenda, começava um extenso bosque. E, ao pensar nos retiros verdejantes que vira de relance na tarde ensolarada, ele se

encheu de uma saudade do mundo das florestas à noite, de um desejo de suas trevas, de seu mistério ao luar. Seguiu pelo caminho que havia visto, até que, na orla do bosque, olhou para trás e constatou que o vulto da casa de fazenda havia imergido na noite e esvanecido.

Penetrou na sombra, pisando de manso, e permitiu que a trilha o levasse para longe do mundo. A noite se encheu de sussurros, de secos ruídos murmurantes; logo pareceu como se uma hoste furtiva estivesse sob as árvores, cada homem rastreando outro. Leonard se esqueceu de sua obra, e de seu triunfo, e se sentiu como se sua alma tivesse se extraviado numa nova esfera escura que os sonhos haviam profetizado. Chegara a um lugar remoto, sem forma ou cor, composto apenas de sombras e de uma obscuridade que sobrepairava. Inconscientemente, desviou- se da trilha, e por um momento caminhou com dificuldade por entre as moitas, debatendo-se com ramos entrelaçados e sarças que lhe detinham os pés.

Por fim se libertou e descobriu que havia penetrado um amplo caminho, perfurando, parecia, o coração do bosque. A lua resplandecia acima das copas das árvores e conferia uma tênue cor verde à trilha que subia para uma clareira; um grande anfiteatro entre as árvores. Ele estava cansado, e se deitou na escuridão ao lado da estrada de turfa, e se perguntou se tinha por acaso encontrado algum caminho esquecido, algum atalho notável que legiões haviam trilhado. E, enquanto permanecia ali deitado, a observar, a fitar o pálido luar, viu uma sombra que avançava na relva diante dele.

"Um sopro de vento deve estar agitando um ramo atrás de mim", pensou, mas no mesmo instante uma mulher passou, e então as sombras e a mulher branca seguiram em sucessão.

Leonard agarrou com firmeza a vara que estava carregando e enterrou as unhas na carne. Viu a filha do fazendeiro, a moça que o visitara poucas horas antes, e atrás vinham moças com rostos semelhantes, sem dúvida as recatadas moças simples do vilarejo inglês, da casa de fazenda inglesa.

Por um momento elas o arrostaram, sem pudor, imperturbadas diante uma da outra, e depois passaram.

Ele vira seus sorrisos, vira seus gestos, e coisas que achava que o mundo havia muito esquecera.

As figuras brancas e contorcidas prosseguiram na direção da clareira, e os ramos as ocultaram, mas ele jamais duvidou do que vira.

NATUREZA

— E tinha um amplo terreno plano junto do rio — Julian prosseguiu, contando a história de suas férias. — Um amplo terreno plano de campinas enevoadas, divididas por barrancos baixos, entre as colinas e o rio. Dizem que o mundo romano está perdido sob a turfa, que uma cidade inteira adormece ali, ouro e mármore e âmbar, tudo enterrado para sempre.

— Você não viu nada?

— Não, penso que não. Eu costumava me levantar cedo, sair e deixar o moderno vilarejo para trás, escondido na cerração quente. E então eu ficava na campina nevoenta e observava a turfa verdejante tremeluzir e cintilar, enquanto o halo cinzento se dissipava. Ah! o silêncio. Não havia som algum, exceto o rolar do rio, a agitação das águas sobre os juncos. Os barrancos são de lama amarelada — prosseguiu —, mas, de manhã cedinho, quando o sol começa a brilhar na névoa, adquiriam o brilho da pérola e se tornavam como de prata. Havia um morro baixo que escondia alguma coisa, e nele um velho espinheiro pendia para o leste; situava-se um pouco distante da orla da maré. Lá eu ficava e via os bosques emergirem do halo da madrugada, e aquele sol branco parecia cercar a cidade com muros cintilantes. Se me imobilizasse, acho que teria visto a legião fulgurante e as águias, teria ouvido as sonoras trombetas desprendendo-se dos muros.

— Suponho que você deve ter visto e ouvido mais do que isso — falou o amigo. — Eu sempre lhe disse que também a terra, as colinas e mesmo os velhos muros são uma linguagem difícil de traduzir.

— E encontrei um lugar que me fez pensar nisso — disse Julian. — Ficava longe da cidade. Eu me perdi no meio daquelas colinas ondulantes e me transviei por trilhas que seguiam dos campos para o bosque, e tudo o que vi de humano foi, aqui e ali, uma fumaça azul que subia rastejando da terra, da árvore, podia ser, ou do arroio, porque eu não via casa alguma. Continuei sempre com a sensação de que estava seguindo um objeto desconhecido, e de repente um vulto se ergueu de sonhos esquecidos. Uma velha casa de fazenda, construída com

pedras cinzentas, prateadas; um celeiro comprido vacilando e mergulhando na direção de uma lagoa negra, pinheiros sobrepairando o telhado. Tudo era indistinto, como se visto num reflexo na água. Cheguei um pouco mais perto e constatei que tinha me libertado do labirinto de colinas. Fiquei de frente para a montanha, olhando para um vale profundo e extenso do outro lado, e o ano inteiro os ventos da montanha devem soprar contra o alpendre; espiam pelas janelas profundas e vêem a fuga das nuvens e o sol, naquela vasta encosta verdejante. Flores amarelas tremulavam no jardim, porque, mesmo naquele dia calmo, o vento da montanha varria o vale. Mas aqueles muros cinzentos e cintilantes! Uma luz emanava deles, e falavam de algo que ultrapassava o pensamento. Visitei também o vale do rio, um pouco adiante para o norte. A cidade logo se ocultou atrás das árvores, atrás de uma cortina de álamos-negros, sussurrando acerca da Itália, de videiras, de olivais. A vereda sinuosa me conduziu sob pomares, os ramos baixos de um verde escuro, quase negro, na sombra, e o caminho que serpeava entre o pomar e o rio me levou para dentro de um longo vale, onde a floresta é como uma nuvem sobre a colina. Observei a maré amarela se dissipar, e a água fluir clara, e a brisa era espectral. Foi lá que vi as lagoas ardentes.

— Você ficou para ver o pôr-do-sol?

— Sim, passei o dia inteiro no vale. O céu estava cinzento, mas não nublado; era, antes, um fulgor de luz argêntea que fazia a terra parecer sombria e no entanto brilhante. De fato, posso dizer que, embora o sol estivesse oculto, você julgaria possível que luas brancas flutuavam no ar, pois de vez em quando vi a encosta enevoada empalidecer e se iluminar, e uma árvore surgia de súbito no meio da floresta, e reluzia como se florescesse. Sim, e nas serenas campinas junto da beira do rio havia pequenos pontos de claridade, como se línguas de fogo branco faiscassem na erva cinzenta.

— Mas e o rio propriamente dito?

— O dia inteiro era um hieróglifo, serpeando em esses sob aqueles barrancos fantasmagóricos, incolor, e no entanto incandescente como todo mundo à volta. Por fim, ao anoitecer, sentei-me sob um pequeno elmo no declive, onde aspirei o perfume e senti a pesada imobilidade da madeira. Então um estranho vento soprou, lá em cima no céu, e o véu cinzento esvaneceu. O céu era um claro e pálido azul; no oeste, surgiu um verde ardente de opala e, embaixo, um muro purpúreo. Então, no meio da púrpura, abriu- se uma fenda; houve um clarão vermelho, e instantâneos raios vermelhos, como se um metal rubro estivesse

sendo malhado e pressionado na bigorna, e as faíscas se espalhavam. E assim o sol sumiu. Pensei que devia esperar para ver todo o vale, o rio, a campina e o bosque imergirem no crepúsculo, tornarem-se sombrios, amorfos. A luz desapareceu do rio, a água empalideceu enquanto corria entre tristes juncos e ervas. Escutei um brado áspero e melancólico, e, acima, no ar penumbroso, um vôo de aves grandes que seguiam na direção do mar em ordem hieroglífica e mutante. A aguçada linha das colinas parecia, ao pôr-do-sol, dissolver-se, tomar-se indistinta. Então vi que o céu florescia ao norte. Lá surgiam roseirais, com sebes douradas, e portões bronzeados, e o grande muro purpúreo se incendiou ao se tornar plúmbeo. A terra estava de novo iluminada, mas com artificiais cores enjoiadas; a luz mais pálida era sardônica, a escuridão era ametista. E então o vale estava em chamas. Fogo no bosque, o fogo de um sacrifício sob os carvalhos. Fogo nos campos planos, um grande incêndio no norte, e uma chama intensa no sul, acima da cidade. E no rio calmo o próprio esplendor do fogo, sim, como se todas as coisas preciosas tivessem sido lançadas em suas lagoas de fornalha, como se o ouro e as rosas e as jóias tivessem se tornado chamas.

— E depois?

— Depois o brilho da estrela vespertina.

— E você — disse o amigo —, talvez sem saber, me contou a história de uma maravilhosa e inacreditável paixão.

Julian olhou para ele, com espanto.

— Você tem toda a razão — disse ele afinal.

AS COISAS SAGRADAS

O céu sobre Holborn estava azul e apenas uma nuvenzinha, meio branca, meio dourada, flutuava na direção do vento de oeste para leste. A comprida ilha da rua estava esplêndida na luz plena do verão, e longe, no oeste, onde as casas pareciam se encontrar e se unir, havia um tabernáculo acolhedor, misterioso, a casa esculpida de coisas sagradas.

Um homem saiu na grande avenida vindo de um pátio tranqüilo. Estivera sentado à sombra de um plátano por uma hora ou mais, a cabeça atormentada com perplexidades e dúvidas, com o sentimento de que em tudo faltava sentido ou propósito, um emaranhado de alegrias insensatas e tristezas vazias. Revolvera tudo e relutara e se empenhara, e agora a decepção e o êxito eram igualmente sem sabor. Lutar era fadiga, realizar era fadiga, nada fazer era fadiga. Sentira, um pouco antes, que das coisas mais elevadas às mais baixas da vida não havia escolha, não havia uma só coisa que fosse melhor do que a outra: o gosto do carvão extinto não era mais doce do que o gosto das cinzas. Fizera trabalhos de que alguns gostaram e outros desgostaram, e gostar e desgostar eram igualmente enfadonhos para ele. Sua poesia ou sua pintura ou o que quer que fosse em que trabalhasse deixaram completamente de lhe interessar, e ele tentara ser ocioso e constatara que a ociosidade era tão insuportável quanto o trabalho. Perdera a capacidade de criar e perdera a faculdade de repousar; adormecia durante o dia e se sobressaltava e gritava à noite. Mesmo naquela manhã estava indeciso e hesitara, sem saber se ficaria em casa ou se sairia, certo de que em qualquer um dos planos havia um fastio e um desagrado infinitos.

Quando por fim saiu, deixou que a multidão o empurrasse para o pátio tranqüilo e, ao mesmo tempo, praguejou em voz baixa por fazê-lo; procurou se convencer de que pretendera ir para algum outro lugar. Quando sentou-se, empenhou-se desesperadamente para se animar, e, como sabia que todos os interesses fortes são egoístas, fez um esforço para se entusiasmar com o trabalho que realizara, para encontrar um arroubo de satisfação no pensamento de que havia concluído algo. Era tolice; encontrara um truque inteligente e o explorara ao máximo, e estava acabado. Ademais, o que lhe interessava se o elogiassem quando estivesse morto? E qual era a utilidade de inventar novos truques? Era insensatez; e ele rangeu os dentes quando lhe ocorreu uma nova idéia e a rejeitou. Embriagar-se sempre lhe dera um terrível mal-estar, e outras coisas eram mais tolas e fastidiosas do que a poesia ou a pintura, qualquer que fosse.

Não conseguia nem mesmo descansar no desconfortável banco sob o plátano úmido e fétido. Um moço e uma moça chegaram e se sentaram ao lado dele, e a moça disse: "Puxa, como está bonito hoje, não?", e depois começaram a matraquear — os malditos idiotas! Ele se levantou com fúria do banco e se dirigiu para Holborn.

Tanto quanto se podia ver, havia duas fileiras de ônibus, cabriolés e carroças que iam de leste para oeste e de oeste para leste. Ora a longa fila andava com

rapidez, ora parava. As patas dos cavalos estrepitavam e tamborilavam no asfalto, as rodas rangiam e ressoavam, um ciclista oscilava por aqui e por ali entre as fileiras cerradas, tocando a campainha desafinada. Os pedestres seguiam de um lado para outro na calçada, com uma constante substituição de rostos desconhecidos; havia um incessante zumbido e um bulício de vozes. Na segurança de um beco sem saída, um italiano girava a manivela de seu piano-órgão; o som que este emitia aumentava e diminuía à medida que o trânsito se avolumava e parava, e de vez em quando se ouviam as vozes estridentes das crianças que dançavam e gritavam ao compasso da música. Perto da calçada, um verdureiro ambulante empurrava o carrinho e anunciava flores com uma estranha entonação, lembrando o canto gregoriano. O ciclista tornou a passar com a insistente campanhia desafinada, e um homem que estava parado junto ao poste de luz acendeu a pastilha perfumada e observou a tênue fumaça azul subir na luz do sol. Longe, no oeste, onde as casas pareciam se unir, o jogo da luz do sol na névoa criava, por assim dizer, maciças configurações douradas que vacilavam e avançavam e tornavam a vacilar.

Vira essa cena centenas de vezes e, por um longo tempo, considerou-a um inconveniente e um tédio. Mas agora, enquanto andava com enfado, com lentidão, ao longo do lado sul de Holborn, ocorria uma mudança. Ele não sabia, de modo algum, o que era, mas parecia haver um ar estranho, e um novo fascínio que lhe acalmava o ânimo.

Quando o tráfego parou, para sua alma houve um solene silêncio que convocou remanescentes de uma lembrança remota. As vozes dos pedestres se dissiparam, a rua estava imbuída de uma grave e reverente expectativa. Numa loja pela qual ele passara havia uma fileira de lâmpadas elétricas ardendo acima da porta, e seu fulgor dourado à luz do sol era, ele sentia, significativo. O rangido e a trepidação das rodas, à medida que a fileira tornava a se movimentar, emitiram um acorde musical, a abertura de algum elevado culto que estava para ser realizado, e agora, num êxtase, ele tinha certeza de que ouvira o rebôo e a elevação e o júbilo do órgão, e coristas maviosos e pungentes começaram a cantar. E assim a música se dissipou e se elevou e ecoou na vasta ilha — em Holborn.

O que significariam aquelas lâmpadas na brilhante luz do sol? A música silenciou num grave encerramento, e, no estrondo do tráfego, ele ouviu as últimas e profundas notas sonoras se chocarem contra as paredes do coro — ele passara longe do âmbito do instrumento do italiano. Mas então uma voz cheia

começou sozinha, subindo e baixando em modulações monótonas mas solenes, entoando uma canção saudosa e exultante, solicitando que o fiel elevasse o coração, se unisse em coração aos anjos e arcanjos, aos tronos e às dominações. Ele já não conseguia ver, não conseguia ver o homem que passara perto dele, empurrando o carrinho e anunciando flores.

Ah! Não podia estar enganado, estava certo agora. O ar estava azul com incenso, ele sentia o cheiro da deliciosa fragrância. A hora havia quase chegado. E então o argênteo, reiterado, instantâneo chamado de um sino. E de novo, e de novo.

As lágrimas escorreram dos olhos, em seu pranto as lágrimas

correram como chuva sobre as faces. Ele viu, porém, na distância, na longa distância, o tabernáculo esculpido, poderosas figuras douradas movendo-se com vagar, implorando com os braços estendidos.

Soou o ruído de um forte grito; o coro cantava na linguagem de sua mocidade, que ele tinha esquecido:

SANT... SANT... SANT

Então o sino argênteo tornou a tilintar. E de novo, e de novo. Ele olhou e viu os sagrados, alvos e cintilantes mistérios manifestos — em Holborn.

O GRANDE DEUS PÃ[{1}]

1 – Uma experiência

—Ainda bem que vieste, Clarke. Fiquei tão satisfeito. Já estava convencido não te ser possível.

— Consegui arranjar alguns dias. O negócio não corre muito bem. O tempo está mau. Quanto a ti, Raymond, não te inquieta o que experimentarás? Tens certeza de que não corres perigo?

Os dois homens passeavam calmamente ao longo do terraço da casa do doutor. A oeste, o sol poente fazia brilhar as montanhas com um fulgor vermelho escuro que não criava sombra. A atmosfera era calma. Em sua frente a floresta, espessa nas encostas dos outeiros, exalava um perfume suave, e se ouviam, de vez em quando, os arrulhos murmurantes e ternos das rolas selvagens. Mais abaixo, no vale, o rio serpenteava nas colinas solitárias e, enquanto o sol desaparecia no horizonte, se levantava, entre as margens, um hesitante vapor azul.

Doutor Raymondse voltou, bruscamente, ao amigo:

— Me perguntas se a experiência pode ser perigosa?

— Não. De forma nenhuma. No fundo é das coisas mais simples que existem. Qualquer médico a levaria a bom termo.

— E não é perigosa... hum... noutros aspectos?

— Nada. Não existe perigo material. Tens minha palavra de honra. Sempre foste um medroso, Clarke, mas conheces minha história. Bem sabes que há vinte

anos que me dedico à medicina transcendental. Tantas vezes me chamaram charlatão, curandeiro, louco. Mas eu sabia que ia no bom caminho. Ouças, meu amigo: Há cinco anos que atingi o objetivo. Desde então não faço mais que preparar o que farei nesta noite.

— Gostaria de acreditar em tudo isso. — Respondeu Clarke, duvidoso — Mas tens certeza absoluta de que nesse seu sistema não existe fantasmagoria? Em suma: Serão visões extraordinárias mas, não obstante, visões?

O doutor parou bruscamente e se virou bem de frente ao interlocutor: Era um homem idoso, esquelético e bilioso. Um fulgor sanguíneo fez corar o rosto enquanto fixava o amigo:

— Olhes bem a tua volta, Clarke. Vejas a montanha, as colinas, a floresta e os pomares, as searas e as pradarias que vão até o rio. Me vejas a teu lado. Ouças minha voz. Te digo que tudo isso, desde a estrela que se acende no céu ao chão sob nossos pés, tudo isso são sonhos, sombras que nos escondem o mundo real. Esse mundo real existe mas atrás de todo esse brilho e de todas essas ilusões existem lugares superiores, escondidos como por um véu. Se um ser humano levantou esse véu, não sei. O que sei é que nesta noite, e perante nós dois, Clarke, esse véu será levantado. Talvez penses que o que estou dizendo seja estranho ou insensato. Será, não duvido, mas é real. Os antigos sabiam o que significa *levantar o véu*. Chamavam a isso *ver o deus Pã*.

Clarke teve um arrepio. Sobre o rio, o nevoeiro estava gelado.

— É esquisito, na verdade. Estamos na beira dum mundo maravilhoso... Se o que dizes é verdade. Penso, no entanto, que o escalpelo não deixa de ser indispensável.

— Sim, uma pequena incisão na substância cinzenta. Um leve arranjo nalgumas células, uma alteração microscópica que escaparia a 99% dos bons especialistas. Mas não quero te maçar com pormenores técnicos!, Clarke. Poderia falar de imensos pormenores profissionais, extremamente importantes, mas que em nada te iluminariam. Penso, no entanto, que já deves ter lido, nalgum jornal, a respeito dos progressos extraordinários realizados no campo da fisiologia do cérebro. Li, noutro dia, um artigo sobre a teoria de Digby e as descobertas de Browne-Faber[{2}]. Há quinze anos já eu até lá chegara e penso não ser preciso dizer que não estou parado há quinze anos. Apenas saibas que, há cinco anos, fiz a descoberta que me permitiu dizer, ainda há pouco, ter atingido meu objetivo. Depois de anos de trabalho na sombra e de pesquisas incansáveis, de dias e noites

de decepção e desespero, de arrepio só de pensar que qualquer outro poderia, nesse instante, estar na mesma pista que eu, subitamente um choque de alegria me abalou a alma, e soube, então, que a minha longa viagem chegara ao fim. No que me pareceu, na altura (e mesmo agora, às vezes), um feliz acaso, fui atraído pela sugestão dum momento de sonho a caminhos que já percorrera centos de vezes. Subitamente a grande verdade surgiu perante mim e vi, desenhado a fogo, todo um novo mundo, continentes e ilhas, mares jamais percorridos por qualquer navio (que eu saiba) desde que o primeiro homem nasceu e levantou os olhos ao Sol e às estrelas ou os baixou à terra. Tudo isto te deve parecer bela retórica, Clarke, mas é difícil ser conciso quando se abordam tais assuntos e não sei porque me esforço a explicar o inexprimível. Por exemplo: Este mundo dispõe duma imensa rede de fio e cabo telegráfico. Circula o pensamento a uma velocidade somente inferior a sua própria, do levante ao poente, de norte a sul, em montes e vales, mares e desertos. Suponhas, agora, que um eletricista percebe, um dia, que não faz mais que jogar bolita[{3}] com bolinhas que pensava serem os fundamentos do mundo. Suponhas que esse homem vê se abrir perante suas correntes elétricas toda uma vastidão de espaço infinito, que sua voz chega ao Sol, que atrás de si outros sóis existem e que a voz doutros homens ecoa no vasto mundo que rodeia o pensamento. Não deixa de ser uma alegoria de meu caso mas é ótima. Assim se pode ter idéia daquilo que senti aqui numa tarde de verão. O vale estava como está. Eu estava neste mesmo lugar quando se me deparou o imenso abismo que se abre entre os dois mundos: O do espírito e o da matéria. Se abriu, hiante, em minha frente e uma ponte de fogo surgiu ligando a terra à margem desconhecida, como pra medir o abismo. Abras, se quiseres, o livro de Browne-Faber. Ali diz que os sábios de hoje são incapazes de explicar a presença e as funções dum determinado grupo celular. O *terreno* ainda está interdito. Ainda é um palco de teorias fantasistas. Mas não estou na situação de Browne-Faber e doutros. Sei perfeitamente quais são as funções desse centro nervoso, qual seu papel na ordenação das coisas. O posso ativar. Posso, digo, criar a corrente e estabelecer a comunicação entre o mundo dos sentidos e... O futuro nos dirá o fim da frase. O escalpelo é necessário, sim, mas penses só no que se produzirá: Inverter a muralha dos sentidos. E, em primeira vez desde que o homem é homem um espírito contemplará o mundo dos espíritos. Clarke, Mary verá o grande Pã!

— Mas te lembras do que me escreveste? Não era preciso...?

Segredou o resto ao ouvido do doutor.

— Não, não. Que loucura! Podes ficar descansado. As coisas só podem correr

bem, assim.

— Penses bem, Raymond. Olhes que é uma grande responsabilidade. Basta isso correr mal e serás um desgraçado até o fim de teus dias.

— Não. Não me parece, mesmo vendo as coisas do lado pior. Sabes bem que arranquei Mary da miséria e da fome quando ela era criança. Penso que sua vida me pertence, que a posso usar conforme me aprouver. Mas está tarde. É melhor entrarmos!

Depois de conduzir o amigo no saguão e através dum corredor o doutor tirou uma chave do bolso, abriu uma pesada porta e introduziu Clarke em seu laboratório. Era uma velha sala de bilhar, iluminada por uma clarabóia colocada no meio do teto. A triste luz que filtrava se projetava sobre o rosto do doutor enquanto acendia um volumoso candeeiro que colocou sobre a mesa.

Clarke olhou em volta. Não havia centímetro de parede vazio. Todas estavam cobertas de prateleiras cheias de garrafa e frasco de toda espécie e feitio e de todas as cores. Num dos lados havia uma estante Chippendale que Raymondapontou com a cabeça:

— Vês este pergaminho de Oswald Crollius?[{4}] Seu autor foi um dos primeiros a me indicar o caminho, ainda que eu não pense que o tenha conseguido percorrer. Tem uma frase estranha. Diz que em cada grão de trigo se esconde a alma duma estrela.

Havia poucos móveis no laboratório. Uma mesa de sala de estar, outra mesa, de mármore, com um instrumento cirúrgico em cima, e os dois sofás onde se sentavam Clarke e o doutor. Era tudo. Só havia mais uma peça, um cadeirão de aspecto estranho, no fundo da sala. Clarke olhou a ele e franziu as sobrancelhas.

— Sim. É naquela cadeira. — Disse Raymond— Devíamos ir a preparar já.

Se levantou e, a arrastando à luz, começou à levantar e à baixar, experimentando diversos ângulos das costas e ajustando o suporte de pé. Tinha aspecto confortável e Clarke acariciou o veludo verde enquanto o doutor experimentava as alavancas.

— Fiques à vontade, Clarke. A casa é tua. Ainda tenho de trabalhar um par de horas. Ainda há uns últimos pormenores que quero verificar.

Raymond foi à mesa de mármore e Clarke ficou o vendo, se inclinando sobre uma fila de frasco ou acendendo uma chama. Numa prateleira colocada por cima

dele estava um pequeno candeeiro, também velado. Clarke, sentado na sombra, contemplava a vasta e inquietante sala, admirando a bizarria dos contrastes sombra-luz. Depressa chegou ao nariz um odor esquisito. Talvez a mera sugestão dum cheiro e, à medida que ia se afirmando, se espantou não reconhecer algo de químico ou medicinal. E, enquanto analisava, preguiçosamente, essa sensação, sua mente começou a evocar um dia de antigamente, de seus quinze anos. Um dia de ócio e brincadeira na casa de seus pais, entre as árvores e o prado. Um dia brilhante de princípio de agosto. O calor dava às coisas um reflexo azulado e o termômetro falava de temperatura anormal, quase tropical. Era esquisito como esse ano de 185... ressurgia, agora, na mente de Clarke. O brilho dum sol radiante apagava, agora, as luzes do laboratório em que estava. Sentia de novo a brisa quente afagando o rosto, o fumo se erguendo sobre a água, os mil-e-um murmúrios do verão.

— Espero que este cheiro não te incomode, Clarke. Nada tem de insalubre mas pode te amolecer um pouco.

Clarke ouviu tudo claramente. Sabia que Raymond falava consigo, mas por nada deste mundo conseguiu fugir à sonolência. Só conseguia recordar seu passeio solitário de há quinze anos. Esse último adeus ao bosque e prado da meninice. De novo seu nariz recordava a brisa do verão, os perfumes combinados das flores e da floresta, e desses lugares sombrios e frescos que o calor torna desejáveis, no meio da escura folhagem. Mas o que tudo dominava era o maravilhoso perfume da terra que, como uma donzela, oferecia seus braços e lábios sorridentes numa suave fragrância. Fantasiando, errou, como antigamente, do campo ao bosque, e de novo ao campo, num caminho que só ele conhecia, no meio das faias. E o murmúrio da água na pedra cantava uma suave melodia que só seu sonho podia escutar.

Seu pensamento se tornava, todavia, confuso. As faias se transformavam em azevinho. Aqui e ali uma videira serpenteava de ramo a ramo, estendendo a ramagem e o púrpura dos cachos, e a folhagem prateada duma oliveira selvagem contrastava, subitamente, com a escuridão do azevinho. No meio de seu sonho Clarke tomava consciência de que esse caminho o conduzira da casa de seus pais a um território desconhecido, estranho, e era essa estranheza que admirava quando, subitamente, um silêncio, mais alto que todos os verões, todos os perfumes e todos os murmúrios, um silêncio que não deixou ouvir mais. O bosque se calou. E, um instante, algo que não era homem nem besta, vida nem morte, mas tudo isso e mais, a imagem movimentada de todas as coisas, se fez ouvir. Só um instante, durante os quais corpo e alma estiveram preste a se dissolver, uma voz chorou

Vamos. Saiamos daqui. E foi, então, como a sombra da treva que está atrás das estrelas, como a escuridão da eternidade.

Acordando, sobressaltado, Clarke viu o doutor deitar algumas gotas dum líquido oleoso num frasco verde, que arrolhou em seguida, cuidadosamente.

— Estavas cochilando. O dia foi cansativo! Mas já está! Buscarei Mary e já voltarei. São dez minutos!

Clarke se virou no sofá e continuou sonhando. Parecia que passava dum sonho a outro, que as paredes do laboratório se derretiam até desaparecer e que acordava em Londres, todo arrepiado dos sonhos noturnos. A porta se abriu. O doutor apareceu, trazendo atrás uma jovem de dezessete anos vestida de branco. Era tão bela que Clarke não se admirou com o que Raymond lhe escrevera. Reparou que ela corava mas o doutor parecia impassível.

— Mary, chegou o momento. Mas és livre. Queres confiar inteiramente em mim?

— Claro!, meu amigo.

— Ouviste?, Clarke. És testemunha! Te sentes nesta cadeira, Mary. Estás pronta?

— Sim, meu amigo. Prontíssima. Mas antes me beijes!

O médico se inclinou e beijou os lábios, ternamente.

— Agora feches os olhos. A jovem abaixou as pálpebras, como de fadiga, e esperou o sono. Raymond lhe aproximou o frasco verde das narinas. O rosto dela ficou lívido, ainda mais branco que a roupa que vestia. Lutou ainda, fracamente, um instante. Depois, vitimada por aquele espírito de submissão que nela era tão forte, cruzou os braços, como uma criança que rezará. A luz brilhante da lâmpada caía diretamente sobre ela, e Clarke pôde observar a alteração que se operou em seus traços, semelhante à que o Sol e as nuvens provocam nas colinas. Mary estava pálida e tranqüila, inconsciente, como constatou o doutor, lhe abrindo uma pálpebra. Então moveu uma das alavancas a fim de baixar a cadeira, e Clarke o pôde ver raspar um pouco do cabelo da paciente, como se duma tonsura se tratasse, aproximar a lâmpada, pegar um objeto brilhante e...

Clarke virou as costas com um arrepio. Quando voltou a olhar, o médico colocava um penso na pequena ferida.

— Daqui a cinco minutos acordará. — Disse Raymond com a habitual frieza.

— Só nos resta esperar.

Os minutos passavam lentamente, e o tique-taque do relógio do corredor estava bem audível. Clarke se sentia enfraquecer. Os joelhos batiam tanto que já mal o podiam sustentar.

De repente se ergueu o som dum suspiro, o sangue voltou a corar o rosto exangue de Mary, os olhos se abriram e brilharam com estranho fulgor. Uma grande admiração se espelhou na face e as mãos se estenderam como pra tocar algo invisível.

E logo o espanto se converteu em horror, o rosto numa máscara abominável, e o corpo começou a tremer de tal forma que, se diria, era sua alma lutando na prisão carnal. Horrível visão! Clarke se precipitou porta afora, enquanto a jovem caía ao chão, uivando.

Três dias depois Raymond conduziu Clarke à cabeceira de Mary. Estava desperta e rolava a cabeça dum lado a outro, fazendo careta. Disse o doutor, sempre frio:

— Sim. É uma grande perda. Ficou irremediavelmente idiota. Mas isso era inevitável. Viu, apesar de tudo, o grande Pã.

2 – Memórias de senhor Clarke

Senhor Clarke, o cavalheiro escolhido por doutor Raymond pra assistir à estranha experiência do grande Pã, conjugava em si, de forma bizarra, a prudência e a curiosidade.

Friamente julgava o insólito e o excêntrico com total aversão. Mas no âmago do coração germinava um desejo quase inquisitorial de conhecer os mais esotéricos segredos da natureza e do homem. Era esse segundo aspecto que prevalecera no caso de doutor Raymond, pois, mesmo achando que a razão pusera, irremediavelmente, de parte tais sistemas, os arrumando na prateleira da loucura selvagem, ainda conservava, em segredo, certa fé no fantástico, que gostaria de ver confirmado. O horror que presenciara no laboratório não deixara de ser, dalguma forma, salutar. Consciente de sua parte de responsabilidade num assunto pra todo efeito pouco recomendável, deixou de lado, durante muitos anos, de pesquisas

ocultas, pra se dedicar inteiramente às verdades do bom-senso. Por questão de homeopatia, verdade seja dita, não deixou de frequentar, durante algum tempo, sessões mediúnicas, na esperança de que os truques dalguns desses cavalheiros lhe provocassem a tão desejada repugnância a tudo quanto dissesse respeito a misticismo. Mas o remédio foi inútil. Clarke sentia continuar vibrando perante o desconhecido e, pouco a pouco, a velha paixão recomeçou a se afirmar, à medida que a imagem de Mary e de seus horrores se apagava da memória.

Ocupado, todo o santo dia, em seus próspero e sério negócio, era na noite que a tentação mais se fazia sentir, sobretudo nos meses de inverno, em que o clarão da lareira fazia dançar as sombras em seu apartamento de solteiro, através do vermelho vivo do bom vinho que repousava a alcance da mão. Então fingia ler o jornal. Mas só a leitura dos cabeçalhos o fazia virar a cabeça, e então seu olhar ardente se fixava sobre um pequeno contador japonês colocado ao lado da lareira. Ainda hesitava um pouco, como uma criança perante o armário de guloseima, mas logo a concupiscência vencia a batalha e Clarke empurrava a cadeira, precipitadamente, acendia uma vela e se sentava diante do armário. As gavetas e compartimentos estavam cheios dos mais diversos documentos sobre os mais mórbidos assuntos. Entre eles repousava um volumoso manuscrito onde reunira as pérolas de sua coleção. Clarke desprezava intensamente a literatura impressa. Em sua opinião a impressão retirava todo o interesse do assunto mais fascinante e fantasmagórico. E seu maior deleite estava exatamente em completar, coligir aquilo a que dava o nome de *Memória sobre as provas da existência do Diabo*. Quando se dedicava ao trabalho o tempo parecia voar e a noite parecia curta.

Numa feia tarde de dezembro, negra de nevoeiro e coberta de geada, Clarke acabou o jantar e, mal se dignando cumprir o ritual de pegar e largar seu diário, passeou um pouco na sala, abriu a escrivaninha, se imobilizou um instante e se sentou, enfim. Ficou um instante, absorto num de seus sonhos costumeiros e, finalmente, se agarrou ao famoso manuscrito, que abriu numa das últimas páginas. Três ou quatro estavam cobertas pela caligrafia miudinha de Clarke. O título, com letras um pouco maiores, rezava:

Singular narrativa de meu amigo, doutor Philips, que afirma que todos os acontecimento relatados são absoluta e estritamente verdadeiros. Se recusa, no entanto, a revelar os patronímicos das personagens, bem como a indicar o teatro desses extraordinários acontecimentos.

E senhor Clarke leu a história em décima vez, verificando, aqui e ali, as notas a lápis com que acompanhara a narrativa do amigo. Se diga (e era uma

particularidade sua) que senhor Clarke se julgava dotado de alguma habilidade literária, que apreciava seu próprio estilo, em que ordenava, dramaticamente, as circunstâncias. Eis o conteúdo do que lia:

As pessoas implicadas nesta narrativa são Helen V... que, caso ainda esteja viva, deve ser agora uma mulher de 23 anos; Rachel M..., já falecida; e Trevor W..., idiota, de 20. Essas pessoas então viviam numa aldeia do País de Gales, que fora uma vila importante no tempo da ocupação romana, agora transformada num vilarejo de 500 ou 600 almas. A aldeia fica numa encosta, a cerca de 10km do mar, e é rodeada por uma vasta floresta.

Há cerca de onze anos, Helen V... chegou a essa aldeia em condição algo particular. Se dizia que, tendo ficado órfã muito cedo, fora adotada por um parente afastado, que a criara até a idade de 13 anos.

Este parente, no entanto, pensava que lhe fariam falta companheiros da idade dela, pelo que, por intermédio dos jornais locais, fez saber que pretendia um bom lar, de preferência numa quinta confortável.

M. R., um gordo proprietário da aldeia, respondeu ao anúncio. Visto que suas referências eram satisfatórias, o cavalheiro não tardou a enviar a filha adotiva, não sem estipular, por carta, que ela teria seu quarto particular e que ninguém precisaria se preocupar com sua educação, já na altura suficiente pra posição que viria a desempenhar no futuro. Mais ainda, senhor M. R. era informado de que deveria deixar Helen à vontade, no que diz respeito a passatempo e ocupação. M. R. A foi buscar na estação, a cerca de 11km, e não parece ter notado algo de especial. Talvez certas reticências relativamente ao passado e ao pai adotivo.

Fisicamente muito diferente dos aldeões, pálida e macilenta, de formas acentuadas e aspecto exótico, Helen se habituou, ao que parece, sem dificuldade, à vida no campo, e cedo se tornou a favorita das outras crianças, que a acompanhavam, frequentemente, à floresta, em seu passeio predileto. A esse respeito M. R. diz que uma vez, tendo reparado que ela saíra pra passear depois do desjejum e só voltara depois do crepúsculo, e inquieto por ela passar tantas horas sozinha e fora de casa, chamou a atenção de seu pai adotivo ao fato. Ele respondeu, com brevidade, que deveriam deixar Helen fazer o que quisesse.

No inverno, quando os caminhos da floresta estavam intransitáveis, passava grande parte do tempo no quarto que lhe estava reservado, de acordo com a instrução de seu tutor.

Foi no decorrer dum dos passeios ao bosque, cerca dum ano depois da chegada, que se deu um incidente bizarro, o primeiro duma série. Nesse ano, o inverno fora particularmente rigoroso, a neve caíra com abundância e o gelo tardava a derreter. O verão, ao contrário, fora particularmente quente. Num desses dias ardentes, Helen V... saiu da quinta pra mais uma longa excursão, levando, como sempre, seu lanche de pão e carne. Alguns camponeses a viram tomar a velha via romana, uma calçada cheia de erva, que atravessa a maior parte do bosque, e se admiraram em ela ir sem chapéu, não obstante o extremo calor. Um jornaleiro, Joseph W..., nesse dia trabalhava na floresta, junto da estrada romana. No meio-dia, seu filho Trevor trouxe o almoço, pão e queijo.

Depois de comerem, o garoto, de cerca de sete anos, deixou o pai entregue ao trabalho e, segundo o que, posteriormente, narrou, foi ao bosque procurar flor. O pai, que continuava o ouvindo, feliz da vida à medida que colhia uma e outra flor, trabalhava despreocupado quando, subitamente, ouviu um grito de pavor vindo donde o filho estava. Correu pra o procurar e encontrou o rapaz, que corria de cabeça baixa, apavorado. Interrogado, respondeu que, depois de colher um maço de flor e se sentindo cansado, se deitara sobre a erva e adormecera. De repente algo o despertara. Um barulho singular, uma espécie de canto. Olhando entre os ramos, vira Helen V... brincando na relva com *um tipo esquisito, todo nu*, que não conseguiu descrever. Sentira tanto medo que desatara a correr, procurando o pai. Joseph W... se pôs a caminho e encontrou Helen V... sentada no meio duma clareira abandonada por carvoeiros.

Encolerizado, a acusou de ter assustado o pequeno mas ela negou tudo e riu muito da história do homem esquisito. História em que Joseph não acreditara muito, se diga, cedo tendo chegado à conclusão de que fora um daqueles terrores inexplicados e súbitos que, às vezes, os pequenos sentem. Trevor, no entanto, se obstinou na história e estava tão angustiado que, enfim, o pai achou melhor o levar até casa na esperança de que a mãe o acalmasse. Durante semanas a criança foi uma fonte de preocupação. Nervosa e estranha, se recusava a sair de casa e na noite acordava os pais gritando O homem da floresta! Papá! Papá!

Pouco a pouco, contudo, tudo isso pareceu ter acabado e, cerca de três meses depois, acompanhou o pai à casa dum cavalheiro, onde ele trabalharia. Tendo Joseph W... sido chamado ao escritório, a criança ficou no saguão. Minutos depois, quando o cavalheiro dava instrução, ouviram um grito estridente e o barulho de queda. Ambos se precipitaram e encontraram Trevor inanimado, no chão, a fisionomia alterada pelo pavor. Chamado com urgência, o médico declarou, após

exame preliminar, se tratar duma espécie de ataque, derivado, certamente, de emoção súbita. O levaram a um quarto onde não tardou a voltar a si mas pra passar a um estado a que o médico chamou de *histeria violenta*.

Recebeu forte sedativo e o julgaram capaz, duas horas depois, de regressar até casa. Ao passar no saguão, no entanto, foi de novo vítima dum acesso de pavor, ainda mais forte que o anterior. O pai da criança reparou que, gritando O homem da floresta!, Trevor apontava a qualquer coisa. Olhou e viu uma grotesca máscara de pedra incrustada na parede acima duma porta. Ao que parece, o proprietário mandara reformar a casa pouco tempo antes e, ao remexerem no alicerce, os operários encontraram essa carantonha de origem nitidamente romana, que foi colocada no saguão. Experientes arqueólogos da região viram nela uma cabeça de fauno, ou sátiro.[{5}]

Fosse o que fosse, o abalo foi, então, forte demais pro pequeno Trevor, que até hoje sofre retardo mental que deixa entrever pouca esperança. A história fez sensação na época e M. R.... fez um interrogatório fechado a Helen, mas em vão, pois ela continuou negando ter assustado o pequeno, fosse de que maneira fosse.

O segundo incidente em que a jovem tomou parte data de há cerca de seis anos e apresenta aspectos ainda mais inquietantes.

Em 188... no começo do verão, Helen fez forte amizade com Rachel M..., filha dum rico lavrador da vizinhança. Um ano mais nova que Helen, a pequena era mais bonita, não obstante os traços da outra estarem mais atenuados com a idade. As duas amigas inseparáveis contrastavam bastante, uma com tez cor de azeitona e ar de italiana, a outra com proverbiais as faces rosadas de nossas províncias. É preciso ter em conta que as anuidades pagas a M. R... pela educação de Helen eram elevadas, e a aldeia sabia. A opinião geral era a de que ela um dia herdaria uma soma considerável. Consequentemente os pais de Rachel não se opuseram à amizade entre sua filha e Helen. Ao contrário. O que hoje deploram amargamente. Dado que Helen conservara seu amor à floresta, Rachel a acompanhava frequentemente nos passeios. Saíam na manhã e lá ficavam até o anoitecer. Uma ou duas vezes, na sequência dessas excursões, senhora M... achou algo de singular nos modos da filha: Parecia adoentada, sonhadora, *diferente do que era*, segundo a opinião da mãe. Mas a mudança era tão pouco nítida que ninguém reparou.

Numa noite, contudo, depois de Rachel voltar, a mãe ouviu no quarto algo que lhe pareceu um choro abafado. Entrou e encontrou a filha meio despida, sentada na cama, tomada de indizível angústia. Ao ver a mãe, gritou: Ó! Mama! Por que

me deixaste ir com Helen à floresta? Espantada em ver a filha naquele estado, senhora M... a interrogou e Rachel contou uma história terrível. Disse...»

Repentinamente Clarke fechou o livro e virou a cadeira ao fogo. Uma vez que um amigo seu, sentado nessa mesma cadeira, lhe contou essa mesma história, o interrompera nesse mesmo ponto, ou melhor, um pouco a seguir, gritando num paroxismo de pavor:

— Meu-deus! Penses no que dizes! É monstruoso! Coisas como essa nesta nossa terra, onde o homem vive e morre, luta, triunfa, às vezes sucumbe, é vencido pela tristeza e sofre, vítima de estranhos destinos ao longo de vários anos, bem sei! ... Mas isso, Philips, isso não! Se isso pudesse acontecer, este mundo seria um pesadelo!

E Philips continuou contando sua história até o fim:

Sua fuga é ainda um mistério. Desapareceu. À luz do dia. A viram caminhara à pradaria. Segundos depois desaparecera.

Sentado junto do fogo, Clarke se esforçava a conceber tamanho absurdo. Seu espírito vibrava, fugia, tremia, invocando as forças misteriosas que podem fazer de nossa carne um triunfo e um trono. Em sua frente se desdobrava o túnel verde do caminho da floresta, descrito pelo amigo. Viu o movimento das folhas e, sobre a erva, a dança das sombras. Viu o Sol e as flores e, ao longe, duas figuras que caminhavam até ele. Uma era a de Rachel. Mas... E a outra?

Clarke fizera o possível pra em nada acreditar. Mas no fim da história lá estava, escrito por seu próprio punho:

Et Diabolus incarnatus est, et homo factus est.[{6}]

3 – A cidade da ressurreição

— Herbert! Meu-deus! Será possível?

— Na verdade, meu nome é Herbert. Também me parece que te conheço mas não me lembro de teu nome. Tenho, mesmo, uma memória esquisita.

— Não te lembras de Villiers?, de Wadham.

— É verdade! Pois é! Peço imensa desculpa, Villiers. Nunca me ocorreria pedir esmola a um camarada de colégio. Boa noite.

— Meu querido amigo, não tenhas tanta pressa. Meu apartamento fica a dois passos daqui. Não queres ir até lá? Íamos no caminho mais comprido, na avenida Shaftesbury! Por amor-de-deus! O que te fez chegar a este ponto?, Herbert.

— É uma história comprida, Villiers. Estranha, também. Mas, se quiseres, contarei.

— Está bem. Me dês o braço. Me parece que estás um bocado fraco.

Os dois companheiros, um vestido de inquietante e sujo andrajo, o outro com a elegância do citadino rico, subiram lentamente a rua Rupert. Villiers acabava de sair de seu restaurante, depois dum excelente jantar de vários pratos, pesado pelo conforto do *Chianti*[{7}] com que regara a refeição. Com seu velho bom humor, se demorara um pouco à porta, olhando a ruas surdamente iluminadas, esperando aqueles incidentes ou misteriosas personagens, frequentes em Londres toda hora e em toda parte.

Villiers se considerava um exímio explorador dos desvios e labirintos da vida londrina, um tipo de caça desinteressada em que investia uma atividade digna de objetivos mais elevados. Era com esse espírito que se conservava junto do candeeiro, espreitando os passantes com uma curiosidade que não tentava disfarçar. E, com aquela gravidade somente conhecida dos jantadores sistemáticos, enunciara a si próprio o seguinte aforismo: Chamaram Londres a cidade do encontro. Deviam ter chamado a cidade da ressurreição. E foi então que seu pensamento foi interrompido por um queixume próximo, um doloroso pedido de esmola.

Olhou ao lado, um pouco irritado, e teve um sobressalto ao encontrar a prova encarnada das suas teorias: Mesmo a seu lado, alterado e desfeito pela miséria, miseravelmente coberto de andrajo, estava seu velho amigo Charles Herbert, antigo colega. Ontem sábio, hoje louco. Ocupações diferentes e interesses divergentes interromperam essa antiga amizade. Havia seis anos que Villiers não via Herbert. contemplava aquela ruína humana com uma tristeza mista de concupiscência de saber o que o levara àquele ponto. A piedade não destruía nele o prazer do caçador de mistério e se congratulava por seus sonho de raciocínio à porta do restaurante.

Deram alguns passos em silêncio enquanto mais que um passante se voltava, espantado, perante o insólito espetáculo que constituía esse homem bem-vestido, em cujo braço pendia um declarado mendigo. Vendo isso Villiers se enfiou numa rua escura de Sorro. Ali repetiu a pergunta:

— Como raio isso aconteceu?, Herbert. Sempre pensei que te beneficiarias de ótima situação no Dorsetshire. Teu pai te deserdou? Certamente que não!

— Não, Villiers. Herdei logo após a morte de meu pobre pai, que morreu um ano depois de minha saída de Oxforde. Foi um pai muito bom e meu luto foi sincero. Mas sabes o que são os jovens: Meses depois vim à cidade e comecei a frequentar a vida mundana. Tinha excelente recomendação e consegui me distrair sem muito problema. Na verdade joguei um bocado mas nunca grande soma. E as poucas apostas que fiz em corrida até me deram algum ganho, algumas libras pros charutos e coisas do gênero. Em minha segunda temporada é que o vento mudou. Ouviste falar, com certeza, de meu casamento.

— Nunca alguém me falou em tal coisa!

— Me casei!, Villiers. Conheci, em casa duns amigos, uma jovem da mais maravilhosa e envolvente beleza. Não posso dizer qual a idade, pois nunca soube, mas, segundo meu cálculo, teria, quando a conheci, uns dezenove anos. Meus amigos a conheceram em Florença. Se apresentou como órfã, filha de pai inglês e mãe italiana, os e encantou, como me encantaria. A vi em primeira vez numa festa. Falava com um amigo, junto duma porta, quando, subitamente, sobre o murmúrio das conversas, se elevou uma voz que foi direto ao coração. Cantava um romance italiano. Fui apresentado nessa mesma noite e três meses depois me casei. Villiers, essa mulher, se podemos chamar mulher, corrompeu minha alma. Na noite de núpcia fiquei sentado, no quarto do hotel, a ouvindo falar com aquela voz maravilhosa. Falava sobre coisas que eu não ousaria murmurar na mais negra

noite, na mais vasta solidão. Villiers, pensas que conheces a vida, Londres, e o que se passa nesta cidade de horror. E se calhar já conversaste amenamente com os piores celerados. Mas te digo que não fazes idéia do que sei. Não, teus sonhos mais fantásticos e escondidos nunca poderiam engendrar sombra daquilo que ouvi e vi. Vi, sim. Vi as coisas mais incríveis. Tão incríveis que, às vezes, no meio da rua, parava pra pensar como era possível visto e continuar vivo. Passado um ano, Villiers, eu estava arruinado, de corpo e alma... De corpo e alma!

— E tuas propriedades?, Herbert. Tinhas terra em Dorsete.

— Vendi. Terras e florestas. Minha querida casa... Tudo...

— E o dinheiro?

— Ela o levou.

— E te deixou assim?

— Sim. Numa noite desapareceu. Não sei aonde foi mas tenho certeza de que se a visse morreria. O resto de minha história não tem interesse: Sordidez e miséria. É tudo. Villiers, pensas que exagero mas olhes que te contei nem metade do que se passou. Podia tentar te convencer. Só que nunca mais terias uma hora de felicidade até o fim de teus dias. Te tornarias, como eu, um fantasma, um homem que viu o Inferno.

Villiers levou o desgraçado até sua casa, onde mandou lhe servirem jantar. Mas ele comeu pouco, quase não tocou o vinho e pareceu aliviado quando, depois de ficar sentado ao lume, sombrio e silencioso, Villiers o deixou ir embora com algum dinheiro.

— Uma coisa, Herbert: — Perguntou Villiers quando se separaram — Como se chamava a mulher? Disseste Helen... Helen de quê?

— A chamavam, quando a conheci, Helen Vaughan. Mas não sei o verdadeiro nome. Não penso que o tivesse. Não. Não é o que estás pensando. Só os seres humanos têm nome, Villiers, e não posso dizer mais. Boa noite. Não. Não deixarei de passar aqui se precisar de tua ajuda. Boa noite.

O homem se afastou noite adentro e Villiers voltou junto ao fogo. Havia algo em Herbert que causava impressão indizível. Não era o farrapo nem os estigmas que a miséria lhe imprimira no rosto mas um pavor indefinível, suspenso como uma névoa. Ele próprio reconhecera não estar limpo de falta e que Helen o corrompera de corpo e alma. Villiers tinha a impressão de que o cenário no qual

esse homem outrora seu amigo atuara era inexprimivelmente criminoso. E sua história não precisava ser confirmada. Ele próprio constituía a prova. Villiers sonhava com a história que acabara de ouvir, se perguntando se a ouvira até o fim:

— Não. Até o fim, não. Só o princípio. Uma história dessa é como aquelas caixinhas chinesas: Se abre uma dentro da outra e se encontra tarefa cada vez mais bizarra. É possível que o pobre Herbert seja apenas uma das caixinhas exteriores: Ainda falta abrir caixas muito mais estranhas.

Villiers não conseguia esquecer Herbert e sua história cujo horror parecia ficar mais espesso ao avançar da noite. O fogo enfraquecia e o ar gelado da manhã penetrava no apartamento. Villiers se levantou, olhou por cima do ombro e, estremecendo um pouco, se enfiou na cama.

Dias depois encontrou, em seu clube, um cavalheiro chamado Austin, um amigo que era famoso por conhecer de ponta-a-ponta a vida brilhante e tenebrosa de Londres. Ainda matutando sobre o encontro de Sorro, Villiers pensou que talvez Austin pudesse esclarecer um pouco a história de Herbert. Depois dalgumas frases banais perguntou de chofre:

— Por acaso ouviu falar, duma maneira ou doutra, dum tipo chamado Charles Herbert?

Austin se virou bruscamente e olhou, surpreso, a Villiers:

— Charles Herbert? Não estavas na cidade há três anos. Não ouviste falar no caso da rua Paul? Na altura, foi uma sensação.

— Que história foi essa?

— Eis: Um cavalheiro muito rico foi encontrado morto perto duma casa da rua Paul, mais ou menos onde se cruza com a travessa Tottenham. Naturalmente, não foi a polícia que o descobriu. Passes a noite com a luz acesa e virás logo um policial bater à porta mas quem é que quer saber se alguém estiver estendido à porta de qualquer pessoa? O deixai estar. Nessa ocasião, como noutras, o alarme foi dado por uma espécie de vagabundo. Não estou falando dum mendigo nem dum gatuno. Sabes: Um daqueles cavalheiros que, movido pelo negócio ou pelo prazer, passeia na ruas de Londres às cinco horas da manhã. Esse indivíduo, ao que declarou, *voltava até casa*, se bem que nunca se percebeu muito bem donde vinha nem aonde ia nem por que passava na rua Paul entre as quatro e as cinco da manhã. Não sei o que o fez espreitar o número 20. Disse algo absurdo a respeito da casa ter a fisionomia mais desagradável que já vira. De qualquer forma foi

espreitar o pátio. E, pra seu espanto, viu um homem estendido no chão. Uma perna aqui, outra ali, de costas. Nosso cavalheiro achou a cara do homem singularmente fantasmagórica, ao que começou a correr, procurando o primeiro policial. O guarda não levou a coisa muito a sério, a princípio, pensando se tratar de história de bêbado. Mas foi até lá e, quando viu a cara do homem, mudou logo de tom. O pássaro madrugador que descobrira aquele lindo presente foi mandado procurar um médico, enquanto o guarda se agarrou à campainha e ao batente, até que chegou uma criada muito suja e meio dormente. Mostrou o que estava no pátio e ela começou a gritar e a pôr toda a rua em polvorosa. Mas ela nada sabia a respeito do senhor, nunca o vira na casa, etc... Entretanto chegou o cavalheiro com o médico e nada mais havia a fazer além de entrar no pátio. Foi aberta a porta, todo o quarteirão aproveitou pra entrar também, e assim se apagaram todas as pistas que poderiam existir. O doutor só precisou dum momento pra declarar que o pobre-diabo estava morto há várias horas, e o fez transportar ao posto. Aqui a história se tornou interessante. O morto não fora roubado e num dos bolsos estavam papéis que o identificavam como sendo... Em suma: Um homem rico e de boa família, muito considerado na sociedade e de quem não se conhecia inimigo. Não digo o nome, Villiers, porque nada tem a ver com a história e porque não é bom remexer em história de morto com parente ainda vivo. O mais curioso, depois, é que os médicos nunca chegaram a acordo sobre a causa da morte. Havia ferida nos ombros do cadáver, como se alguém o tivesse empurrado com violência pela porta da cozinha e arrastado escada abaixo. E não, como parecia, atirado pela janela. Mas não apresentava sinal de violência suscetível de provocar a morte. E a autópsia não revelou traço de veneno. Naturalmente a polícia quis saber sobre os habitantes do número 20 e nesse ponto o soube de fonte privada. Apareceram dois ou três pormenores curiosos.

— A casa era habitada pelo casal Herbert. Ele, ao que se dizia, rico proprietário. Houve até quem dissesse que a rua Paul não era, propriamente, o lugar onde se fosse procurar a aristocracia terra-tenente. Ela, ninguém parecia saber quem fosse, nem o quê. Aqui, entre nós, estou convencido de que os que procuraram mergulhar em sua existência nadaram em água bem turva. É evidente que ambos negaram saber fosse o que fosse sobre o defunto, pelo que, por falta de prova, foram mandados embora. Mas vieram à baila coisas muito estranhas.

— Apesar de serem só cinco ou seis horas da manhã quando o cadáver foi levado, a multidão se acumulara e a maior parte dos vizinhos acorrera pra ver o que se passava. Se mostraram extremamente liberais, a todos os níveis, nos

comentários que faziam. Definitivamente, o número 20 tinha má fama no bairro. Os detetives tentaram apurar alguns fundamentos mais sólidos de todos esses rumores mas não conseguiram. As pessoas abanavam a cabeça e franziam o sobrolho. Achavam que os Herbert eram *bizarros*, *preferiam não freqüentar a casa*, etc, mas nada de tangível. As autoridades estavam moralmente convencidas de que o homem morrera, fosse de que maneira fosse, na casa dos Herbert, tendo sido, em seguida, deitado pela porta da cozinha mas nada puderam provar e não havia traço de violência ou de veneno que sustentasse essa opinião. Uma história estranha. Não é verdade?

— Ainda há uma coisa curiosa da qual não te falei. Por acaso, eu conhecia um dos médicos consultados sobre as causas da morte e tempo depois do inquérito o encontrei e interroguei sobre o assunto. Lhe perguntei: Me garantes que foste ultrapassado pelo caso, que até hoje não sabes de que o homem morreu?

— Desculpes. Sei perfeitamente o que matou Blank: Angústia, pavor, desespero. Nunca, desde que sou médico, encontrei feição de tal modo convulsa. E olhes que já olhei bem a cara dum exército de defunto.

— Esse médico era um indivíduo de sangue frio. Eu o conhecia bem, de modo que a veemência de seu modo me impressionou bastante. Mas não consegui saber mais. Penso que o ministério público não conseguiu arranjar maneira de perseguir os Herbert por terem assustado um homem até a morte. Ao menos nada fizeram e o caso foi esquecido. Sabes algo sobre Herbert?

— Mas — replicou Villiers — andamos juntos no colégio.

— Não posso crer. E a mulher: A viste alguma vez?

— Não. Nunca. Deixei de ver Herbert há alguns anos.

— É curioso. Não? Nos separarmos dum colega à porta dum colégio, não ouvirmos falar dele durante anos e o encontrar nesta circunstância. Pessoalmente, gostaria de ver senhora Herbert. Contam coisas a seu respeito...

— Que coisas?

— Por minha fé, não sei muito bem como dizer. Todos os que a viram na delegacia afirmam nunca ter encontrado mulher tão bela e tão repugnante. Falei com um deles, e olhes que se arrepiava só em a descrever. Tudo isso foi uma espécie de enigma e penso que se o morto tivesse podido contar algumas histórias elas teriam sido bem estranhas. E há ainda outra meada a desenrolar: O que faria um respeitável cavalheiro rural como senhor Blank (o chamaremos assim, se não

te importas) nesse duvidoso apartamento número 20? É mesmo um caso misterioso. Não achas?

— Sim, Austin. Um caso misterioso. E olhes que nunca pensei que, ao te interrogar sobre meu antigo condiscípulo, malhasse em semelhante ferro. Mas tenho que ir embora. Boa noite.

4 – Descoberta na rua Paul

E Villiers foi embora pensando na história das caixinhas chinesas: Um trabalho curioso, de fato.

Uns meses depois do encontro de Villiers e Herbert, senhor Clarke estava, como habitualmente, sentado na sala, após jantar, e se esforçava pra não ir à escrivaninha. Conseguira se manter afastado das *Memórias* durante mais duma semana, até porque pensava agora conseguir uma reforma total. Apesar das tentativas não conseguia silenciar a curiosidade pelo último caso relatado em seu registro. O expusera, guarnecido por suas próprias conjeturas, ou melhor, o esboçara a um de seus amigos, um homem de ciência, que sacudira a cabeça achando que Clarke era, na verdade, excêntrico. Nessa noite Clarke se esforçava pra racionalizar a história, quando uma pancada na porta o arrancou da meditação.

«— Senhor Villiers deseja ver V. Exª

— Á! Villiers! Como és gentil em pensar em mim. Há meses que não te via. Até penso que já faz um ano. Entres, entres. Como tens passado?, Villiers. Precisas dalgum conselho pralguma colocação?

— Não, obrigado. Desse lado tudo vai bem, penso. Não, Clarke. vim, na verdade, te consultar sobre um caso um pouco diferente, de que tive conhecimento há pouco tempo. Temo que o considere absurdo, quando o expuser. Às vezes sou um pouco dessa opinião e é por isso que decidi a vir te ver, sabendo como és um homem prático.

Senhor Villiers ignorava *Memórias pra provar a existência do Diabo*.

— Bem, Villiers, ficarei muito satisfeito se puder te ajudar. Farei o possível. Mas qual é o caso?

— Extraordinário, sob todos os pontos de vista. Conheces meus hábitos e sabes que tenho sempre os olhos abertos quando ando na rua e que já tenho dado com casos e costumes bem esquisitos. Mas este supera a todos. Saía do restaurante, numa noite, há cerca de três meses. Jantei bem, bebi uma boa garrafa de Chianti e estava no passeio, olhando dum lado a outro e pensando no mistério que são as

ruas de Londres e as pessoas que as freqüentam. Sabes que uma garrafa de vinho encoraja esse tipo de fantasia, Clarke, e ouso dizer que já pensara uma página inteira, de letras bem miúdas, quando fui interrompido por um mendigo que, surgindo atrás de mim, começou as costumeiras lamúrias. Olhei maquinalmente e descobri que o mendigo era, por acaso, o que restava dum velho amigo meu, chamado Herbert. Fiquei espantado ao encontrar naquela miséria e me deu uma explicação enquanto passeávamos pa cá a lá numa dessas ruas sombrias de Sorro. Foi, então, que soube da história. Me disse que se casara com uma rapariga soberba, mais nova alguns anos, e que, segundo sua própria expressão, o corrompera de corpo e alma. Não me quis dar muito pormenor, pretendendo que não o ousava, dado que o que vira e ouvira o perseguia dia e noite. Como eu prestava atenção a fisionomia percebi que falava verdade. Tinha algo que me arrepiou. Não sei o motivo. O mandei embora com algum dinheiro. Te dou minha palavra-de-honra que depois da saída tive de me esforçar pra respirar. Sua presença me gelara o sangue.

— Isso não será um pouco fantasioso?, Villiers. Suponho que tendo feito um casamento imprudente as coisas terão, talvez, entortado. Usando uma linguagem vulgar.

— Então ouças o resto da história.

E Villiers contou a Clarke o que Austin lhe dissera.

— Como vês, não resta dúvida. E esse senhor Blank, seja lá quem for, morreu de medo. Deve ter visto tamanha coisa naquela casa, que o coração parou instantaneamente. E foi lá, nesse número 20, que por qualquer razão tinha tão má reputação no bairro, que viu o que viu. As casas são suficientemente velhas, nesse bairro, pra se tornarem sórdidas e tristes, mas daí a serem estranhas... Pelo que pude saber, são todas alugadas por apartamento, com ou sem mobília. Cada porta tem três campainhas, salvo raras exceções. Alguns rés-do-chão foram transformados em loja. Uma rua triste, sob todos os aspectos.

— Tendo sabido que o número 20 estava pra alugar, fui ao agente e pedi a chave. Como é natural nem me teriam falado dos Herbert mas perguntei, descaradamente, ao homem há quanto tempo tinham deixado a casa e se, entretanto, já houvera mais locatário. Me olhou duma forma esquisita, me dizendo que os Herbert partiram a seguir ao que chamou os *problemas* e que, desde então, a casa estivera devoluta.

Villiers se calou uns instantes, e continuou:

— Sempre fui maluquinho por casas vazias. Há como um fascínio na tristeza dos quartos abandonados, nos pregos das paredes, na poeira em volta dos vidros. Mas o número 20 da rua Paul não me agradou. Ainda não pusera o pé no corredor quando senti uma impressão singular e pesada, causada pela atmosfera. É verdade que todas as casas vazias cheiram a mofo ou a algo do gênero mas neste caso era algo diferente que não sei descrever. parecia ter a respiração paralisada. Percorri as divisões da frente e do fundo. Na cave tudo estava sujo e poeirento também, se e sentia algo que não sei definir. Havia, sobretudo, uma sala do primeiro andar, que era a pior, uma divisão espaçosa que outrora deve ter sido muito alegre mas quando lá estive, tudo, pintura, papel, era tão lúgubre. E a sala estava repleta de horror. Mal toquei a maçaneta pra abrir e senti logo os dentes batendo. Assim que entrei estive a ponto de desmaiar. Consegui me dominar, no entanto, e, encostado à parede, me perguntei o que poderia estar ali, que me fazia bater o coração e tremer as pernas como um homem que vai morrer. Atirado a um canto estava um monte de jornais em desordem, aos quais dei uma olhada. Eram jornais velhos, com três ou quatro anos, alguns meio esfarrapados, outros amarrotados, como se tivessem servido pra embrulhar alguma coisa. Revolvi os jornais e, sob tudo aquilo, encontrei um curioso desenho. Mostrarei a ti. Um desenho cuja visão bastante me impressionou. Não agüentei mais e fiquei satisfeito em conseguir chegar são e salvo até cá fora. Na rua as pessoas olhavam a mim e houve uma que disse que eu devia estar bêbado. De fato, andava dum lado ao outro da calçada, em zigue-zague. Tudo o que consegui fazer foi entregar a chave ao agente e voltar até casa, onde fiquei de cama oito dias com aquilo que o médico classificou de *abalo nervoso e embaraço*. Então aconteceu que, uma vez, ao ler um jornal vespertino, reparei num pequeno título, que dizia: *Morto de fome*. A notícia contava a história habitual: A hospedaria em Marylebone, a porta fechada a sete chaves e enfim arrombada, um homem morto numa cadeira.

— O defunto, dizia a notícia, era conhecido pelo nome de Charles Herbert e se crê que foi um rico cavalheiro da província. Seu nome foi famoso há cerca de três anos, quando da morte misteriosa da rua Paul, travessa Tottenham. Na ocasião Charles Herbert era o locatário do número 20 e em seu pátio foi encontrado morto um cavalheiro muito rico, em circunstância que não deixava margem a dúvida.

— Um fim trágico. Não é verdade? Apesar de tudo, se o que me disse é verdadeiro, e tenho a certeza, toda sua vida foi uma tragédia mais emocionante que as representadas no palco.

— E eis a história. Não é verdade? — Perguntou Clarke, com ar sonhador.

— Eis a história.

— Pois bem, Villiers. Na verdade não sei muito bem o que dizer. Há, sem dúvida, pontos que parecem singulares. A descoberta do cadáver no quintal de Herbert, por exemplo, e a espantosa opinião do médico sobre a causa dessa morte. Por outro lado, tens de concordar que os fatos também são explicáveis naturalmente. Quanto a tua sensação ao visitar a casa, posso assegurar que se devem a uma imaginação muito viva. Devias estar, inconscientemente, matutando no que disseram a ti. Não vejo muito bem que se possa fazer afirmação peremptória com base em tudo isso. Supões que nisso tudo há um mistério mas Herbert está morto. Em que direção te propões dirigir o inquérito?

— Me proponho procurar a mulher que se casou consigo. Ela é o mistério.

Os dois homens ficaram sentados, silenciosamente, diante do lume. Clarke se felicitando por ter sido o advogado do bom-senso e Villiers mergulhado em suas tenebrosas fantasias.

— E se eu fumasse um cigarro? — Disse Charles, levando a mão ao bolso, procurando a cigarreira.

— Á! — Exclamou Villiers, com um sobressalto — Já me esquecia ter algo pra te mostrar. Te lembras do desenho que te disse ter encontrado no meio dos jornais, na casa da rua Paul? Está aqui!

Villiers tirou do bolso um pacotinho fino, coberto de papel castanho e atado com um cordel de nós complicados. Mau-grado seu, Clarke começava a se sentir curioso e se debruçou a diante, enquanto Villiers desfazia os nós com dificuldade, desdobrando, em seguida, o primeiro envelope. Havia um segundo, em papo que Villiers abriu, depois do que estendeu a Clarke um pequeno papel.

Durante mais de cinco minutos se fez um silêncio de morte na sala. Os dois homens ficaram tão calados que se ouvia o tique-taque do velho relógio da sala ao lado, e, no pensamento dum deles, esse ruído baixo e monótono despertou uma longínqua recordação, enquanto olhava, com atenção, a pequena cabeça desenhada a pena, que Villiers lhe dera. Era a obra dum artista, executada com esmero. A alma da mulher parecia nos fixar através dos olhos, os lábios divididos por um estranho sorriso. Clarke olhava aquele rosto e, do indistinto passado, relembrou uma longínqua tarde de verão. Tornou a ver aquele comprido e simpático vale, o sinuoso rio correndo entre as colinas, os prados e os campos de trigo, o brilho sombrio do sol, o nevoeiro branco e frio que se elevava da água. Uma voz lhe

dizia, através do fluxo duma multidão de anos: Clarke, Mary verá o Grande Pã! E eis que se encontrava ao lado do doutor, escutando o pesado tique-taque do relógio, olhando a forma estendida sobre o sofá verde, à luz da lâmpada. De novo Mary se levantava e, ao olhar em seus olhos, sentiu que o coração arrefecia:

— Quem é essa mulher? — Perguntou, com a voz seca e rouca.

— A mulher que se casou com Herbert.

Clarke olhou mais uma vez o desenho. Bem vistas as coisas, nem se tratava de Mary, se bem que o rosto fosse o seu. Mas havia mais, algo que não descobrira nos olhos quando, vestida de branco, entrara ao laboratório, nem no terrível despertar, quando a vira na cama, fazendo careta. Algo, talvez o brilho dos olhos, o sorriso dos lábios carnudos, a expressão de todo o rosto. Clarke sentiu um arrepio na alma e pensou nas terríveis palavras de doutor Philips: A mais viva personificação do mal que já vi. Virou maquinalmente o papel e olhou o reverso:

— Meu Deus, Clarke, o que está acontecendo? Estás pálido como a morte.

Enquanto Villiers se levantava, bruscamente, da cadeira, Clarke se afundou no sofá, com um gemido, deixando o papel escapar das mãos.

— Não me sinto muito bem, Villiers. Sou um bocado atreito a estas crises. Me dês um pouco de vinho. Obrigado, deve chegar. Ficarei bom em poucos minutos.

Villiers apanhou o papel e o virou, como vira Clarke fazer:

— Á! , viste isto? Foi o que me permitiu identificar a mulher de Herbert, ou melhor, sua viúva. Te sentes melhor?

— Sim. Obrigado. Foi só uma fraqueza passageira. Não sei se estou compreendendo bem teu pensamento. O que te permitiu identificar o retrato?

— Este nome, Helen, escrito nas costas. Não te disse que o nome era Helen? Sim, Helen Vaughan.

Clarke gemeu. Não tinha dúvida. Disse Villiers:

— Me digas se estás de acordo comigo. Se a história que te contei e o papel dessa mulher não têm aspectos curiosos!

— Sim, Villiers. É uma estranha história. Realmente muito estranha. me dês algum tempo pra refletir. Talvez possa te ajudar. Não sei. Te retirarás? Então boa noite, Villiers. Passes bem. Voltes daqui a uma semana.

5 – O aviso

— Sabes uma coisa?, Austin. — Disse Villiers, enquanto passeava com seu amigo no Picadile, numa bela manhã de maio. — Em minha opinião tua história a respeito da rua Paul e dos Herbert não é mais que um simples episódio duma história mais longa. Posso confessar até que, quando há meses o interroguei a respeito de Herbert, o encontrou.

— O viu? Onde?

— Pedindo esmola na rua, perto de mim, numa noite, em estado lastimável, mas o reconheci e o fiz me contar sua história, ou melhor, a esboçar. Numa frase: A mulher o arruinou.

— De que forma?

— Não quis dizer. Só disse que a mulher lhe destruíra o corpo e a alma. Morreu.

— E o que aconteceu à mulher?

— Era o que quero saber e espero a encontrar, mais cedo ou mais tarde. Conheço um tipo chamado Clarke, um homem árido. Pra falar a verdade, um homem de negócio mas bastante esperto.

— O que quero dizer com *esperto* não é no sentido de negócio mas um homem com real conhecimento dos homens e da vida. Expus o caso e ficou bastante perturbado. Me disse que isso merecia um pouco de reflexão e pediu pra passar lá uma semana depois. Dias depois recebi esta carta extraordinária.

Austin aceitou o envelope, desdobrou a carta e leu, com avidez, o seguinte:

Meu caro Villiers, pensei muito sobre o assunto de que me falaste noutro dia. Minha opinião é esta: Jogues o retrato ao fogo e esqueças toda essa história. Não penses mais nela, Villiers, ou te arrependerás. Pensarás, com certeza, que estou na posse dalguma informação secreta, o que, até certo ponto, é verdadeiro. Mas o que sei é bem pouco. Sou uma espécie de viajante que olhou o fundo dum abismo e recuou aterrorizado. O que sei é bastante estranho e horrível mas, além daquilo que possas saber, há profundeza e abismo ainda mais horrível, mais assustador que

todos os contos de inverno narrados à lareira. Tomei a decisão, que ninguém conseguirá abalar, de não querer saber mais de tudo isso. Quanto a ti, se prezas tua felicidade, farás o mesmo.

Em todo caso venhas me ver. Falaremos de assunto mais alegre.

Austin tornou a dobrar a carta e, lentamente, a devolveu a Villiers.

— É, de fato, uma carta extraordinária. O que quer dizer com isso do retrato?

— Á! Me esquecido de te dizer que estive na rua Paul e que fiz uma descoberta.

Villiers contou sua história, tal como a narrara a Clarke, e Austin escutou em silêncio. Parecia perturbado.

— Curiosa essa sensação desagradável que sentiste no quarto. Acho estranho que não passe de imaginação. Dizes que é um sentimento de repulsa?

— Sim. Mais físico que moral. Era como se a cada respiração inalasse um vapor letal que penetrasse meu corpo todo, nervos, ossos e músculos. Era um sofrimento que me tolhia da cabeça aos pés. Os olhos se enevoavam. Parecia estar morrendo.

— Sim. Na verdade é estranho. Como vês, teu amigo confessa que existem coisas muito sombrias no passado dessa mulher. Percebeste emoção de sua parte quando lhe contaste a história?

— Sim. Ficou muito mal disposto e disse que era um ataque passageiro, ao qual estava habituado.

— E acreditaste nele?

— Na altura, sim, mas já não creio. Escutou tudo o que lhe disse, com bastante indiferença, até o momento em que lhe mostrei o retrato. Foi nesse momento que se sentiu mal-disposto. Parecia um espectro.

— Isso é porque já conhecia a mulher nalgum lugar. Ou o nome era familiar. Não propriamente o rosto. É uma hipótese. O que achas?

— Não sei o que dizer. O que me pareceu é que foi depois de virar o retrato que ficou a ponto de cair da cadeira. Sabes que era no verso do retrato que estava escrito o nome.

— Justamente. Afinal de conta, o difícil é concluir, seja o que for, num caso como esse. Detesto melodrama e nada há mais banal e mais maçante que espectro

de feira. Mas, pra falar a verdade, Villiers, me parece que, no fundo de tudo isso, há algo mais.

Sem se darem conta, os dois homens entraram na rua Ashley, no cimo de Picadile. Uma rua longa e triste. No entanto, aqui e ali, um bom-gosto mais feliz decorara qualquer sombria habitação com belas flores e coloridos cortinados, ou lavara qualquer porta com uma fresca pintura. Villiers ergueu a cabeça. Austin, sempre falante, parara e olhara uma dessas fachadas. De cada janela pendiam gerânios brancos e vermelhos, emoldurados por cortinas cor de narciso.

— Um ar alegre. Não é verdade?

— Sim. E o interior ainda é mais alegre. Ao que parece é uma das casas mais alegres da temporada. Nunca estive lá mas vários amigos me informaram que é bastante agradável.

— Quem mora lá?

— Senhora Beaumont.

— Quem é?

— Não sei dizer. Me disseram que viera da América do Sul. O fato é que também não importa muito saber quem é. Mulher muito rica, disso não resta dúvida. E já foi adotada por muitas pessoas, das mais altamente colocadas. Me disseram que tem um bordô de primeira qualidade, um vinho maravilhoso que deve ter custado uma fortuna fabulosa. Dom Argentine, que lá esteve no domingo, me falou sobre ele. Diz que nunca provara coisa tão boa. Bem sabes que Argentine é um perito. Agora, que estamos falando sobre isso, essa senhora Beaumont deve ser uma mulher bem singular.

— Argentine perguntou a idade do vinho. O que respondeu?

— Cerca de mil anos, presumo!

— Dom Argentine pensou que ela estava brincando e desatou a rir. Mas ela garantiu que falava a verdade e se dispôs a mostrar o tonel. Como é óbvio, ele não insistiu mas me parece um pouco difícil de engolir. Não achas? Chegamos. Não queres entrar?

— Sim. Há tanto tempo que não vejo a loja de antiguidade.

Era um apartamento rico mas bizarramente mobiliado, no qual tudo, cadeiras, bibliotecas, mesas, tapetes, vasos e ornamentos, parecia ter um lugar a parte, uma individualidade. Villiers perguntou depois de certo tempo:

— Nada compraste de novo ultimamente?

— Não. Acho que não. Já vira estes potinhos de porcelana. Não? Bem me parecia. Não, acho que mais nada adquiri nos últimos tempos.

Austin passeava os olhos na sala, de nicho a nicho e de prateleira a prateleira, procurando alguma esquisitice. Enfim pousou os olhos num velho baú elegantemente esculpido, que estava num canto sombrio.

— Á! Já ia esquecendo. Tenho algo pra te mostrar.

Abriu a arca, da qual retirou um espesso *in-quarto*, que pôs numa mesa e voltou a pegar o charuto.

— Conheceu Arthur Meyrick?, o pintor.

— Mal. O encontrei uma ou duas vezes, em casa de amigos meus. O que foi feito de si? Há muito tempo nada sei a seu respeito.

— Morreu.

— Morreu? Mas era um homem novo!

— Sim, tinha trinta anos.

— E de que morreu?

— Não faço ideia. Era um bom amigo, e muito boa pessoa. Vinha àqui muitas vezes e conversávamos durante horas. Um dos melhores conversadores que conheci. Até entendia de pintura, coisa que não se pode dizer de muitos de seus colegas. Há cerca de um e meio ano teve uma espécie de esgotamento. Um pouco por meu conselho partiu a uma viagem em zigue-zague, sem rumo nem razão. Estou convencido que sua primeira escala era Nova Iorque mas nunca mais ouvi falar de si. Só há coisa de três meses recebi este livro com uma carta muito simpática, dum médico inglês que tem consultório em Buenos Aires. Dizia que tratara o falecido senhor Meyrick durante o tempo em que estivera doente e que expressara o profundo desejo de que certo embrulho me fosse enviado depois de sua morte. Era tudo.

— E não escreveste pra saber mais pormenor?

— Por acaso pensei nisso. Me aconselhas a escrever a esse médico?

— Com certeza. E o livro?

— Estava lacrado, quando o recebi. Acho que o doutor não viu.

— Algo raro? Meyrick também era colecionador.

— Não me parece. A propósito, o que achas destes jarras Ainu[{8}] ?

— Gosto. São singulares. Não me digas que não me mostrarás o legado de Meyrick.

— Claro que mostrarei. ora essa! O fato é que se trata de coisa bem peculiar, ainda não mostrado. Em teu lugar não falaria dele. Eis.

Villiers pegou o volume e abriu ao acaso e disse:

— Mas não é um livro impresso.

— Não, se trata duma coleção de desenho em preto-e-branco, da autoria do pobre Meyrick.

Villiers procurou a primeira página. Estava em branco. A segunda exibia uma breve inscrição:

Silet per diem universus, nec sine horrore secretus est. Lucet nocturnis ignibus, chorus ægipanum undique personatur. Audiuntur et cantus tibiarum, et tinnitus cymbalorum per oram maritiman.[{9}]

Todo o cume está silencioso durante o dia, e não é sem horror que

se oculta; mas brilha com os lumes noturnos; de todas as partes ressoam coros dos Egipãs[{10}] *e*

ouve-se também o canto das flautas e o tinido dos címbalos ao longo da orla marítima.

Na terceira página havia um desenho, cuja visão fez Villiers dar um salto na cadeira. Austin olhava distraidamente pela janela. Villiers começou a virar página após página, completamente absorvido pela aterrorizante Walpurgisnacht[{11}] do mal, o mal estranho e monstruoso saído do lápis do artista defunto. Figuras de faunos, sátiros e egipãs, se animavam sob seus olhos: A escuridão do bosque, a dança no cimo das montanhas, cenas de areais solitários, de verdes vinhas, no meio dos rochedos e dos desertos, via tudo isso. Um mundo que fazia recuar a alma humana. Villiers somente folheou as últimas páginas. já vira o suficiente mas a última figura saltou aos olhos no momento em que fecharia o livro.

— Austin.

— Digas.

— Sabes quem é?

Era um retrato de mulher, só sobre a página branca.

— Se sei quem é? Não faço idéia.

— Mas eu sei!

— E quem é?

— Senhora Herbert.

— Tens certeza?

— Sim. Pobre Meyrick! Mais um capítulo a essa história.

— Mas os desenhos: O que achas?

— São assustadores. Feches esse livro a chave, Austin, por amor-de-deus! Se eu fosse tu o queimaria. Deve ser uma companhia horrível, mesmo fechado num cofre.

— Sim, são imagens singulares. Mas me pergunto que espécie de laço poderia ligar Meyrick a senhora Herbert, e que relação existe entre ela e as páginas deste livro.

— Á! Quem poderá contar? É bem provável que a história acabe aqui ou que nunca saibamos o desfecho. Mas acho que essa Helen Vaughan ou senhora Herbert, não fez mais que começar. Voltará a Londres. Tenhas certeza. E ainda voltaremos a ouvir falar dela.

— Estou convencido de que não serão boas-novas.

6 – Os suicidas

Dom Argentine era um dos favoritos da sociedade londrina. Fora, aos vinte anos, um pobre-diabo com o fardo dum nome ilustre e que tinha que ganhar a vida como pudesse. O mais ousado agiota não arriscaria 50 libras, nessa altura, em sua esperança de conseguir trocar o nome por um título ou a miséria por uma fortuna. Seu pai estivera suficientemente perto da fortuna pra conseguir assegurar um benefício familiar. O filho, mesmo que alguma vez seguisse a carreira eclesiástica, dificilmente poderia obter semelhante vantagem. Além de não sentir ardor por tal carreira. Foi por isso que decidiu enfrentar o mundo, tendo por únicas armas a aplicação dum fidalgo e a ambição dum cadete. Com semelhante arnês{12} conseguiu sustentar um combate desigual até o dia em que a sorte lhe sorriu.

Com 25 anos senhor Charles Aubernon continuava combatendo no mundo. Só que das sete pessoas que outrora o separavam das dignidades familiares, restavam somente três. Três sólidas existências, se bem que sujeitas às contingências das zagaias zulus ou da febre tifóide, e foi assim que, um dia, dom Argentine ressuscitou na pele dum homem de trinta anos que soubera enfrentar e domesticar a dificuldade da vida. Tudo isso o divertiu imensamente, pelo que decidiu que a riqueza teria que ser tão divertida quanto foi a pobreza.

O recém-Argentine meditou, e chegou à conclusão de que a boa mesa, como uma das belas-artes que é, constituía uma das mais atraentes pesquisas que se poderiam oferecer a esta humanidade caída. Foi assim que seus jantares imediatamente se tornaram famosos em toda a Londres, e um convite algo ardentemente cobiçado. Após dez anos de fidalguia e boa-vida, Argentine continuava desafiando a fadiga e gozando a existência. E até conseguira, por uma espécie de contágio, ser considerado uma fonte de alegria aos que o acompanhavam. Numa palavra: Uma desejável companhia. Por tudo isso sua morte causou enorme, súbita e trágica impressão. Ninguém queria acreditar, se bem que os jornais fossem bem claros e os gritos de A morte misteriosa dum senhor se ouvissem na rua. E havia a breve notícia:

Dom Argentine foi, nesta manhã, encontrado morto por seu camareiro, em triste circunstância. Não resta dúvida de que suicidou, se bem que não se encontre

razão que explique tal ato. O falecido fidalgo era muito conhecido na sociedade e muito prezado por sua boa-disposição e suntuosa hospitalidade. Como sucessor foi designado..., etc.

Pouco a pouco se souberam os pormenores mas o acontecimento não perdeu o mistério. A principal testemunha do inquérito, o camareiro do defunto, contou que, na noite que precedera a morte, dom Argentine jantara na casa duma dama de sociedade cujo nome as gazetas não revelaram. Dom Argentine regressara a casa cerca das onze horas e informara ao criado que não precisaria de seu serviço até a manhã seguinte. Um pouco mais tarde, tendo o criado de atravessar o saguão, ficou um pouco espantado ao reparar que o patrão se retirava discretamente pela porta principal. Retirara o traje noturno, vestindo um casaco norfolk, bombachas e um pequeno chapéu castanho. O criado acha que o patrão não o deve ter visto, e não se preocupou mais com o assunto, se bem que o cavalheiro não tinha o hábito de se deitar e se levantar de novo. Até que, na manhã seguinte, tendo batido duas ou três vezes à porta do quarto, entrou, pra encontrar o corpo de dom Argentine tombado a diante em certo ângulo com a cama. Então reparou que o patrão atara uma corda a um dos pés da cama e, depois de fazer um nó corredio, se atirara a diante, com violência, morrendo de estrangulamento. Vestia o mesmo fato com que o criado o vira sair na noite precedente e o médico declarara que a morte se dera ao menos quatro horas antes. Todos seus papéis, cartas, etc., pareciam em ordem, e nada se descobriu que deixasse entrever, mesmo indiretamente, escândalo grande ou pequeno. As informações terminavam aqui e mais nada era possível saber. Várias pessoas estiveram no jantar com dom Argentine e todos concordaram que parecia em excelente humor. O mordomo dissera, na verdade, que parecia um pouco mais excitado que habitualmente, ao regressar, mas reconhecera que essa alteração era mínima, quase irrisória. Era impossível desembaraçar a meada e todos aceitaram a sugestão de que dom Argentine fora vitimado por uma mania suicida.

Tudo mudou quando, no intervalo de duas semanas, três outros cavalheiros, um senhor e dois fidalgos de sociedade e fortuna, pereceram miseravelmente e quase do mesmo modo.

Dom Swanleigh foi enforcado num prego preso à parede, numa bela manhã, na casa de banho, ao passo que os senhores Collier-Stuart e Herries optaram pelo processo de dom Argentine. Nenhum dos casos foi devidamente explicado. A verdade dos fatos: Na noite um homem vivo, na manhã um cadáver de cara roxa. A polícia se viu obrigada a confessar impotência, tanto pra explicar como pra

prevenir os sórdidos crimes de Whitechapel mas perante os suicídios horríveis de Picadile e Mayfair ficou confusa. A simples ferocidade, que poderia explicar os crimes de East-End, não tinha cabimento nos de West-End. Todos esses homens que se decidiram a morrer na vergonha e na dor eram ricos e prósperos e a vida corria, aparentemente, no melhor. A mais rebuscada investigação não bastava pra descobrir motivo plausível pra esses suicídios. O horror andava no ar e as pessoas não ousavam olhar umas às outras, com medo de que uma futura e quinta vítima pudesse ser alguma delas nessa tragédia anônima. Os jornalistas procuravam em vão, em suas notas, uma ou outra reminiscência com que pudessem alinhavar um artigo e em muitas casas era com sentimento de angústia que as pessoas abriam o jornal todas as manhãs. Ninguém sabia onde e a quem fulminaria o próximo golpe.

Pouco depois do último suicídio Austin visitou Villiers no intuito de saber se ele encontrara traços da senhora Herbert, por intermédio de Clarke ou doutra pessoa qualquer. Perguntou, mal acabou de se sentar.

— Não. Escrevi a Clarke mas continua inflexível. Segui outras pistas mas sem resultado. Não consigo apurar o que foi feito de Helen Vaughan desde que saiu da rua Paul. Acho que deve ter fugido. Pra falar verdade, Austin, não dei muita atenção ao assunto ultimamente. Conhecia o pobre Herbert intimamente e sua horrível morte me abalou muito, muito mesmo.

— Não me custa a crer. — Respondeu Austin, gravemente. Sabes que Argentine também era muito meu amigo. Se não me engano, falamos de si na última vez que foste até minha casa.

— Sim, a propósito dessa casa da rua Ashley, a de senhora Beaumont. Me disse que Argentine lá jantara.

— De fato. Sabias que Argentine também jantou lá naquela noite... antes de morrer?

— Não, não sabia.

— Mas é verdade. O nome foi conservado em segredo pelos jornais, por consideração à senhora Beaumont. Argentine era, na verdade, um de seus favoritos e parece que o que aconteceu a pôs num estado lastimável.

A expressão de Villiers se tornou singular. Parecia hesitar sobre o que dizer, quando Austin prosseguiu:

— Nunca tive tão grande sensação de horror como quando li sobre a morte de Argentine. Não a consegui explicar nessa altura. Agora também não. O conhecia

muito bem e só me custa compreender qual seria a causa (o que também se aplica aos outros) capaz de o levar a morrer daquela maneira, a sangue frio. Sabes bem como, em Londres, com o falatório, as pessoas se criticam! Num caso assim podes ter certeza de que se conseguiria esclarecer um escândalo ou uma morte mas nada disso aconteceu. Ora! A teoria da mania suicida pode ser muito cômoda pro oficial de justiça, o que não impede que todo mundo a considere um absurdo: Que diabo! O suicídio não é a varíola.

Austin se calou. Villiers também nada dizia, se limitando a olhar o amigo. Sobre o rosto era legível a indecisão, como se estivesse pesando seu pensamento numa balança, mas as considerações que se entrechocavam na cabeça o deixaram silencioso. Austin fez o possível pra afastar essas tragédias, confusas como o labirinto de Dédalo e, pra mudar de assunto, começou a contar, com voz neutra, os últimos acidentes e as aventuras mais divertidas da temporada.

— Essa senhora Beaumont, da qual falávamos, teve grande sucesso. Tem toda a Londres a seus pés. A encontrei, noutro dia, na casa de Fulham. Na verdade é uma criatura notável.

— Estiveste com senhora Beaumont?

— Estive. Tem uma autêntica corte a sua volta e suponho que seria uma mulher muito atraente se não tivesse na fisionomia algo da qual não gosto. A fisionomia é fina mas a expressão não combina com ela. E durante todo o tempo que a estive olhando, mesmo depois, em minha casa, tive a sensação de que era isso mesmo que me era familiar. Não percebo muito bem como.

— Talvez já a tivesses visto na rua.

— Não. Estou certo de que nunca a vi. É o que me embaraça. Parece, até, que nunca vi alguém parecido consigo e o que senti foi como uma recordação obscura e longínqua mas persistente. A única coisa que se pode comparar a isso é aquela impressão que se tem, às vezes, em sonho, quando as cidades, paisagens e fantasmas nos parecem familiares, de repente.

Villiers assentiu e começou a olhar vários pontos da sala, sem objetivo além de achar pretexto pra desviar a conversa. Seus olhos pousaram, enfim, num velho baú parecido com aquele onde estava guardado o legado do pintor, como adormecido atrás dum brasão gótico.

— Escreveste ao tal médico a respeito do pobre Meyrick?

— Sim. E pedi detalhes mais circunstanciados sobre a doença e morte. Não

deve chegar resposta antes de três semanas ou um mês. Pensei que também faria bem me informar se Meyrick conhecia uma inglesa de nome Herbert e, em caso afirmativo, o que me poderia dizer sobre isso. Mas é muito provável que Meyrick a tenha conhecido em Nova Iorque, no México ou em São Francisco. Não faço idéia da extensão ou do percurso da viagem.

— Claro. É provável que a mulher tenha usado mais de um nome.

— Justamente. Lamento não ter pedido emprestado o retrato dela, o que possuis. Poderia o ter junto à carta que mandei a doutor Mateus.

— Também não me ocorreu. Mas também e verdade que ainda temos tempo. Mas, escutes: O que estão gritando esses vendedores?

Enquanto os dois homens falavam se formou um ruído confuso que, pouco a pouco, ficando mais audível. Vindo de leste, penetrou em Picadile e foi se aproximando como uma corrente de som, percorrendo as ruas antes silenciosas e fazendo assomar a cada janela uma curiosa fisionomia. Os chamados e as vozes ecoaram na casa de Villiers, mais distintos à maneira que se iam aproximando e, à pergunta de Villiers, a resposta foi ouvida:

Os horrores de West-End. Mais um suicídio. Todos os pormenores.

Austin se precipitou escada abaixo, comprou o jornal e leu o artigo a Villiers, enquanto, na rua, os clamores iam subindo e baixando. A janela estava aberta e o ar parecia carregado de grito de pavor:

Mais um cavalheiro vitimado pela terrível epidemia suicida que desde o mês passado se declarou no West-End. Senhor Sidney Crashaw, de Stoke-House (Fulham) e King's Pomeroy (Devão), foi encontrado, após prolongada busca, hoje, cerca de uma hora, enforcado numa árvore de seu jardim. O falecido jantara ontem no clube Carlton, e parecia de saúde e humor habituais. Deixou o clube cerca das dez horas e foi visto, pouco depois, passeando, tranqüilamente, na rua São Jaime. A partir desse momento se desconhece em que passou o tempo. Assim que foi encontrado, o corpo foi examinado por um médico mas a vida já o abandonara.

Senhor Crashaw não tinha doença ou problema, segundo o que apuramos. Este doloroso suicídio, todos estão lembrados, é o quinto no intervalo de um mês. As autoridades da Escotlandiarde são incapazes de fornecer explicação quanto às causas desses terríveis acontecimentos.

Austin deixou cair o jornal.

— Deixarei Londres amanhã. É uma cidade de pesadelo. Tudo isso é terrível, Villiers.

Villiers se sentara junto à janela e olhava, em silêncio, a rua. Escutara, com atenção, a leitura da notícia e todo traço de indecisão abandonou o rosto.

— Esperes um pouco, Austin. Te participarei um pequeno evento desta noite. Ficou apurado que Crashaw foi visto vivo em última vez, creio, na rua São Jaime, pouco depois das dez horas. Certo?

— Acho que sim. Confirmarei. Sim. É isso.

— Muito bem. Ora! Estou em posição de criticar essa afirmação. Crashaw foi visto depois dessa hora. Muito depois.

— Como sabes?

— Porque o vi. Eram cerca de duas horas da manhã.

— Viste Crashaw?, Villiers.

— Sim. Distintamente. Pra falar verdade, só meia dúzia de passos nos separavam.

— E onde o viste? Por amor-de-deus!

— Perto daqui. Na rua Ashley. Saía duma casa.

— E reparaste que casa era?

— Reparei. Era a de senhora Beaumont.

— Villiers, penses bem no que dizes. Deve haver engano. Como é que Crashaw poderia estar na casa de senhora Beaumont às duas da manhã? Sonhaste, com certeza. Sempre foste meio esquisito!

— Não sonhei, não. Mesmo que, como dizes, estivesse sonhando, aquilo que vi me acordaria, com certeza.

— E o que viste? Havia algo errado com Crashaw? Não posso acreditar. É impossível.

— Muito bem. Se quiseres direi o que vi. Ou, se preferires, o que acho que vi. Assim tirarás tua conclusão.

— Está bem, Villiers.

O clamor da rua tinha cessara. Só se ouvia, de vez em quando, o barulho dum

chamado, ao longe. O silêncio de chumbo lembrava a tranqüilidade seguinte às tempestades e terremotos. Villiers se afastou da janela e começou a história:

— Estava em casa de... perto do parque do Regente, na noite passada. Quando saí tive a fantasia de vir a pé em vez de apanhar um *hansom*.[{13}] A noite estava clara e agradável e, passados alguns minutos, eu era a única pessoa que passeava na rua.[{14}] É uma sensação curiosa, Austin, estar sozinho na noite de Londres, vendo a luz dos bicos de gás, o silêncio sepulcral interrompido de vez em quando pelo ruído dum fiacre[{15}] e pela faísca das ferraduras dos cavalos. Eu andava depressa, um já pouco cansado. Quando os relógios marcavam as duas horas eu entrava na rua Ashley, que, como sabes, é meu percurso habitual. Ali a tranqüilidade era ainda maior, os raros candeeiros mal iluminavam a rua, que estava triste e sombria como uma floresta no inverno. Tinha cerca de meio caminho andado quando ouvi uma porta abrir suavemente e, como é natural, olhei pra ver quem poderia, como eu, estar ainda fora de casa nessa hora. Havia, por acaso, um candeeiro junto à casa em questão, o que me permitiu ver um homem à porta, que a acabara de fechar. Sua cara estava virada em minha direção e foi assim que reconheci Crashaw. Não o conhecia muito bem, nunca lhe tinha falado mas o vi muitas vezes e tenho certeza de que não me enganei. O olhei um bocado e, em seguida, devo confessar que fugi até casa, correndo.

— Por quê?

— Porque fiquei com o sangue gelado só de olhar sua cara. Nunca pensei que num olhar humano pudesse luzir mistura tão infernal de paixão. Pensei não estar onde devia. Tive a sensação de ter olhado uma alma perdida bem nos olhos, Austin. A forma humana permanecia mas estava habitada pelo inferno. Uma luxúria furiosa, um ódio mais ardente que o fogo e uma angústia que parecia uivar, mesmo com a boca fechada. A treva do desespero. Tenho certeza de que não me viu. Nada via o que vemos. Via o que, espero, nunca veremos. Não sei quando morreu. Uma hora ou duas depois, creio. Mas podes crer que quando o vi fechar aquela porta da rua Ashley, o homem já não pertencia a nosso mundo. A cara que contemplei foi a dum demônio.

Houve um momento de silêncio no quarto, quando Villiers se calou. Entardecia e todo o clamor da hora anterior se dissipara. Austin deixara pender a cabeça e cobria os olhos com a mão. Enfim disse:

— O que significa?

— Quem sabe? Austin. É uma história que devemos guardar só pra nós. Ao

menos agora. Tentarei saber mais a respeito dessa casa. Então direi a ti.

7 – Encontro em Sorro

Três semanas depois, Austin recebeu uma nota de Villiers, pedindo que passasse em sua casa nessa mesma tarde ou na seguinte. Optando ir o quanto antes, foi encontrar Villiers sentado, como de costume, junto à janela, parecendo perdido em meditação sobre o fraco comércio da rua. Perto estava uma pequena mesa dourada em bambu. Sobre ela uma pilha de papéis tão bem arrumados e catalogados que mais pareciam papéis de senhor Clarke.

— Então, Villiers. Alguma descoberta nestas três semanas?

— Penso que sim. Tenho aqui uma nota, ou duas, que me chamaram a atenção e um relatório sobre o qual gostaria que me desses tua opinião.

— Esses documentos têm a ver com senhora Beaumont? E foi mesmo Crashaw que viste na rua Ashley?

— Quanto a isso não tenho dúvida, se bem que não meu inquérito nem minha descoberta incidira especialmente sobre Crashaw. Mas essa busca deu resultado: Consegui determinar quem é senhora Beaumont.

— O que queres dizer com *saber quem é senhora Beaumont*?

— Quero dizer que é uma pessoa que conhecemos melhor sob outra identidade.

— Qual identidade?

— O sobrenome é Herbert.

— Herbert?!

— Sim, a senhora Herbert da rua Paul, a Helen Vaughan doutras aventuras que ainda desconheço. Tiveste razão quando reconheceste a fisionomia. Quando voltares até casa olhes bem o retrato que Meyrick desenhou em seu livro de horror e conhecerás a origem de sua recordação.

— E tens provas do que estás dizendo?

— A melhor prova do mundo: Vi senhora Beaumont... ou Herbert, se preferir.

— Onde?

— Não propriamente no lugar onde se procuraria uma dama da rua Ashley, Picadile. Foi numa das ruas mais sórdidas e mal-afamadas de Sorro, quando entrava numa casa. Na verdade eu tinha um encontro nessa casa, se bem que não propriamente com ela. Foi pontual, no que diz respeito à hora e ao lugar.

— Tudo isso parece inacreditável. Não te esqueças, Villiers, que vi essa mulher no meio duma quantidade de pessoas, falando, rindo e bebendo cacau num salão banal cheio de gente banal. Apesar de tudo, sabes, com certeza, o que dizes.

— Decerto, e podes crer que não me deixei levar pela imaginação nem por fantasia, mesmo porque nem estava esperando encontrar Helen Vaughan. Me limitava a procurar senhora Beaumont no meio da água mais turva de Londres. Mas foi o que aconteceu.

— Deves ter ido a sítios bem esquisitos, Villiers.

— Sim, bem estranhos. Sabes... Teria sido inútil ir até a rua Ashley pra solicitar de senhora Beaumont um pequeno resumo de sua existência anterior. Presumindo, como era óbvio, que seus anais não eram os mais limpos, era quase certo que, outrora, frequentasse lugares menos refinados que os que frequenta. Quando encontras lodo na superfície da água pode ter a certeza que vem do fundo. Sempre gostei de descer a rua Rainha. Me dá prazer. Neste caso meu conhecimento dos seres e dos habitantes foi de grande utilidade. É inútil dizer que meus amigos nunca ouviram o nome Beaumont e que, como não conhecia a senhora e não podia, portanto, a descrever, tive de trabalhar indiretamente. As pessoas desse bairro se conhecem, tive a oportunidade, outrora, de prestar pequenos serviços a algumas, o que as decidiu a me comunicar, sem dificuldade, aquilo que iam sabendo, tanto mais que são pessoas que sabem que não tenho relação, direta ou indireta, com a Ecotlandiarde. O que não impede que tivera de lançar muitas linhas à água antes de apanhar o peixe que queria e que então pensara que não era o que procurava. Mas, na sequência dum instintivo amor às informações inúteis, escutei o que me contavam, o que me veio enriquecer com outra história, aparentemente sem relação com a minha, pensei. Contarei. Há coisa de cinco ou seis anos uma mulher de sobrenome Raymond apareceu, de repente, no bairro ao qual me refiro. Dizem que era bastante jovem, nessa altura, cerca de dezesseis ou dezoito anos, muito bela e que parecia vir da província. Mentiria se lhe dissesse que, nesse bairro e nas pessoas que o habitam, tenha encontrado seu meio natural, pois, pelo que me contaram, o covil mais imundo de Londres é bom demais pra

ela. A pessoa que me forneceu esses detalhes, que não é muito puritana, como deves calcular, parecia pouco à vontade quando me contava tudo o que atribuíam a esse indivíduo. Depois de viver cerca dum ano nesse bairro, desapareceu tão bruscamente como chegara e não se ouviu mais falar dela, a não ser quando do caso da rua Paul. A princípio revisitava só ocasionalmente seu antigo domínio. Posteriormente essas visitas tornaram se mais freqüentes. Acabou voltando a se instalar no quarteirão. Ali passou cinco ou seis meses seguidos. É inútil pormenorizar no que se refere a sua maneira de viver. Se o desejas fazer olhe o que te deixou Meyrick. Esses desenhos não são produto da imaginação. Voltou a desaparecer e nunca mais foi vista até há uns meses. Recentemente, segundo meu informante, alugara várias divisões duma casa que ele me indicou, onde ia duas ou três vezes por semana, sempre às dez horas da manhã. Me deram a entender que deveria voltar até lá em determinado dia da semana seguinte. Consequentemente arranjei maneira de ficar esperando, acompanhado de meu cicerone, às dez menos um quarto. Pontualmente a dama chegou. Estávamos escondidos no vão de porta, um pouco afastados da rua mas ela nos viu e me olhou duma maneira que tão cedo não esquecerei. Esse olhar foi o suficiente pra que eu reconhecesse senhora Herbert em senhorita Raymond. Me esqueci inteiramente de senhora Beaumont. Entretanto a dama entrara na toca. Esperei que saísse até as quatro horas da tarde e comecei à seguir. Foi uma longa caçada e precisei ter o cuidado de ficar sempre a boa distância sem, no entanto, a perder de vista. A segui na margem, até Westminster, enfim na rua São Jaime e Picadile. Fiquei estupefato quando a vi entrar na rua Ashley. Foi quando tive o palpite de que senhora Herbert e senhora Beaumont eram a mesma pessoa. Mas era uma idéia que ainda me parecia improvável. No entanto fiquei espreitando, não a perdendo de vista e tentando ver em que casa entraria. Entrou na casa das cortinas alegres, na casa cheia de flor, na casa da qual Crashaw saiu na noite em que se enforcou no jardim. Estava a ir embora com minha informação, quando um *victoria*[{16}] sem capota passou, parando diante da porta da casa. Concluí, justamente, que senhora Herbert ia passear. Tomei um *hansom* e a segui até o parque. Lá encontrei uma pessoa conhecida, com a qual comecei a conversar, não muito longe das carruagens atrás de mim. Estávamos naquilo havia cerca de dez minutos quando meu amigo saudou alguém. Me virei e reconheci a mulher que seguira todo o dia:

— Quem é?

— Senhora Beaumont. Mora na rua Ashley.

— Não podia haver dúvida. Não sei se me viu mas não me parece. Voltei até

casa e, refletindo, concluí que valia a pena expor meu caso a Clarke.

— Por que a Clarke?

— Porque tinha certeza de que Clarke sabia, a respeito dessa mulher, coisas que eu desconhecia.

— E então?

Villiers se sentou e olhou fixamente a Austin, respondendo:

— Minha idéia era ir com Clarke até a casa de senhora Beaumont.

— Não irás àquela casa! Não!, Villiers! Não! Não podes fazer isso! Além do mais consideres que o resultado...

— Te direi. Mas ia acrescentar que minha informação não ficará aqui. Foi complementada de forma inesperada. Olhes este belo manuscrito. Foi paginado. Estás vendo? E levei a galanteria a ponto de o atar com fita vermelha. Parecem papéis de negócio. Não parecem? Os vejas bem, Austin. Neles está a descrição das distrações que senhora Beaumont oferecia a seus hóspedes de eleição. O homem que escreveu isso conseguiu escapar vivo mas não creio que durante muito tempo. Os médicos acham que deve ter tido um grande abalo.

Austin pegou o manuscrito mas não leu. Abrindo ao acaso a vista caiu sobre uma palavra, o princípio duma frase, e, com o coração saltando, os lábios brancos e a testa suada, atirou o papel ao chão.

— Tomes, Villiers, e não me fale mais disso. Raios!, homem. És de pedra? Diabos! Mesmo o medo e o horror à morte ou o pensamento dum homem que será enforcado, no momento em que ouve as sinetas tocando e fica esperando o ruído do patíbulo, nada são comparados a isso. Não quero ler, pois nunca mais conseguiria dormir.

— Está bem! Imagino o que leste e sei quão horrível é. Mas, apesar de tudo, é uma velha história, um mistério antigo recuperado em nossa época, com as ruas de Londres substituindo os antigos vinhedos e olivais. Sabemos o que acontecia a quem encontrasse o deus Pã. Os sábios acham que todo símbolo o é duma realidade e não do nada. E era, na verdade, um símbolo bem refinado, esse, sob o qual os antigos velavam as forças secretas e terríveis que se escondem no coração de todas as coisas, perante as quais a alma humana se desvanece e morre, enegrecida, como o corpo ficaria se atacado por correntes elétricas. Essas forças só podem ser nomeadas e concebidas através dum véu que prà maioria não mais é

que uma fantasia poética e pra alguns uma história contada por idiotas e loucos. Mas nós, tu e eu, conhecemos um pouco do terror que pode habitar os reinos secretos da vida, sob a aparência da carne. Vimos o informe assumir uma forma. Á!, Austin. Como isso é possível? Como o próprio Sol não se apaga perante essas coisas e a Terra não desmorona sob tal fardo?

Villiers andava dum lado a outro, a testa perolada de suor. Austin continuava calado mas Villiers o viu fazer um sinal:

— Repito, Villiers: Não irás àquela casa. Nunca sairás de lá vivo!

— Sim, Austin. Sairei de lá vivo. Eu e Clarke.

— O que queres dizer? Não podes... Não irás...

— Esperes. Estava uma brisa fresca e agradável nesta manhã, mesmo naquela triste rua, e me apeteceu dar um passeio. Picadile estava claro e brilhante e o sol refletia sobre os carros e as folhas do parque. Era uma manhã feliz. Pessoas olhavam o céu e sorriam de prazer, se rendendo àquele espetáculo, e o vento soprava levemente, como sopra nas pradarias, sobre o perfume das urzes. Ainda não sei como, me percebi fora do tumulto e da alegria, subindo uma rua taciturna onde não batia sol nem soprava brisa, onde umas pessoas caminhavam sem pressa, outras demoravam encostadas às portas. Eu ia caminhando, sem saber o motivo mas com a sensação de ser obrigado a isso, de avançar a um fim desconhecido. Ia dando atenção ao pequeno comércio das leiterias, espantado com a mistura incongruente de cachimbos baratos, tabaco negro, bombom, jornal, canção cômica, atabalhoados no estreito espaço duma vitrine. Enfim, um tremor me avisou que encontrara o que, penso, procurava, e, depois de olhar em volta, parei diante duma loja empoeirada, cuja tabuleta se desbotara e cujos tijolos, vermelhos há cem anos, estavam agora negros, cujas janelas sofreram a umidade e a lama de incontáveis invernos. Então vi aquilo que precisava mas penso que demorei uns cinco minutos pra me dominar e arranjar maneira de pedir aquilo com uma voz que não me traísse. Penso que, mesmo assim, houve uma tremura na voz porque o homem que fiz sair de trás da cortina tateando no meio das mercadorias me olhou desconfiado enquanto embrulhava. Já pagara e ainda me conservava encostado ao balcão, com estranha repugnância em agarrar meu embrulho e ir embora. Comecei a falar de seu comércio, soube que ia mal, que os lucros eram quase nulos, que a rua já não era o que fora no tempo em que a corrente comercial ainda passava ali, quarenta anos antes, na altura em que o meu pai morreu, segundo o que disse. Saí, enfim, e me afastei precipitadamente. Rua melancólica. Fiquei feliz em me

encontrar de novo no meio da multidão e do barulho. Queres ver o que comprei?

Austin nada disse mas inclinou um pouco a cabeça. Parecia cada vez mais pálido e afetado. Villiers abriu uma gaveta da escrivaninha de bambu e mostrou a Austin um comprido rolo de corda dura e nova, terminada por um nó corrediço e disse:

— É a melhor qualidade de cânhamo. Igual ao usado antigamente, me garantiu o homem. Nem um fio de juta, duma ponta à outra.

Austin sentiu os dentes cerrarem e contemplou Villiers, empalidecendo:

— Não farás isso. Não verterás sangue. Meu-deus! — Exclamou com súbita veemência — É o que estás me dizendo?, Villiers: Que farás papel de carrasco!

— Não. A criatura poderá escolher. A deixarei sozinha, fechada a chave, um quarto de hora, com essa corda. Se não estiver tudo acabado quando reentrarmos, chamarei o primeiro policial que encontrar. Isso é tudo.

— Irei embora. Não posso ficar mais nem ouvir o que estás me dizendo. Boa noite.

— Boa noite, Austin.

A porta se fechou. Um instante depois Austin ainda estava lá, semelhante a um espectro:

— Esqueci que também tinha minha informação. Recebi uma carta de doutor Harding, de Buenos Aires, na qual me informou que tratou Meyrick durante as últimas três semanas de vida.

— Te disse o que o levou em plena juventude? A febre?

— Não. Não foi a febre. Segundo o doutor seria uma queda geral do organismo, derivada, sem dúvida, dum grave abalo. Mas acrescenta que o doente não fez confidência, por isso ficou em posição de inferioridade pra tomar conta do caso.

— É tudo?

— Sim. Doutor Harding terminou a carta assim: Acho que te dei todas as informações possíveis sobre teu amigo. Não viveu muito tempo em Buenos Aires e a ninguém conhecia, exceto uma dama que não goza boa reputação aqui. Ela partiu, depois. A chamavam senhora Vaughan.

8 – Fragmentos

Entre os papéis de doutor Roberto Matheson, o bem conhecido médico da rua Ashley, que subitamente morreu de apoplexia no começo de 1892, foi encontrada uma folha coberta de anotação a lápis. Essas notas estavam em latim abreviado e foram escritas, certamente, com muita pressa. O manuscrito só pôde ser decifrado após grande esforço. Mesmo assim, até então, certas palavras escaparam ao esforço de todos os especialistas. No canto direito está escrita a data: 25 de julho de 1888. Segue a tradução.

Aproveitará a ciência essas breves observações, no caso delas poderem ser publicadas? Não sei. Duvido. Claro que nunca tomarei a responsabilidade de publicar algo do seguinte, não somente devido ao fato de, livremente, ter dado minha palavra-de-honra às duas testemunhas mas também porque os fatos são demasiado repugnantes. É provável que, considerando bem as coisas, e depois de pesar os pró e contra, destrua o papel ou o entregue, selado, a meu amigo D..., confiando em sua discrição pra, conforme lhe aprouver, o usar ou destruir...

Como convinha, fiz tudo o que a ciência prescreve pra me iludir. Aterrado, de início, foi um milagre se alguma reflexão me restou mas, passado um minuto, me assegurei de que meu pulso estava normal e de que conservava o bom-senso. Revi, em minha mente, toda a anatomia do pé e do braço e as fórmulas dalguns carbonetos e fixei os olhos sobre o que acontecia em minha frente.

Se bem que atacado por uma náusea de revolta e quase sufocado pelo odor da corrupção, me mantive firme, privilegiado ou maldito, não sei, olhando o que ali estava, negro como tinta, e que se transformava perante meus olhos. Pele, carne, músculo e osso, e a firme estrutura do corpo humano, tudo o que, até então, considerara algo permanente como o diamante, começou a se fundir e dissolver. Sabia que agentes exteriores podiam assim devolver o corpo aos elementos mas me recusaria a crer naquilo que via porque havia ali uma força interna que eu não conhecia e que ordenara a dissolução e a metamorfose.

Ali se repetiu, em minha frente, todo o esforço que originou o homem. Vi a coisa vacilar de sexo a sexo, se dividir e se unificar de novo. Vi o corpo regredir às feras que o precederam, o que estava na coroa dos seres descer ao inframundo, ao

abismo. Mas o princípio da vida, que cria o organismo, permanecia estável no meio das transformações da forma.

A luz da sala se desvanecera até a treva, mas não era treva noturna, daquela em que os objetos são percebidos só de forma vaga, pois ainda podia ver tudo distintamente. Era como a negação da luz. Os objetos estavam perante meus olhos, se posso dizer assim, sem intermediário, de tal modo que, se houvesse um prisma naquela sala, não poderia distinguir as cores.

Eu olhava sempre: Logo nada mais restava além duma substância semelhante a gelatina. E depois a escala foi de novo percorrida, em sentido inverso... (neste ponto são ilegíveis algumas linhas do manuscrito)... instante vi uma forma obscura à minha frente, que não quero descrever. Mas o símbolo pode ser encontrado nalgumas estátuas antigas e naquelas pinturas que sobreviveram à lava, demasiado infames pra que eu fale mais sobre elas...

...E a indizível aparência, homem e besta, retomou a forma humana. Então a morte sobreveio.

Eu, que presenciei tudo isto, não sem repugnância, assino, e declaro que tudo o que acima descrevi é verdadeiro:

Roberto Matheson, M. D.

.....

— Assim é, Raymond, a história daquilo que sei e vi. O fardo era demasiado pesado pra mim e só contigo o poderia repartir. Villiers, que me acompanhou no fim, não conhece o terrível segredo da floresta nem sabe que o que vimos morrer sobre a relva, entre as flores, de mãos dadas com a pequena Rachel, chamou e conjurou seus companheiros e, nesta terra que nos traz, deu forma material ao que não ousamos nomear senão por alusões e figuras. Não quis dizer estas coisas a Villiers, como não lhe falei da semelhança que me abalou o coração quando vi aquele retrato, que encheu o cálice da angústia. Ignoro o sentido de tudo isto. Sei que o que vi morrer não era Mary mas também sei que no termo da agonia foram os olhos de Mary que me olharam. Será que ninguém descobrirá o último elo dessa cadeia de mistério? Se alguém o pode fazer só pode ser tu, Raymonde, se conheces o segredo, é a ti que compete decidir se o revelará.

— Voltei há pouco à cidade. Passei os dois últimos dias no campo. Penso que adivinhas onde. Quando a estupefação em Londres estava no auge, como te disse, senhora Beaumont era muito conhecida, escrevi a meu amigo doutor Philips,

dando uma breve idéia do que se passara e pedindo que me dissesse o nome da aldeia dos eventos narrados. Me disse sem hesitar e também contou que os pais de Rachel morreram e a família foi viver com um tio no estado de Uóchintão. Os pais, me disse ainda, morreram, certamente de desgosto, pela morte da filha e por tudo o que a precedera.

— No mesmo dia em que recebi a carta de Philips fui a Caermaen. À sombra das muralhas romanas, arruinadas e empalidecidas por mil e setecentos invernos, contemplei a pradaria na qual, outrora, foi consagrado um templo ao deus do abismo e também uma casa que o poente iluminava: A casa onde Helen vivera. Demorei alguns dias em Caermaen. Tive a impressão de que as pessoas sabiam pouco de tudo aquilo e pressentiam menos ainda. As pessoas a quem falei pareceram espantadas que um arqueólogo, pois me apresentei como tal, se pudesse interessar por uma tragédia de aldeia da qual só apresentavam uma versão banal. E eu também não lhes disse mais, como deves calcular. A maior parte do tempo passei na grande floresta que domina a aldeia, sobe na colina e desce ao vale, um vale lindo como aquele que contemplamos de teu terraço numa noite de verão. Andei muitas horas no dédalo{17} da floresta, passeando nas aléias sombrias e tão frescas, mesmo no meio-dia, ao longo dos silvados, me detendo sob os carvalhos, me estendendo sobre a erva curta duma clareira, onde o vento me trazia o odor tênue e selvagem das rosas bravas em botão, misturado com o perfume pesado das mais velhas: Um cheiro composto, que recorda as câmaras mortuárias e seus vapores de incenso e corrupção. Me sentei sobre bancos de relva, na orla do bosque, contemplando, sobre os fetos, a pompa das dedaleiras ao sol posto. Mais adiante os espessos tufos dos silvados, os espinheiros sobre as rochas, as ervas úmidas e tenebrosas. Mas esses primeiros passeios evitaram uma parte do bosque e só ontem subi ao topo da colina, até a velha via romana que atravessa o cimo da floresta. Ali Helen e Rachel passearam na aprazível calçada e na verde relva, no meio dos aterros de argila vermelha e das sebes luminosas de faia. Segui seus passos, contemplando, entre ás árvores, as duas vertentes do bosque, a vasta planície e, além, o mar e a terra além-mar. Do outro lado estavam o vale e o rio, colinas após colinas, como vagas após vagas, o bosque, a pradaria e os trigais, os esplendorosos casebres brancos, uma muralha de montanha e, a norte, os azuis e distantes picos. E assim cheguei ao lugar que procurava. A via, descendo docemente, formava uma eira rodeada de silva e, se estreitando de novo, se perdia na distância, no meio da névoa azul do ardor estival. E foi essa mesma clareira que Rachel outrora abordou, inocente, pra dali sair, deus-sabe como ou o quê. Não demorei ali muito tempo.

— Num rincão perto de Caermaen existe um museu, constituído essencialmente de vestígios romanos encontrados na vizinhança, ao longo do tempo. No dia seguinte ao de minha chegada a Caermaen, fui à vila em questão, a fim de visitar o museu. Depois das pedras esculpidas, sarcófagos, anéis, moedas, fragmentos de mosaicos, etc., me mostraram um pequeno pilar quadrado, de pedra branca, recentemente desenterrado no bosque de Caermaen, como me certifiquei mais tarde, mesmo no sítio onde se alarga a via romana. Num dos lados desse pilar está uma inscrição que copiei. Algumas letras estão apagadas mas creio que não resta dúvida relativamente a minha correção. Eis o texto da inscrição:

DEVOMNODENTi

FLAvIVSSENILISPOSSVit

PROPTERNVPTIAs

qua SVIDITSVBVMBra.

— Ao grande deus Nodens{18} (deus da profundeza abissal ou do abismo) Flávio elevou este pilar, em lembrança da nupcia realizada na sombra.

— O guarda do museu me informou que os arqueólogos locais estavam muito embaraçados, não pela dificuldade de ler ou traduzir a inscrição mas quanto à consequência ou rito que evoca.

.....

— ...E agora, meu caro Clarke, passemos àquilo que dizes de Helen Vaughan, que viste morrer em circunstância tão horrível e quase inacreditável. Sua história me interessou bastante mas quase tudo o que contas eu já sabia. A estranha semelhança entre o retrato e a própria Helen, que percebeste, se explica facilmente: Foi sua mãe que conheceste. Te lembras daquela noite, calma e aprazível, em que te falei do mundo que está além da aparência, e do grande Pã? Te lembras de Mary? Foi quem pariu Helen Vaughan, nove meses depois dessa noite.

— Mary não recuperou a razão. Continuou de cama, tal como a viste, e morreu pouco depois do parto. Estou convencido que me reconheceu, no fim. Eu estava a sua cabeceira quando, de repente, o olhar de outrora voltou aos olhos. Estremeceu, deu um gemido e faleceu.

— Fiz uma má obra naquela noite, Clarke. Abri a porta da casa da vida sem me inquietar com o que poderia entrar ou sair por ela. Me lembro de me teres dito, na

ocasião, e com toda oportunidade, que destruí a razão dum ser humano pra fazer uma experiência, fundamentada numa teoria absurda. Tiveste razão em me criticar mas minha teoria não era tão absurda assim. O que eu disse que Mary veria viu mas me esqueci de que ninguém pode contemplar impunemente o que contemplou. E também esqueci de que uma vez que se abre a casa da vida ela fica acessível àquilo que não podemos nomear e a carne humana pode se tornar o véu do inexprimível. Brinquei com forças desconhecidas e conheces o resultado. Helen Vaughan fez bem em se atar à corda e morrer, por horrível que sua morte tenha sido.

— Aquele rosto enegrecido, aquela metamorfose que se fundia sobre o leito e que, sob nossos olhos, passava de mulher a homem, de homem a besta, e de besta a algo ainda pior, tudo o que testemunhaste, nada me espanta. O que o médico viu já vi, muito antes. Porque compreendi minha obra logo no dia em que a criança nasceu. Ainda tinha cinco anos e eu já a vira mais de cem vezes, brincando com o companheiro que sabes quem é. Foi, pra mim, uma angústia indescritível e constante: Alguns anos mais tarde, sentindo que não suportaria mais aquilo, mandei Helen Vaughan a outro lugar. Já sabes o que assustou Trevor no bosque. O resto da história e tudo o que foi descoberto por teu amigo eu já sabia a minha própria custa, do primeiro ao último capítulo. E agora, Helen se reuniu a seus companheiros.[{19}]

TELOS

A NOVELA DA CHANCELA NEGRA

«Tudo lhe deve ter parecido fantasioso e visionário, como um sonho matinal após um despertar.»

RELATADA POR UMA SENHORA EM LEICESTER SQUARE

Prólogo

– Vejo que é um racionalista inveterado — disse a senhora. — Não me ouviu dizer que tive experiências ainda mais terríveis? Também fui céptica em tempos, mas, após tudo o que conheci, já não poderei pretender estar cheia de dúvidas.

– Minha senhora — retorquiu Phillipps, — ninguém me fará negar a minha fé. Nunca irei acreditar, nem pretenderei acreditar, que dois e dois são cinco, nem hei-de, sob quaisquer pretensões, admitir a existência de um triângulo com dois lados.

– Está a ser um pouco apressado — observou a senhora. — Mas será que lhe posso perguntar se já alguma vez ouviu falar no Professor Gregg, nessa autoridade no campo da etnologia e assuntos afins?

– Muito mais do que meramente ouvir falar do Professor Gregg... — disse Phillipps. — Sempre acreditei que ele era um dos nossos observadores mais inteligentes e esclarecidos, e a sua publicação mais recente, *Manual de Etnologia*, pareceu-me em tudo admirável no seu género. De facto, o livro mal tinha chegado às minhas mãos quando fui informado acerca do acidente que acabou por lhe

abreviar a carreira. Ele tinha, creio eu, arrendado uma casa de campo, durante o Verão, no Oeste de Inglaterra, e dizem que caiu a um rio. Mas, tanto quanto pude apurar, o seu corpo nunca foi encontrado.

– Caro senhor, conto sem dúvida com a sua discrição. O seu modo de falar leva-me a confiar em si, e o título desse trabalho, que acabou de mencionar, assegura-me que não é apenas um coleccionador de banalidades vazias. Numa palavra, creio que posso contar consigo. Acredito que deverá estar a pensar que o Professor Gregg morreu. Não tenho razões, contudo, para pensar que seja esse o caso.

– O quê? — vociferou Phillipps, atónito e perturbado. — Acha então que não houve qualquer tragédia? Mal posso acreditar. Gregg era um homem de carácter impoluto, a sua vida privada apenas indicava uma aberta benevolência e, embora eu próprio não seja dado a ilusões, acredito que ele foi um cristão devoto e sincero. Decerto, não irá querer insinuar que algum acontecimento menos honesto o forçou a abandonar o país?

– Uma vez mais, está a ser um pouco apressado — observou a senhora. — Não foi nada disso que eu disse. Porém, para resumir, devo dizer-lhe que o Professor Gregg saiu numa manhã de casa, de plena saúde física e mental. Nunca mais voltou, mas o relógio dele e a corrente, uma bolsa em que tinha alguns soberanos em ouro e outras moedas, tal como um anel que ele usava sempre, foram encontrados três dias mais tarde na encosta agreste e remota de uma colina, a muitas milhas do rio. Esses artigos foram descobertos junto a um rochedo calcário de aspecto fantástico. Tinham sido embrulhados numa espécie de pergaminho e atados com um fio de tripa seca. Abriram esse embrulho, e no lado de dentro desse pergaminho havia uma inscrição feita com uma substância vermelha. Esses caracteres eram indecifráveis, mas assemelhavam-se a uma corruptela da escrita cuneiforme.

— Acredite que acho tudo isso imensamente interessante — disse Phillipps. — Não se importa de prosseguir? A circunstância que acabou de mencionar parece-me bastante inexplicável e estou ansioso para que me possa elucidar.

A jovem senhora pareceu meditar por momentos, e então começou a contar a…

Novela da Chancela Negra

Terei agora de lhe fornecer alguns pormenores acerca da minha história. Sou filha de um engenheiro civil chamado Steven Lally, que teve a infelicidade de morrer no início da sua carreira, antes de ter assegurado os meios de subsistência para a mulher e para os seus dois filhos.

A minha mãe conseguia gerir a nossa pequena casa com um pecúlio que deve ter sido incrivelmente reduzido. Vivíamos numa aldeia remota, porque a maior parte das coisas de que necessitávamos eram aí mais baratas do que na cidade, mas, mesmo assim, fomos criados com o mais severo dos orçamentos. O meu pai era um homem inteligente e dado à leitura, deixando-nos uma pequena mas bem selecionada série de livros, que continha os melhores clássicos gregos, latinos e ingleses. Esses livros eram o nosso único divertimento. O meu irmão, tanto quanto posso recordar, aprendeu latim a ler as *Meditationes* de Descartes, e eu, em vez dos pequenos contos que as crianças geralmente lêem, não encontrei nada mais fascinante do que uma tradução da *Gesta Romanorum*. Assim fomos crescendo, como crianças pacatas e estudiosas e, com o passar dos tempos, o meu irmão conseguiu ganhar a sua vida, tal como lhe disse. Continuei a viver em casa. A minha pobre mãe era então uma inválida, exigindo quase toda a atenção que eu pudesse dar, e, há cerca de dois anos faleceu, após meses de uma doença dolorosa. A minha situação não poderia ter ficado pior. A velha mobília mal dava para pagar as dívidas, de modo que tive de procurar um emprego. Os livros enviei- -os ao meu irmão, sabendo como ele os iria apreciar. Estava completamente sozinha, consciente do parco ordenado daquele que era o meu único familiar, e, embora tivesse vindo até Londres à procura de emprego, pensando que assim poderia remediar as despesas, jurei que o faria apenas por um mês, e que, se durante esse tempo não pudesse arranjar um emprego, preferiria passar fome do que importuná-lo, pedindo-lhe as poucas libras que ele pusera de parte para dias mais difíceis. Aluguei um modesto quarto num subúrbio distante, o mais barato que consegui encontrar. Vivia à base de pão e de chá, e passava o meu tempo em vão a responder a anúncios, e em idas frustradas até locais onde me pudessem contratar. Dia após dia, semana após semana, não conseguia arranjar nada, até que por fim o prazo que eu dera a mim mesma se começava a esgotar, deixando-me condenada à deprimente hipótese de morrer de fome. A minha senhoria era, de certo modo, uma pessoa bem intencionada, estava a par da óbvia escassez dos meus meios, e estou certa de que nunca me iria pôr na rua. Eu é que me deveria ir embora, para tentar morrer discretamente. Estávamos então no Inverno, e um nevoeiro espesso e branco surgia, logo ao princípio da tarde, tornando-se mais denso à medida que o dia ia passando. Era um domingo, ainda me lembro, e as pessoas de casa tinham

ido à missa. Por volta das três da tarde saí, e comecei a andar o mais rapidamente que podia, ainda que me sentisse fraca por nada ter comido. Essa névoa branca envolvia todas as ruas num profundo silêncio, uma camada gelada cobria os ramos das árvores, e cristais de gelo brilhavam nas cercas de madeira dos jardins e pelo chão, nesse chão cruel por baixo dos meus passos. Eu continuava a andar, voltando à esquerda e à direita, sem saber bem o que fazia, nem me importar sequer com o nome das ruas, e, tudo de que me consigo lembrar dessa tarde de domingo me parece agora fragmentos soltos de um pesadelo. Com uma visão confusa, seguia o meu caminho, através de ruas meio citadinas e meio rurais, com áreas cinzentas que se esbatiam, do meu lado, nesse mundo nublado de penumbra; enquanto, no lado oposto da rua, via vivendas confortáveis onde se vislumbrava o clarão de lareiras iluminando as paredes. mas tudo de uma forma irreal... Muros de adobe vermelho e janelas luminosas, vagas árvores e todo esse espaço que mal podia distinguir, candeeiros a gás ante os quais sombras brancas se esbatiam, a perspectiva de linhas de eléctrico sob as plataformas de estações um pouco mais acima, o verde e o vermelho dos semáforos, tudo isso não passava de imagens momentâneas, adormecidas no meu cérebro cansado pela fome que então sentia. Uma vez por outra, ouvia um som de passos sobre a linha-férrea, e havia homens que se cruzavam comigo, bem agasalhados, a estugarem o passo para não arrefecerem e, sem dúvida, a anteciparem já os prazeres de um bom fogão de sala, onde haveria cortinas bem corridas sobre vidraças cobertas de gelo, e boas-vindas por parte dos amigos. Porém, à medida que a tarde ia escurecendo e a noite se aproximava, havia cada vez menos pessoas no exterior, e eu passava por rua após rua sem ver ninguém. Caminhava nesse silêncio branco, como se percorresse os caminhos de uma cidade sepultada, e, à medida que ia ficando mais fraca e fatigada, o meu coração enchia-se de medo da morte. De súbito, ao dobrar uma esquina, alguém se aproximou de mim sob a luz de um candeeiro, e ouvi uma voz a perguntar-me se eu não me importava de lhe indicar o caminho para a Avon Road. Chocada por esse rumor de voz humana, senti-me a desfalecer, como se todas as minhas forças me abandonassem. Caí enrolada no passeio a soluçar e a rir numa acesa histeria. Saíra preparada para morrer e, depois de atravessar a soleira da casa em que residia, tinha abandonado já todas as minhas esperanças e recordações. A porta ribombou então por trás de mim como um trovão, e eu senti que uma cortina de ferro acabara de descer sobre a minha vida e que, daí em diante, teria de continuar a caminhar num mundo de tristeza e de sombras. Entrara no palco do primeiro acto da morte. Depois veio a minha errância pela neblina, essa brancura que tudo envolvia, as ruas vazias, o silêncio abafado, de modo que,

quando essa voz me falou, era como se eu já tivesse morrido e voltasse à vida. Em breves minutos, consegui dominar os meus sentimentos e, ao levantar-me, vi que estava diante de um homem de meia-idade, com boa aparência e impecavelmente vestido. Este olhou para mim com um ar de comiseração estampado no rosto, mas antes que eu lhe pudesse balbuciar a minha completa ignorância acerca dessa zona, pois não fazia a mínima ideia onde me encontrava, ele falou:

– Minha cara senhora, parece estar muito afligida. Nem imagina como me assustou. Será que lhe poderei perguntar a causa dos seus tormentos? Asseguro-lhe que poderá confiar em mim.

– É muito simpático da sua parte — disse eu.

– Mas receio que já não haja mais nada a fazer. Encontro-me num verdadeiro beco sem saída.

– Não diga uma coisa dessas! É ainda muito nova para poder falar assim. Venha, andemos mais um pouco, e fale-me das suas dificuldades. Talvez eu a possa ajudar.

Havia algo de muito calmo e persuasivo nos seus modos e, enquanto íamos andando, resumi-lhe a minha história e contei-lhe o desespero que quase me oprimira até à morte.

– Não foi uma boa ideia ter desistido desse modo. — observou ele, quando me calei. — Um mês é um espaço muito curto para nos podermos orientar em Londres. Esta cidade, deixe-me que lhe diga, *Miss* Lally, não é um espaço aberto e sem defesas, é antes um lugar fortificado, com um fosso e muralhas duplas cheias de intrincadas curiosidades. Tal como tem acontecido nas grandes urbes, as condições de vida tornaram-se extremamente artificiais. Não existe, contudo, nenhuma paliçada que possa impedir um homem ou uma mulher de conquistar esta cidade, mas linhas cerradas de uma invenção subtil, minas e buracos que requerem uma estranha habilidade para que os possamos ultrapassar. A menina, na sua simplicidade, pensava talvez que lhe bastaria gritar, para que todas essas muralhas se desfizessem em fumo, mas já vai longe o tempo para tais vitórias. Não perca a coragem, em breve irá aprender os segredos do sucesso.

– Infelizmente, caro senhor — respondi eu, – não duvido que as suas conclusões possam estar corretas, mas, presentemente, creio estar mesmo a morrer de fome. Falou-me de um segredo. por amor de Deus, diga-o já, se é que sente alguma pena por este meu estado de desespero.

Ele riu-se, de um modo sincero. — É aí que reside a estranheza de tudo isso. Aqueles que conhecem o segredo não lho poderiam revelar, mesmo que quisessem. Trata-se, sem sombra de dúvida, de algo tão inefável como a doutrina central da Franco- Maçonaria. Mas uma coisa lhe poderei dizer: que a menina penetrou, pelo menos, a pele mais superficial desse mistério. — E voltou a rir-se.

– Por favor. Não brinque comigo — disse eu. — Que fiz afinal, *que sais-je*? Sou de tal modo ignorante que nem sei sequer de onde irá vir a minha próxima refeição.

– Desculpe. Está a perguntar-me o que fez? Encontrou-me! Vamos, deixemo-nos de rodeios. Já vi que é uma autodidata, o que não é assim tão terrível, e eu preciso de uma preceptora para os meus dois filhos. Sou viúvo há alguns anos, chamo-me Gregg. Estou a oferecer-lhe o emprego que mencionei, e digamos que... um salário de cem libras por ano?

Mal lhe pude articular os meus agradecimentos e, ao colocar-me nas mãos um cartão com a sua morada e uma nota de banco, o Sr. Gregg despediu-se de mim, pedindo-me para o ir visitar dentro de um ou dois dias.

Foi assim que conheci o Professor Gregg, e não lhe será difícil adivinhar que a memória dessa tempestade fria, que quase me pusera às portas da morte, fez com que eu passasse a vê-lo como um segundo pai. Antes do final dessa semana, já eu tinha iniciado as minhas tarefas. O professor arrendara uma velha mansão de adobe vermelho, num subúrbio do Oeste de Londres, e foi aí, rodeada de agradáveis relvados e pomares, por entre o calmo murmurar de velhos ulmeiros cujos ramos se balanceavam sobre o telhado, que se iniciou um novo capítulo da minha vida. Conhecendo, tal como é o caso, a ocupação do professor, não o irá surpreender o facto de a casa estar repleta de livros por toda a parte, e de armários cheios de estranhos objetos, hediondos até, que ocupavam todos os recantos nas enormes divisões do andar térreo. Gregg era um homem que apenas se entregava ao conhecimento, e eu, antes que me tivesse apercebido, sentia-me já contagiada pelo seu entusiasmo, ambicionando penetrar no espaço das suas apaixonadas pesquisas. Após alguns meses, era já mais sua secretária do que a simples governanta encarregada dos seus dois filhos e, durante muitas noites, sentei-me a uma escrivaninha, sob o quebra-luz de um candeeiro, enquanto ele, a andar de um lado para o outro, por entre as sombras diante da lareira, me ia ditando as partes mais importantes do seu *Manual de Etnologia*. Contudo, por detrás desses estudos mais exatos e concretos, sempre detectei que algo se escondia, a nostalgia e o desejo por um objecto ao qual ele nunca aludira e, uma vez por outra, chegava a

interromper o que me estava a ditar, para se entregar ao devaneio, fascinado, segundo me parecia, pela distante hipótese de uma aventurosa descoberta. Por fim, completou esse manual e começamos a receber provas da tipografia, que me eram confiadas para uma primeira leitura, antes de serem submetidas à revisão final do professor. Entretanto, o seu cansaço em relação ao assunto em que presentemente estava mergulhado ia aumentando, e foi com o entusiasmo de um aluno num final de semestre que ele um dia me estendeu um exemplar do livro.

– Ora aqui está — disse ele. — Mantive a minha palavra. Prometi escrevê-lo e ei-lo aqui. Agora já terei a liberdade de poder viver para me dedicar a coisas mais estranhas. Confesso-lhe, Miss Lally, que invejo o renome de Colombo, e creia que ainda me há-de ver, pelo menos assim o espero, no papel de um explorador.

– Mas há muito pouca coisa para ser explorada — disse-lhe eu. — Creio que nasceu alguns séculos tarde demais, para se entregar a uma aventura dessas.

– Receio bem que… esteja enganada — respondeu ele, — ainda existem, não tenha a menor dúvida, pequenas regiões por descobrir, e até continentes de uma inusitada extensão. Ah, *Miss Lally*, acredite no que lhe digo! Vivemos no meio de símbolos sagrados e de mistérios espantosos, e nem sequer temos a noção do que poderemos vir a ser. A vida, pode acreditar, não é uma coisa simples, não é apenas uma massa de matéria cinzenta e um amontoado de veias e de músculos, que poderão ser expostos com o auxílio de um bisturi cirúrgico. O homem é o segredo que eu estou em vias de explorar, e, antes mesmo de o poder descobrir, terei de atravessar mares verdadeiramente encapelados, e oceanos e brumas com vários milhares de anos. Deverá conhecer o mito da perdida Atlântida. E se este for verdade e eu tiver sido escolhido para ser o descobridor dessa terra fantástica?

Apercebia-me de que uma grande excitação parecia ferver sob as suas palavras e, no seu rosto, via estampada a ânsia de um caçador. Ante mim estava um homem que acreditava ter sido chamado para travar combates com o desconhecido. Uma onda de alegria invadiu-me, quando me dei conta de que estaria, de certo modo, associada a ele nessa aventura, e também eu me sentia imensamente entusiasmada com a perspectiva de tais investigações, não tendo sequer parado para considerar o facto de desconhecer totalmente o que iríamos pôr a descoberto.

Na manhã seguinte, o Professor Gregg levou-me até à parte mais recôndita do seu escritório, onde, alinhada contra a parede, havia uma série de pequenas gavetas, todas muito bem etiquetadas, que eram o resultado de anos de trabalho, classificado através dessa extensão relativamente pequena.

– Aqui, está a minha vida — disse ele. — Aqui, estão todos os factos que consegui reunir à custa de tantos esforços, e contudo, tudo isto é coisa nenhuma. Quero dizer, nada que possa ser comparado com o que irei tentar alcançar. Veja… — e conduziu-me até uma velha escrivaninha, uma incrível peça de mobiliário, já um pouco gasta, que existia a um canto dessa divisão. Ele rodou então a chave na fechadura e abriu uma das gavetas.

– Alguns pedaços de papel — continuou ele, apontando para essa mesma gaveta — e um pedaço de pedra preta, rudemente talhada com umas quantas marcas estranhas e alguns riscos. É tudo o que esta gaveta contém. Aqui, poderá ver um envelope com um carimbo vermelho de há já vinte anos, mas eu anotei a lápis umas quantas linhas, no espaço reservado ao remetente, e aqui poderá observar alguns recortes de uns quantos jornais locais pouco conhecidos. Se me perguntar qual o tema desta colecção, não lhe irá parecer nada de extraordinário: uma criada de quinta que desapareceu e nunca mais foi vista; uma criança que teria escorregado junto a umas velhas ruínas, na montanha; alguns escritos indecifráveis num pedaço de pedra calcária; um homem assassinado com o golpe de uma arma desconhecida. É este o rasto que terei de investigar. Sim, tal como a menina disse, poderá haver uma explicação absolutamente plausível para tudo isto. A rapariga poderia ter fugido para Londres, para Liverpool, ou para Nova Iorque; a criança poderá jazer no fundo de uma mina abandonada; e as letras gravadas nessa pedra talvez não sejam mais do que o extravagante passatempo de um vagabundo. Sim, sim, admito tudo isso, mas sei que possuo a verdadeira chave. Veja! — e pegou então num papel amarelado.

Caracteres inscritos numa pedra calcária, encontrada nas Grey Hills, li eu, e em seguida reparei que havia uma palavra que tinha sido apagada (talvez o nome de um condado), e uma data de há quinze anos. Por baixo via uma série de esquisitíssimos caracteres com a forma de cunhos e de punhais, tão estranhos e extravagantes como os do alfabeto hebraico.

– Agora veja a chancela — disse-me o Professor Gregg, passando-me para a mão um pedaço de pedra negra, com cerca de cinco centímetros de comprimento que terminava em algo semelhante a um calcador para o tabaco que se põe nos cachimbos, mas bastante maior. Tentei observá-lo à luz, e vi, para minha grande surpresa, que essa chancela continha os mesmos caracteres que eu já tinha visto no papel.

– Sim — disse o professor, — são iguais, e a inscrição nessa pedra calcária foi feita há quinze anos, com uma substância vermelha. Ora, os caracteres nessa

chancela datam, pelo menos, de há quatro mil anos. Talvez sejam mesmo mais antigos.

– Será que tudo isto não passará afinal de uma brincadeira? — perguntei.

– Não, já tinha previsto essa hipótese. Nunca iria dedicar a minha vida a uma simples brincadeira. Tudo foi testado, com suficiente rigor. Só uma pessoa, para além de mim, tem conhecimento da existência dessa chancela. Além disso, existem outras razões que não irei abordar de momento.

– Mas que quererá isto dizer? — perguntei. — Não estou a perceber a que conclusões tudo isso nos possa levar.

– Minha cara *Miss* Lally, trata-se de uma questão para a qual não pretendo encontrar resposta tão depressa. Talvez eu nunca consiga vir a dizer que segredos aqui se escondem nem que solução. Por enquanto, apenas temos umas pistas vagas, um esboço de tragédias de aldeia, algumas marcas feitas com terra avermelhada numa pedra, e uma chancela antiga. Uma série de dados bastante estranhos, meia dúzia de provas, e vinte anos passados, antes mesmo que as pudesse recolher. Quem sabe que miragem ou *terra icognita* se poderá esconder por detrás de tudo isto? Estou a tentar vislumbrar algo para além das águas profundas, *Miss* Lally, e a terra que para lá delas se esconde poderá não passar de meras brumas, apesar de tudo. Todavia, creio não ser esse o caso, e em alguns meses poderei provar se estarei ou não na pista certa.

Deixou-me então… e eu, ao ver-me ali sozinha, decidi decifrar o mistério, reflectindo sobre a solução a que todas essas excêntricas peças soltas poderiam conduzir. Eu própria não sou desprovida de imaginação e tinha razões mais do que suficientes para respeitar a solidez intelectual do professor, todavia, apenas poderia ver, nos conteúdos dessa gaveta, pedaços de uma fantasia, e em vão tentava conceber que teoria se poderia basear nesses fragmentos que me tinham sido mostrados. De facto, com base em tudo o que vira e ouvira, poderia tão-só vislumbrar o primeiro capítulo de um raro enredo. E no entanto, bem no meu íntimo, ardia em curiosidade e, dia após dia, observava o rosto do Professor Gregg, tentando descobrir algum prenúncio do que iria acontecer.

Foi um dia, após o jantar, que ele me comunicou subitamente:

– Espero que possa fazer todos os preparativos necessários, sem grande incómodo. Partiremos dentro de uma semana.

– Ah sim? — perguntei eu, muito admirada. — E para onde vamos?

– Arrendei uma casa na parte Oeste de Inglaterra, não muito longe de Caermaen, uma vila sossegada, que em tempos foi uma cidade que albergava uma legião romana. É um lugar muito monótono, mas o campo é bastante agradável e o ar fresco não falta.

Detectei-lhe um certo brilho nos olhos, e adivinhei logo que essa mudança súbita estaria relacionada com a nossa conversa de alguns dias atrás.

— Só irei levar uns quantos livros comigo disse o Professor Gregg. — É tudo. O resto ficará aqui até regressarmos. Tenho umas breves férias prosseguiu ele, sorrindo para mim, — e não irei lamentar perder algum tempo de volta das minhas velhas pedras, ossos e fragmentos sem importância. Não sei se sabe — continuou ele, — mas há cerca de trinta anos que me tenho atido apenas a factos. Já é tempo de me entregar a fantasias.

Os dias passaram depressa e eu podia reparar que o professor quase tremia de uma excitação reprimida, mas mal prestei atenção à ânsia que via nos seus olhos quando deixámos para trás essa velha mansão e iniciámos a nossa viagem. Saímos no começo da tarde e foi só ao pôr do Sol que chegámos a essa pequena vila campestre. Estava cansada mas sentia um grande entusiasmo, e o passeio através desses caminhos parecia-me um sonho. Primeiro, reparei apenas nas ruas sem ninguém do que julguei ser uma aldeia, enquanto o Professor Gregg me ia falando da Legião de Augusto, de combates, e de toda a tremenda pompa que acompanhava as suas águias. Em seguida, vi um rio largo onde a maré tinha subido, reflectindo restos de um crepúsculo, ainda a chamejar nas águas amareladas; os amplos prados; os campos onde o milho já secara; e essa vereda profunda, serpenteando pelas encostas, entre as colinas e a água. Por fim, começámos a subir e eu senti o ar tornar-se mais rarefeito. Olhei para baixo e vi um nevoeiro cerrado por sobre a linha do rio, como uma mortalha, e toda uma vaga e sombria região. Imaginei, encorajada pela minha fantasia, montes descomunais e bosques suspensos, e contornos de colinas mais distantes. Lá muito ao longe, uma gigantesca fornalha ardia na montanha, à medida que pilares de chamas se iam reduzindo a um único ponto incendiado. A nossa carruagem continuava a subir, e só então reparei no hálito fresco e secreto do grande bosque por cima de nós. Era como se me sentisse flutuar nas suas mais profundas zonas, com o som da água a correr, o odor das folhas verdes e o respirar dessa noite de Verão. Finalmente, a carruagem parou, e eu mal conseguia distinguir os contornos da casa, enquanto esperava junto às colunas do alpendre. O resto dessa noite pareceu-me um sonho repleto de coisas estranhas, rodeadas pelo amplo silêncio do

bosque, do vale e do rio.

Na manhã seguinte, quando acordei e olhei através da janela saliente desse enorme e antiquado quarto, vi sob um céu cinzento uma região que para mim ainda era um mistério. O longo e adorável vale, onde rio serpenteava, lá muito em baixo, atravessado a meio por uma ponte medieval de arcos empedrados, uma clara presença de terras na lonjura e os bosques que apenas entrevira em sombras, na noite anterior, surgiam-me repassados de encantamento; e o movimento calmo do ar, que suspirava junto à janela entreaberta, era para mim uma brisa desconhecida. Olhei através do vale e para além deste, colina após colina, como onda após onda, e aí, uma vaga voluta de fumo azulado elevava-se lentamente no ar da manhã, desde a chaminé de uma casa cinzenta de quinta. Havia uma elevação irregular coroada de pinheiros escuros e, na distância, dei-me conta do risco branco de uma estrada que trepava para depois desaparecer numa região inimaginável. Mas o limite de tudo aquilo era a grande muralha de montanhas, que se elevava a oeste e terminava numa fortaleza de escarpas e numa grande nuvem arredondada contra o céu.

Reparei no Professor Gregg, a andar de um lado para o outro no terraço por baixo das janelas, e era-me por demais evidente que se estava a deliciar com essa sensação de liberdade, e com a ideia de se ter afastado, durante uns tempos, das suas tarefas oficiais. Quando fui ter com ele havia uma exaltação na sua voz, enquanto apontava para esse pedaço de vale e de rio serpenteante sob essas belas colinas.

– Sim — disse ele, — é uma zona estranha e lindíssima, que, pelo menos para mim, parece estar repleta de mistério. Espero que não se tenha esquecido da gaveta que lhe mostrei, *Miss* Lally. Pois. E creio que se apercebeu logo de que eu não vim para aqui apenas preocupado com as crianças ou desejoso de ar fresco.

– Pelo menos, creio ter podido adivinhar o que me acabou de dizer — respondi. — Mas deverá compreender que eu nem sequer conheço a natureza das suas investigações e que a relação entre as mesmas e este lindíssimo vale é algo que eu não poderia sequer imaginar.

Sorriu então para mim, de um modo estranho.

— Acha que estou a criar um mistério apenas por amor ao mistério? — perguntou. — Se não lhe contei nada até agora é porque nada tenho para lhe contar, nada de definitivo, quero dizer, nada que se possa traduzir num objectivo preto no branco, tão maçador ou inatacável como qualquer relatório parlamentar. Para mais, tenho

um outro motivo: há muitos anos, li um parágrafo num jornal que, por acaso, me chamou a atenção, e me revelou, num breve instante, todos os pensamentos dispersos e fantasias ainda não de todo formadas, com os quais, através de especulativas horas de ócio, tinha vindo a conceber toda uma hipótese. Vi logo que me embrenhava por caminhos pouco seguros. A minha teoria era por demais fantástica e pouco ortodoxa, e nunca me teria passado pela cabeça escrever o menor resquício da mesma para publicação. Porém, pensei que, na companhia de cientistas como eu, homens que estavam bem familiarizados com o método das verdadeiras descobertas, já fartos de saber que o gás, que hoje em dia ilumina qualquer taberna, fora em tempos apenas uma atrevida hipótese (digamos que, com homens como esses, talvez pudesse vir a formular o meu sonho. Por exemplo, a Atlântida, a pedra-filosofal ou outros assuntos semelhantes), sem recear expor-me a ridículo. Mas logo me dei conta de que estava redondamente enganado. Os meus amigos olharam intrigados uns para os outros e depois para mim, e eu pude adivinhar um certo laivo de comiseração, bem como um insolente desdém, nos olhares que trocaram. Um deles veio visitar-me no dia seguinte, insinuando que eu deveria estar a sofrer de um esgotamento cerebral, provocado por um excesso de trabalho. Para ser mais directo, perguntei-lhe: «Então acha que estou a enlouquecer? Acredite que não é essa a minha opinião» e conduzi-o até à porta, sem lhe insinuar sequer a minha revolta. Desde esse dia, jurei nunca mais revelar o mais ínfimo pormenor acerca da natureza da minha teoria, a quem quer que fosse. Apenas a si pude alguma vez mostrar os conteúdos da minha gaveta. Apesar de tudo, posso estar apenas a perseguir um arco-íris e talvez tivesse sido enganado por toda uma série de coincidências, mas, aqui onde me vê, embrenhado no místico murmúrio do silêncio, entre bosques e colinas selvagens, estou mais seguro do que nunca de que existe realmente uma pista concreta. Venha, é já tempo de entrarmos em casa.

Para mim, havia em tudo isso qualquer coisa fantástica e fascinante. Sabia bem que, como nos seus escritos acadêmicos, o Professor Gregg avançava passo por passo, pondo mesmo em causa certos momentos do seu raciocínio, e nunca se aventurando a conclusões que pudessem ser facilmente rebatíveis. Não obstante, podia intuir, mais pelo seu olhar do que pela persistência do seu tom de voz, que ele possuía já a hipótese que sempre o motivara. E eu, que apesar da minha imaginação também tinha o meu lado de cepticismo, agudizado pela sugestão de um certo maravilhoso, não podia deixar de me perguntar se ele se entregara a uma espécie de monomania, abdicando desse modo do método científico que até então norteara toda a sua vida.

Contudo, apesar dessa imagem de mistério que me assombrava os pensamentos, estava completamente rendida aos encantos da região. Por cima dessa casa apagada, na vertente da colina, começava a encosta. Uma longa linha escura, que se poderia observar das colinas adjacentes (estendendo-se por muitas milhas, de norte a sul, e dando lugar a norte a regiões ainda mais inóspitas, a colinas sem cultivo e a abandonadas propriedades privadas), constituía um território em tudo estranho e inóspito, tão desconhecido para os ingleses como a África mais profunda. O espaço de alguns campos em socalcos era a única coisa que separava a casa da floresta, e as crianças deliciavam-se quando me seguiam por carreiros entre arbustos, ao longo de enlaçadas paredes de bétulas claras, até ao cume do bosque, onde poderíamos vislumbrar, por um lado e para além do rio, as várias elevações de terreno e a muralha montanhosa a oeste; e, por outro, a irrompente profusão de miríades de árvores, sobre cumes aplainados, e o mar brilhante e amarelado na ténue costa muito ao fundo. Eu costumava então sentar-me sobre a relva quente que cobria a Estrada Romana, enquanto as duas crianças corriam em volta, à procura de bagas que cresciam nas margens do rio. Aí, sob o céu azul e o rolar de nuvens brancas, vindas do mar para as colinas, como velhos galeões de velas enfunadas, escutando os murmúrios do enorme e antigo bosque, vivia apenas para me deliciar, e só me lembrava de coisas estranhas quando voltávamos para casa e encontrávamos o Professor Gregg fechado na pequena divisão que ele transformara em escritório, ou então a passear pelo terraço com o ar entusiasmado e paciente de um pesquisador decidido.

Numa manhã, oito ou nove dias depois da nossa chegada, olhei pela minha janela e vi toda a paisagem a transformar-se diante dos meus olhos. As nuvens tinham descido e escondiam as montanhas a oeste; um vento sul empurrava a chuva em longas cordas através do vale; e o pequeno riacho, que nascia numa colina abaixo da casa, tinha agora uma torrente avermelhada, que se apressava na direcção do rio. Víamo-nos obrigados a ter de ficar agasalhados em casa, e, depois de ter dado as lições aos meus alunos, sentava-me numa salinha em que os despojos de uma biblioteca ainda ocupavam uma velha estante. Inspeccionara já essas prateleiras, uma ou duas vezes, mas o conteúdo das mesmas não me atraíra. Volumes de sermões do século XVIII, um velho livro sobre o ofício de ferreiro, uma colecção de poemas de «pessoas ilustres», a *Connection* de Prideau, e um velho volume de Pope eram tudo o que aí se encontrava, e não tinha quaisquer dúvidas de que alguma coisa de mais valor ou de maior interesse já fora daí retirada. Então, porém, talvez movida pelo tédio, comecei a reexaminar essas bolorentas capas de couro e de carneira, encontrando, para minha grande alegria, um velho *in-quarto*,

impresso por Stephani, contendo os três livros de Pompónio Mela, *De Situ Orbis*, e outros de velhos geógrafos. Sabia latim suficiente para poder perceber as frases mais comuns, e em breve fiquei entusiasmada por essa mistura de verdade e de fantasia: como a luz que brilhava num pequeno espaço do mundo e, mais além, seria só neblina e sombras e formas terríveis. Ao passar os olhos pelas páginas claramente impressas, a minha atenção recaiu no título de um capítulo de Solinus, onde li as seguintes palavras:

MIRA DE INTIMIS GENTIBUS LIBYÆ, DE LAPIDE HEXECONTALITHO,

ou seja, «Maravilhas das Gentes que Habitam as Partes mais Profundas da Líbia, e Acerca da Chamada Pedra dos Sessenta.»

Esse velho título atraía-me, e eu continuei a ler:

Gens ista avia et secreta habitat, in montibus horrendis, fxda mysteria celebrat. De hominibus nihil aliud illi prxferunt quam figuram, ab humano ritu prorsus exulant, oderunt deum lucis. Stridunt potius quam loquuntur; vox absona nec sine horrore auditur. Lapide quodam gloriantur, quem Hexecontalithon vocant; dicunt enim hunc lapidem sexaginta notas ostendere. Cujus lapidis nomen secretum ineffabile colunt: quod Ixaxar.

«Estas gentes» traduzi eu, «habitam em lugares secretos e remotos e celebram revoltantes mistérios em horrendos montes. Nada em comum têm com os homens senão os seus rostos, os costumes da humanidade são-lhes totalmente desconhecidos, e odeiam a luz do Sol. Ciciam em vez de falarem; as vozes são ásperas e não se podem ouvir sem despertar medo. Vangloriam-se com uma certa pedra, que eles chamam Pedra dos Sessenta, pois dizem que ela exibe sessenta caracteres. E essa pedra tem um nome secreto e inefável, que é Ixaxar.»

Ri-me ante a estranha inconseqüência de tudo isso, e achei que talvez essa passagem ficasse melhor em *Sindebade, o Marinheiro*, ou em outra das *Noites* suplementares. Quando vi o Professor Gregg, durante o dia, contei-lhe o que descobrira nessa estante e falei-lhe dos perfeitos absurdos que tinha estado a ler.

Para minha grande surpresa, ele olhou para mim com uma expressão de genuíno interesse.

— Isso é mesmo muito curioso — disse ele, — nunca achei que valesse a pena pesquisar entre os antigos geógrafos, e creio que perdi bastante. Ah, esta é a passagem, não é? Lamento muito, mas irei ter de levar comigo este livro que tanto a estava a entreter.

No dia seguinte, o professor pediu-me que viesse até ao seu escritório. Vi-o sentado a uma mesa, em frente da luz da janela, a escrutinar muito atentamente um objecto com uma lupa.

– Ah, *Miss* Lally — disse ele, — gostaria de poder contar com o auxílio dos seus olhos. Esta lupa é bastante boa, mas não tanto como a que deixei em casa. Importa-se de examinar isto e dizer-me quantos caracteres é que aqui consegue contar?

Deu-me então o objecto que tinha na mão. Vi que se tratava da chancela negra que ele me mostrara em Londres e senti que o meu coração começava a palpitar só de pensar que iria finalmente descobrir alguma coisa. Peguei na chancela e, colocando-a sob a luz, examinei um por um esses caracteres grotescos em forma de punhal.

– Conto sessenta e dois — disse-lhe, ao fim de algum tempo.

– Sessenta e dois? Não, é impossível! Ah, já estou a ver o que fez, contou este e mais este — e apontou para duas marcas que eu julgara serem letras como as outras.

– Sim, sim — continuou o Professor Gregg, — mas estas são obviamente riscos, sem conexão com o resto. Isso foi logo a primeira coisa em que reparei. Sim… é mesmo isso… Muito obrigado, Miss Lally.

Já me estava a ir embora, bastante desapontada por me terem chamado apenas para contar o número de marcas nessa chancela negra, quando de súbito me lembrei do que estivera a ler nessa manhã.

– Mas Professor Gregg — retorqui eu, quase sem fôlego, — a chancela, a chancela. Trata-se da pedra Hexecontalithos que Solinus mencionava, é a pedra a que chamavam Ixaxar!

– Sim — disse ele, — creio que seja mesmo essa pedra, ou então trata-se de uma simples coincidência. Nunca será demais termos mesmo a certeza quando se trata

destas coisas. As coincidências podem dar cabo de um professor.

Saí muito intrigada com o que acabara de ouvir, mais do que nunca frustrada por não ter podido encontrar a verdadeira chave para esse labirinto de estranhos dados. O mau tempo durou mais três dias, mudando de aguaceiros fortes para um denso nevoeiro que tudo enchia de gotas de humidade. Era como se nos tivessem encerrado no interior de uma nuvem branca que mantivesse o resto do mundo bem longe de nós. Entretanto, o Professor Gregg continuava a desenvolver o seu obscuro trabalho no escritório, sem qualquer vontade, segundo me parecia, de entrar em confidências ou mesmo de falar, e eu ouvia-o a caminhar de um lado para o outro, com passos nervosos, como se já estivesse cansado de tanta inacção. Na quarta manhã já o tempo mudara, e estávamos sentados à mesa onde tomávamos o pequeno-almoço quando o professor me disse bruscamente:

– Precisamos de mais ajuda nesta casa, de um rapaz de quinze ou dezasseis anos, não sei está a ver. Há muitas pequenas tarefas, que acabam por tomar todo o tempo às criadas e que um rapaz poderia fazer muito melhor.

– Mas creia que as raparigas ainda não se queixaram — observei eu. — De facto, a Anne até mencionou que aqui havia muito menos trabalho do que em Londres, dado não haver tanto pó.

– Ah, sim, são raparigas muito dedicadas. Mas acho que poderemos usar a ajuda de um rapaz. De facto, é precisamente isso que me tem estado a preocupar nestes últimos dois dias.

– A preocupá-lo? — disse eu, muito admirada, pois o professor nunca se interessara pelos assuntos caseiros.

– Sim — disse ele, — o tempo, não sei se está a ver. Eu nunca poderia ter saído por esse nevoeiro escocês. Não conheço muito bem a região e perder-me-ia com toda a facilidade. Mas esta manhã vou ver se consigo arranjar um rapaz.

– E como sabe se esse rapaz existe nestas imediações?

– Sobre isso não tenho quaisquer dúvidas. Terei apenas de andar dois ou três quilômetros, mas tenho a certeza de que irei encontrar o moço de que preciso.

Pensei que o professor estivesse a brincar, mas, embora o seu tom fosse bastante casual, havia algo de sombrio e vincado nas suas feições que me intrigou. Vi-o pegar na bengala e ficar de pé, junto à porta, meditabundo. Quando voltei a passar pelo corredor ele chamou-me.

– A propósito, Miss Lally, há uma coisa que lhe queria dizer. Já deve ter ouvido falar, creio eu, do facto de estes rapazes do campo não serem lá muito brilhantes. «Pacóvios» seria um termo demasiado agreste, e acabam por ser chamados «castiços», ou algo desse gênero. Espero que não se importe se o moço que eu arranjar não for dos mais inteligentes. Trata-se de um rapaz perfeitamente inofensivo, é claro, e, para engraxar botas, não lhe será necessário qualquer esforço mental.

E ao dizer isso, desapareceu, pondo-se a caminhar pela estrada que conduzia ao bosque, enquanto eu ainda continuava embasbacada. Foi então que, pela primeira vez, ao meu espanto se juntou uma súbita impressão de terror, vinda nem sei bem de onde, e totalmente inexplicável, mesmo para mim, apesar de ter sentido por momentos, no meu coração, algo semelhante ao frio da morte, assim como a sensação de um medo ainda indefinível do desconhecido, bem pior do que a própria morte. Tentei ganhar coragem, respirando a brisa fresca que soprava do mar, e na luz do Sol que se sucede à chuva; não obstante, esses bosques místicos pareciam encher-se de penumbras à minha volta, e a visão do rio, serpenteando entre os caniços, e o cinzento-prata da velha ponte, desenhavam-me na mente símbolos de uma vaga e horrível premonição, tal como a mente de uma criança imagina coisas tenebrosas nos objectos mais inócuos e familiares.

Duas horas mais tarde, o Professor Gregg voltou. Encontrei-o quando ainda vinha a descer a estrada e perguntei-lhe, com uma voz calma, se ele tinha conseguido encontrar o tal rapaz.

– Com certeza — respondeu-me. — Pude encontrar um sem qualquer dificuldade. Chama-se Jervase Cradock, e espero que nos venha a ser muito útil. O pai dele já morreu há vários anos e a mãe, com quem tive oportunidade de falar, pareceu-me ter ficado muito contente, dada a hipótese de poder receber alguns xelins a mais, todos os sábados à noite. Tal como eu previra, não é lá muito esperto e, por vezes, segundo o que mãe dele me disse, tem ataques, mas também não lhe iremos confiar a louça, de modo que não terá importância, não acha? E também não é nada daquilo a que poderíamos chamar um sujeito perigoso, não sei se está a ver, apenas um pouco fraco.

– E quando chega ele?

– Amanhã de manhã, às oito. A Anne há-de informá-lo acerca das suas tarefas e do modo como as desempenhar. A princípio regressará a casa ao fim do dia, mas talvez se venha a tornar mais conveniente para ele dormir aqui, e apenas voltar a

casa aos domingos.

Não havia nada que eu pudesse dizer acerca desse assunto. O Professor Gregg falava com um calmo tom de certeza, como conviria a uma situação semelhante. Contudo, eu não conseguia dominar a minha sensação de espanto perante tudo aquilo. Sabia que, na realidade, não seria necessária mais ajuda no que dizia respeito à lida da casa, e o facto de o professor me ter dito que o rapaz que ele iria contratar era um pouco «simples», seguido por essa mesma confirmação, pareceu-me extremamente bizarro. Na manhã seguinte, a criada veio dizer-me que o rapaz chegara às oito, e que ela ainda estava a tentar arranjar qualquer coisa que ele pudesse fazer. — Não me parece que seja lá muito certo da cabeça, menina, — comentou ela e, mais tarde nesse dia, vi-o a ajudar o idoso que trabalhava no jardim. Era um jovem com cerca de catorze anos, de olhos e cabelo negro, com uma tez morena, e vi logo, pela expressão vazia nos seus olhos, que ele teria uma certa deficiência mental. Quando passei por ele, tocou na testa de um modo curioso, e ouvi-o responder ao jardineiro com uma voz estranha e áspera, que me chamou a atenção. Essa voz quase me pareceu a de alguém que estivesse a falar desde as profundezas da terra, e tinha algo de sibilino, como o restolhar de um fonógrafo, à medida que a agulha vai percorrendo o cilindro. Pareceu-me estar ansioso por poder fazer o que lhe fosse possível, e era dócil e obediente. Morgan, o jardineiro, que conhecia muito bem a mãe dele, assegurou-me que esse rapaz nunca fizera mal a ninguém. — Ele é um bocado esquisito — disse-me, — mas também não admira, se pensarmos em tudo por que a mãe passou antes de ele nascer. Não cheguei a conhecer o pai muito bem, um tal Thomas Cradock, mas sei que era, sem dúvida, um excelente trabalhador. Apanhou uma doença nos pulmões, por ter de trabalhar na humidade dos bosques. Nunca se restabeleceu, e acabou por morrer num abrir e fechar de olhos. E dizem que a Sr.a Cradock quase enlouqueceu. De qualquer modo, o Sr. Hillyer, o Ty Coch, encontrou-a toda enrolada nas Grey Hills, a gritar e a chorar como uma alma penada. E o Jerva- se nasceu oito meses depois e, tal como lhe estava a dizer, foi sempre um bocado esquisito. Até há quem diga que, quando ele mal sabia andar, assustava as outras crianças com os ataques e com os seus guinchos roucos.

Uma palavra, nessa história, despertara-me uma recordação e, com um ar de vaga curiosidade, perguntei ao idoso onde eram as Grey Hills.

— Lá para cima — disse ele, com o mesmo gesto que usara antes. — Terá de passar pela taberna *Fox & Hounds,* e através da floresta e das antigas ruínas. Fica bem a dez quilómetros daqui e é um lugar muito estranho. Segundo dizem, é a

terra mais árida entre Monmouth e este sítio, embora tenha boas pastagens para os carneiros. Sim, foi uma coisa muito triste para essa pobre Sr.a Cradock…

O idoso voltou ao seu trabalho e eu pus-me a andar pelo caminho, entre um renque de árvores nodosas e retorcidas pela idade, a pensar na história que acabara de ouvir e tentando encontrar nela o pormenor, ou a chave, que despertara qualquer coisa na minha memória. De súbito, tudo se me tornou claro. Tinha visto uma referência às «Grey Hills» no papel amarelado que o Professor Gregg retirara da gaveta da escrivaninha. Uma vez mais, fui dominada por sentimentos de medo e curiosidade. Lembrei-me dos estranhos caracteres, copiados da pedra calcária e, de novo, das semelhanças destes com a inscrição nessa antiquíssima chancela, bem como das fábulas fantásticas do geógrafo romano. Vi então que, para além de quaisquer dúvidas, se a coincidência não tivesse construído todo esse cenário e não tivesse arranjado todos esses bizarros acontecimentos com uma certa arte, eu ainda me iria tornar numa espectadora de coisas totalmente fora do vulgar e das experiências mais rotineiras da vida. O Professor Gregg, segundo me dava conta com o passar dos dias, estava entusiasmadamente a seguir uma pista e a emagrecer de ansiedade. Ao entardecer, quando o sol flutuava no topo da montanha, era vê-lo a passear pelo pátio, para cá e para lá, com os olhos postos no chão, enquanto a bruma ia alastrando pelo vale, a quietude da noite nos tornava próximas certas vozes distantes, e o fumo azul voluteava sobre as chaminés facetadas da casa da velha quinta, tal como o tinha visto, na primeira manhã em que aí chegara. Já lhe confessei que eu era uma pessoa céptica e, embora pouco ou nada compreendesse, comecei a encher-me de receio, recitando para mim mesma os repetidos dogmas da ciência, segundo os quais toda a vida é apenas material, e que, no sistema das coisas, já não existe nada como uma terra ainda por descobrir, mesmo para além das mais remotas estrelas, onde o sobrenatural ainda poderia encontrar uma certa razão de ser. Todavia, também me começava a intrigar o facto de a matéria poder ser, na realidade, tão misteriosa e desconhecida como o espírito, e de a ciência apenas ter aflorado a sua verdadeira natureza, tendo obtido unicamente um vislumbre das suas mais internas maravilhas.

Um dia, porém, destaca-se entre os outros, como um sombrio farol avermelhado, anunciando uma maldade vindoura. Estava sentada num banco do jardim, a ver o rapaz Cradock a mondar os canteiros, quando fui subitamente surpreendida por um ruído áspero e cavo, semelhante ao uivo desesperado de um animal selvagem, e fiquei chocada e quase sem fala, quando vi o infeliz rapaz, de pé, diante de mim, com o corpo todo a tremer e convulso, em espasmos intervalados, como se uma

corrente eléctrica lhe estivesse a percorrer o corpo, fazendo-o ranger os dentes e deitar espuma pela boca, enquanto no rosto se lhe desenhava uma horrível máscara de humanidade. Dei um grito de terror, o Professor Gregg veio logo a correr e, assim que consegui apontar para o rapaz, vi que este acabara de cair para a frente e estava agora estendido na terra úmida, ondulando como um verme cego, com uma série de ruídos, cicios e sons incompreensíveis a saírem-lhe dos lábios. Era como se ele vomitasse uma linguagem infame, com palavras, ou com o que me pareceu serem palavras, que poderiam ter pertencido a uma língua há muito morta e profundamente enterrada nas lamas do Nilo ou nos recessos mais escondidos de uma floresta mexicana. Por momentos, aflorou-me um pensamento, ao sentir os meus ouvidos ainda revoltados por esse clamor infernal. — Decerto, trata-se da própria linguagem do Inferno. — e depois voltei a gritar, repetidamente, enquanto corria gelada de pavor. Tinha visto o rosto do Professor Gregg, quando este se inclinou sobre o infeliz rapaz para o levantar, e ficara estupefata ante o brilho de exaltação que se lhe parecia libertar de cada traço. Quando me sentei no meu quarto, com as portadas fechadas e ambas as mãos sobre os olhos, ouvi passos pesados no andar de baixo, e depois informaram-me de que o professor tinha levado Cradock para o seu escritório e fechado a porta à chave. Ouvi vozes como indistintos murmúrios, e tremia só de pensar no que poderia estar a acontecer, a escassos metros do local onde me sentara. Estava ansiosa por poder fugir para os bosques e para a luz do Sol, e contudo, temia confrontar-me com alguma visão terrível. Por fim, quando já rodava nervosamente a maçaneta da porta, ouvi a voz do Professor Gregg que me chamava com um tom de animada boa-disposição. — Já está tudo resolvido, Miss Lally. O pobre rapaz já se restabeleceu, e já fui tratar das coisas para que ele possa dormir aqui a partir de amanhã. Talvez eu o possa ajudar.

— Sim — disse ele mais tarde, — foi uma coisa horrível de se ver, e não me admiro nada que se tivesse assustado. Esperemos que uma boa alimentação lhe possa dar mais forças, mas receio que nunca se possa curar completamente. — E adquiria essa triste expressão convencional de desapontamento, que geralmente se assume sempre que se fala de uma doença incurável. No entanto, bem por baixo de tudo isso, podia aperceber-me de uma alegria interior que não ousava encontrar um modo de se exprimir. Era como se olhássemos para a superfície transparente e plana do mar e víssemos, nas suas profundidades revoltas, uma tempestade de vagas procelosas. Para mim, tornava-se um problema premente e angustiante, que esse homem, que me tinha tão bondosamente salvado dos rigores da morte e se mostrava em todos os aspectos da vida tão cheio de piedade, benevolência e

premeditada brandura, estivesse, pela primeira vez, tão obviamente do lado dos demónios, a ponto de obter um prazer mórbido com as aflições de uma pobre criatura. Para além disso, debatia-me com uma dificuldade espinhosa, tentando encontrar uma solução; mas, sem que pudesse seguir qualquer pista, sentia-me rodeada pelo mistério e pela contra- dição. Não descobria nada que me pudesse ajudar, e comecei a pensar se, afinal, não iria pagar bem caro o facto de me ter escapado ao nevoeiro dos subúrbios. Dei a entender ao professor alguns destes meus pensamentos, pelo menos não lhe ocultei o meu estado de completa perplexidade, porém, no momento seguinte, lamentei logo essa minha atitude, ao ver o seu rosto contorcer-se com um espasmo de dor.

— Minha cara *Miss* Lally — disse ele, — de certo não estará a planear deixar-nos. Não, não, nunca poderia fazer uma coisa dessas. Desconhece até que ponto eu conto consigo, como continuo a prosseguir as minhas investigações com toda a confiança, sabendo que se encontra aqui, para tomar conta dos meus filhos. Acredite, *Miss* Lally, que é a minha guarda- costas, pois deixe-me que lhe diga que os assuntos em que me encontro envolvido não são de todo desprovidos de perigo. Creio que ainda não se esqueceu do que eu lhe disse, na primeira manhã em que aqui chegámos: que os meus lábios permanecem fechados por uma antiga e firme resolução, até se poderem abrir, não para pronunciarem uma engenhosa hipótese ou uma vaga conjectura, mas factos irrefra- gáveis, tais como os que se demonstram através da matemática. Pense melhor, Miss Lally, pois nem por sombras me passa pela cabeça mantê-la aqui contra as suas próprias impressões mais pessoais. Contudo, permita-me dizer-lhe que estou persuadido de que é aqui, entre estes bosques, que residem os seus deveres mais importantes.

Fiquei comovida com a eloquência das suas palavras, e ao lembrar-me de que esse homem, apesar de tudo, tinha sido a minha salvação, apertei na minha a sua mão, prometendo servi-lo de uma forma leal e sem mais hesitações. Alguns dias depois, o prior da nossa igreja (uma pequena construção cinzenta, severa mas acolhedora, situada sobre a margem do rio, diante do movimento das marés) veio visitar-nos, e o Professor Gregg não teve dificuldade em persuadi-lo para que ficasse mais tempo e jantasse connosco. O Sr. Meyrick pertencia a uma velha família de proprietários rurais, cuja mansão se situava entre as colinas, a cerca de treze quilómetros de distância. Há muito enraizado nessa região, o prior era uma testemunha viva dos costumes desusados e das antigas tradições desse local. Os seus modos simpáticos, com uma certa estranheza contida, em breve conquistaram o Professor Gregg e, pela altura em que os queijos foram servidos, quando um raro

vinho da Borgonha já começava a exercer a sua magia, os dois homens entusiasmaram-se, talvez devido a essa bebida, e começaram a falar de filologia com o interesse que um burguês poria na obtenção de um título nobiliário. O prior começara a elaborar acerca da pronúncia das consoantes duplas galesas, e a produzir sons semelhantes ao gorgolejar dos seus ribeiros, quando o Professor Gregg o interrompeu:

– A propósito — disse ele, — no outro dia deparei-me com uma palavra muito estranha. Conhece o meu ajudante, o pobre Jervase Cradock? Ele tem o mau hábito de falar alto consigo mesmo e, anteontem, estava eu a passear pelo jardim, quando o ouvi. É claro que ele nem sequer se apercebeu da minha presença. Não consegui decifrar muitas das coisas que ele disse. Os sons eram tão estranhos. meio sibilantes, meio guturais, e tão curiosos, com esses *l* duplos de que me tem estado a falar. Não sei se poderei dar-lhe uma ideia desse som, «Ishakshar» é talvez a forma mais aproximada que conseguirei pronunciar. Mas esse *k* deveria ser um *chi* grego ou semelhante ao *j* espanhol. Que quererá isso dizer em galês?

– Em galês? — perguntou o prior. — Não existe tal palavra em galês, nem outra palavra que remotamente se lhe assemelhe. Estou familiarizado com o galês literário, como geralmente é designado e, tal como outras pessoas, com os dialectos mais coloquiais, mas essa palavra não existe, pelos menos de Anglesea a Usk. Para além disso, nenhum dos Cra- dock conhece uma única palavra de galês, a língua encontra-se praticamente morta nesta região.

– Acha que sim? Tudo o que diz me interessa bastante, Sr. Meyrick. Confesso que a palavra também não me pareceu galesa, mas pensei tratar-te talvez de uma corruptela local.

– Não, de facto nunca ouvi essa palavra nem nenhuma outra semelhante — acrescentou ele, sorrindo enigmaticamente. — Se pertence a alguma língua, só se for à das fadas, o Tylwydd Têg, como geralmente é designada.

A conversa prosseguiu em torno da descoberta de uma *villa* romana nas imediações. Mais tarde, abandonei a sala e sentei-me sozinha para meditar melhor nessas estranhas pistas. Quando o professor mencionara essa palavra curiosa, reparei como os seus olhos brilhavam na minha direcção e, embora a pronúncia que ele sugerira me parecesse por demais grotesca, reconheci a palavra que constava na pedra com sessenta caracteres, mencionada por Solinius, a chancela negra, fechada em alguma gaveta secreta do seu escritório, para sempre por uma raça extinta com traços que nenhum ser humano conseguia ler, traços que

poderiam, tanto quanto me poderia aperceber, constituir o véu de horríveis feitos praticados num tempo imemorial, e esquecido desde a altura em que as colinas tinham começado a tomar forma.

Quando desci, na manhã seguinte, encontrei o Professor Gregg no pátio, numa das suas exaltadas deambulações.

– Repare na ponte — disse ele, logo que me viu, — repare na beleza do seu desenho gótico, nos ângulos entre os arcos, e no tom prateado das suas pedras cinzentas sob a luz da manhã. Confesso-lhe que me parece quase simbólica, que deveria ilustrar a alegoria mística da passagem de um mundo para outro.

– Professor Gregg — disse eu, cheia de calma, já é tempo que eu saiba alguma coisa acerca do que se tem estado a passar, ou do que ainda poderá acontecer.

Durante alguns momentos, tentou ignorar essa minha observação, mas tornei a fazer-lhe a mesma pergunta ao fim da tarde, e reparei que o professor exultava de entusiasmo. — Então ainda não percebeu? — perguntou ele, quase a gritar. — Mas já a informei de muitas coisas. Sim, e também já lhe mostrei muitas outras. Creio que terá ouvido quase tudo o que sei, e que viu o que eu vi, ou, pelo menos – e o seu tom de voz tornou-se de súbito mais sério, – o suficiente, para que tudo se lhe torne claro como água. As criadas disseram-lhe, não duvido, que esse infeliz rapaz teve outro ataque, anteontem à noite. Acordou-me aos gritos, com essa voz que a menina ouviu no jardim. Eu fui ter com ele, e graças a Deus, ainda bem que nunca chegou a ver o que eu vi, nessa mesma noite. Mas creio que estarei a perder o meu tempo. Já não tenho muito mais que fazer aqui, e creio que deverei regressar à cidade dentro de três semanas, pois tenho uma série de lições a preparar e preciso de aceder a todos os meus livros. Alguns dias mais, e tudo terá terminado. Então já não terei de recorrer a insinuações, ou ser ridicularizado como um louco ou um intrujão. Não, poderei falar abertamente, e hei-de ser ouvido com a emoção que talvez nenhum outro homem tenha conseguido captar, dada a estupidez dos seus colegas.

Fez uma pausa, e parecia estar cada vez mais radiante perante a alegria de uma grande e admirável descoberta.

— Mas tudo isso será ainda num futuro, num futuro próximo, bem sei, mas num futuro — continuou ele. — Há ainda algumas coisas a fazer. Lembra-se de eu lhe ter dito que as minhas pesquisas não eram totalmente isentas de perigo? Sim, terei ainda de enfrentar algo perigoso, que nem sequer imaginava, ao falar anteriormente sobre o assunto que, até certo ponto, ainda ignoro. Mas tratar-se-á

de uma estranha aventura, da derradeira, do último elo demonstrativo de uma cadeia.

Percorria a sala, de um lado para o outro, à medida que ia falando, e eu podia ouvir, na sua voz, inflexões conflituosas de exaltação e desânimo, ou talvez devesse dizer de espanto, do espanto e do respeito de um homem que se aventurasse por águas desconhecidas. Pensei então na sua alusão a Colombo, no dia em que ele colocara o livro diante de mim. O fim de tarde foi um pouco frio, e tinham acendido grossos troncos numa lareira, no escritório em que nos encontrávamos. As chamas remitentes, e o seu reflexo pelas paredes, recordavam-me os velhos tempos. Estava sentada em silêncio, num cadeirão junto ao lume, meditando em tudo o que acabara de ouvir, ainda a especular em vão nas fontes secretas que me tinham sido ocultadas sob toda a fantasmagoria que testemunhara, quando, repentinamente, me dei conta da sensação de que uma certa mudança se operava já nessa sala, pois havia algo de pouco familiar no seu aspecto. Durante alguns momentos olhei em volta, tentando, sem grande sucesso, identificar a alteração que sabia ter ocorrido, mas a mesa junto à janela, as cadeiras, o canapé desbotado permaneciam tal como eu sempre os conhecera. Então, tal como um esforço de memória nos irrompe de súbito no cérebro, dei-me conta do que mudara. Encontrava- me em frente da secretária do professor, que estava do outro lado da lareira, e, por cima da mesma, via um sombrio busto de Pitt, em que nunca antes reparara. Só então me recordei da posição inicial dessa obra de arte. No canto mais afastado, junto à porta, havia um armário saliente e, no topo do mesmo, a quatro metros e meio do chão, estava o busto, e aí sem dúvida permanecera, acumulando pó desde o início do século.

Estava completamente surpresa, e permaneci em silêncio, numa confusão de pensamentos. Não existia, tanto quanto me apercebera, nenhum escadote nessa casa, pois eu pedira um para fazer umas quantas alterações nas cortinas do meu quarto, e, de qualquer modo, um homem alto, em cima de uma cadeira, nunca teria conseguido retirar esse busto do lugar em que se encontrava. Este fora colocado, não à beira do topo do armário, mas bastante mais recuado, junto à parede. Para mais, o Professor Gregg não era de modo algum um homem alto.

– Mas como é que conseguiu mudar o busto de Pitt? — perguntei-lhe, por fim.

O professor encarou-me de um modo curioso, parecendo hesitar um pouco.

– Será que lhe arranjaram um escadote? Talvez o jardineiro lhe tivesse trazido um do jardim.

– Não, nunca tive qualquer tipo de escadote. Bem, *Miss* Lally... — continuou ele, pretendendo desajeitadamente fazer um certo humor, — eis algo que talvez a possa intrigar, um problema à maneira do inimitável Holmes. Os factos existem, claros e revelados. Veja se consegue descobrir a solução desse enigma… Por amor de Deus — disse então, com uma voz insegura, — não me diga mais nada acerca desse assunto! Posso jurar-lhe que nunca lhe toquei. — E saiu da sala, com uma expressão de horror bem visível no rosto e, com as mãos ainda a tremerem, fechou a porta atrás de si.

Olhei em volta da sala, com um vago sentimento de surpresa, sem sequer me dar conta do que acontecera, aventando toda a espécie de conjecturas que me pudessem dar uma resposta, e pensando no pélago de escuras águas que pudesse estar relacionado com a trivial mudança desse ornamento. «Trata- se de um assunto sem importância em que me pus a pensar» reflecti, «talvez o professor tenha escrúpulos ou seja supersticioso em relação a certas banalidades, e quem sabe se a minha pergunta lhe teria despertado receios que ele não se dignasse admitir, como se tivéssemos esmagado uma aranha ou entornado sal diante de uma mulher escocesa.» Estava já imersa nesses pensamentos, começando a elogiar a minha imunidade a tais receios, quando a verdade se abateu pesada como chumbo sobre o meu coração e eu reconheci, não sem um temor que me causou arrepios, que alguma terrível influência exercera o seu poder. O busto era simplesmente inacessível. Sem um escadote, ninguém lhe poderia ter pegado.

Fui até à cozinha, e falei o mais baixo que pude com a criada.

– Quem mexeu no busto que estava em cima do armário, Anne? — perguntei-lhe. — O Professor Gregg disse-me que não lhe tocou. Será que encontraram algum velho escadote em algum dos arrumos?

A rapariga olhou para mim, sem qualquer expressão no rosto.

– Eu nunca lhe mexi — disse ela. — Encontrei esse busto no lugar em que agora está, numa destas manhãs, quando lá fui limpar o pó. Agora me lembro, foi na quarta-feira, pois recordo-me de que o Cradock se tinha sentido mal durante a noite. O meu quarto é mesmo ao lado do dele, não sei se a menina está a ver…— A rapariga continuou então a falar, de um modo muito compungido: — Foi uma coisa horrível de se ouvir… Como ele gritou e disse coisas que eu nem conseguia perceber. Deu-me cá um medo. E depois veio o senhor e eu ouvi-o falar, levou o Cradock até ao escritório e deu-lhe qualquer coisa.

– Então encontraste o busto mudado de sítio na manhã seguinte?

– Sim, menina. Havia um cheiro esquisito no escritório quando eu desci para abrir as janelas, um cheiro horrível, que até me perguntei o que poderia ser. Sabe, menina, aqui há já muito tempo fui ao Jardim Zoológico de Londres com o meu primo Thomas Barker, numa tarde em que estava de folga, quando ainda servia em casa da Sr.a Prince, em Stanhope Gate, e fomos até uma casinha envidraçada ver as cobras, e posso jurar-lhe que esse cheiro era o mesmo. Ainda me lembro de me ter sentido agoniada, e pedi logo ao Barker para nos irmos embora. Foi esse o cheiro que senti no escritório e, como lhe estava dizer, pus-me logo a pensar de onde poderia ter vindo. Eis senão quando dou de caras com o busto, em cima da secretária do patrão, e pensei: «Quem teria feito uma coisa destas e como é que o poderiam ter feito?» e quando fui limpar o pó, reparei no busto, e vi nele uma grande marca, onde a poeira e a sujidade tinham já desaparecido, pois creio que ninguém o tinha limpo durante anos e anos. E olhe que não eram marcas de dedos, mas uma grande mancha, larga e espalhada. De modo que passei a mão por ela, sem mesmo me dar conta do que estava a fazer, e essa mancha era pegajosa e escorregadia, como se os caracóis tivessem passado por ela. É tudo muito estranho, não acha, menina? E sei lá eu quem a fez, ou como isso foi feito.

O palavrear bem-intencionado da criada impressionou-me muito. Estendi-me na cama e mordi os lábios, para que ninguém me ouvisse chorar, tal era a viva angústia do meu terror e da minha confusão mental. De facto, estava quase louca de pânico. Acreditava que, se fosse ainda de dia, teria fugido a pé sem que ninguém disso se apercebesse, atirando para trás das costas toda a minha coragem e a minha dívida de gratidão para com o Professor Gregg, sem me importar sequer se o meu destino seria morrer lentamente de inanição, desde que me pudesse escapar dessa teia de medo cego e de pânico que, com o passar dos dias, se parecia estreitar à minha volta cada vez mais. Se ao menos soubesse, pensei, se soubesse o que deveria recear… poder-me-ia proteger dessa ameaça. Porém, ali, nessa casa solitária, cercada por todos os lados por um bosque envelhecido, e por colinas semelhantes a criptas funerárias, o terror parecia irromper sem tréguas, chegando-me dos locais mais insuspeitos, arrepiando-me a pele, com pressentidas insinuações de coisas terríveis. Foi em vão que tentei convocar todo o meu cepticismo, e que, apaziguada pelo senso comum, tentei fortificar a minha crença na ordem natural das coisas, pois o ar que soprava pela janela aberta era um hálito místico e, na escuridão, senti que o silêncio se tornava mais pesado e doloroso, como uma missa de *requiem*, onde imaginava imagens com estranhas formas, que se juntavam entre os caniços junto ao murmúrio do rio.

Logo de manhã, desde que entrei na sala onde tomávamos o pequeno-almoço, senti que esse enredo desconhecido se aproximava de um impasse. O professor mostrava um rosto fechado e impassível, como se mal parecesse ouvir as nossas vozes quando falávamos.

Irei sair para uma longa caminhada — disse ele, logo que acabámos a refeição. — Não deverão ficar à minha espera, reparem, ou pensar que alguma coisa aconteceu se não me virem à hora de jantar. Tenho vindo a tornar-me estúpido, ultimamente, e creio que uma boa caminhada, ainda que não muito longa, só me poderá fazer bem. Talvez passe mesmo a noite em qualquer estalagem, caso encontre um local que me pareça limpo e confortável.

Ao ouvir isso, soube logo, baseada no meu conhecimento acerca dos hábitos do Professor Gregg, que não o movia o desejo de um mero passeio recreativo. Não sabia, nem poderia sequer adivinhar para onde se dirigia, nem tinha a mais vaga noção acerca do seu objectivo, mas todos os receios da noite anterior me dominaram, e, ao vê-lo de pé e a sorrir no pátio, já pronto para a jornada, pedi-lhe encarecidamente que ficasse e se esquecesse do continente desconhecido.

– Não, não, *Miss* Lally — retorquiu ele, ainda a sorrir, — agora já é tarde. *Vestigia nulla retrorsum* é, como deverá saber, a divisa de todos os verdadeiros exploradores, embora eu espere que, no meu caso, não se venha a transformar numa verdade literal. Mas, repare, que não tem razão para se preocupar tanto. Esta minha pequena expedição não tem nada de especial, não mais do que a de um dia excitante, na companhia de martelos geológicos. Há sempre um risco, é claro, tal como na mais comum das passeatas. Sou um homem desenvolto e não irei fazer nada tão arriscado como «Arry possa fazer cem vezes quando os Bancos estão fechados. Bem, então terá de parecer mais entusiasmado, e até amanhã o mais tardar.»

Começou, estugando o passo, a subir a estrada, e vi-o abrir a cancela que marcava o início do bosque. Depois desapareceu, por entre a penumbra das árvores.

O dia pareceu-me pesado e estranhamente sombrio e, uma vez mais, me senti aprisionada no meio da antiga floresta, fechada numa velha terra de terror e de mistério, como se tudo se tivesse passado há já muito tempo e o mundo exterior nos tivesse esquecido. Tinha esperanças e receios e, quando chegou a hora de jantar, fiquei à espera, ansiando por ouvir no vestíbulo os passos do professor, e a sua voz exultando sei lá bem que triunfo. Já desenhara uma expressão de rosto para o acolher, mas a escuridão da noite descera já, e ele não regressava.

De manhã, quando a criada me bateu à porta, chamei-a para lhe perguntar se o senhor já tinha chegado, e quando ela me disse que a porta do seu quarto vazio ainda estava aberta, senti o frio abraço do pesadelo. Todavia, ainda me passava pela cabeça que ele tivesse encontrado boa companhia e que talvez viesse almoçar, ou, quem sabe, aparecesse à tarde, e levei as crianças a passear pela floresta, tentando rir-me e brincar com elas o melhor que podia, evitando desse modo os meus pensamentos de mistério e de terror velado. Esperei hora após hora, e esses meus pensamentos tornaram-se mais deprimentes. Veio a noite e eu ainda estava à espera e, por fim, quando já estava a acabar de jantar e entusiasmada numa grande conversa, ouvi passos lá fora e uma voz masculina.

A criada entrou na sala e olhou para mim de um modo estranho. — Por favor, menina — assim começou, — o Sr. Morgan, o jardineiro, quer falar consigo. Não irá demorar nada, se não se importa.

– Manda-o entrar, por favor — disse eu, quase sustendo a respiração.

O idoso entrou devagar na sala, e a criada voltou então a fechar a porta.

– Queira sentar-se, Sr. Morgan — disse eu, — então, que pretende dizer-me?

– Bem, menina, o Sr. Gregg deu-me uma coisa para si, ontem de manhã, antes de partir, e disse-me para não lha dar antes das oito da noite em ponto, caso ele ainda não tivesse regressado a casa, pois, caso o tivesse feito, teria de lha devolver nas suas próprias mãos. De modo que, não sei se está a ver, como o Professor Gregg ainda não voltou, acho que terei de lhe dar este envelope, pessoalmente.

Retirou um embrulho do bolso e passou-mo para a mão, levantando-se ligeiramente. Recebi-o sem comentários e, reparei que Morgan não sabia o que deveria fazer a seguir. Agradeci-lhe e desejei-lhe as boas-noites, antes de ele nos deixar. Fiquei sozinha nessa sala, com essa encomenda nas mãos, impecavelmente selada e dirigida a mim, tal como Morgan me dissera, escrita pela caligrafia solta do professor. Quebrei-lhe o selo de lacre, com um baque no coração, e, lá dentro encontrei um outro envelope por fechar, também dirigido a mim, onde numa carta se dizia:

Minha Querida Miss Lally (assim começava). *Para citar o velho Manual de Lógica, a leitura desta nota dever-se-á a um erro que, sem dúvida, cometi. Receio que se trate de um erro que transforme esta minha nota numa espécie de despedida. Quase poderia jurar que a menina, e quem quer que seja, não me*

voltarão a ver mais. Já fiz o meu testamento, onde inseri algumas cláusulas, pensando já nessa eventualidade, e espero que consinta aceitar esta pequena oferta, que lhe dirijo, e os meus mais sinceros agradecimentos, dado o modo como juntou ao meu o seu destino. O que me coube é desesperado e tremendo, e bem para além dos sonhos mais remotos da humanidade. Mas trata-se de um destino que terá todo o direito de conhecer, se não se importar. Se olhar para o interior da gaveta esquerda da minha cómoda, irá encontrar nela a chave do meu escritório, devidamente etiquetada. Na gaveta falsa da minha escrivaninha está um grosso envelope selado, com o seu nome. Recomendo-lhe que o atire sem hesitação para o lume, pois irá dormir melhor se assim o fizer. Todavia, deverá tomar conhecimento de tudo o que se passou, de modo que o escrevi, para que o possa ler.

A assinatura, mais abaixo, revelava uma caligrafia segura e, uma vez mais, olhei para a página para ler cada palavra, uma a uma, aterrada e com os lábios já brancos, com as mãos geladas e esse sentimento doentio que me parecia estrangular. Senti a opressão do silêncio absoluto desse quarto, tal como a dos escuros bosques e das colinas que me cercavam por todos os lados. Senti-me sozinha e indefesa, sem saber para onde me voltar. Por fim, resolvi que, embora o conhecimento devesse orientar toda a minha vida nos dias vindouros, que me deveria aperceber do significado desses indizíveis medos que há muito me atormentavam, cinzentos, vagamente esboçados na sua mais hedionda forma, como as sombras no bosque ao entardecer. Segui, cuidadosamente, as instruções do Professor Gregg, e não foi sem uma certa relutância que quebrei o selo desse envelope, abrindo assim, diante dos meus olhos, o seu manuscrito, esse manuscrito que sempre trouxe comigo. E já vejo que não poderei furtar-vos ao desejo, ainda inconfessado, da sua leitura. Eis, afinal, o que li nessa noite, sentada à secretária, sob o quebra-luz do candeeiro.

Então, a jovem senhora que se chamava Miss Lally, começou a ler.

A DECLARAÇÃO DE WILLIAM GREGG, Membro da Real Sociedade, etc.

Já se passaram muitos anos desde que o vislumbre de uma teoria, que quase se encontra agora definitivamente reduzida aos factos, irrompeu no meu pensamento.

Uma série de extensas leituras, diversas e obsoletas, contribuíra para desenhar o rumo dos acontecimentos. Mais tarde, quando me tornei até certo ponto um especialista, e me dediquei plenamente aos estudos etnológicos, deparava-me, uma vez por outra, com factos que nem sempre se encaixavam com as ortodoxas opiniões científicas ou com descobertas que me pareciam sugerir algo que as nossas pesquisas nunca tinham abordado. Mais concretamente, convenci-me de que grande parte dos saberes populares deste mundo não passava de um relato exagerado de acontecimentos que, de facto, teriam ocorrido. Assim, interessei-me particularmente pelas histórias de fadas, por esse bom povo das raças celtas. Neste caso, julguei detectar um certo exagero e uma certa margem de elaboração estética, nos trajos fantásticos, nesse povo pequeno vestido de verde e dourado, gozando a companhia das flores, e pensei ter descoberto uma analogia específica entre o nome dado a essa raça (supostamente imaginária) e a descrição dos seus modos e aparência. Tal como os nossos antepassados tinham chamado a esses seres «fadas» e «génios bons», precisamente por os temerem, também os tinham vestido de um modo encantador, ainda que soubessem que a verdade seria exactamente o contrário. A literatura também começara a trabalhar desde muito cedo, e ajudara bastante, no que se prendia com essa transformação, de modo que os elfos brincalhões de Shakespeare já se encontram bastante afastados dos verdadeiros originais, e o medo real encontra-se disfarçado sob a forma de diabruras atrevidas. Mas nas histórias mais antigas, nas que faziam com que os homens se benzessem, quando se sentavam em volta das fogueiras, temos um cenário inteiramente diferente. Dei-me conta de uma natureza em tudo oposta, em certas histórias de crianças e de homens e mulheres que desapareciam estranhamente da face da terra. Estes eram geralmente vistos por um aldeão, no meio dos campos, a caminharem para alguma pequena colina verde e redonda, para nunca mais serem vistos. E também havia histórias de mães, que tinham deixado os filhos a dormir sossegadamente, com a porta das suas cabanas rudemente trancada com um pedaço de madeira, para regressarem, sem que pudessem encontrar esse rosado e gordo pequeno saxão, mas uma criatura magra e mirrada, com uma pele escura e olhos negros muito brilhantes, ou seja, uma criança de uma outra raça. Mas ainda havia mitos bem mais terríveis, que falavam de sábios e de bruxas, da lúgubre maldade do Sabat, e que sugeriam demónios que se misturavam com as filhas do Homem. E, tal como transformámos esse terrível «povo das fadas» em toda uma série de benignos e assustadores elfos, escondemos também de nós a negra podridão da bruxa e dos seus companheiros, sob populares diabruras de velhas, cabos de vassouras, e gatos cómicos de caudas levantadas. Tal

como os gregos chamavam às hediondas Fúrias damas benevolentes, também as nações nórdicas seguiram o seu exemplo. Fui prosseguindo as minhas investigações, tentando roubar horas a outros trabalhos mais urgentes, até me deparar com a seguinte questão: e se essas tradições fossem verdadeiras, quem eram afinal esses demônios que normalmente participavam nesses Sabates?... Não será necessário dizer que não pus de parte o que se poderia designar como a hipótese sobrenatural da Idade Média, chegando à conclusão de que fadas e demônios pertenciam, vistas bem as coisas, à mesma raça, tendo também a mesma origem. A invenção, sem dúvida resultante da imaginação gótica de antanho, tinha já feito muito no que se relacionava com o exagero e com a distorção. Todavia, acreditava firmemente que, sob toda essa série de imagens, existia um escuro eco de verdade. Quanto aos alegados especuladores, hesitei um pouco. Se bem que odiasse recorrer ao mais pequeno resquício de espiritualismo moderno, acreditando que não conteria o mais pequeno grão de autenticidade, também não estava de todo preparado para negar que a carne humana pudesse, uma vez por outra, talvez uma vez em dez milhões de casos, albergar poderes que nos parecessem mágicos, poderes que, longe de procederem das alturas para conduzirem mais rectamente a humanidade, eram na verdade sobrevivências, emanadas das profundezas do ser. A ameba e o caracol têm poderes que nós não possuímos, e eu pensei ser possível que a teoria da regressão pudesse explicar muitas coisas que nos pareciam inexplicáveis. Assim se fortificou a minha posição, e eu tinha razões para acreditar que, grande parte da tradição, uma vasta parte das tradições mais remotas e incorruptas acerca das chamadas fadas, tinha que ver com factos verdadeiros, e pensei que o elemento puramente sobrenatural nessas tradições se deveria à hipótese de que, se essa raça desaparecera da grande progressão evolutiva, poderia muito bem ter retido, como mecanismo de sobrevivência, certos poderes que, para nós, seriam totalmente miraculosos. Assim era a teoria que concebera e para a qual, seguindo essa perspectiva, parecia encontrar confirmações vindas de todos os lados, desde os despojos de um sarcófago ou de uma elevação tumular, aos jornais locais que mencionavam antigos encontros nos campos, e também através de todos os tipos de literatura geral. Entre outros exemplos, lembro-me de me ter surpreendido com a expressão «homens de discurso articulado», em Homero, como se este autor soubesse ou tivesse ouvido falar de homens cujo discurso era de tal modo rude que não lhe poderíamos chamar «articulado» e, dada a minha hipótese de uma raça que tinha ficado definitivamente atrás de outras, podia facilmente conceber que esse povo falaria uma linguagem não totalmente distante dos sons inarticulados dos animais

selvagens.

Era nesse ponto que me encontrava, satisfeito com o facto de as minhas conjecturas, apesar de tudo, não se distanciarem assim tanto da verdade dos factos, quando, por um mero acaso, um parágrafo num jornal de província me chamou a atenção. Tratava-se de um curto relato do que, segundo me pareceu, fora uma sórdida tragédia de aldeia: uma rapariga desaparecera inexplicavelmente e havia toda a espécie de constantes insinuações relacionadas com a sua reputação. Contudo, eu consegui ler nas entrelinhas que esse escândalo fora puramente hipotético, e muito provavelmente inventado para poder justificar o que, de outro modo, pareceria totalmente inexplicável. Uma fuga para Londres ou Liverpool, ou um corpo ainda não descoberto, com uma pedra ao pescoço, nas profundidades de um lago a meio de um bosque; ou até mesmo um assassínio, tais eram as teorias dos vizinhos da infeliz rapariga. Mas, à medida que ia lendo com toda a calma esse parágrafo, um pensamento assaltou-me com a violência de um choque eléctrico: e se a obscura e horrível raça das colinas ainda sobrevivesse? Se ainda assombrasse locais ermos e colinas desabitadas e, uma vez por outra, repetindo as horríveis lendas góticas, ainda existisse, como os turanianos da Ásia ou os bascos de Espanha? Mencionei que esse pensamento me chegara violentamente e, de facto, sustive a respiração e agarrei-me aos braços da minha cadeira de encosto, com uma mistura de sentimentos confusos e de fascínio. Era como se um dos meus confrades das Ciências Físicas, ao passear por um calmo bosque inglês, tivesse sido fortemente surpreendido pela presença viscosa e horrível de um ictiossauro, pela figura original das histórias dos tremendos vermes mortos por cavaleiros valorosos; ou tivesse visto o Sol a ser ocultado por um pterodáctilo, o dragão das tradições. Não obstante, como um resoluto explorador do conhecimento, pensar em tal descoberta inundou-me com uma paixão de alegria. Recortei esse pedaço de jornal e coloquei-o numa gaveta da minha velha escrivaninha, resolvendo que se trataria apenas do primeiro testemunho numa colecção da mais estranha importância. Sentei-me durante muito tempo nessa noite, a sonhar com as conclusões a que poderia chegar, sem que reflexões mais frias e objectivas tivessem alterado a minha confiança. Contudo, à medida que ia examinando o caso, pensei estar a construí-lo sobre alicerces instáveis. Talvez os factos se tivessem passado de acordo com a opinião local, e comecei a olhar para esse assunto com toda uma série de reservas. Todavia, decidi manter-me em alerta, delician- do-me com a ideia de que apenas eu estava atento e desperto, enquanto a grande multidão de pensadores e pesquisadores permanecia alheia e indiferente a tudo isso, não prestando qualquer atenção aos factos mais evidentes.

Vários anos se passaram, até ter podido juntar mais qualquer coisa aos conteúdos dessa gaveta, e a segunda descoberta não foi de facto valiosa, pois tratava-se de uma mera repetição da primeira, apenas com a variante de se tratar de uma outra localidade distante. Porém, acreditei ter ganho qualquer coisa, pois nesse segundo caso, tal como no primeiro, a tragédia ocorrera num campo ermo e afastado, o que parecia justificar a minha teoria. O terceiro caso, porém, tornou-se-me mais evidente. Uma vez mais, no meio das colinas mais despovoadas, longe mesmo do tráfego ou de uma estrada principal, tinham encontrado um homem brutalmente assassinado, e o instrumento que o matara fora deixado a seu lado. Aqui, de facto, houve rumores e conjecturas, pois a arma mortal era um primitivo machado de pedra, atado com tiras de tripa seca a um cabo de madeira, o que dera lugar às mais extravagantes e improváveis hipóteses. Contudo, ao pensar nisso, não sem uma certa satisfação, reparei que as conjecturas mais ousadas se tinham desviado do caminho certo, de modo que me dei ao trabalho de estabelecer correspondência com o médico residente, que fora chamado aquando da investigação judicial. Esse médico, que era um homem como uma certa inteligência, ficou sem palavras. «Não será bom falar dessas coisas em zonas rurais» escreveu-me ele, «mas, de facto, não há dúvida de que nos deparamos com um horrível mistério. Consegui ficar com o machado de pedra e quis testar a sua eficácia. Num domingo à tarde, levei-o até ao jardim, nas traseiras da minha casa, quando a minha família e os criados se encontravam fora, e aí, abrigado entre ramos de álamos, iniciei as minhas experiências. Achei que esse objecto não era nada fácil de manejar. Talvez requeresse um balanço peculiar, um ajuste na altura de lançamento, o que pressupunha uma prática constante. Se um golpe certeiro apenas pode ser infligido através de uma específica distensão de músculos, é algo que não sei, mas poderei jurar-lhe que voltei a entrar em casa com uma desiludida opinião acerca das minhas capacidades atléticas. Sentia-me como um homem sem experiência a tentar balançar um martelo. A força que exercia parecia fazer com que o meu braço recuasse, e até me senti empurrado violentamente para trás, enquanto o machado se limitava a cair inofensivamente no chão. Numa outra altura, tentei a mesma experiência com um exímio lenhador local, mas esse homem, que manejara o machado durante mais de quarenta anos, nada podia fazer com essa ferramenta de pedra, e falhou claramente cada um dos seus golpes. Para resumir, se não fosse tão imensamente absurdo, poder-lhe-ia dizer que, pelo menos durante quatro mil anos, ninguém à face da terra poderá ter desfechado um golpe certeiro com esse machado que, sem dúvida, fora usado para matar esse homem idoso.» Isto, como se poderá imaginar, eram para mim notícias muito importantes. Mais

tarde, quando ouvi todos os pormenores dessa história, e vim a descobrir que esse malogrado idoso tinha falado em coisas que se poderiam ver à noite, numa certa encosta selvagem de uma colina, insinuando maravilhas desconhecidas, e que ele fora encontrado já morto há algum tempo junto à colina em questão, fiquei muito exaltado, pois acreditei que o cerne dos meus pensamentos não era apenas uma mera conjectura. Mas o próximo passo revelou-se- -me ainda de maior importância. Possuíra, durante muito anos, uma extraordinária chancela, feita de uma pedra negra e baça, com cerca de cinco centímetros desde a parte de cima até à que efectuava os carimbos, tendo esta uma forma aproximadamente hexagonal, com cerca de três centímetros de diâmetro. No geral, era semelhante a um calcador de tabaco, de fabrico antiquado. Fora-me enviada por um agente no Oriente, que me disse que a tinham encontrado perto do local onde se situara a antiga Babilónia. Mas os caracteres gravados nessa chancela eram para mim um enigma irresolúvel. Até certo ponto aproximavam-se da escrita cuneiforme, mas havia algumas diferenças, em que reparara logo de início, e todas as minhas tentativas para poder decifrar essa escrita, semelhante a pontas de seta, acabaram por falhar. Um enigma como esse ofendia o meu orgulho e, de vez em quando, retirava essa Chancela Negra da gaveta da minha escrivaninha, examinando-a tão prolongada e detalhadamente, que já conhecia de cor cada letra, podendo mesmo transcrever essa inscrição, na sua totalidade, sem ter medo de me enganar. Imagine-se então, qual não foi a minha surpresa, quando um dia recebi de um correspondente meu, no Oeste de Inglaterra, uma carta e uma nota apensa que me deixou absolutamente varado de espanto. Vi então, cuidadosamente desenhados sobre uma folha de papel, caracteres em tudo iguais aos da Chancela Negra, sem qualquer tipo de alteração e, por cima desses enigmáticos caracteres, o meu amigo escrevera: *Inscrição encontrada numa pedra calcária nas Grey Hills, Monmouthshire. Feita com terra ou lama vermelha, e bastante recente*. Peguei logo na carta, onde o meu amigo escrevia: «Envio-lhe esta inscrição com todas as minhas reservas. Um pastor, que passou por essa pedra há cerca de uma semana, jura que a mesma não tinha quaisquer marcas nessa altura. Os caracteres, tanto quanto me pude aperceber, foram feitos usando uma espécie de terra avermelhada e têm uma altura de dois centímetros. Para mim, assemelham-se a caracteres cuneiformes, embora bastante alterados. Porém, esta hipótese não faz qualquer espécie de sentido. Talvez se trate de uma brincadeira, ou mais provavelmente de uma mensagem deixada pelos ciganos, que grassavam por essa região do país. Estes têm, como deverá saber, toda uma série de hieróglifos, que por vezes usam para comunicarem uns com outros. Visitei há dois dias a pedra em questão, devido a um doloroso

incidente que aqui ocorreu.»

Como se poderá calcular, escrevi imediatamente ao meu amigo, agradecendo-lhe a cópia dessa inscrição, e sugerindo-lhe, de um modo desinteressado, que me contasse o incidente que mencionara. Para não me alongar demasiado, tive conhecimento de que uma mulher, de apelido Cradock, que perdera o marido no dia anterior, tinha ido comunicar essa infeliz notícia a uma prima que vivia a cerca de dez quilômetros, e que seguira por um atalho que passava junto às Grey Hills. A Sr.a Cradock, que então era ainda jovem, nunca chegou a casa da sua familiar. Já tarde, nessa mesma noite, um camponês, que perdera dois carneiros que se teriam afastado do rebanho, estava a passar pelas Grey Hills, com uma lanterna e o seu cão, quando a sua curiosidade foi despertada por um ruído, que ele descreveu como uma forma de lamento muito triste, capaz de rasgar o coração. Guiado por esse som, encontrou essa infeliz Sr.a Cradock, encolhida e sentada no chão, junto à pedra calcária, a balançar o corpo para lá e para cá, a chorar e a lamentar-se de um modo tão afligido, que o camponês, segundo disse, teve de tapar os ouvidos para não fugir de imediato. A mulher permitiu que a levassem para casa, e uma vizinha veio ver se ela não precisaria de qualquer coisa. Durante a noite, contudo, ela nunca parou de chorar, misturando palavras numa linguagem ininteligível às suas lamentações. Quando o médico chegou, achou que ela tinha enlouquecido. Esta ficou de cama durante uma semana e, ora gritava como uma alma penada sem salvação, ora mergulhava num pesado coma. Todos pensaram que a dor, ante a perda do marido, lhe alterara o juízo, e o médico chegou mesmo a prognosticar que ela não teria muito mais tempo de vida. Não será necessário afirmar que me interessei imenso por essa história e que pedi ao meu amigo que me fosse escrevendo, informando-me dos mais mínimos pormenores desse caso. Vim então a saber que, cerca de seis semanas depois, a mulher recobrara o uso de todas as suas faculdades e que, alguns meses mais tarde, dera à luz um filho, de nome Jervase, que infelizmente se parecia comportar como um deficiente mental. Eis os factos, tal como estes eram conhecidos nessa aldeia, mas, enquanto eu empalidecia ao pensar nos acontecimentos horríveis que decerto tinham ocorrido, tudo se transformava para mim numa certeza, chegando mesmo, incautamente, a sugerir algo mais aproximado da verdade a alguns amigos meus dados à Ciência. Todavia, assim que essas palavras me saíram dos lábios, fiquei logo amargamente arrependido, sobretudo por ter revelado o grande segredo da minha vida. Contudo, foi com um grande alívio misturado com uma certa indignação, que me dei conta de que os meus receios não tinham qualquer fundamento, pois os meus amigos riram-se na minha cara, como se estivessem perante um louco, apesar de, sob uma

ira justificada, me ter sentido tão seguro entre essas cabeças quadradas, como se tivesse confiado esse meu segredo às areias do deserto.

Mas, conhecendo já tanta coisa, decidi-me a conhecer tudo, e concentrei os meus esforços na tentativa de decifrar a inscrição da Chancela Negra. Durante muitos anos, fizera desse enigma o único objecto dos meus momentos de lazer, pois grande parte do meu tempo era dedicada, como seria de esperar, a outras tarefas e, só uma vez por outra, podia dedicar uma semana inteira a essas pesquisas. Se me atrevesse a contar toda a história desta curiosa investigação, o meu depoimento seria demasiado cansativo, pois consistiria apenas num relato das minhas várias e entediantes tentativas falhadas. Não obstante, com o meu sólido conhecimento de antigos textos, estava bem equipado para essa minha «caça», como sempre intimamente lhe chamara. Correspondia-me com quase todos os cientistas da Europa, de facto, até do mundo, e não era capaz de acreditar que, nesse tempo, quaisquer caracteres, por mais antigos e intrigantes que fossem, pudessem resistir à luz que, sobre eles, eu faria incidir. Contudo, ir-me-ia demorar ainda mais catorze anos, antes de obter sucesso. A cada ano que passava, as minhas tarefas aumentavam e o meu tempo livre diminuía. Isto contribuiu bastante para o meu atraso. Porém, quando olho para trás, para esses anos, surpreendo-me ante os vastos resultados obtidos, no que respeita à minha investigação acerca da Chancela Negra. Transformei o meu escritório num Centro e, de todas as partes do mundo e de todas as épocas reuni transcrições de antigos escritos. Nada, resolvera já, me iria passar ao lado e o mais pequeno índice deveria ser sempre bem recebido e investigado. Quando, apesar de tudo, pista após pista dissimulada não me levavam a nenhum lado, após todas as minhas tentativas, comecei, com o passar dos anos, a desesperar e a pensar se essa Chancela Negra não passaria da única relíquia de alguma raça que há muito desaparecera do mundo, sem deixar quaisquer vestígios; e que, por fim, tivesse perecido, tal como a Atlântida, devido a um tremendo cataclismo, e cujos segredos residissem no fundo do oceano ou enterrados no âmago das colinas. Esse pensamento esfriou um pouco o meu entusiasmo e, embora nunca tivesse desistido, já não tinha a mesma fé nem uma igual certeza. O acaso, no entanto, veio em minha ajuda. Estava de passagem por uma bela cidade do Norte de Inglaterra e tive a oportunidade de visitar o acreditado museu que há já algum tempo aí existia. O curador era um dos meus correspondentes e, enquanto estávamos a examinar uma vitrina de amostras minerais, um certo espécime chamou-me a atenção. Tratava-se de um pedaço de pedra preta, com oito centímetros quadrados, cujo aspecto me lembrava vagamente a Chancela Negra. Peguei nele, sem grande cuidado, e estava a rodá-lo na mão, quando reparei, para

minha grande surpresa, que a parte debaixo do mesmo continha uma inscrição. Disse, quase entre dentes ao curador, que essa amostra me interessava e que lhe ficaria imensamente grato se ele me deixasse levá- la para o meu hotel durante dois dias. Ele, como seria de esperar, não me pôs quaisquer objecções, e eu apressei-me até aos meus aposentos onde me certifiquei de que esse meu primeiro vislumbre não me enganara. Havia nessa pedra duas inscrições: uma em caracteres cuneiformes regulares; outra contendo os caracteres da Chancela Negra. Dei-me então conta de que as minhas investigações estavam a chegar ao fim. Fiz uma cópia exacta das duas inscrições e, uma vez chegado ao meu escritório em Londres, com a chancela diante de mim, poderia finalmente resolver esse grande dilema. A interpretação da inscrição dessa amostra do museu, embora fosse suficientemente curiosa, não se relacionava com o teor das minhas investigações, mas a sua transliteração revelou-me o segredo da Chancela Negra. É óbvio que uma certa conjectura teve que entrar nos meus cálculos. Aqui e ali deparava-me com uma certa incerteza em relação a um determinado ideograma, e uma marca, que aparecia repetidamente na Chancela Negra, intrigou-me durante as várias noites que se seguiram. Todavia, o segredo revelou-se finalmente diante dos meus olhos, em linguagem corrente, e pude então aperceber-me da chave da horrível transmutação das colinas. Ainda nem sequer acabara de escrever a última palavra, quando, com os dedos a tremer, rasguei em pequenos pedaços essa folha de papel, para os ver arder e tornarem-se negros, na boca da lareira, e mesmo depois de queimados acabei por reduzi-los à mais fina cinza. Nunca, desde então, me atrevi a voltar a escrever essas palavras, pois nunca hei-de escrever as frases que nos dizem de que modo o Homem pode ser reduzido a uma baba viscosa e forçado a tomar o aspecto do réptil e da serpente. Só haveria então uma coisa a fazer. Sabia-o, mas desejava ver tudo com os meus próprios olhos e, após algum tempo, pude arrendar uma casa perto das Grey Hills, e não muito longe da modesta construção onde a Sr.a Cradock e o seu filho Jervase ainda viviam. Não será necessário escrever um relatório completo e pormenorizado acerca dos eventos que aí ocorreram, enquanto escrevo este testemunho. Sabia que iria encontrar em Jervase Cradock traços de sangue do «Povo Pequeno», e vim a saber mais tarde que ele se encontrara, mais do que uma vez, com esses seus parentes, em lugares isolados dessa terra solitária. Quando um dia me vieram pedir que fosse até ao jardim e o vi a ter um ataque, a falar e a ciciar a fantasmagórica linguagem da Chancela Negra, receio que o meu entusiasmo se tivesse sobreposto aos meus sentimentos de compaixão. Ouvi, irrompendo da sua boca, os segredos do mundo subterrâneo, e essa palavra tenebrosa, «Ishakshar», cujo significado não me vejo obrigado a

revelar.

Não obstante, existe um incidente que não poderei deixar de assinalar. No vazio perdido da noite, acordei com o som dessas sílabas ciciadas que eu tão bem conhecia e, ao dirigir-me para o quarto do infeliz rapaz, viu-o em convulsões e a deitar espuma pela boca, debatendo-se na cama, como se ele se estivesse a tentar libertar das garras de contorcidos demónios. Levei-o até ao meu escritório e acendi um candeeiro, enquanto ele continuava a tremer no chão, pedindo ao poder que se apossara do seu corpo que o abandonasse. Vi então de que modo esse seu corpo começara a inchar e a distender-se como uma bexiga, enquanto o seu rosto começava a escurecer visivelmente. Foi então que, perante essa crise, fiz o que era necessário, de acordo com as indicações da Chancela, e ignorando todos os meus escrúpulos, tornei-me um cientista que se limitou a observar o que estava a acontecer. No entanto, o que vi foi horrível, quase bem para lá da capacidade de qualquer concepção humana ou da mais tremenda fantasia. Algo tentava sair desse corpo estendido que se agitava pelo chão e, esticando um trémulo e viscoso tentáculo, através do escritório, essa entidade agarrou no busto que estava em cima do armário e colocou-o sobre a minha secretária.

Quando tudo terminou, e eu fiquei aí, a andar de um lado para o outro o resto da noite, sobressaltado, pálido e encharcado em suor, tentei em vão pôr ordem nos meus pensamentos: convenci-me, assim, de que não vira nada de sobrenatural, e de que um caracol, ao estender e encolher as hastes, seria uma visão, em menor escala, do que de facto vira. Mas um profundo terror parecia irromper de todos esses meus raciocínios e me deixava a tremer e cheio de ódio por mim mesmo, sobretudo pela parte que me coubera nas peripécias dessa noite.

Não haverá muito mais que eu possa acrescentar. Dirijo-me agora para a prova final e para o derradeiro encontro, pois há muito decidi que não iria simplificar as coisas, e hei-de encontrar-me com esse «Povo Pequeno» cara a cara. Terei comigo, como ajuda, a Chancela Negra e o conhecimento dos seus segredos e, se infelizmente não regressar da jornada que me espera, não haverá sequer necessidade de se conceber qualquer imagem acerca do horror do meu destino.

Fazendo uma pequena pausa, após o fim do depoimento do Professor Gregg, Miss Lally continuou a contar a sua narrativa do seguinte modo:

Assim era a história quase incrível que o professor nos deixara. Quando a acabei de ler, já a noite ia avançada, porém, no dia seguinte, levei Morgan comigo e iniciámos a nossa busca pelas Grey Hills, à procura de qualquer rasto desse

professor desaparecido. Não o irei incomodar com a descrição da erma tristeza dessa zona campestre, uma zona mergulhada na mais completa solidão, cheia de verdes colinas desertas, manchadas de cinzentos pedregulhos calcários, esculpidos pela erosão do tempo, em formas que fantasticamente se assemelhavam a homens e animais. Finalmente, após muitas horas de aturada busca, encontrámos o que já lhe contei: o relógio de bolso e a corrente, a bolsa e o anel, embrulhados num pedaço de rude pergaminho. Quando Morgan cortou os fios de tripa seca que atavam esse embrulho e eu vi os pertences do professor, desatei a chorar. Mas, os malditos caracteres da Chancela Negra, escritos nesse pergaminho, gelaram-me de horror, e foi então que percebi, pela primeira vez, o destino horrível que se abatera sobre o meu falecido empregador.

Apenas me resta acrescentar que o advogado do Professor Gregg reagiu ao meu relato do que se passara como se fosse uma história de fadas, recusando-se mesmo a dar uma vista de olhos pelos documentos que eu colocara diante dele. Foi esse mesmo advogado o responsável pela informação que mais tarde apareceu nos jornais, afirmando que o Professor Gregg se afogara, e que o seu corpo deveria ter sido arrastado para o mar.

Miss Lally parou então de falar e olhou para o Sr. Phillipps com uma expressão interrogativa. Este, por sua vez, estava muito pensativo, entregue a um profundo devaneio, e quando levantou os olhos e reparou na azáfama que, nesse fim de tarde, se espalhava pela praça (homens e mulheres que iriam compartilhar um próximo jantar, e as multidões que já começavam a encher os teatros de variedades), todo esse ruído da vida real, tudo lhe deve ter parecido fantasioso e visionário, como um sonho matinal após um despertar.

A DEMANDA DO MISTÉRIO

José Antonio Arantes



"Ó dádiva da eternidade:

O maravilhoso e oculto mistério."

"The praise of myfanwy"

"Digo que sou um homem, mas quem é o outro que se oculta em mim?"

"Psicologia"

Arthur Machen

"Com uma unanimidade singular, há trinta anos os críticos negligenciam a obra de Arthur Machen." Essa declaração é do autor do primeiro ensaio sobre o escritor galés, Vincent Starrett. Uma omissão e uma referência de uma linha a Machen em dois livros de peso sobre a década de 1890, e meio capítulo num estudo acadêmico que demonstrava "erroneamente" a influência de Charles Baudelaire em sua obra, convenceram o crítico da necessidade de fazer justiça ao "eminente artista de sua época e um dos grandes mestres de todos os tempos". O ensaio, *Arthur Machen: A novelist ofecstasy and sin*, foi publicado como folheto em 1917 em Chicago pelo editor Walter M. Hill, que partilhava a convicção de que Machen enfim ganharia, nas palavras de Starrett, "a merecida fama, fenômeno tardio que me disponho a acelerar na medida em que esteja a meu alcance". Tardio, sem dúvida, uma vez que Arthur Machen estava então com 54 anos de idade e tinha publicado cerca de dez livros em trinta anos.

A iniciativa, em cumplicidade com Machen, era desafiadora, tanto mais porque partia de um norte-americano que, nos Estados Unidos, denunciava também a negligência dos britânicos. Resultado ou não desse empenho, aos poucos Machen começou a ser objeto de estudos nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha — o que ainda ocorre, com morosidade e intermitência. O ensaísta, porém, e muitos que o sucederam, visava um público formado de críticos e acadêmicos cuja contribuição, embora importante, parece não ter ajudado a tornar o nome de Machen conhecido de um público amplo.

A profecia de Starrett — "Sua apoteose virá após sua morte" — não se cumpriu. Passados cento e dez anos da publicação do primeiro título, e mais de meio século de sua morte, o nome Arthur Machen detona um branco na maioria dos leitores: "nunca ouvi falar" (mesmo quando pronuncia-se o sobrenome corretamente: oxítono, o "ch", aspirado, próximo do "j" espanhol). Quem ouviu, e quer conhecê-lo, descobre que seus livros estão esgotados, alguns publicados em edições limitadas de capa dura caras ou em brochura a preço razoável por editoras sem grande distribuição. Ademais, Machen não figura em antologias, exceto nas de histórias de horror e sobrenatural, não consta nos livros de história da literatura inglesa; dicionários de literatura raras vezes lhe consignam um verbete, e quando o fazem este é breve (na medida de um autor "menor"?), com

a reserva de uma linha, se tanto, para um comentário que pode ser desfavorável.

Machen foi e ainda é um autor com um público restrito, não seria impróprio chamá-lo de *cult*, lido sobretudo por aficionados do gênero sobrenatural e reconhecido por um grupo de escritores de épocas e tendências diferentes, entre os quais Oscar Wilde, William Butler Yeats, Howard Phillips Lovecraft, Stephen King, Clive Barker, Thomas Stearns Eliot e Jorge Luis Borges. Essa condição — que na superfície sugere um *status* de prestígio e no fundo um delicado equilíbrio entre uma fortuita (re)descoberta e um rápido esquecimento — decorre, mais do que quaisquer outros fatores, da peculiaridade das próprias obras e das circunstâncias em que foram criadas.

Cabe, pois, perguntar: quem é Arthur Machen? Como se para oferecer uma resposta, ele escreveu uma autobiografia em dois volumes, *Faroffthings e things near and far*, publicados em 1922 e 1923. Uma vez que faleceu em 1947 e não publicou outros livros com a clara qualificação de autobiografia, pode-se, em princípio, inferir que Machen com sutileza simulava dar-se a conhecer. Isso se evidencia nos dois volumes citados, nos quais fatos são omitidos, subentendidos ou mencionados com imprecisão e nomes reais de pessoas e lugares são substituídos por nomes ficcionais. O resultado é um depoimento leve, espirituoso, lírico, proustiano às vezes nas regressões e na recuperação do passado, sem um tom confessional transparente, na medida em que este é concebível. Nisso, claro, não há artimanha. Trata-se do enfoque de um homem obcecado com as letras, que buscava escrever um "grande romance". Por motivos não estranhos a essa busca, no entanto, ele adotou em ocasiões o procedimento inverso, ou seja, projetou a personalidade e a experiência pessoal na ficção de um modo tal que boa parte desta serve como uma espécie de fonte biográfica (daí Borges ter considerado semi-autobiográfico o intrigante *The london adventure*). Uma possível resposta à pergunta, nesse caso, beneficia- se então de um delineamento da vida e da obra, e, dentro de limites, de algumas correlações entre elas.

Os véus do invisível

Uma constante presença nas obras de Machen, sem a qual não o compreendemos, é a paisagem de Gwent, condado sulista do País de Gales que foi principado celta até a conquista normanda, no século XI. Em Gwent fica o vilarejo de Caerleon-on-Usk, onde Arthur Llewellyn Jones nasceu em 3 de março de 1863. No ano seguinte ao do nascimento, o pai, o reverendo John Edward Jones — quem pertencia a família Machen era a mãe, Janet Robina —, foi transferido para o vilarejo de Llanddewi, um punhado de chalés e sítios dispersos no vale Sor, a cerca de oito quilômetros a noroeste de Caerleon e não distante da bacia do rio Usk, cujo curso, na visão de Machen, "serpenteia em esses místicos". Ali ele cresceu e viveu a adolescência inteira. E ali absorveu a geografia: uma vasta planície, terrenos acidentados, vales profundos entre colinas elevadas e florestas cerradas e escuras.

Era filho único, criado com o auxílio de uma tia solteira, Mary, e, por algum tempo, de serviçais, numa família de "padres e estudiosos galeses": o pai se formara em teologia no Jesus College, de Oxford, e substituíra o avô, Daniel Jones, que fora vigário de Caerleon, antes de ser transferido para Llanddewi; o bisavô, com o mesmo nome do avô, fora cura de St. Fagan, em Cardiff. Os primos viviam longe, alguns em Londres, não havia outras crianças à volta, "nada de críquete, nada de futebol, e isso me deixava muitíssimo feliz, porque eu teria detestado essas distrações com todo o estremecimento do corpo e do espírito. Afora meu pai e minha mãe, eu gostava de ficar sozinho, com todo o tempo disponível para devanear, vaguear e vagabundear de trilha em trilha, de bosque em bosque". Com as caminhadas de exploração, "tornei-me um encantado estudioso do campo à luz do dia, o qual, acho, para mim nunca foi iluminado pela luz comum do dia, antes, sim, por sóis que se erguiam dos mares sagrados do reino encantado e mergulhavam atrás de colinas mágicas".

A magia ganhou novas e profundas dimensões imaginárias quando Machen se deu conta de que ela emanava do próprio solo. O avô encontrara inscrições e relevos romanos no atro da igreja da paróquia de Caerleon; esculturas pagãs do tempo da ocupação romana foram descobertas em escavações arqueológicas; "em algum lugar nos declives inferiores da floresta, Caerwent, também uma cidade romana, jazia soterrada, e de vez em quando revelava estranhas ruínas — fragmentos do templo de 'Nodens, o deus das profundezas'". Machen via em Caerleon-on-Usk "o pequeno, deserto e silencioso vilarejo que outrora foi a dourada Isca das legiões romanas, que é para sempre dourada e imortal nos romances do Rei Artur, do Graal e da Távola Redonda".

Vale aclarar essas referências num parênteses: Isca Siluram era uma fortaleza e sede da segunda legião augusta, construída a partir de 74-75 d.C., quando se dava a conquista dos siluros, povo antigo do atual País de Gales, e concluída por volta do ano 255 (o topônimo Caerleon-on-Usk significa "forte à margem do rio"); um anfiteatro que se encontra em Caerleon é conhecido como a "Távola Redonda" do Rei Artur, figura lendária associada a Gales e à Cornualha. O nome romano Nodens corresponde ao galés Nudd, ou Lludd, deus solar na mitologia cambriana, cuja complexidade se reflete nos nomes e epítetos que recebe: Robert Graves, por exemplo, qualifica-o de deus do oceano, "pai de Creiddylad (Cordélia), um aspecto da Deusa Branca"; o templo foi descoberto em Lydney, perto do rio Severn, e numa placa de bronze encontrada nas proximidades o deus é representado com um halo, rodeado de tritões e espíritos voadores. Caerwent (o sufixo *went* talvez esteja relacionado ao galés *gwant*, "marco") chamava-se Venta Silurum sob o domínio romano, e escavações arqueológicas lá realizadas revelaram saunas, uma basílica e um anfiteatro.

A história antiga da região também se manifesta nas ruínas de castelos e monastérios medievais. Daí que esta era a "condição ao longo dos anos da meninice e da mocidade: tudo para mim era maravilhoso, tudo o que era visível era o véu de um segredo invisível. Diante de uma pedra de formato peculiar, eu estava propenso a imergir numa espécie de devaneio ou meditação, como se ela fosse um fragmento de paraíso ou reino encantado".

Machen fez descobertas num outro reino encantado assim que aprendeu a ler, por volta dos 7 anos de idade: na biblioteca "de modo algum selecionada" do pai, nas estantes dos vizinhos, nas bancas de livros das estações de trem. Nas estantes do pai, descobriu os romances de folhetim baratos conhecidos como *yellowbacks*, por terem capa de cartão amarelo, um obscuro autor de nome Verdant Green ao lado dos diálogos de Erasmo com capa de couro do século XVII. Num dia feio, à procura de um livro, encontrou *Wuthering Heights* e uma gramática de hebraico que pertencera ao avô, a qual fê-lo adiar Emily Brontë por um momento. Havia também as revistas *Chamber's, Welcome Guest* e, principalmente, *Household Words*, editada por Charles Dickens do volumoso *Pickwick Papers*. Era de se esperar bons artigos numa revista editada por Dickens, inclusive curiosidades e histórias de fantasmas amenas, mas não o fora do comum. "No entanto, foi num volume de *Household Words* que li pela primeira vez a respeito de alquimia, numa breve série de artigos (desde então o reconheço) particularmente bem-intencionados e eruditos." Levou sir Walter

Scott a sério "com grande alegria, e perambulava, enlevado, por sua biblioteca de aventuras e maravilhas enquanto perambulava pelos vales e pelas veredas, confrontado continuamente com novos encantos e novos prazeres". Entre os autores preferidos, da adolescência à velhice, estavam François Rabelais e Charles Lamb, e, entre os livros, *Dom Quixote*, *As mil e uma noites* e *Confessions of an english opium eater*, de Thomas De Quincey. Tomou estes dois últimos emprestado de uma vizinha, e enfim os comprou "por volta de 1875 ou 1876", após ingressar na escola.

Já com um preparo, Machen foi enviado para Hereford Cathedral School, um internato anexo à catedral da cidadezinha de Hereford que remontava ao século XIV. Apesar do convívio com cerca de cinqüenta alunos, a "escola pareceu não fazer muita diferença para meus hábitos mentais. Eu estava com 11 anos de idade, na época, e acho que 'destinado' à solidão. Passei o período letivo como se fosse uma espécie de interlúdio entre estranhos, e voltei para minhas veredas amigas, para meus vales profundos, sombrios e secretos, assim como um homem volta para seus entes queridos, para seus campos queridos, depois de um exílio entre forasteiros e estrangeiros".

Com a "volta" Machen se refere sem explicitar, na autobiografia, a uma ausência do internato entre dezembro de 1875 e junho de 1876. Não se sabe ao certo a causa da interrupção: talvez inadaptação (detestava educação física, por exemplo), talvez problemas financeiros da família; o pai trocara o nome para Jones- Machen em 1874, ano em que o filho fora para Hereford, possivelmente com vistas a obter uma bolsa de estudos, mas é provável que por motivos testamentários. Sabe-se ao certo que, quando o menino voltou ao internato, o nome Arthur Jones-Machen passou a constar nos registros.

Machen subestimou a escola e se rebelou contra seu sistema educacional, mas, na década de 1930, dignificou-a. Reconheceu que ao deixá-la, em abril de 1880, levara consigo uma sólida formação clássica. De fato, foi aluno brilhante durante os seis anos em que a cursou, versado em teologia, proficiente em grego, latim e francês.

Por motivos obscuros (Machen não o menciona e os biógrafos são vagos), no início da década de 1880, o pai estava falido e a mãe, inválida. As circunstâncias impediram que ele se formasse em teologia pela Universidade de Oxford e praticasse o sacerdócio, como o pai planejara, descontinuando assim a tradição da família. Sugeriu-se, contudo, um curso de medicina. Em julho de 1880, Machen fez a primeira viagem a Londres, onde passou alguns meses, para

prestar exames no Royal College of Surgeons. Devido a "pessoas chamadas de examinadores", foi reprovado por estar "incapacitado para as regras mais simples da aritmética". Restou- lhe voltar para Llanddewi, com a idéia de lá ficar apenas oito ou nove meses.

Nesse período, mostrou ter aptidão literária ao escrever sob a influência de *Songs before sunrise*, do poeta Algernon Charles Swinburne (1837-1909), num volume que comprara em Londres. Quando todos na residência "estavam deitados e dormindo, eu me sentava ao lado de um fogo mortiço e escrevia um 'poema' sobre um tema clássico". Trata-se de um longo poema sobre os mistérios gregos, terminado no inverno de 1880-81. Levou o manuscrito de *Eleusinia*, como intitulara o poema, para o dono de uma papelaria de Hereford e encomendou a impressão de cem exemplares. Uma edição do autor, que permaneceu anônimo.

Mais tarde Machen julgou os versos, alguns rimados, outros brancos, todos ruins, mera adaptação de um artigo num dicionário clássico; tão ruins que destruiu quase todos os exemplares, exceto, talvez, dois ou quatro (na autobiografia diz possuir o único existente). O ensaísta Wesley D. Sweetser ressalta que, não obstante a qualidade, típica de um poeta imaturo de 17 anos de idade, o poema importa em relação à obra por nele constar a palavra "mistérios" no sentido antigo do ritual pagão de Démeter, a deusa maternal da Terra. No encerramento há a esperada revelação ao iniciado nos mistérios de Elêusis, envolta, como diz Sweetser, no "sentimento de temor e assombro que cercava a veneração das forças invisíveis da natureza antes de a religião ter-se formalizado a ponto de perder o significado vital". No ensaio *Beneath the Barley*, de 1931, comentando o poema, Machen declara algo análogo ao explicar que, para ele, a literatura "é a arte de descrever o indescritível; a arte de apresentar símbolos que possam sugerir os mistérios inefáveis que se encontram atrás deles; a arte do véu, que revela o que ele vela".

Ao longo da vida, Machen publicou apenas outros três poemas — dois "inéditos" como apêndice ao ensaio de Vincent Starrett, "The remembrance of the bard" e "The praise of myfanwy", ambos exaltações místicas de lugares de Gwent. Convencera-se de que não era poeta, mas não perdera o sentimento poético nem a

percepção do mistério na natureza: teve a oportunidade de transferi-los para a prosa.

Entre a cidade e o campo

Jamais se atreveu a citar um verso de Eleusinia, mas admitiu que o magro folheto ao menos teve uma influência sobre sua vida: "Meus pais decidiram, depois de lê-lo, que o jornalismo era uma carreira para mim; uma decisão que me pareceu sensata e agradável, o que hoje me causa estranhamento; ou melhor, estupefação".

Com o fim de seguir a carreira de jornalista, que não implicava a "pequena dificuldade da aritmética", fez a segunda viagem a Londres. O "chamado" de Londres começara na primavera e no verão de 1880, época dos exames para o curso de medicina, aumentando o desejo de ter notícias do "novo mundo que visitaria", mas os jornais londrinos raras vezes chegavam a Llanddewi. Passou três anos nesse novo mundo, de junho de 1881 a julho de 1884, "numa singular espécie de aprendizado de vida, de Londres, das letras e de muitas outras coisas".

Viajara antes em companhia do pai: fora a Cardiff para assistir a uma peça de teatro; a Dublin, onde também assistira a uma peça; a Londres para os exames frustrados, sem descuidar de ir ao teatro. Nenhuma dessas viagens, tampouco a leitura dos romances de Dickens, preparara o rapaz do interior (de um condado onde a atividade econômica principal era a agropecuária, a indústria têxtil e a do carvão existiam apenas numa parte de Gwent) para a experiência prolongada na capital do mundo, símbolo do Império Britânico.

O sucesso da economia da era vitoriana — exportação de carvão e ferro, desenvolvimento dos setores naval e têxtil, moeda forte e sistema bancário estável — exercia um enorme impacto social nas áreas urbanas e industriais, das quais Londres era a mais bem-sucedida. Era grande a desigualdade das classes sociais, as ruas repletas de desabrigados e milhares de mascates de todas as idades, a classe mais baixa engrossada por estrangeiros, em torno de 40.000 no início da década de 1880, e migrantes das áreas rurais da Inglaterra, Irlanda e do País de Gales, afetados por uma crise da agricultura. Estima-se que, na época da viagem de Machen, dos 6-7 milhões de habitantes da Grande Londres cerca de 35% eram compostos de migrantes. O que esperava essa gente eram, pois, os

aspectos mais duros da grande cidade rica, então com cerca de 4 milhões de habitantes: subemprego, privações, péssimas condições habitacionais e sanitárias, ar poluído pelas chaminés das fábricas e das casas, trens sujos e desconfortáveis.

Tal como na primeira visita, Machen ficou nos subúrbios. Ou, como diz com ironia, em "barracas", porque, "com raras exceções, londrinos não têm casa. Isso era verdadeiro, em grande parte, há quase duzentos anos, quando Dr. Johnson saiu de Lichfield e veio para Londres pela primeira vez; hoje é quase universalmente verdadeiro". Morou primeiro no extremo oeste, emTurnham Green, uma área de características rurais; depois, por quase dois anos, "num quarto muito, mas muito pequeno em Clarendon Road [número 23], em Notting Hill Gate", área no oeste da cidade na qual havia ainda terras reservadas à agricultura e, num contraste, bairros com residências luxuosas ao lado de casas pobres e cortiços (um contraste existente até hoje). Machen se instalou num quarto de uma casa de cômodos situada na parte pobre: "Lamento dizer que eu não tinha uma mansarda, uma vez que as casas do bairro, sendo relativamente modernas, não possuíam os telhados inclinados que testemunharam os mistérios de tantos homens letrados. [...] Ficava, claro, no alto da casa, e era bem menor do que qualquer 'cela' monástica que já vi. Se bem me lembro, creio que suas dimensões eram de três metros e meio por um metro e meio. Continha uma cama, uma pia, uma mesinha e uma cadeira; de modo que era uma sorte ter poucas visitas". Sem lareira, o inverno era implacável; ele aquecia as mãos perto da chama do bico de gás. Fora do quarto, no patamar, guardava o baú de madeira com os pertences; os degraus de uma escada de mão que levava ao telhado serviam de estante para os livros. Os vizinhos eram um casal de armênios, um grego e uma corista-dançarina, "parceiros por um único verão"; o chefe da casa da senhoria era "um major, e sei que era evangelista", porque o ouvia gritar "rezemos".

Durante meses, preparou-se para a carreira de jornalista estudando taquigrafia, na época um requisito para se "escrever cento e cinqüenta palavras por minuto", como especificava um anúncio para um cargo jornalístico. Por fim abandonou o esforço, "por ser estúpido demais para aprendê-la". Ainda visando o preparo, porém, fez muitas leituras: as lendas do *Mabinogion*, reunião de onze narrativas mitológicas galesas antigas (nas quais figura o deus Nudd) presentes em narrativas medievais e em *Morte d'Arthur*, de Thomas Malory, autor que o fascinava e, como as lendas, o influenciaria diretamente; a biografia Dr. Johnson,

de James Boswell; *Earthly paradise*, do poeta William Morris, aqui imerso na Idade Média, e poemas de Robert Herrick. Escreveu à maneira desses poetas, exercitando-se num gênero para o qual não tinha talento.

Passados uns dois anos, o novo mundo se revelara como era: "Comecei a me dar conta, muito gradualmente, e com graus de tristeza, de que as alegrias de Londres eram artigos que tinham de ser comprados com dinheiro, e isso eu não tinha". Londres era mais um "castelo de gnomos do que uma cidade de deleites". Ganhava a vida como professor particular de crianças, afora bicos para "casas editoras"; alimentava-se de pão, chá verde e tabaco, tomava uma cerveja a cada duas semanas e se dava o luxo de um bom jantar quando recebia o pagamento das aulas; andava à toa pela cidade, espantando-se com os horrores da pobreza e os labirintos de ruas, refugiava-se nos locais agrestes. A solidão de Llanddewi era paradisíaca, a solidão de Londres constituía um isolamento, uma privação física, moral e intelectual.

Se há algo que Machen enfatiza na autobiografia, afora a paixão pela natureza e pela literatura, é essa privação. Resumiu o período assim: "Aqui começam os terrores", citando a primeira linha de um dístico no romance medieval *Perlesvaus* (Percival), do ciclo arturiano da demanda do graal no início do século XIII.

Uma de suas imitações, terminada no outono de 1883, ensejaria uma radical mudança de vida. Escrevera para afugentar a depressão e a sensação de loucura iminente. O livro imitado, *The anatomy of melancholy*, do inglês Robert Burton (1577-1640), com o pseudônimo Democritus Júnior, fora publicado em seis volumes entre 1621 e, postumamente, em 1651. Num estilo digressivo, erudito, cheio de expressões em latim e grego, com base na antiga teoria dos "humores" e na experiência pessoal do autor, o livro investiga causas, sintomas e tratamentos da melancolia, doença que "afeta a imaginação e a razão, uma após a outra". A imitação recebeu o divertido título de *The anatomy of tobacco*: *or smoking methodized, divided & considered after a new fashion*, assinado com o pseudônimo Leolinus Siluriensis, professor de "Filosofia Fumílica da Universidade de Brentford". Neste pastiche crivado de expressões latinas, Machen louva o prazer de fumar cachimbo, por ser mental, e rotula de materialista quem se entrega ao hábito de mascar ou cheirar tabaco.

Para ele, o livro é "elaborado demais, elefantino, esticado", embora com cerca de apenas oitenta páginas. "Quisera ter podido escrever o livro verdadeiro — ou seja, o livro sonhado, planejado — e não o livro real." Mesmo assim, tal

como com *Eleusinia*, procurou um editor. Enviou-o a um "cavalheiro", tão querido por seus autores que o chamavam de "Tio", que lhe devolveu o manuscrito com a polida recomendação de que abordasse outro "tópico de interesse para um público mais geral". Um amigo contatou por iniciativa própria um outro editor, "sugerindo que um livro meu adornar-lhe-ia o catálogo". O editor, "Davenport", correspondeu-se com ele e ambos se encontraram. Tratava-se, na realidade, de George Redway, um livreiro-editor de Covent Garden, no coração do oeste de Londres, que gostou do livro e concordou em publicá-lo, depois de "alguns ajustes preliminares". Era um momento da "carreira" em que os alunos de repente "sumiram", e, tendo no bolso dinheiro suficiente apenas para uma passagem, Machen voltou para o "território de Caerleon-on-Usk que era Avalon". Em Gwent, pessoas que conheciam seu pai e seus antepassados em nome "da família [...] ajudaram-me a arranjar essas 'preliminares'". Financiaria uma edição pela segunda vez, pois, "afinal, é razoável que um homem pague o ingresso ao principiar num ofício".

Enquanto revisava as provas em Llanddewi, Redway lhe escrevia perguntando se tinha idéias para outros livros, ao mesmo tempo oferecendo sugestões que, parece, eram recusadas: "se eu não tinha um livro na cabeça, não seria capaz de produzir um por encomenda". Quando enviou um capítulo do que intitulara *A quiet life*, retrato da vida serena que desfrutava, Redway o aconselhou a deixar esse tipo de literatura para quando chegasse aos 80 anos de idade. Compensando a recusa, porém, propôs-lhe a tradução de "três ou quatro textos" de *Heptaméron* (1558-59), uma coleção póstuma de cerca de setenta narrativas amorosas de Marguerite D'Angoulême (Margarida de Navarro, rainha consorte de Henrique II, de Navarro, falecida em 1549). Machen aceitou a encomenda pelo pagamento de £20, um pouco acima do salário anual de uma doméstica numa família londrina de classe média na época. Embora fosse um texto renascentista calcado no *Decamerão*, de Boccaccio, Machen empregou os recursos assimilados com as imitações, uma mistura de estilos dos autores preferidos do século XVII, como em *The anatomy oftobacco*.

Terminada a tradução, sem nada a fazer exceto procurar idéias para escrever, enquanto andava por vales e bosques, recebeu de George Redway uma proposta de trabalho que lhe pareceu irrecusável: catalogar livros raros por um salário anual de £60. Era o verão de 1885, e Machen voltou para o sótão de Clarendon Road. Quando começou a trabalhar, imergiu num mundo de maçonaria, paganismo, ocultismo e alquimia — num segundo encontro com Hermes

Trismegisto, desde os artigos na revista editada por Dickens, e num primeiro encontro marcante com o poeta e filósofo hermético Thomas Vaughan. Mais do que a catalogação, porém, tinha de ler os livros para resumi-los, o que lhe deu um profundo conhecimento da literatura esotérica. Ao mesmo tempo, nas horas livres, planejava um "grande romance" que louvasse a terra natal.

De Gwent, no entanto, chegou-lhe a notícia da morte da mãe (em 10 de novembro). Voltou imediatamente para Llanddewi, onde ficou com o pai até o ano seguinte. Durante esse período, concebeu e escreveu, "lutando contra a amarga convicção de minha incapacidade", a primeira obra de ficção, concluída em junho ou agosto de 1886.

Ambientado na Idade Média, *The chronicle of Clemendy* é uma série de histórias contadas por um grupo de amigos, membros de uma espécie de clube de bebedores de cerveja que viajam para um festival de cerveja na cidade de Usk. As histórias incluem episódios com damas loiras deslumbrantes, cavaleiros intrépidos, monges folgazões, os prazeres da bebida e do tabaco, e circunstâncias eróticas insinuadas em duas narrativas que tratam de sedução e traição. A estrutura se assemelha à de *Heptaméron*, mas Machen atribui as origens de *The chronicle of Clemendy* a "uma admiração por Rabelais, o insuperável, a *Contes drolatiques*, de Balzac, e a minha própria terra, Gwent". As referências à região — topônimos, natureza e lendas — são profusas, justificando a qualificação que ele atribuiu ao livro, "mitologias silurianas"; mas há pouco de Balzac e Rabelais, assim como da sensação dos prazeres, concebidos, a exemplo do prazer de fumar, como coisa mental.

Quando foi publicado em 1888, também numa edição do autor, *The chronicle of Clemendy* não interessou o público, apesar da voga do medievalismo, representado por William Morris na literatura e por Dante Gabriel Rossetti e outros pré-rafaelitas na pintura. Os críticos o ignoraram, salvo um. Vincent Starrett relata que Machen reservou um único exemplar de divulgação, enviado para *Le Livre*, de Paris. "Caiu nas mãos de Octave Uzanne, que logo ordenou que Rabelais e Boccaccio se 'mexessem' nos assentos imortais e dessem lugar para o autor ao lado deles." O crítico francês qualificou Machen de "*le renouveau de la Renaissance*". Machen ironizou: "Submeto meu julgamento inteiramente ao sr. Octave Uzanne". E abandonou para sempre os oito volumes subseqüentes que imaginara, sob o título geral de *The glory of Gwent*.

Em 1887, George Redway tornou a chamá-lo, oferecendo as mesmas £60 anuais para catalogar livros e produzir um folheto publicitário intitulado *Don*

Quijote de la Mancha, para o qual Machen escreveu todo um capítulo supostamente perdido de *Dom Quixote*. Redway logo o promoveu a editor da revista *Walford's Antiquarian*. Mais uma vez Machen se envolveu com lendas e títulos obscuros associados a gnósticos e fenômenos sobrenaturais, ao mesmo tempo que escrevia artigos não assinados acerca, por exemplo, de curiosidades sobre a cerveja e os significados alegóricos da heráldica.

A vida profissional se transformava, e também a vida pessoal. Em 31 de agosto de 1887, Machen se casou com Amélia Hogg, descrita como católica, independente e treze anos mais velha do que ele (então com 24 anos). Algumas das poucas informações sobre Hogg se acham nas memórias do romancista Jerome Klapka Jerome (1859-1927), que trabalhou também como ator e jornalista. Em *My life and times*, de 1926, ele recorda que Hogg morava sozinha nas cercanias do Museu Britânico, era membro-fundador do Playgoer's Club e freqüentava o meio teatral londrino; vivera com a família em colônias britânicas, sobretudo em Bengala, antes de voltar à Inglaterra. Em carta a Harry Spurr, editor de *The chronicle of Clemendy*, Machen deixa entrever o comportamento de mulher liberada ao contar que, um mês antes do casamento, ambos andaram por vales e colinas, tomando cerveja e cidra: "bebemos de fontes sagradas e das torrentes das montanhas, rimos, cantamos e pilheriamos de um modo inteiramente siluriano" (por siluriano sugere hedônico). Amélia Hogg morreu de câncer em 1899, doença da qual teria sofrido por pelo menos uma década.

Quase um mês após o casamento, em 29 de setembro, o pai faleceu (o último laço de família em Llanddewi seria desfeito quatro anos mais tarde, com a morte da tia Mary). Gwent consolidado para sempre na memória, Machen se estabeleceu em Londres. Deixou o sótão de Clarendon Road e foi morar com Hogg no número 98 de Great Russell Street, a poucos metros do Museu Britânico. Começara a receber uma herança de família, mas em parcelas modestas demais para prover o sustento de ambos. Só a partir de 1890, e até 1902, passaria a receber a soma de £400 a £500 anuais (algo em torno de $150 mil hoje), proporcionando conforto e o arrendamento de um chalé em Chiltern Hills, no condado de Buckinghamshire, sudoeste da Inglaterra. Por enquanto, complementava a renda trabalhando para a firma Robson & Karslake, livreiros especializados em raridades. De novo como catalogador de livros, mas com um salário de £80 por ano.

A rotina foi quebrada um tempo depois quando um dos livreiros lhe propôs traduzir as *Memórias de Jacques Casanova*, mais de cinco mil páginas que

formariam doze volumes e lhe tomariam os dias e algumas noites ao longo de um ano. O que de início era uma simples tradução de encomenda se transformaria numa pequena aventura editorial. Machen não traduziu as memórias a partir do original, uma mistura de latim, francês e italiano, repleto de relatos eróticos explícitos que, conforme a austera moral vitoriana, seriam rotulados de pornográficos. Tomou como base a versão expurgada do tradutor francês Jean Laforgue. Entusiasmando-se com o resultado, em 1893 investiu £1,000 numa edição com os editores Nichols & Smithers, que o lograram com uma edição clandestina. Machen os levou à justiça, mas perdeu a causa: o tribunal concluiu que ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão. A tradução foi enfim publicada em 1894, seguindo-se outras três edições bem-sucedidas nas décadas de 20 e 40.

Enquanto trabalhava nas memórias, encontrou tempo para traduzir um obscuro autor francês do início do século XVII, Béroalde de Verville, cujo *Le moyen de parvenir* ele julgava "extraordinário e enigmático". Trata-se de uma reunião de narrativas rabelaisianas construídas em torno de um banquete que, na tradução, chamou-se *Fantastic tales or the way to attain*. Pareceu tão indecente aos olhos dos editores que estes lhe pediram uma versão atenuada, no que ele cedeu.

Era 1889. Aos 26 anos, casado com uma mulher adorável, a situação financeira por se estabilizar, com significativa experiência como escritor, Machen resolveu se dedicar à criação de textos originais e entrou na década mais produtiva de sua vida. Poderia ter citado a segunda linha do dístico de *Perlesvaus*: "Aqui começam os milagres".

Entre afeitiçaria e a santidade

Em 1890, passou a escrever "'ensaios' ou artigos sobre coisas em geral, sobre livros, paisagens campestres, dias de verão ou estradas cobertas de neve no inverno, canções antigas, provérbios antigos", o que viesse à cabeça. Primeiro para o jornal *The Globe*, depois para *St. James 's Gazette*, que pagava um pouco mais pelo mesmo número de palavras. No *St. James's Gazette*, em julho e

setembro, publicou também os primeiros contos: "St. John's Chef', sobre um "famoso baronete anfitrião que se revela ser seu próprio cozinheiro"; "The iron maid", sobre um colecionador de instrumentos de tortura que morre vítima da própria obsessão nas mãos da "donzela de ferro" do título; "The double return", sobre um adultério casual. Num semanário recém-surgido e não duradouro, The Whirlwind, publicou "A wonderful woman", sobre o passado comprometedor de uma decorosa mulher casada. Temas picantes, capazes de escandalizar, não fosse o tratamento contido.

No verão desse ano, saiu a tradução de *Fantastic tales*, quase coincidindo com a publicação de *O retrato de Dorian Gray* na edição de junho da *Lippincott's Monthly Magazine* (lançado no ano seguinte em forma de livro, revisto e ampliado). Desde 1881, quando publicou a reunião *Poems*, Oscar Wilde era o escritor que nada tinha a declarar exceto seu gênio, a figura exuberante das rodas sociais, a personificação do esteticismo ideado por Walter Pater com base no simbolismo francês. Machen não poderia estar mais distante desse círculo, mas tomou uma decisão que lhe estimularia a criatividade. Leu *O retrato de Dorian Gray* e, motivado por uma passagem no romance ou por uma declaração de Wilde a um jornal, enviou um exemplar de *Fantastic tales* para o escritor. Oscar Wilde respondeu com um convite para um jantar no Florentine, restaurante italiano de Rupert Street, no Soho. Não se sabe se Verville agradou a Wilde, mas sabe-se que este elogiou o conto "The double return", dizendo, com a peculiar espirituosidade, que era uma "história que deixou o pombal em polvorosa".

Este foi o primeiro de quatro encontros, entre 1890 e 1895, e Machen não se impressionou muito com Wilde. Em 1926, na única recordação registrada, reconhece seu brilhantismo, mas observa que "não havia profundidade alguma em sua conversa. Ele deslizava fantasticamente, excentricamente, na superfície das coisas". Acerca do último encontro, pouco depois de iniciado o processo judicial que levaria Wilde a julgamento e à prisão, Machen diz que ele era "uma visão chocante. Tinha se transformado numa grande massa de gordura rósea. Não lembrava outra coisa senão uma senhora francesa obesa, sem fama extraordinária alguma, trajando roupas masculinas. Fiquei horrorizado". Em outro momento, recordando o primeiro encontro, revela que, "durante o jantar, ele me contou a trama de uma história escrita por um amigo, a qual, segundo ele, era 'admirável'. A mim não pareceu tão admirável assim; não vi por que eu não poderia conceber uma trama tão boa ou quase tão boa [...]".

Encorajado, ou desafiado, pelo encontro, Machen passou a escrever o que qualificou de "histórias sobre a sociedade", algo curioso, porque "sei tanto sobre a 'sociedade' quanto sobre os hábitos do corujão". Uma delas foi "St. John's Chef' (teria sido Wilde o modelo para o anfitrião?). Não se deteria nesse tipo de história, devido ao fascínio pelo insólito. Ainda no verão, escreveu "The experiment", publicado em dezembro no *Whirlwind*. Veio a ser o primeiro capítulo da novela *O grande deus Pã*, escrita, provavelmente, entre 1891 e 1893 no chalé de Chiltern Hills, período em que Machen escreveu *The inmost light* e duas narrativas que fariam parte de *The three impostors*.

O grande deus Pã, em oito capítulos curtos, está saturada da atmosfera de uma época vitoriana ainda assombrada pelos assassínios de Jack, o Estripador. Numa casa solitária, fincada num vale entre uma floresta e um rio, o dr. Raymond, que, nos últimos vinte anos, dedicou-se à "medicina transcendental", convida um amigo, Clarke, para testemunhar um experimento, "uma leve incisão na massa cinzenta [...] um pequeno rearranjo de determinadas células", em sua criada, Mary, de 17 anos de idade. O dr. Raymond crê que, à parte a natureza à volta, há "um mundo real, mas este mundo encontra-se além deste encanto e desta visão, [...] além de tudo isso como além de um véu. [...] Você pode achar tudo isso um absurdo estranho; pode ser estranho, mas é verdadeiro, e os antigos sabiam o que significa erguer o véu. Chamavam a isso ver o deus Pã". Segue-se uma vivissecção, um odor no ar que, feito droga, induz à visão de um ser "nem homem nem animal, nem vivo nem morto, mas uma mescla de todas as coisas, a forma de todas as coisas porém desprovida de qualquer forma". Resulta que "o sacramento do corpo e da alma dissolveu-se, e uma voz parecia gritar: 'Vamo-nos daqui', e depois as trevas das trevas além dos astros, as trevas da eternidade". Maiy desperta, os olhos brilhantes, "as mãos estendidas como que para tocar o invisível", tomada pelo mais terrível dos terrores. Vê Pã, por ele é fecundada, e enlouquece. Machen reserva uma série de personagens e incidentes estranhos, a manifestação do mal, a corrupção do corpo e da alma numa "transfiguração de sexo a sexo" até a dissolução.

Já se indicou que a deterioração da personagem Helen Vaughan (filha de Mary, que atrai crianças para dentro das florestas de Gwent com propósitos malignos) evoca a deterioração da matéria primária dos alquimistas, a *tenebrae activae*. De fato, Machen utilizou uma idéia básica das teorias do alquimista com o mesmo sobrenome de Helen, Thomas Vaughan (1621/22-66), que conheceu ao catalogar livros esotéricos para George Redway. No tratado *Coelum Terrae*, Vaughan

afirma que a magia negra leva à destruição, porque o desígnio do demônio é que a natureza discrepe de si mesma. À parte Vaughan e a mitologia grega, Machen parece ter tido a influência direta de *O médico e o Monstro* (The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde, 1886) e do mais recente *O retrato de Dorian Gray* ("fiquei muito impressionado com o romance"). No final do romance de Wilde, o pintor Basil Hallward acusa Dorian Gray de corromper tudo o que toca, "e isso basta para você entrar numa casa e desencadear algum tipo de ignomínia". Uma passagem que parece encapsular o conceito de Thomas Vaughan de que a matéria é a casa da luz, que retorna ao limo primitivo no contato com o mal.

Machen escreveu *O grande deus Pã* "com uma dificuldade horrenda, com desesperos mórbidos". Ao terminá-lo, enviou o manuscrito para a editora Blackwood, de Edimburgo, que elogiou a concepção inteligente mas o recusou por discordar da idéia central. O livro ficou na gaveta até 1894, quando foi aceito pelo editor John Lane, da editora Bodley Head.

No início, porém, a publicação não correu bem. O leitor de John Lane propôs alterações e a supressão do primeiro capítulo, no qual está a premissa da novela. Em março de 1894, numa carta a Lane, Machen objetou: "Se estivesse escrevendo na Idade Média, eu não precisaria de qualquer base científica, porque naquele tempo o sobrenatural *per se* era totalmente crível. Hoje em dia, o sobrenatural é totalmente *in*crível; para acreditar, temos de vincular nossos assombros a algum fato, ou base, ou método, científico ou pseudocientífico. Assim, não acreditamos em 'fantasmas', mas em telepatia, não em 'bruxaria', mas em hipnotismo. Se o sr. Stevenson tivesse escrito sua notável obra-prima por volta de 1590-1650, dr. Jekyll teria feito um pacto com o diabo. Em 1886, dr. Jekyll encomenda algumas drogas raras numa farmácia de Bond Street".

Não houve alterações. Lane era, afinal, um editor de visão (falharia em 1905 ao rejeitar *Chamber music*, de James Joyce, mas teria o mérito de publicar a primeira edição britânica de *Ulysses* em 1936). Nesse mesmo ano, tinha editado três números da publicação trimestral *Yellow Book* (1894-97), porta-voz do esteticismo, dedicada ao moderno e ao provocador, com ilustradores como Aubrey Beardsley e Walter Sickert, e colaboradores como Max Beerbohm e Arthur Symons, entre outros escritores não totalmente esteticistas, como Henry James; enfrentava com desembaraço as acusações conservadoras de que a publicação era indecente; e talvez achasse graça nos deboches que o semanário *Punch* fazia do movimento. *O grande deus Pã* saiu como a quinta novela na série *Keynotes*, com ilustrações do audacioso Beardsley.

Então vieram as críticas, na maioria negativas (Machen colecionou resenhas negativas, citou-as na autobiografia e as reuniu no volume *Precious balms*, de 1924): "Nas mãos de um estudioso do ocultismo, seria poderoso. Tal como é, é um fracasso" (*Sunday Times*); "Esta história não causará nem mesmo o espectro de um arrepio na mente de quem a leia" (*Echo*); "Este livro é medonho, horrível e tedioso [...] a maioria dos leitores o evitará, tomados de total repulsa" (*Lady's Pictorial*); "Este livro é, no conjunto, o mais agudo e intencionalmente desagradável em língua inglesa" (*Manchester Guardian*); "É um incoerente pesadelo de sexo [...] inócuo de tão absurdo" (*Westminster Gazette*).

As críticas positivas o situaram numa tradição de novelas de mistério e terror, incluindo autores como Bulwer Lytton (1803- 73), Joseph Sheridan Le Fanu (1814-73) e Edgar Allan Poe (1809- 49): "Os terrores mais grosseiros de Edgar Allan Poe não deixam atrás os arrepios que se sentem com os sombrios mistérios demoníacos de *O grande deus Pã*" (*Liverpool Mercury*); o resenhista de Glasgow Herald detectou a presença de Stevenson: "Desde que o sr. Stevenson lidou com os cadinhos da ciência em O médico e o monstro não nos defrontávamos com um experimento bem-sucedido como este". Oscar Wilde, num segundo jantar, também o elogiou: "*un grand succes*". E o público aceitou o livro. *O grande deus Pã* ganhou logo uma segunda edição, algo raro na vida literária de Machen, e inspirou duas paródias. Machen passou a ser associado ao decadentismo.

Ao recordar os "anos 90, dos quais eu não fazia nem mesmo uma ínfima parte, não fazia parte alguma", Machen fez uma reserva: tinha tido a sorte de ser publicado pela Bodley Head, "que estava no centro de todo o movimento, e, sem dúvida, o livro se beneficiou do alarde do movimento. Mas, num certo sentido, foi um benefício ilegítimo; uma vez que a história foi concebida e escrita na solidão, e proveio de distantes e solitários dias passados numa terra longe de Londres, das sociedades e congregações literárias". Sustentaria essa posição até o final da vida: o livro, e tudo o que viria a produzir, não era o "fermento dos anos 90, mas das visões que um menininho registrou no fim dos anos 60 e no início dos anos 70".

Os elementos da novela se assemelham aos de alguns livros da época: Max Beerbohm observou que "a literatura atual não sofre da falta de faunos". Uma diferença, em Machen, é a "magia" reminiscente da paisagem e da atmosfera de Gwent. Cenário também da noveleta *The inmost light*, publicada junto com *O grande deus Pã* na edição da *Keynotes* (por ser mais contida, os críticos não lhe

deram atenção), enfoca da mesma forma a intervenção do homem na natureza, na figura de um médico que faz uma cirurgia desastrosa na esposa, extraindo-lhe a alma. Cenários remotos e misteriosos, urbanos ou não, são sem dúvida essenciais para as obras do gênero, mas o que distinguia Machen seria notado mais tarde.

Trabalhou em três outras histórias nas quais desenvolveu um de seus elementos mais distintivos: a intervenção dos *tylwytli teg*, anões, ou gnomos, do folclore celta, sobreviventes de uma raça pré-histórica, primitiva, que são demoníacos, praticam rituais horrendos e, para Machen, "vivem ainda hoje" no interior da Terra ou em colinas. Uma dessas histórias é "The shining pyramid", publicada em duas partes na revista *The Unknown World*, em 1895. A revista era editada pelo norte-americano estudioso das ciências ocultas A.E. Waite, que ele conheceu através de Amélia Hogg em 1887, quando trabalhava para Redway, e de quem se tornou amigo. Uma casa isolada numa floresta, um rio em "esses místicos", formas vagas e fantásticas, crianças de "olhos amendoados ardendo com maldade e desejos inomináveis", tudo isso intensifica a atmosfera da história de uma menina que se perde nas colinas e, acredita-se, é seqüestrada por anões.

A personagem central é Dyson, um literato amador que aparece pela primeira vez em *The inmost light* e reaparece no romance *The three impostors*, que John Lane publicou como o décimo oitavo volume da série *Keynotes* em novembro de 1895, com capa de Aubrey Beardsley. Machen começou a escrever *The three impostors* no chalé de Chiltern Hills, onde passara três anos, provavelmente devido a problemas de saúde de Amélia Hogg. Mas terminou-o em Londres, agora morando no número 36 da mesma Great Russell Street. Nesse romance, a atmosfera de Gwent se mescla à de Londres, cidade importante na trama pelo "mistério e terror" que Dickens capturou tão bem, na opinião de Machen, e que, acrescente- se, o próprio Machen capturou nas andanças na época de fome e melancolia.

Uma das críticas a *O grande deus Pã* diz respeito à desarticulação entre os oito capítulos, a qual, no entanto, longe de uma imperfeição técnica, é uma grande geradora de suspense. Machen usa aqui o mesmo recurso, intercalando a narrativa "presente" com histórias contadas. Dyson e Phillipps, este um cientista amador que aspira ser etnólogo, vêem-se envolvidos numa conspiração. Uma rara moeda de ouro de Tibério, com um fauno na coroa, é roubada do sr. Headley pelo vilão Lipsius. O jovem Walters, membro da quadrilha de Lipsius, rouba

deste a moeda e foge. Os capangas de Lipsius saem à caça de Walters e por acaso topam com Dyson e Phillipps. São os três impostores que lhes contam histórias fantásticas para ocultar o motivo pelo qual buscam Walters. Dyson se vê no papel do detetive amador que por acaso encontra a moeda e o jovem Walters torturado.

Esse é um resumo grosseiro da narrativa que, na edição original da Bodley Head, serve de ligação de quatro "novelas": "Novel of the dark valley", "Novel of the black seal", "Novel of the iron maid" (já mencionada, publicada em separado anteriormente) e "Novel of the white powder". A primeira delas, contada por Wilkins, um homem que interpela Dyson na rua perguntando por Walters, é sobre a venda da alma ao diabo. A segunda, narrada pela srta. Lilly, que se senta ao lado de Phillipps num banco de Leicester Square, tem como personagem Gregg, um etnólogo que decifrou uma pedra chamada Ixaxar em Gales (morava "numa casa de campo no oeste da Inglaterra, não longe de Caermaen, cidadezinha pacata, outrora

uma cidade e a sede de uma legião romana"); partiu numa viagem e jamais retornou; a srta. Lilly, que trabalhara para o cientista, um dia recebe um pacote com uma explicação: Gregg partira em busca de um povo maligno, os anões. A quarta história é narrada pela srta. Leicester: um médico receitou a seu irmão, o esforçado estudante de direito Francis Leicester, um pó branco, um tônico, para que se recuperasse da fadiga; ocorre que o pó se destinava ao uso num sabá; o irmão tranca-se no quarto e começa a se transformar, decompondo- se até virar uma matéria negra, viscosa e pútrida que parece ter vida.

O livro foi lançado no clima do escândalo de Oscar Wilde, visto como a encarnação da corrupção, da depravação moral e da exploração das sensações sob o disfarce da "arte pela arte". Por extensão, assim passou a ser visto o movimento estético. Publicado por um editor associado a esse contexto, *The three impostors* virou um alvo fácil dos resenhistas, que se apegaram ao sensacionalismo: "Eu gostaria de saber como funcionaria a imaginação do autor em linhas mais puras e íntegras" (*Lady's Pictorial*); "Ninguém pode tornar-se mais feliz ou melhor com um livro como este, mas, ao contrário, é provável que o leitor acumule na cabeça imagens e idéias que só podem ter um efeito indesejável" (*Liverpool Mercury*); "E lamentável que a extraordinária inventividade e o grande talento do autor para a narração tenham sido empregados para uma causa tão indesejável" (*Dundee Advertiser*).

Foram várias as comparações negativas com Robert Louis Stevenson: "Deve

algo, na estrutura, a *Dynamiter*, de Stevenson, o que é lamentável; pois, a verdade seja dita, as diversas partes são amarradas muito frouxamente, e o autor tem bastante vigor para criar um método próprio" (*Academy*). Quanto às comparações, Machen não poderia se queixar, pois se apropriara conscientemente da estrutura de *The dynamiter* (1885), uma seqüência de *New arabian nights* (1882), composto de episódios conectados por uma conspiração. Stevenson morreu em 1894, quando *The three impostors* estava sendo escrito. Machen declarou mais tarde que o livro era um testemunho do "enorme respeito que sempre tive pelo fantástico estilo de *New arabian nights*". Em outra ocasião, quando lhe perguntaram de onde saíra a idéia para o livro, respondeu que de sua cabeça e da de Stevenson.

Na autobiografia, porém, confessa a decepção: "Não fui tão bem-sucedido quanto com *O grande deus Pã*. O título é ruim [...] a farsa e a tragédia não estão bem concatenadas [...] e houve alguns escândalos sérios naquele verão de 1895 que deixaram as pessoas intolerantes para ler algo que não era, evidente e desagradavelmente, 'saudável'; de modo que, por uma ou outra razão, *The three impostors* não conseguiu atear fogo à água". No final da vida, poupou apenas "The novel of the black seal" e "The novel of the white powder", talvez por serem um experimento com a narrativa gótica do terror que o distanciava de Stevenson. Essas "novelas" — que justificam o subtítulo omitido nas edições posteriores, *The Transmutations* — são consideradas obras-primas; tanto é que Machen mesmo consentiu publicá-las em separado, mutilando o romance.

Tachado de "mero imitador de segunda mão de Stevenson", com um rastro de pastiches e um único sucesso — "uma sensação moderada entre as senhoras idosas, na imprensa e fora dela" —, defrontou-se com a angústia da procura de um estilo próprio. "Nunca mais pós brancos, nunca mais *calix principis inferorum*, nunca mais bulir com o Grande Deus Pã, ou anões ou seres diminutos de tipo duvidoso, e — a parte mais difícil — nunca mais a cadência stevensoniana, comedida e bem torneada, que eu aprendera a usar com um pouco de aptidão e muita facilidade."

No outono de 1895, mudou-se com Hogg para um novo endereço, o número 4 de Verulam Buildings, em Gray's Inn, ainda no coração de Londres, onde ficaria até 1901. Durante um dos vários passeios nas velhas e tranqüilas praças das redondezas, em que moía e remoía pensamentos, ocorreu-lhe uma idéia saída de uma introdução a *Tristam Shandy*, escrita por Charles Whibley: "[...] ao classificar a obra-prima de Sterne, [Whibley] observou que poderia ser chamada

de um picaresco da mente, contrastando-o com *Gil Blas* [do francês Alain René Le Sage], que é um picaresco do corpo. [...] e, aplicando-o a outra obra-prima do século XVIII, perguntei- me: por que não escrever um *Robinson Crusoe* da alma?"

A idéia vinha de fora, a matéria-prima era a experiência pessoal: "a solidão, o isolamento, a separação da humanidade", não numa ilha deserta, mas em Londres, "no meio de miríades e miríades de homens". Do início de 1896 até o ano seguinte, por dezoito meses, escreveu com dificuldades que lhe pareciam intransponíveis, porque traçara um plano que seguia à risca, montando peças feitas de "barro" que se quebravam uma após outra. Encontrou enfim a solução ao combinar a paisagem suburbana com a paisagem de Caerleon-on-Usk, "o mundo anglo-romano de Isca Silurum". O resultado foi uma novela com elementos autobiográficos e tom satírico intitulada *Phantasmagoria,* depois *The garden of Avallaunius* (literalmente, "o jardim do homem de Avalon") e, por fim, *The hill ofdreams*.

Em sete capítulos, quatro ambientados em Caermaen (Caerleon ficcionalizada), três no oeste de Londres, *The hill of dreams* conta a história de Lucian Taylor, que vive num vilarejo no vale do rio Usk e, ao receber uma herança, abandona o provincianismo e se muda para Londres, onde espera realizar as aspirações literárias e se tornar um escritor bem-sucedido. Machen enfoca a descoberta da sexualidade, a transmutação romântica da antiga cidade romana de Caermaen num refúgio, as dificuldades de publicação, a apropriação que um autor consagrado faz de trechos de sua obra rejeitada, a exaustão na busca da obra-prima que o leva à solidão, ao isolamento, ao desânimo e à morte, causada pelo excesso de uma droga na casa de uma prostituta.

A linguagem poética expressa à perfeição a intensidade da imaginação delirante de Taylor. A narração, na primeira pessoa, é exemplar na aplicação da técnica do fluxo de consciência, que viria a ser desenvolvida por Dorothy Richardson, Virgínia Woolf e James Joyce. Há uma ambigüidade que não permite ao leitor distinguir entre o real e o imaginado. O solitário despertar sexual de Taylor, por exemplo, dá-se em contato com a natureza num dia quente, quando se despe e se deita na relva "ao sol, belo com a pele olival, o cabelo preto, os olhos pretos, a reluzente visão corpórea de um fauno perdido"; adormece e, ao acordar, tem "a visão de duas formas; um fauno de corpo tininte e pruriente, expectante ao sol, e também a figura de um rapaz infeliz e envergonhado, com o corpo num frêmito e as mãos trêmulas e agitadas". A concepção estética de Taylor enfatiza a

sonoridade, as ressonâncias das palavras que, conforme o arranjo na frase, sugerem "admiráveis impressões indefiníveis, talvez mais arrebatadoras e ainda mais afastadas do domínio do pensamento estrito do que das impressões produzidas pela própria música. Nisso oculta-se o segredo da sugestão, a arte de causar sensação pelo uso das palavras".

The hill of dreams é a obra mais pessoal de Machen, inteiramente subjetiva e feita de impressões. No entanto, ou por isso, é a que mais o aproxima do simbolismo e da estética decadentista. "Mas rapazes ingleses saudáveis não deveriam ter nada a ver com períodos decadentes", diz Taylor com ironia. A referência reaparece, também no primeiro capítulo: "Ele era um 'degenerado', um *decadente*, e as chuvas tempestuosas e os ventos vociferantes de vida, dos quais um homem mais forte teria rido e os quais teria desfrutado, eram para ele 'tempestades de granizo e chuvas de fogo'". Para a ensaísta Madeleine Cazamian, é "o livro mais decadente de toda a literatura inglesa"; o ensaísta David Punter o considera "um epílogo da decadência inglesa, no qual beleza e morte estão representados numa fusão inextricável"; o biógrafo e ensaísta Mark Valentine observa que Machen "deixa para o leitor decidir se o livro se filia a *Confessions of an english opiurn eater* de De Quincey, como um registro de visões alucinógenas; a *O retrato de Dorian Gray* de Wilde, como uma fábula faustiana que delineia a punição pelo esteticismo subjetivo; a *A queda da casa de Usher* de Poe, uma vez que na seqüência final o destino de Lucian se entrelaça com uma casa em ruínas que ele encontrou; ou a *O grande deus Pã*".

Para Machen, é simplesmente sua obra-prima. Antes da publicação na *Horlicks' Magazine*, de julho a dezembro de 1904, pelo amigo e editor A. E. Waite, foi recusada em 1897 por Grant Richards, que nesse mesmo ano fundara uma editora (como John Lane, recusaria *Chamber music* e, inicialmente, *Dubliners*, de James Joyce). Na resposta à recusa de Richards, Machen expõe de modo revelador sua visão: "O senhor objeta ao ambiente do início; mas é o ambiente que molda em grande parte a personagem: esses bacilli do vilarejo é que são em grande parte responsáveis pela condição patológica do paciente". O espírito da época não o teria condicionado de todo.

Enquanto escrevia *The hill of dreams*, produziu as narrativas de difícil classificação — "poemas em prosa" ou "impressões" — reunidas no pequeno volume de *Ornamentos em jade* (na gaveta até a publicação, em 1924). Nesses textos ecoa a musicalidade professada por Lucian Taylor. Sutis e cifrados, às vezes quase ocultam a realidade espiritual de que tratam. Pelo formato raro,

podem ser situados, à parte o simbolismo, ao lado de *The secret rose* (1897), de William ButlerYeats, de alguns dos "esboços" de *A haunted house* (1947), de Virginia Woolf, ou de algumas das *ficciones* de Jorge Luis Borges.

Alguns dos textos, como "Os turanianos", "A cerimônia" e "Solstício de verão", têm como tema o ritual pagão secreto que Machen desenvolveu em "The white people", narrativa escrita em abril de 1899. Composta de uma "miscelânea de folclore", apresenta a tese de que feitiçaria e santidade são "as únicas realidades. Cada uma delas é um êxtase, um retiro da vida comum". O pecado é o esotérico, "a tomada de assalto do paraíso"; a santidade, uma tentativa de "recuperar o êxtase que existia antes da Queda. Mas o pecado é um esforço para conquistar o êxtase e o conhecimento que pertencem apenas aos anjos, e, ao se empenhar nesse esforço, o homem se transforma num demônio". Ilustra essa idéia a história de uma menina iniciada na magia negra pela ama-seca, uma feiticeira. Boa parte consiste no diário da menina (também um experimento com o fluxo de consciência), que, com inocência, relata o culto do diabo. Seres estranhos, ninfas, anões e fadas, rituais e antigos idiomas secretos, hieróglifos, concorrem para expressar o sublime através da mescla das magias branca e negra.

Como diz o crítico norte-americano Ben Hecht, num ensaio de 1923 sobre o paganismo na obra de Machen, o autor "vê o mal assim como a maioria dos homens vê o bem, uma carícia agradável mas perigosa para quem não é senhor do próprio destino". O ensaísta Wesley D. Sweetser resume: "Depois de 'The white people', Machen jamais permitiu o triunfo do pecado e do mal. Assim como *The hill of dreams* representa a cristalização de sua tendência simbólica, 'The white people' é sua obra-prima do horror sobrenatural; e assim como a maioria de suas outras histórias em geral não comunica o horror no sentido físico, esta narrativa também implica apenas o horror cósmico".

Em junho de 1899, Machen terminou a primeira parte de uma novela, *A fragment of life*, que conta a história de um funcionário público, Edward Darnell, e da mulher, Mary, que vivem uma vida urbana rotineira, atrelada às coisas materiais — ele preocupado com as questões do escritório, ela, com as questões domésticas. Darnell, porém, aspira a uma vida diferente para os dois, e às vezes vê Mary como incorpórea, os cabelos caindo em caracol sobre a nuca, sugerindo "uma linguagem que ele ainda não aprendeu", tornando-o um "estudioso diante de um hieróglifo". Darnell vislumbra uma aproximação mais profunda com a mulher ao encontrar no sótão alguns papéis antigos galeses que precisam ser

decifrados. Mudam-se de Londres para Gwent e lá descobrem o êxtase da realidade espiritual ocultada pela materialidade do cotidiano. "Darnell sabia, por experiência, que o homem é feito de mistério para mistérios e visões, para a constatação, em sua consciência, da ventura inefável, para a grande alegria que transmuda o mundo inteiro, para a alegria que supera todas as alegrias e ultrapassa todas as tristezas." Machen chegara mais perto da santidade.

A saída em mistério

Concluiu a segunda parte de *A fragment of life* em 1903, após um acontecimento trágico, e dele a novela é um reflexo. Depois de doze anos de casamento, e seis de sofrimento, Amélia Hogg faleceu em 31 de julho de 1899. Foi tão profundo o impacto que, na autobiografia, Machen se limita a registrar: "Então uma grande tristeza que havia muito era iminente tomou conta de mim: mais uma vez, vi-me sozinho". Ao longo de um ano, imergiu na depressão, numa desesperada procura da identidade e de um lugar no mundo, a esmo "no ar", em delírio. Na desolação, viu as fotografias na parede da casa de Gray's Inn "se dissolverem e retornarem ao caos"; passou então por um "certo processo" mental que não conseguiu explicar mas que resultou em "uma paz de espírito totalmente inefável, um saber que todas as dores, aflições e feridas tinham sido curadas". Rejeitou qualquer explicação ocultista para esse processo, mas o comparou à experiência espiritual presente nas lendas do Santo Graal e na vida dos santos celtas.

Traduziu-o por fim na busca de Darnell, a iluminação arquetípica que reapareceria nas novelas *The secret glory* e *The great return*, que tratam do tema do Graal.

Tentou reiniciar a vida, mudando de introvertido em extrovertido, de reservado em social. Ampliou o círculo de amizades, tendo tido, por exemplo, a oportunidade de conhecer Max Beerbohm, ensaísta e ficcionista associado ao decadentismo. Buscou apoio espiritual externo. A convite do amigo A.E. Waite, entrou para a Ordem Hermética da Aurora de Ouro, fundada em 1888 por Wynn Westcott, ligado à seita alemã da rosa-cruz. Embora de autenticidade duvidosa, a

ordem contava com membros célebres, como McGregor Mathers, que criara rituais simbólicos com base na cabala, na filosofia neoplatônica e em princípios alquímicos, os escritores Algernon Blackwood e William Butler Yeats, e o bruxo Aleister Crowley. Waite era um respeitado pesquisador do ocultismo que publicara *The real history of the rosicrucians*, em 1887, motivo pelo qual Machen aceitou o convite.

Com o nome de Irmão Avallaunius, freqüentou-a por um breve período. A exemplo de Yeats, sem convicção: na autobiografia, apelida-a de "Ordem da estrela do crepúsculo", "um mistério divertido; e, afinal, não fazia mal a ninguém". O "mal", porém, rondava-a. As divergências internas eram enormes, sobretudo entre Yeats e Crowley, o adepto radical da magia negra. Consta que Crowley matou um gato de nove maneiras diferentes antes de declará-lo morto (gato na Grã-Bretanha tem nove vidas); Machen relata, sem nomeá-lo, que se dizia que "esse monstro [...] pendurava mulheres nuas em armários em ganchos que lhes perfuravam a carne dos braços". A última coisa que Machen desejava era um contato com as forças do mal. Deixou a ordem, mas manteve encontros sociais, por exemplo, com Yeats.

Machen tornou a mudar de endereço, agora um quarto no número 13 de Rupert Street, no Soho. Sem ânimo para escrever, ainda tentando reconduzir a vida, decidiu ser ator: "É uma experiência muitíssimo estranha pisar num palco aos 39 anos de idade, [...] mas é divertido". Fora encorajado por um amigo que morava no mesmo endereço, Christopher Wilson, diretor musical de Frank Benson, gerente da companhia teatral itinerante Shakespeare Repertory Company. Benson o aceitou e treinou. De 1901 a 1909, com intervalos, Machen atuou como figurante e em papéis secundários, numa atividade sem brilho que no entanto lhe deu, afora algum dinheiro, momentos de felicidade. Privando com esse meio, conheceu grandes nomes, como sir Beerbohm Tree e Henry Irving.

Um dia um amigo músico, Paul England, apresentou-o a uma aluna de canto, Dorothie Purefoy Hudlestone, filha de um major do exército indiano. O encontro resultou num casamento, em 25 de junho de 1903, e num novo endereço, o número 5 de Cosway Street, em Marylebone. Purefoy, apaixonada pelo homem "de modos encantadores e voz realmente bela", era uma mulher boêmia e nada convencional, e começara a trabalhar na Benson Company mais ou menos na mesma época que Machen. O casal teve dois filhos, Arthur Hilary Blaise Machen (3 de fevereiro de 1912) e Janet Francis (26 de fevereiro de 1917).

Desde a morte de Hogg, Machen raras vezes escrevia. A convite do

romancista irlandês George Moore, trabalhou por um ano como articulista e subeditor da *Literature*, antecessora do *Tunes Literary Supplement*. Numa época sem escândalos, portanto sem riscos, Grant Richards resolveu publicá-lo: em 1902, *Hieroglyphics* (escrito em maio de 1899), uma reunião de ensaios sobre uma estética que fundamenta *The hill of dreams* e, em termos mais amplos, as demais obras; em 1906, *The house of souls*, que incluiu *A fragment of life* e outras narrativas publicadas antes na imprensa, como "The white people". Estimulado, Machen produziu *Dr. Stiggins: his views and principies*, uma sátira combativa do protestantismo e do puritanismo, que também saiu em 1906. O livro passou quase em branco, mas Machen persistiu, sobretudo porque, sem a herança, era imperioso ganhar a vida.

Em maio de 1906, começou a freqüentar o New Bohemians, clube em que se debatiam assuntos polêmicos relacionados à arte e à literatura. Presente a um dos debates estava Lord Alfred Douglas, o ex-"Bosie" de Oscar Wilde e na época o editor da revista *The Academy*. A convite de Douglas, Machen colaborou para a revista (de 1907 a 1912), principalmente como editor de religião. As coisas pareciam melhorar: em 1907, mudou do número 5 para o número 6 da mesma rua; viu publicada a novela *The hill of dreams*, por Grant Richards, com morna recepção da crítica e relativo sucesso de público; entre os compromissos jornalísticos e teatrais, iniciou a novela *The secret glory*, terminada em 1908 (publicada apenas em 1922). Nessa época, havia se filiado à ala anglo-católica da Igreja Anglicana, embora dela não participasse de fato. Fascinava-o o poder imaginativo da religião, o ritual e o misticismo que, a seu ver, seriam capazes de livrar o mundo dos valores materialistas. Uma ilustração disso é *The Secret Glory*, na qual o estudante Ambrose rejeita o princípio pragmático e materialista da escola e encontra salvação e martírio através do cristianismo celta e da busca do Santo Graal: "Se deseja o amor: abstenha-se do amado".

Em 1910, aos 47 anos de idade, Machen abandonou o teatro e, buscando estabilidade financeira, acolheu a profissão sugerida pelos pais e para a qual estudara taquigrafia. Acolheu-a de má-vontade, pois o jornalismo, para um escritor, era uma "prostituição da alma", um "sapo feio". De 1908 a 1909, colaborara para o *T.P.'s Weekly* — voltaria a fazê-lo até 1928 — e o tablóide *Daily Mail* (tablóide tinha já o sentido de "sensacionalista", além do sentido próprio de "formato menor"); agora tornava-se funcionário efetivo no Evening News, também tablóide, primeiro na reportagem geral (cobriu, por exemplo, o funeral do capitão Robert Falcon Scott, morto ao tentar chegar ao Pólo Sul em

janeiro de 1912), depois como articulista de literatura, arte e religião, o que de certo modo o distinguia. Eram grandes as pressões, típicas de uma redação, e Machen trabalhava em geral mais de dez horas por dia. Nas memórias que escreveu, Purefoy lembra que "[...] Arthur trabalhou para o *Evening News* durante onze anos, mas os últimos não foram agradáveis [...] O jornal tinha um mérito, no entanto, pagava bons salários [...]".

Logo teria outro mérito para o Machen escritor. Em 1914, irrompeu a Primeira Guerra Mundial. Em 23 de agosto desse ano, ocorreu a primeira batalha entre os exércitos britânico e alemão na cidade de Mons, na Bélgica, na qual os britânicos estavam em posição de desvantagem. Ao ler um relato sobre a retirada dos soldados na *Weekly Dispatch*, Machen escreveu uma versão do episódio, incluindo a intervenção de arqueiros celestiais provenientes da época de Agincourt: era "uma longa fileira de formas, envoltas em luzes brilhantes. Eram como homens que armavam os arcos e, após um outro brado, as nuvens de flechas voaram zunindo pelo ar na direção das hostes alemãs". O texto, intitulado "The bowmen", saiu na edição de 29 de setembro do Evening News. Para Machen, era "uma pequena obra insignificante", uma história com fundo patriótico que visava levantar o moral no início da guerra. No entanto lhe traria fama imediata, jamais repetida.

Em 10 de outubro, a revista esotérica *Light* reproduziu a história, esclarecendo que se tratava de uma ficção "imaginativa". Uma outra revista esotérica, *Occult Review*, solicitou a Machen que confirmasse a veracidade da história. Machen respondeu que era pura invenção. Aos poucos, porém, "The bowmesn" passou a ser reproduzido como fato em publicações do interior da Inglaterra, convencendo milhares de leitores de que os "anjos de Mons" haviam realmente aparecido e salvado os soldados britânicos. *Light* e *Occult Review* fomentaram uma polêmica alegando que havia relatos, por parte de soldados, de que os anjos apareceram de fato na batalha. A responsabilidade de tudo isso cabia, em princípio, ao *Evening News*, que imprimira o texto como reportagem ao lado da seção dedicada à literatura, "Nosso Conto".

Para Machen, era um momento crucial, pois negava, ou admitia como embuste, uma visão mística que procurava expressar em suas obras. Apesar das circunstâncias, autorizado pelo jornal, escreveu uma série de outras histórias qualificáveis como "fantasias de guerra", reunidas posteriormente no volume *The algels of Mons*. O sucesso foi tão grande que ele escreveu *The great return*, em 1915, e *O terror*, em 1917.

Nessas duas novelas, Machen introduziu o narrador-repórter, e, sobretudo em O Terror, um tom coloquial (mostra ter ouvido apurado ao registrar, por exemplo, que os soldados britânicos pronunciavam Ypres como "Wypers"). Desenvolvia, na verdade, um elemento latente em obras anteriores: o relato de eventos através de personagens, em diálogos, monólogos, cartas e diários, e um flerte com o ensaio, sob a influência de Charles Lamb. Agora, porém, tornava indistintas as fronteiras entre "ficção" e "realidade" ao criar uma *persona* literária: o narrador *é e não é* ele mesmo, escritor-jornalista, a realidade *é e não é* a relatada ou testemunhada. Essa abordagem confere uma enorme atualidade a *O terror*, no qual a explicação racional dos acontecimentos não elimina a possibilidade da intervenção do preternatural e põe em xeque a própria racionalidade. Imprimiu também esse tom na serialização de *The confessions of a literary man*, sobre as influências literárias na juventude, e em *The London adventure, or the art of wandering*, em que o escritor-jornalista se empenha em escrever sobre a cidade de Londres, um livro que não chega a ser escrito.

A carreira no *Evening News* terminou abruptamente, quando ele publicou o necrológio do ex-editor da *Academy*, Lord Alfred Douglas. O fato é que este não havia falecido e objetou não só ao falso necrológio como também a algumas coisas que Machen dissera a seu respeito, e processou o jornal. Machen foi demitido, deixando o jornal em novembro de 1921. Mas o incidente não o impediu de, pouco depois, colaborar para o próprio *Evening News* e inúmeros jornais.

Deve ter ficado grato por isso, porque o "sapo feio" se tornaria seu principal meio de subsistência. A criatividade literária entrou em declínio, a saúde lhe faltou, a situação financeira o obrigava a mudar de endereço com freqüência. Machen logo reencontraria os gnomos do castelo que conhecera ao chegar a Londres pela primeira vez.

Antes, porém, teve a surpresa e a felicidade de testemunhar a (re)descoberta de suas obras. Terminada a guerra, o norte-americano Vincent Starrett leu por acaso *O terror* e gostou, leu *The hill of dreams* e as novelas na coletânea *The house of souls* e o elegeu um mestre, promovendo uma campanha de proselitismo nos Estados Unidos, no que foi seguido por James Branch Cabell, Carl Van Vechten e Ben Hecht. No início dos anos 20, as obras da década de 1890 e posteriores foram publicadas por Alfred A. Knopf em Nova York (por sugestão de Van Vechten) e publicadas, ou republicadas, por Martin Secker em Londres: *The secret glory*, os dois volumes da autobiografia, *The shining*

pyramid, *The London adventure*, *Dog and duck* (ensaios), Ornamentos em jade, *Precious balms*, entre outros. Machen virou *cult*, constou no *Who's Who*, passou a ser tão solicitado que chegou a escrever sobre culinária para o jornal londrino *Sunday Express*. Era como se os milagres recomeçassem.

No entanto, é de se crer que a vendagem não correspondeu ao entusiasmo: dá uma idéia disso o fato de que, entre 1881 e 1922, Machen recebeu a insignificante soma de £635 pelas vendas de dezoito títulos impressos, incluindo-se as traduções (há, porém, que se considerar procedimentos editoriais, como a cessão de direitos autorais). Por volta de 1925, a euforia amainou, primeiro na Grã-Bretanha, depois nos Estados Unidos: Knopf o publicou até 1928; Secker, até 1926. Depois os livros foram parar nos sebos.

Em 1929, aos 66 anos de idade, Machen enfim se fixou com Purefoy numa casa de Old Amersham, no condado de Buckinghamshire. Secada a veia, mas dependendo também do dinheiro da venda dos livros, vasculhava as gavetas e os baús à procura de manuscritos ou textos publicados na imprensa que rendessem títulos (o amigo John Gawsworth, poeta e bibliófilo, publicou, por exemplo, uma reunião de impressões pessoais, *Beneath the Barley*, em 1931). Houve momentos negros superados apenas com a ajuda de pessoas: um amigo e admirador norte- americano, Robert Hillyer, por exemplo, enviou-lhe dinheiro anonimamente de 1928 a 1930; Gawsworth encabeçou uma petição para que ele recebesse, a partir de 1933, uma aposentadoria do governo de £100 anuais, aumentada para £140 em 1938; durante a Segunda Guerra Mundial, em 1943, quando as dificuldades se agravaram ainda mais, uma comissão de que participaram Max Beerbohm, George Bernard Shaw e Thomas Stearns Eliot, entre outros, levantou fundos para que o casal levasse uma vida sem privações.

Machen continuou a produzir, ainda que esporadicamente, até os 81 anos de idade: prefácios, artigos, resenhas de livros; trabalhou num projeto, *A handy Dickens*, que Eliot quis publicar mas que a editora Faber and Faber vetou. Nos últimos anos, recebeu visitas, escreveu cartas, milhares delas, aos muitos amigos. Purefoy faleceu em abril de 1947; Machen, oito meses depois, em 15 de dezembro, aos 84 anos. Escolhera um epitáfio perfeito: *Omnia exeunt in mysterium*.

Foi o escritor que desejou ser, escreveu o que desejou escrever em abundância (pelo menos 45 livros publicados), em estilos e gêneros diferentes, quase invariavelmente para sobreviver. Mas produziu obras que, imunes às pressões financeiras, revelam um estilo impecável e uma obsessão temática, situando-o

sobretudo no que se chama de sobrenatural, preternatural, oculto, insólito, horror ou extraordinário, não importa o termo que se adote.

Na fascinante monografia *Supernatural horror in literature*, de 1927, o talvez mais importante escritor do gênero depois de Poe, Howard Phillips Lovecraft (1890-1937), coloca-o quase acima de todos os "mestres modernos": "Dos criadores do medo cósmico elevado ao mais alto grau artístico, poucos, se alguns, conseguem se igualar ao versátil Arthur Machen [...]". Lovecraft, que descobriu Machen em 1923, inspirou-se em *O grande deus Pã* para escrever *The dunwich horror*, e *The call of cthulhu* deve algo a "Novel of the black seal". A influência de Machen se faria sentir em outros autores: Daphne du Maurier (*O terror* como antecessor de *The birds*, embora, à parte o tema, não haja outra relação), Ray Bradbury (que usa Machen como personagem de *The exiles*) e Peter Straub (*Ghost story*, de 1974).

Dorothy Scarborough, em *The supernatural in modern english fiction*, de 1917, afirma que a ciência sobrenatural é um elemento essencialmente moderno, sugerindo o pioneirismo de Machen nesse campo: a cirurgia com base na "medicina transcendental" de *O grande deus Pã* e *The inmost light* é uma antecipação da lobotomia (que os neurologistas portugueses Antônio Egas Moniz e Almeida Lima introduziram em 1935); pioneiro Machen também seria no uso dos aspectos mais sinistros do folclore celta, com os *tylwyth teg*, a ponto de produzir um efeito semelhante a "um rastro pegajoso de uma fera ou serpente repugnantes". Quanto a uma passagem específica de *O grande deus Pã*, o próprio Machen afirma ter introduzido uma "nítida profecia da 'radiotelefonia'", acrescentando: "Tudo é um milagre antes do acontecimento: as faculdades do raciocínio nada têm a dizer na presença do desconhecido". Scarborough deixa entrever a dificuldade de enquadrar Machen ao situar essa e outras narrativas primeiro na categoria das narrativas alegóricas e simbólicas, depois na categoria da "biologia sobrenatural".

Machen nunca persuadiu ninguém a pensar de modo diferente. Apresentou, em lugar disso, sua visão da literatura, criou uma espécie de teoria literária com base em Coleridge, que é bastante eclética e permeia todas as suas obras, desde o poema *Eleusinia*. Em *The London adventure*, ele se refere ao desenho e à trama de sua tapeçaria, "[...] o sentimento dos mistérios eternos, a beleza eterna oculta sob a casca das coisas comuns e ordinárias; oculta e no entanto a arder e fulgurar continuamente, se nos damos o trabalho de olhar com olhos purificados". A idéia da purificação é essencial, do contrário a percepção se faz pela intrusão exposta

no longo prólogo de "The white people", no qual se opõem santidade e feitiçaria, espiritualidade e ciência. Em *Hieroglyphics*, Machen afirma que literatura é "êxtase", ou "arrebatamento, beleza, adoração, assombro, temor, mistério, o sentimento do desconhecido, o desejo pelo desconhecido". Como explicitou em *A fragment of life*, em cada caso haverá o "retiro da vida comum e da consciência comum". "Vivemos num mundo de símbolos; de coisas sensíveis perecíveis que tanto velam quanto revelam as realidades vivas, espirituais e eternas".

Ao comentar os caminhos adotados por Machen para realizar essa visão — o sexo mórbido, a presença corrosiva do maligno representada pela ciência e pelo culto do demônio, a recusa romântica à materialidade da modernidade —, Lovecraft fez uma crítica dura, por mais que o admirasse: "Gente cuja mentalidade — como a de Machen — está impregnada dos mitos ortodoxos da religião encontra obviamente um pungente fascínio na concepção de coisas que a religião estigmatiza com proscrição e horror. Essa gente leva a sério o artificial e obsoleto conceito de 'pecado', e o vê pleno de sinistra sedução".

Ao comentar o livro de Dorothy Scarborough, Virgínia Woolf oferece uma outra perspectiva ao discernir no sobrenatural a possibilidade que Machen discernia, e, embora não o mencione, deve tê-lo tido em mente: "O campo está povoado de ninfas e dríades, e Pã, longe de morto, faz suas travessuras em todos os vilarejos da Inglaterra. Grande parte dessa mitologia é usada não por si mesma, mas com o propósito da sátira e da alegoria; mas há um grupo de escritores com o sentimento do invisível sem tal mescla. Esse sentimento pode evocar visões de fadas e fantasmas, ou pode levar a uma vivida percepção das relações existentes entre os

homens e as plantas, as casas e seus habitantes, ou qualquer uma das inúmeras associações que, de um modo ou de outro, estabelecemos entre nós mesmos e outros objetos em nossa passagem".

Virgínia Woolf como que traduzia um pensamento de Machen no ensaio sobre religião, *War and christian faith*, de 1918. Para ele, a fé é uma aventura e uma viagem que todos temos de fazer. Quando chegamos ao final, "podemos nos surpreender com o fato de que o novo porto é o antigo, embora tenha passado por admiráveis transformações. [...] A verdade é que, gostemos ou não, vivemos, se vivemos bem, em e por e através de mistérios".

março, 2001

FONTES CONSULTADAS

ACKROYD, Peter. Dickens. Londres: Sinclair-Stevenson, 1990.

BORGES, Jorge Luis. "O espelho dos desejos", Outras inquisições (1952), Sérgio Molina (trad.). São Paulo: Globo, 1999.

CAVALIERO, Glen. The supernatural and english fiction. Oxford: Oxford University Press, 1995.

ELLMANN, Richard. Oscar Wilde. Londres: Hamish Hamilton, 1987.

FERRO, Marc. História da Primeira Guerra Mundial: 1914-1918. Lisboa: Edições 70, 1992.

GRAVES, Robert. The white goddess. Londres: Faber and Faber, 1961.

HOLLAND, Merlin. The Wilde álbum. Londres: Fourth Estate, 1997.

HONE, Joseph. W.B. Yeats. Middlesex: Penguin Books, 1971.

INWOOD, Stephen. A history of London. Londres: Macmillan, 1998.

JOHNSON, James. Place names ofEngland and Wales. Londres: Bracken Books, 1994.

JOSHI, S.T. The weirdtale. Austin: University of Texas Press, 1990.

LOVECRAFT, H. P. Supernatural horror in literature. Kent: The Gothic Society/ The Gargoyle's Head Press, 1994.

MACHEN, Arthur. Far offthings. Londres: Martin Secker, 1922.

. Things near and far. Londres: Martin Secker, 1923.

. The london adventure or the art ofwandering. Londres: Village

Press, 1974.

. The hill ofdreams. Nova York: Alfred A. Knopf, 1923.

. The great god Pan. Londres: Creation Books, 1993.

. The three impostors. Londres/Vermont: J.M. Dent/Charles E.

Tuttle, 1995.

. "The bowmen", The angels ofMons. Kent: Simpkin, Marshall

Hamilton & Co., 1915.

. The great return. Londres: The Faith Press, 1915.

MORGAN, Kenneth (ed.). The Oxford history of Britain. Oxford: Oxford University Press, 1991.

PORTER, Roy. London: a social history. Londres: Penguin Books, 2000.

ROLLESTON, T.W. Celtic myths and legends. Londres: Studio Editions Ltd., 1996.

STARRETT, Vincent. Arthur Machen: novelist of ecstasy and sin. Chicago: WalterM. Hill, 1918.

SWEETSER, Wesley D. ArthurMachen. Nova York: Twayne Publishers, 1964.

VALENTINE, Mark. Arthur Machen. Bridgend: Poetry Wales Press, 1995.

. Machenstruck. RogerDobson (ed). Oxford: Caermaen Books, 1988.

WADE, James. "Some parallels between Arthur Machen and H.P. Lovecraft". The Arthur Machen society occacional four. Caerleon: The Arthur Machen Society, s.d.

WILDE, Oscar. The complete works, Vyvyan Holland (introd.). Londres/

Glasgow: Collins, 1988. WILLIAMS, Raymond. Culture and society: 1780-1950. Middlesex: Penguin Books, 1961.

WILSON, Edmund. AxeVs castle. Londres: Fontana Paperbacks, 1984.

WOOLF, Virgínia. Granite and rainbow. Nova York: Harvest Book, 1975.

{1} Publicado pela primeira vez, na sua totalidade, em 1894.

{2} Cientistas ficcionais

{3} Jogar berlinde (Portugal), jogar bola-de-gude (Brasil), jogar bolita (Mato Grosso do Sul, Brasil). Nota do digitalizador.

{4} Referência a Oswald Crollius ou Oswald Croll, médico e alquimista alemão, discípulo de

Paracelso.

{5} O Dr. Phillips disse-me ter visto a cabeça em questão, e assegura-me nunca ter tido um pressentimento tão vívido de malevolência.

{6} E o diabo foi encarnado e o homem concebido

{7} Chianti é um vinho tinto italiano produzido na região da Toscana. É tinto seco, com notas de fruta muito concentrada e é produzido com as uvas Sangiovese (predominante) e Canaiolo, ambas tintas, e as brancas Trebbiano e Malvásia. Combina bem com comida leve e seu sabor e aroma de violeta e cereja são impressionantes. Nota do digitalizador.

{8} Povo autóctone das ilhas do Sul do Japão, cuja língua difere bastante do japonês, formando um ramo isolado

{9} Fragmento retirado do capítulo XIV de De Mirabilis Mundi de Gaio Júlio Solinus, em que este descreve o Monte Atlas.

{10} Ægipan, Ægipan, Egipano (grego Αιγίπαν) significa Cabra-Pã. Nalgumas citações um ser distinto de Pã, enquanto outros o próprio Pã. A história parece ter origem muito recente. De acordo com Higino, era o filho de Zeus e Aega (também chamada Boetis ou Aix), e foi levado às estrelas. Outros consideram Egipano o pai de Pã, sendo que tanto ele quanto o filho era representado como meio cabra e meio peixe. Quando Zeus, na guerra contra os titãs foi secretamente privado dos nervos das mãos e pés, Hermes e Egipano o curou os pondo nos lugares certos. De acordo com uma tradição romana mencionada por Plutarco, Egipano nasceu da relação incestuosa de Valéria de Túsculo e seu pai Valério e era considerado apenas outro nome de Silvano. Nota do digitalizador. Extraído de Wikipedia.

{11} Walpurgisnacht, noite de Walpurgis (de 30 de maio a 1º de abril) é uma festa européia, sobretudo de tradição germânica, acusada, pela Igreja, de ser dedicada à magia e ao culto diabólico, mas que era, na realidade, uma festa de alegria dramática. Nota do digitalizador.

{12} Arnês - sm Equipamento completo de cavalo de sela ou de tiro. Armadura completa de soldado.

Figurativo: Amparo, égide, escudo: O arnês da crença. Nota do digitalizador. Extraído de dicionário KingHost.

{13} Táxi hansom é uma carruagem puxada por cavalo projetada e patenteada em 1834 por Joseph Hansom, arquiteto de Iorque. O veículo foi desenvolvido e testado, por Hansom, em Hinckley, Leicestershire, Inglaterra. Originalmente conhecido como *táxi Hansom de segurança*, o propósito era aliar velocidade a segurança, com um baixo centro de gravidade, essencial pra fazer curva com segurança. O projeto original de Hansom foi profundamente alterado por John Chapman pra melhorar o desempenho mas manteve o nome *hansom*.

{14} Nos parece pouco lógico estabelecer uma relação causa-efeito entre a amenidade da noite e a ausência de pessoa na rua. O contrário é que seria plausível. É, no entanto, o que está no original. Se for erro de Machen ou excesso de liberdade de tradução de P. J. Toulet, não sabemos. Nota do tradutor.

Mas não foi dito que a rua ficou deserta *porque* a noite estava amena e sim que a noite estava clara e agradável e alguns minutos depois estava deserta. Nota do digitalizador.

{15} Fiacre - sm Antiga carruagem de aluguel

{16} Em 1908, ano de lançamento do Ford T, a Packard já produzira 1803 carros de luxo numa fábrica com 4640 operários, um exagero comparada à enxuta linha de montagem criada por Henry Ford. O objetivo da Packard nunca foi ser popular. Seus automóveis se destinavam a quem podia pagar exclusividade e acabamento primoroso. Um carro feito pra durar. Nisso a empresa ianque era imbatível... Nota do digitalizador.

{17} Dédalo - sm Labirinto, encruzilhada, caminho confuso. Figurativo: Confusão, complicação (Dicionário KingHost). Da personagem *Dédalo*, da mitologia grega, arquiteto que construiu o labirinto a mando do rei Minos, futura morada do Minotauro. Nota do digitalizador.

{18} Nodens não é um numen romano, se bem que nesta obra Machen pretenda o fazer passar por tal. Se trata de pura invenção do autor, fascinado, como o leitor certamente já percebeu, pelos obscuros cultos fálicos dos antigos e pela leitura da obra de Richard Payne Knight, *An account of the remains of the worship of Priapus* (*Um relato do resquício de adoração a Priapo*). Nota do tradutor.

{19} Helen Vaughan nasceu em 5 de agosto de 1865, em Casa Vermelha, Breconshire, e morreu em 25 de julho de 1888, em sua casa, numa rua que desemboca em Picadile, rua Ashley, ao longo desta história.